

SYLVIA MERCEDES

QUEEN
OF
POISON

THE VENATRIX CHRONICLES BOOK 6



Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS, TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES (AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

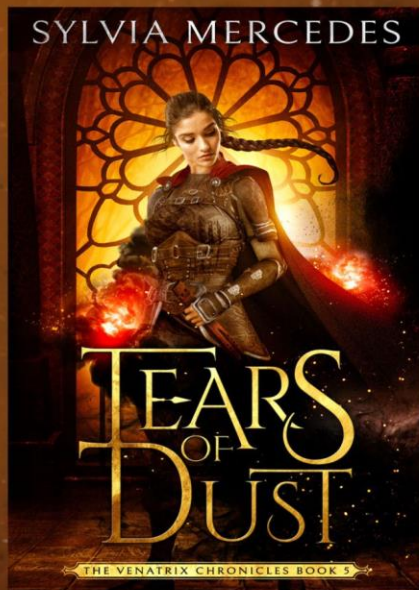
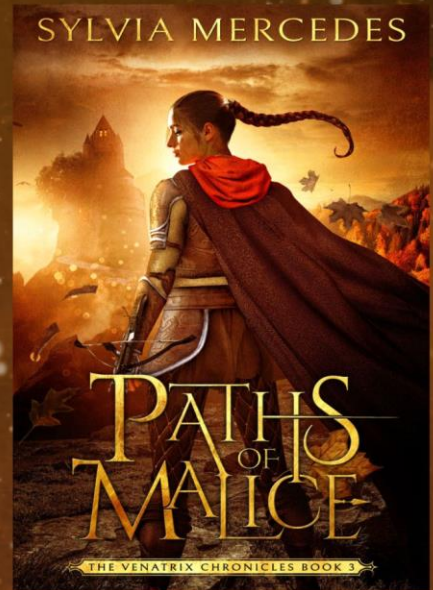
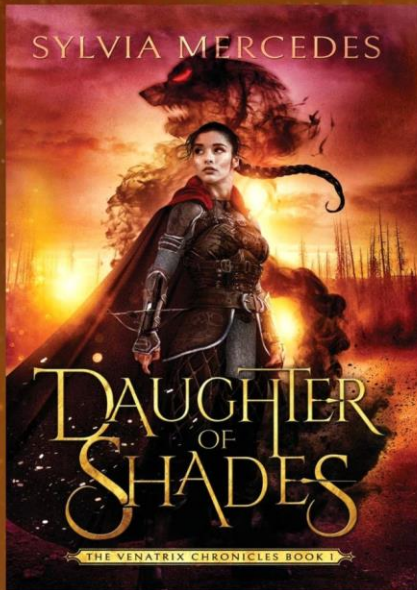


DOSSINGS



THE VENATRIX CHRONICLES

ORDEM DE LEITURA



SUMÁRIO

Sinopse

Glossário de Terminologia

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

SINOPSE

*A traição a cerca.
A desgraça acena para ela.
No entanto, ela vai caçar uma última vez.*

Capturada, com o coração partido, acorrentada em tortuosas luvas de ferro que mantêm sua sombra profundamente suprimida, Ayleth sabe que Fendrel a mantém viva para um propósito: ela é sua única arma restante contra a ressuscitada Terrível Odile. Assim que sua tarefa for concluída, ela será executada. É simples assim.

Mas Ayleth não vai ceder tão facilmente.

Enquanto isso, Gerard é mantido prisioneiro em seu próprio castelo por ordens de seu tio, Fendrel deve manter seu sobrinho vivo para forçar a conclusão da antiga profecia. No entanto, Gerard vê um caminho diferente à sua frente e está decidido a segui-lo até o fim.

Enquanto as forças da Rainha Bruxa causam estragos em toda a terra, Ayleth e Gerard podem chegar a um acordo com a verdade de seu passado... e enfrentar seus destinos com coragem?

THE VENATRIX CHRONICLES

KINGDOM
OF
PERINION

Skada Mountains

Drauvall Borough

Aalis River

Castra Breca

Wodechran Borough

Sang River

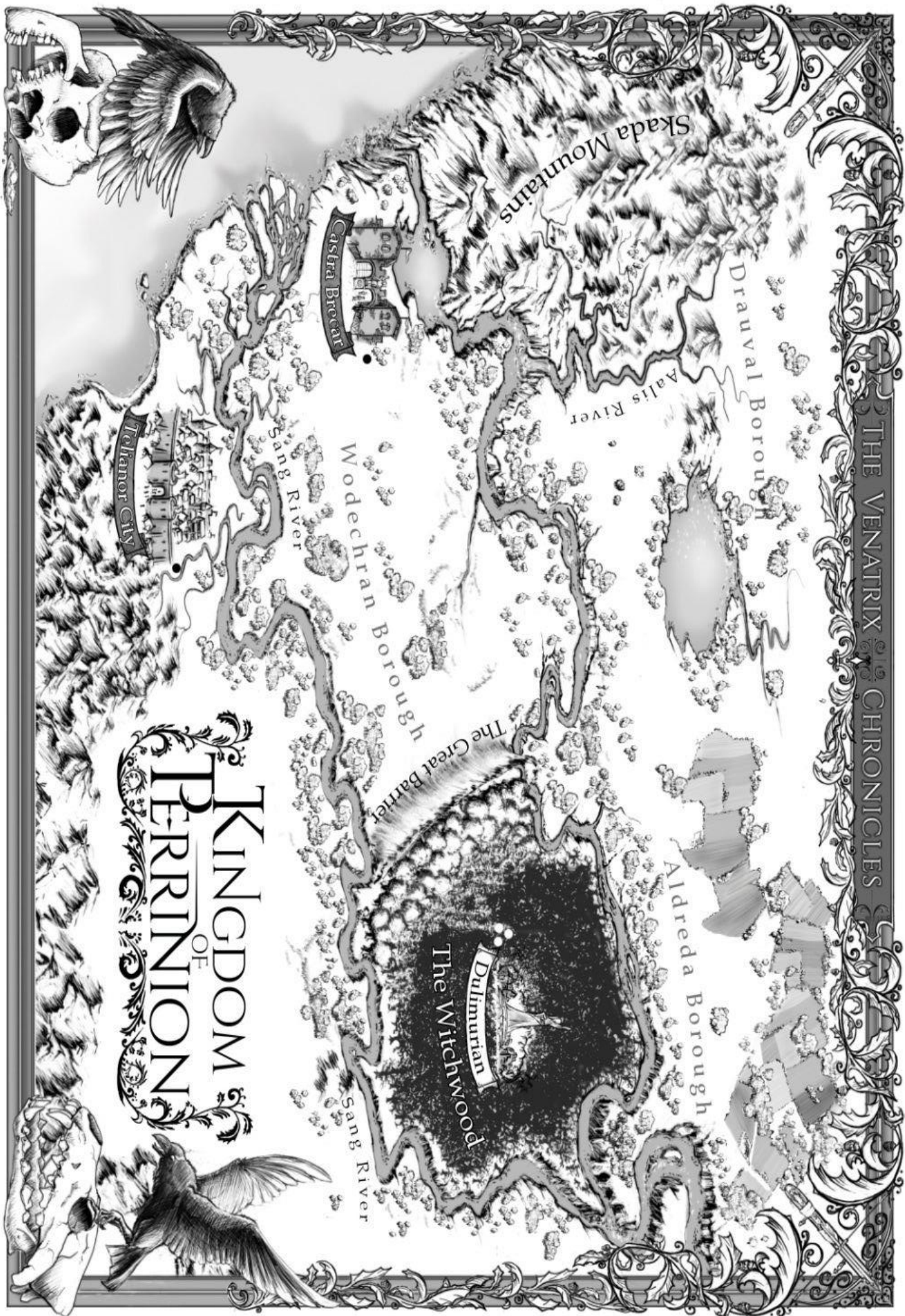
Telamor City

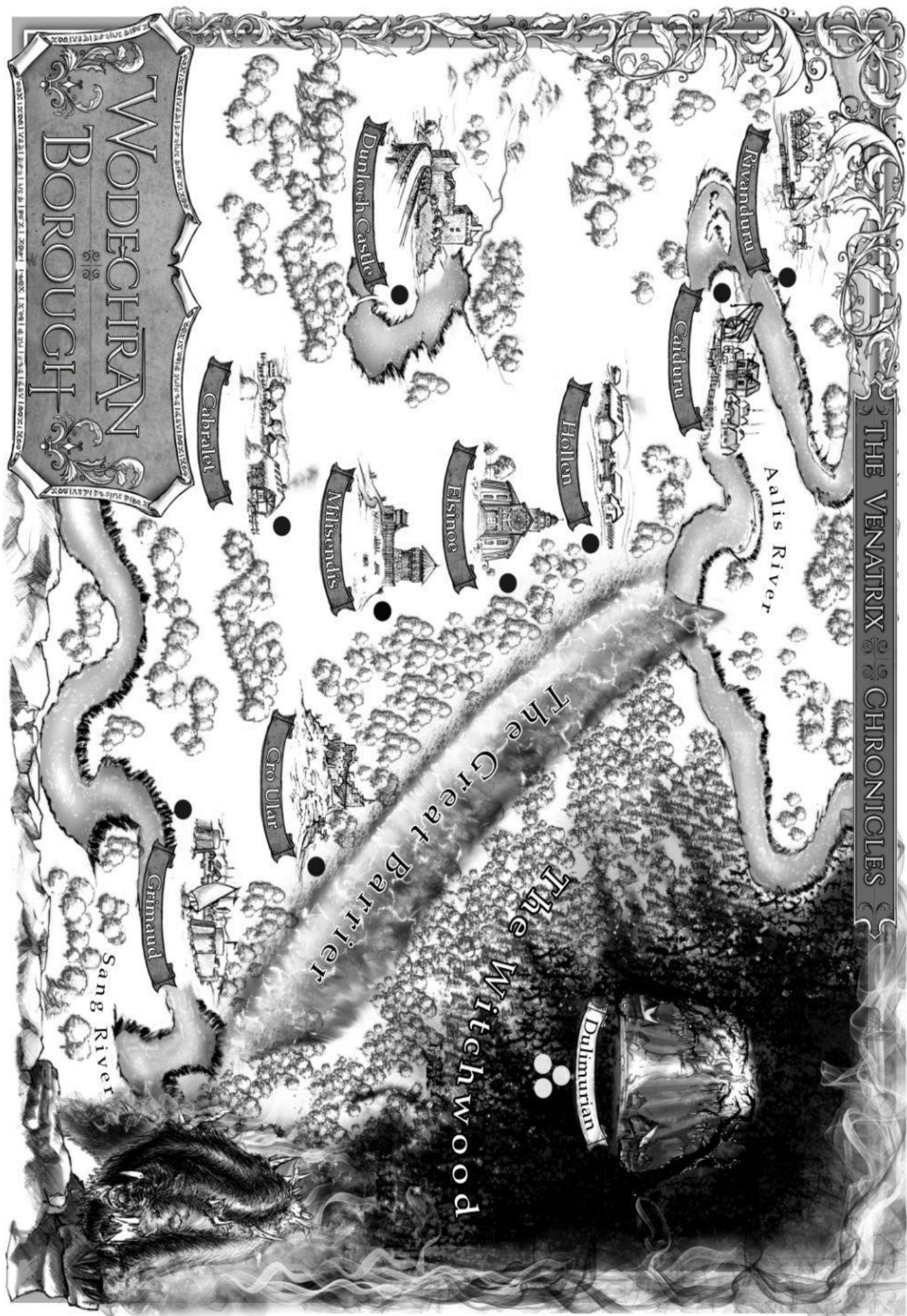
The Great Barrier

Aldreda Borough

Dulmurian
The Witchwood

Sang River





WODECHRAN BOROUGH

Alis River

Rivanduru

Caiduru

Hollen

Elsinoe

Milsendis

Cro Ular

Gimaud

Sang River

The Great Barrier
The Witchwood

Dulimurian

Dunloch Castle

Cabralet

GLOSSÁRIO DE TERMINOLOGIA

Sombras: Seres espirituais desencarnados que escaparam de sua dimensão infernal – os Assombrados - e entraram no mundo mortal. Eles não podem existir em uma realidade física sem hospedeiros mortais, a quem possuem e dotam de poderes não naturais. Se não forem controlados, eles ganharão ascendência dentro de um corpo hospedeiro e expulsarão a alma original, tomando posse total.

A seguir estão as variedades conhecidas de tonalidades, conforme catalogadas pela Ordem de Santo Evander:

ANATHEMAS

Habilidades pertencem ao sangue e lançamento de maldições.

APARIÇÕES

Habilidades pertencem ao controle e manipulação da mente.

ARCANES

Entidades misteriosas com habilidades não totalmente compreendidas, mas que parecem pertencer a energias como calor, movimento, luz, magnetismo e eletricidade.

ELEMENTARES

As habilidades pertencem aos elementos naturais do vento, fogo, água e terra.

EVANESCER

As habilidades pertencem à *evanescência*, ou viagem de distância instantânea.

FERAIS

Habilidades referem-se a sentidos aguçados, força aumentada e agilidade.

LURES

As habilidades referem-se a vozes encantadoras e cantos de sereias.

VISTORES

As habilidades pertencem a visões, previsões e adivinhação. Também pode olhar para o passado.

SHIFTERS

Habilidades pertencem à transformação temporária de corpos hospedeiros.

TRANSMUTADORES

Habilidades dizem respeito à transformação e manipulação de substâncias materiais.

PRÓLOGO

É tudo mentira, você sabe. Nada mais do que uma bela mentira.

Não pense que você é a única que teve esse sonho, a única que sentiu essa saudade. Nada disso é real. Não nesta vida. Não mais.

Eu já fui como você. Muito tempo atrás. Ansiosa por devorar todas as mentiras que eles me alimentavam. Ansiosa por ingeri-las e torná-las minhas. Mas você aprenderá, como eu. Você vai aprender ou vai quebrar.

Olena.

Meu amor. Minha linda filha.

Chegou a hora de nos conhecermos. Chegou a hora de você saber quem eu sou.

CAPÍTULO 1

Terryn não teve chance de gritar antes de romper a superfície do lago e a água se fechar sobre sua cabeça. O frio foi tão forte, tão repentino, que o chocou profundamente. Pelo espaço de vários batimentos cardíacos agonizantes, ele pensou que seu corpo estava totalmente congelado.

Mas ele não tinha batimentos cardíacos de sobra. O veneno o paralisaria em menos de um minuto. Ele tinha que se mover. Agora.

Seu corpo estremeceu. Seus pulmões se contraíram com a necessidade de ar. Então, como se respondesse ao frio externo opressor, o calor rugiu dentro dele, subindo por seus membros. Um calor de espírito, proveniente de seu núcleo, onde sua sombra erguia sua cabeça ascendente.

A dor era tão extrema que ele não conseguiu conter o grito que rasgou sua garganta. O resto de seu ar escapou em um fluxo de bolhas brancas, mas a dor foi o suficiente para colocar seus membros em movimento. Ele puxou com força, esperando desesperadamente que ainda estivesse apontado para a superfície do lago. Sua cabeça quebrou uma camada fina de gelo e saiu ao ar livre. Ele engasgou com fome, puxando o fôlego para seus pulmões.

Algo espirrou na água perto de sua cabeça. Ele girou, os braços girando descontroladamente e seus olhos se arregalaram. Um dardo, um dardo de venador, passou flutuando por seu nariz, com pontas pretas. A Morte Gentil.

Um respingo de água atingiu seu olho quando um segundo dardo passou muito perto de sua bochecha. Terryn lançou um olhar desesperado para cima e avistou as duas figuras encapuzadas inclinadas sobre os parapeitos bem acima, seus escorpiões erguidos, mirando.

Com uma maldição, ele mergulhou novamente, refugiando-se na escuridão gelada do Loch du Nóiv. Quanto tempo ele ainda tinha? Seu braço esquerdo já era um peso morto pendurado em seu ombro. Sua sombra ascendente lutava contra os efeitos do veneno, mas ela iria sucumbir mais cedo ou mais tarde. O veneno foi formulado especificamente para influenciar e subjugar as sombras Arcanas. Não seria capaz de resistir por muito tempo.

Suas roupas pesadas e botas puxaram-no para baixo, mas ele chutou contra a resistência e usou o braço direito para se puxar pela água. Seus olhos brilharam com a luz da sombra um instante antes que ele tocasse a canção mágica da barreira. A barreira que ele mesmo, sob as ordens de Fendrel, havia colocado em torno de Dunloch dias atrás. Mesmo se ele tivesse tempo, mesmo se ele tivesse força para nadar para a praia, ele não poderia passar por isso.

Ele emergiu novamente, e seu braço direito se agitou no ar, desesperadamente agarrando-se a nada. A luz brilhou em sua mão, no centro da palma, crescendo com um poder que ele não conseguia entender, não conseguia controlar.

— *Confie em mim.* — Uma voz sussurrou, um calor sibilante em sua cabeça.

Com os dedos abertos, ele atingiu a barreira do feitiço da música. Onde sua mão tocou, a luz brilhou em um raio cegante. Os fios do feitiço queimaram, quebraram e o ar estremeceu com notas discordantes quando o feitiço foi desfeito. Não completamente, apenas uma costura, uma fenda estreita.

Era o suficiente.

Ele irrompeu pelos fios em forma de armadilha e saiu para o mar aberto. A paralisia se espalhou rapidamente agora. Ele não conseguia mais manter a cabeça acima da água. Com um último gole de ar, ele afundou, e o desespero o dominou, tão pesado e frio quanto as ondas de gelo. Não

importava que ele tivesse escapado da barreira. Não importava que ele tivesse evitado os dardos mortais de seus perseguidores. Ele se afogaria, e sua alma seria condenada aos Assombrados para sempre, herege que ele era. A Deusa certamente o havia abandonado.

– *Confie em mim.*

Ele estremeceu com o calor daquela voz queimando seu cérebro. Mas de repente seus olhos se arregalaram quando a luz brilhou na escuridão debaixo d'água. Sua mão direita, ainda apenas sob seu controle, brilhava intensamente com a luz de uma estrela caída. Ele sentiu o poder crescendo em seu braço, crescendo em sua alma, poder o suficiente para quebrá-lo em um milhão de pedaços se ele não o deixasse sair.

– *Confie em mim, mortal.*

Terryn girou sua mão, apontando-a atrás dele. Seus dedos se fecharam em um punho apertado, reunindo toda aquela força reprimida em um único ponto, uma bola de pura energia mágica.

Então ele abriu a mão e a soltou. A força da explosão impulsionou seu corpo de chumbo através da água mais rápido do que um salmão saltando. Magia canalizada por seu braço, tão quente que ele tinha certeza de que seus ossos iriam derreter.

Em poucos segundos, o veneno alcançou sua sombra, apagando seu poder tão completamente que o efeito foi como um eclipse solar. Mas durou o suficiente para arremessá-lo para a costa, para deixá-lo emaranhado em ervas daninhas na margem rasa do Lago Sagrado, onde a água não era mais profunda do que seus joelhos.

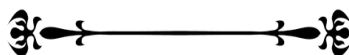
Com uma propulsão final de pura vontade, Terryn estendeu a mão direita, agarrou uma pedra e ergueu a cabeça. Sua boca e nariz romperam a superfície da água. Não faria bem a ele no final, ele sabia. Ele poderia não se

afofar, mas certamente morreria congelado muito antes que a paralisia passasse.

A escuridão se aproximou, a escuridão mais absoluta do que as profundezas do lago. Ele não podia lutar contra isso. Nem mesmo a magia das sombras poderia afastar essas sombras.

— Ayleth. — Sussurrou ele, seus lábios entorpecidos mal se movendo. — Ayleth... Sim...

A escuridão o reivindicou.



Eles me encontraram no dia do meu casamento.

Jamais esquecerei como eles entraram cavalgando na propriedade de meu primo, seus capuzes vermelhos puxados tanto sobre a cabeça que não dava para ver seus rostos. Nunca esquecerei o choque que senti quando o principal deles jogou o capuz para trás e vi que ela era uma mulher e que era a líder dos outros dois. Eu acreditava que o destino de uma mulher na vida era limitado apenas ao que eu agora enfrentava, casamento com algum velho gordo e horrível, para servir em sua casa, provavelmente morrendo carregando seus pirralhos.

A mulher a cavalo na minha frente era uma figura de poder. Ela comandava o respeito de todos que olhavam para ela. Não se podia imaginá-la se submetendo à indignidade ou ao perigo de ter filhos.

Eu usava meu vestido de noiva de linho e agarrava um punhado de ramalhetes em minhas mãos. Eles estavam me levando para a capela, onde eu deveria encontrar meu noivo e dizer meus votos perante a Deusa. Mas isso nunca aconteceria.

A mulher parou o cavalo, mas não desmontou. Ela olhou para meu primo, que rastejou, raspou e enxugou o suor dos olhos. — Minha senhora Venatrix. — Ele ofegou, — Se há sombras em minha casa, eu juro, não estou ciente disso!

Ele balbuciou dessa maneira por algum tempo. Ela o olhou em silêncio, esperando que suas auto exonerações diminuíssem. Foi uma longa espera, mas ela era uma mulher de infinita paciência. Quando finalmente meu primo parou para respirar, ela disse: — Disseram-me que o último membro da casa do Mauvalis mora aqui com você.

— Sim, Sim. — Meu primo ansiosamente agarrou meu braço e me puxou para frente dele como um escudo. Um escudo fino de linho. — Essa é ela. Minha prima. Na verdade, minha prima em segundo grau. Quase nenhum sangue é compartilhado entre nós, mas eu fiz uma promessa para minha velha mãe, você sabe, e a garota é...

— Qual é o seu nome, criança?

A voz do meu primo se interrompeu imediatamente. Sua mão, ainda segurando meu braço, tremia. Desejei que ele me deixasse ir, desejei poder me distanciar dele.

Eu olhei para a Venatrix. Embora ela me assustasse, tudo nela me fazia desejar ser mais corajosa do que era. Por isso, certifiquei-me de que minha voz estava clara e firme quando respondi: — Odile di Mauvalis.

— E o nome da sua mãe?

— Odessa di Mauvalis.

— E a mãe dela?

— Odiane di Mauvalis.

Um dos outros dois Capuzes Vermelhos se inclinou para frente em sua sela, sua voz retumbando profundamente quando ele disse: — É ela. Deve ser.

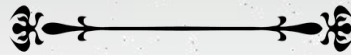
A Venatrix acenou com a cabeça. Seu olhar percorreu minhas vestes de casamento, meu véu e as flores em minha mão. — Você vai se casar hoje, Odile di Mauvalis? — ela perguntou.

Eu hesitei. Então eu balancei a cabeça.

– *Você prefere vir comigo?*

– *Oh. – Minha respiração deixou meu corpo com pressa. – Sim!*

E foi assim que entrei para a Ordem de Santo Evander.



A dor vinha e ia em ondas.

Agora mesmo, ela a tinha em suas garras, e quanto mais ela lutava contra isso, mais a esmurrava, arremessando-a contra as rochas de sua consciência até que seu próprio espírito estivesse ensanguentado e machucado. Ela não podia escapar, não podia lutar, mal podia suportar.

Mas ela sabia que não iria durar. Assim não. Não por muito tempo. Se ela pudesse aguentar um pouco mais, apenas mais uma batida do coração, e mais uma depois disso...

Ayleth deixou escapar um suspiro. – Malditos Assombrados, droga. – Ela rosnou, apertando as palavras entre os dentes. Mas o pior da onda havia passado. Aos poucos, respiração a respiração, a agonia pulsante diminuiu. E enquanto se afastava, sua consciência voltou lentamente.

Não que a realidade do mundo ao seu redor fosse muito melhor.

Mas, pelo menos, havia a sensação sólida de carne de cavalo embaixo dela. Ela poderia ser grata por isso. Fazia muito tempo desde a última vez que ela montou a cavalo, e a sensação daqueles músculos sólidos se movendo, o som daqueles cascos pesados batendo nas pedras do pavimento de alguma forma a fez se sentir mais completa.

No entanto, quando ela lentamente abriu os olhos, seu coração afundou. Não era o pescoço moreno de Chestibor que ela via diante dela, nem

sua crina negra esvoaçando com a brisa. Esta era uma besta cinza desconhecida.

E ela estava amarrada à sela. Provavelmente para evitar que caísse quando a dor ficasse muito forte.

Ela fez uma careta, olhando para as próprias mãos. Elas estavam envoltas em luvas de ferro, um instrumento evanderiano de contenção. Ou tortura, para ser mais precisa. Há menos de uma hora, ela caiu de joelhos e foi forçada a submeter as mãos a essas algemas. A proximidade inevitável do ferro era o suficiente para deixá-la enjoada, mas só o ferro não causaria tais ondas de dor.

Não, o tormento ia e vinha porque o interior de cada luva estava cravejado de pequenos pregos. A menos que ela tomasse cuidado para manter as mãos firmemente fechadas, esses espinhos cravavam em sua pele, até o osso. Sempre que seu cavalo dava um passo sacolejante e suas mãos se sacudiam involuntariamente, numerosos furos lançavam veneno de ferro em sua carne. Em sua alma.

No momento, a estrada era plana e ela poderia evitar os pregos. Mas todos os músculos de seu corpo ficaram tensos de medo da próxima rodada de agonia, que era inevitável.

— *Laranta?* — ela sussurrou dentro de sua cabeça sem esperança real de resposta. O veneno de ferro havia feito sua sombra se esconder profundamente, deixando Ayleth sozinha. Ou não totalmente sozinha.

Com os dentes cerrados, ela ergueu o olhar de suas mãos revestidas de ferro para os cavaleiros à sua frente. Eles cavalgavam com seus capuzes vermelhos puxados sobre suas cabeças, três deles na frente, mais dois de cada lado e dois atrás. Acompanhando-a como se ela fosse uma bruxa a caminho da execução.

Ela estudou a forma e inclinação de seus ombros, a posição de suas cabeças. Kephan estava entre eles? Ela o tinha visto pela última vez nos corredores de Dunloch com um dardo de paralisia na garganta. Ainda levaria horas antes que o efeito da droga passasse.

Não, ela não podia esperar ter um amigo entre essas pessoas. Eles eram estranhos. Inimigos. Ela não conhecia nenhum de seus rostos... exceto um.

Quando ela olhou para a direita, seus lábios se afastaram de seus dentes em um grunhido. Fendrel du Glaive cavalgava perto o suficiente para que, se suas mãos não estivessem presas em ferro, ela poderia facilmente tê-lo alcançado e pegado pelo pescoço.

Ele sabia que ela estava olhando para ele; ela percebeu pela forma como os músculos de sua bochecha se contraíram levemente. Ele cavalgava com o capuz preto jogado para trás sobre os ombros, o rosto exposto e o olhar fixo no horizonte, no céu brilhando com as cores vivas do amanhecer. Mas ela não conseguia ler nada em sua expressão, nenhum indício de quaisquer pensamentos que espreitavam por trás daquela fachada de pedra de rosto.

Ele realmente havia feito isso?

O pensamento surgiu na mente de Ayleth antes que ela pudesse detê-lo. Ela tentou se afastar. Se ela deixasse seus pensamentos seguirem esse caminho, ela poderia se perder na tristeza e no medo esperando para engoli-la por inteiro. Mas a pergunta continuou a arrancar notas agudas e vibrantes no fundo de sua mente.

Fendrel realmente ordenou a morte de Terryn?

Ela sabia que não devia duvidar.

O cavalo deu um passo errado, empurrando Ayleth. Suas mãos se esmagaram contra as pontas de ferro e dezenas de pontos de dor explodiram em sua pele, enviando injeções de veneno direto para sua alma. A dor

aumentou, atingindo alturas vertiginosas antes de desabar sobre ela, e ela não conseguiu pensar em nada novamente por algum tempo. Apenas dor, dor, dor.

Quando finalmente ela emergiu dela, o dia havia rompido para valer. Parecia estranho que o sol nascesse tão forte e o céu tão claro, tão azul, quando tudo de bom no mundo havia se despedaçado em um milhão de pedaços.

Ela ergueu a cabeça pesada e olhou ao redor para a paisagem fria pela qual eles viajavam. Para sua surpresa, ela percebeu que eles não tinham ido tão longe ainda. Eles estavam apenas deixando para trás os jardins formais que cercavam Dunloch e se encaminhando para a estrada principal. O que Fendrel estava pensando, afinal? Aquilo não parecia uma perseguição obstinada de bruxas. Parecia mais uma procissão solene para um dia de festa. Ou um funeral.

Cuidando de suas mãos, Ayleth girou cuidadosamente na sela para olhar para trás, por onde tinham vindo. Ela ainda conseguia discernir as torres do Castelo Dunloch acima das árvores. Em algum lugar lá, o Príncipe Gerard estava trancado em sua suíte, um prisioneiro em sua própria casa. E Hollis...

Ela ainda estava viva? Fendrel havia deixado dois venadores para trás para caçar e se livrar de qualquer sombra remanescente no castelo. Hollis estaria entre os eliminados? Uma morte ignóbil para uma venatrix leal.

Mas Hollis não era mais venatrix. Ela era uma traidora da ordem. Ayleth era a prova viva de sua perfídia.

De repente, ciente do olhar de Fendrel ao lado de seu rosto, Ayleth se virou para ele, os dentes à mostra. Ele desviou o olhar imediatamente e encarou a estrada à frente, sua expressão dura. O que ele estava pensando por trás daqueles seus olhos fechados? Em seu irmão deitado frio e rígido na capela de Dunloch com um buraco no peito onde seu coração deveria estar? Em

Terryn jazendo morto em algum quarto dos fundos, seu corpo apressadamente empacotado para um lado, fora do caminho, sua alma e sua sombra banidas deste mundo?

De Gerard, o jovem que ele criou para ser rei, a quem ele aprisionou?

— Não vai funcionar, você sabe.

O som de sua própria voz assustou Ayleth. Ela não tinha a intenção de falar as palavras em voz alta.

Mas Fendrel não se assustou. Ele nem mesmo piscou.

Bem, agora que ela começou, ela poderia continuar. — Você não pode consertar. Não mais. — Ela se apoiou na sela, tomando cuidado para não esbarrar nas mãos. — Eu sei o que você está pensando: 'Se eu conseguir que a bruxa faça o que ela precisa fazer e consertar meu erro, ninguém jamais saberá.'

Ela riu ferozmente, vapores soprando no ar frio diante de seu rosto. — Mesmo se tivermos sucesso, mesmo que eu consiga matar Terrível Odile, mesmo que você me mate e mate cada um desses homens e mulheres, esses seus camaradas, para que ninguém que conheça a verdade fique vivo... Gerard sabe.

Aquele dardo acertou em cheio? Era impossível saber. A imobilidade de Fendrel era tão absoluta, tão inquebrável. Como ele poderia estar tão calmo diante de tudo o que havia feito?

— Você honestamente acha que ele vai assumir o trono de seu pai agora?

— ela continuou implacavelmente. — Você honestamente acha que ele vai se submeter à sua vontade, se tornar seu fantoche, seu peão? Você o conhece melhor do que isso. Você pode tê-lo encurralado desta vez, mas ele não será conduzido por você para sempre.

Nada ainda. Nenhuma reação, nenhum olhar rápido de lado.

Ayleth riu, um som frio naquele ar frio. — Espero, para o seu bem, Venador Dominus, que você seja um mentiroso melhor do que penso que é. Espero que esteja mentindo sobre o que fez a Terryn. Porque se você não for, se você realmente o matou, Gerard nunca irá perdoá-lo. — Ela cuspiu as palavras seguintes, espuma respingando e congelando nos lábios: — Ele vai te ver morto. Ele vai ver você amaldiçoado.

Com isso, Fendrel se virou. Devagar, com calma, sem diminuir o passo do cavalo nem uma vez. Seu rosto estava azul de frio sob a barba por fazer em seu queixo, e mechas de cabelo claro pendiam sobre sua testa e emolduravam suas bochechas. Mas foram seus olhos que atingiram Ayleth, fazendo-a recuar como se fosse a ponta de uma lâmina. Eles eram os olhos de um homem morto.

Mas em seus centros, bem no fundo, uma fornalha queimava.

— Não pense que suas ameaças mesquinhas significam algo para mim, bruxa. — ele disse. — Eu já estou amaldiçoado.

Ela se moveu rápido demais, sacudindo as mãos novamente, e praguejou quando a dor voltou. Ela tinha que encontrar uma maneira de lidar com isso, contê-la. Ela não poderia saber por quanto tempo seria forçada a usar essas luvas, e ela não podia se dar ao luxo de se perder neste miasma de agonia a cada poucos minutos. Ela não podia...

Então a dor foi demais e todos os pensamentos fugiram.

Quando ela voltou a si, suas mãos latejavam e sua garganta parecia em carne viva e queimada. Ela percebeu que estava vomitando, mas não tinha como limpar a bagunça derramada na frente de seu colete. A estrada se estendia diante deles através da zona rural de Wodechran Borough. Erguendo a cabeça e espiando entre as figuras de capuzes vermelhos a cavalo à sua frente, ela avistou outro cavaleiro vindo em sua direção com rapidez. Outro capuz vermelho... um explorador, ela adivinhou.

Um minuto depois, ele estava perto o suficiente para reconhecer; era Kephán. O estômago de Ayleth afundou. Eles devem tê-lo ressuscitado da paralisia, usado outro veneno para neutralizar seus efeitos. Um processo agonizante, ela sabia por experiência. Mas eles precisavam de todos os homens para esta caçada.

Kephán cavalgou a galope estrada abaixo até alcançá-los, e os três evanderianos na frente da linha se separaram para deixá-lo passar. Ele parou na frente de Fendrel, oferecendo uma saudação rápida.

— Dominus. — disse ele, sem olhar uma única vez na direção de Ayleth. — Eu encontrei a âncora.

Ele deve ter sido enviado de Dunloch em reconhecimento, para encontrar a âncora de maldição da Bruxa Fantasma que permitiu que ela e os outros bruxas escapassem dos cofres de Dunloch. Essas âncoras sempre deixam um poderoso traço de magia uma vez ativadas, e as habilidades Ferais de Kephán não teriam problemas em localizá-la.

— Está próxima? — o Dominus exigiu.

Kephán acenou com a cabeça. — Está quebrada e descartada, mas eu peguei o cheiro das bruxas. Eu as segui de lá, cerca de oito quilômetros. Todo o caminho até Camon, uma vila logo adiante nesta estrada. — Ele fez uma pausa. Seu rosto estava muito cinza na luz brilhante da manhã.

— E? — Fendrel disse. — Fale mais alto, homem. Eles estão esperando por nós na aldeia? Ou eles desapareceram de novo?

Kephán balançou a cabeça. — Chamei minha sombra o mais ascendente que ousei e procurei por qualquer sinal de uma alma viva na aldeia. Mas havia apenas uma, a alma de uma bruxa, ligada a um Anathema. De outra forma... nada. Nem humano, nem animal, nem sombra.

O silêncio caiu enquanto os ouvintes consideravam as palavras do venador. Ayleth, com o cérebro ainda meio entorpecido de dor, não entendeu a princípio. Então, lentamente, ocorreu-lhe.

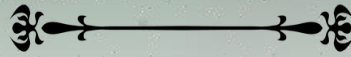
— Cadáver. — Fendrel pronunciou o próprio pensamento de Ayleth em voz alta. Outro momento de silêncio pairou no ar. Em seguida, acrescentou: — Malditos Assombrados.

Os evanderianos mudaram de posição em suas selas, lançando uns aos outros olhares cautelosos sob seus capuzes. Eles sabiam que Gillotin du Visgarus estava entre os Diabos Carmesins que invadiram Dunloch na noite anterior. A Ordem o rebatizou de Cadáver devido à sua tendência única para lançar maldições. Du Visgarus podia plantar maldições que lhe permitiam controlar as ações dos outros, controlando seus corpos como fantoches. Mas ele achava os corpos vivos difíceis de administrar, então preferia canalizar seus poderes nos mortos.

Uma aldeia inteira, entretanto? Seria possível que Gillotin du Visgarus tivesse matado e amaldiçoado toda a aldeia? Homens, mulheres, crianças, animais... todos eles?

Apesar de si mesma, ela olhou para Fendrel, procurando em seu rosto duro por algum tipo de orientação. Ele havia enfrentado os Diabos Carmesins no campo de batalha muitas vezes antes. Ele saberia o que fazer. Ele tinha que saber.

Fendrel respirou fundo pelas narinas. — Du Visgarus tentará nos impedir de perseguir nossa presa. — disse ele. — Se tentarmos contorná-lo, ele nos perseguirá por trás e de todos os lados, nos acertando à medida que avançamos. É melhor enfrentá-lo de frente e acabar com esse demônio.



Eles me disseram que eu era especial.

Você pode imaginar o que isso significou para mim? A menina órfã, sempre arrastada de uma porta a outra por parentes que preferiam fingir que ela não existia? Depois de anos de negligência, anos de abuso, anos de medo que finalmente se transformou em dormência silenciosa... agora eu era especial.

Por causa da minha mãe.

E sua mãe antes dela.

Porque uma vez, há muito tempo, minha família exerceu grande poder e influência, mudando a face do mundo.

Agora eu, a última do meu nome, era também a última esperança da Ordem de Santo Evander. Só eu poderia usar a coroa de Éter. Só eu, em virtude do sangue fluindo em minhas veias, poderia sobreviver ao poder preso naquele metal vivo e aprender a controlá-lo por mim mesma. Aprender a controlá-lo e a salvar almas e corpos.

Então eles me disseram, alimentando-me com lendas, alimentando-me com mitos. Eu lambi suas palavras como doce mel e fiquei saturada de noções de heroísmo e esperança. Mas primeiro, eles me disseram, eu tinha que treinar. Eu estava velha para uma iniciada, quatorze anos e já tinha o ciclo feminino. Mas nenhuma das outras crianças desejava agradar.

Nenhuma das outras crianças era... especial.

CAPÍTULO 2

Enquanto o corpo de Terryn congelava nas margens do Lago Sagrado, seu espírito estava sozinho no mundo árido de sua mente.

Era uma paisagem desprovida de qualquer outra característica além das fendas profundas na terra dura como pedra. Nada verde ou crescendo poderia sobreviver neste lugar. Era um deserto... pior do que um deserto, pois outrora floresceu com vida. Em alguma parte distante de sua memória, ele meio que se lembrava de que um dia fora verde e próspero, uma vista arrebatadora de colinas férteis e flores multicoloridas sob um céu coberto de nuvens. Mas isso foi há muito tempo. Antes...

Antes que sua sombra tomasse posse. Antes que a luz esmagadora e o poder do espírito Arcano explodissem em sua mente e deixassem para trás nada além de terra devastada.

Terryn virou a cabeça primeiro para a direita, depois para a esquerda. Não importa o quanto ele forçasse seus olhos, sua visão escurecia, tornava-se um túnel. O céu cinza-ferro acima de sua cabeça tornou-se negro e logo ele ficou praticamente cego.

Em algum lugar distante, seu corpo mortal estava morrendo. E não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. Nada que ele pudesse fazer sobre qualquer coisa agora.

Ele tentou formar pensamentos coerentes... *Ayleth... Gerard... Fendrel...* mas nenhum se aglutinaria em algo sólido. Ele se virou lentamente no lugar, vendo apenas escuridão, esperando apenas escuridão.

Então, de repente, luz. Um brilho fraco de luz prateada, lá no horizonte.

Seu espírito sacudiu com esperança repentina e medo combinados. Como um navio perdido no mar navegando em direção ao brilho guiador de uma estrela distante, ele se virou e correu em direção a esse brilho. Talvez não fosse nada além de sua própria força vital brilhando em uma última explosão antes de explodir e ele morrer. Mas talvez... talvez... Ele abaixou a cabeça e se dirigiu com mais força. Em algum lugar do mundo mortal, seu corpo tremia no lago congelado.

O brilho se intensificou conforme ele se aproximava, um orbe de luz tão brilhante que ele mal conseguia olhar de frente. Por fim, ele saiu da escuridão e entrou na esfera de brilho. Ele piscou e apertou os olhos, sua mão erguida para se proteger contra o brilho. Lentamente, sua visão deslumbrada se esclareceu.

Sua sombra estava diante dele. Um ser minúsculo e brilhante, pouco maior do que um gato, feito de fios tecidos de luz pulsante de um branco puro. Escamas afiadas como navalha revestiam sua pele, e frondes de luz enrolada saíram de sua espinha. Sentava-se ereto, uma cauda longa e sinuosa enrolada em um círculo ao redor de suas ancas e um par de asas diáfanas enroladas na parte frontal de seu corpo, como se escondendo algo dentro de suas dobras.

Ele olhou para Terryn. Cílios longos brilhando como fios de brasa branca erguidos de um par de olhos como opalas de fogo multicoloridas.

Terryn deu meio passo para trás, quase recuando da esfera de luz para a escuridão. Ele nunca encontrou sua sombra assim, sem restrições em sua mente. Desde o momento de sua possessão, ele sempre procurou suprimir esse ser, mantendo-o envolto em camadas de feitiços de música e pedra.

— *O quê... o que você está fazendo?* — Ele perguntou finalmente.

O dragãozinho piscou, seus longos cílios tremulando suavemente enquanto as pálpebras translúcidas deslizavam sobre aqueles orbes polidos, e então se erguiam novamente. Não disse nada, mas seu olhar foi abrasador.

Terryn endireitou os ombros e cerrou os punhos. Suas últimas memórias do mundo desperto foram confusas. A única coisa de que se lembrava com certeza era um frio de congelar os ossos fechando-se sobre ele. Frio, nenhum corpo mortal poderia sobreviver. Ele morreria em breve. Ele já deveria ter morrido.

Ele olhou para o ser silencioso que compartilhava este mundo interior com ele. Ele sempre imaginou sua sombra como algo vasto, algo feio. Vê-lo agora como uma coisa tão delicada e brilhante... era desconcertante.

— *O veneno de paralisia reduziu você a este tamanho?* — Terryn perguntou.

— *Não tenho tamanho.* — respondeu a sombra. Sua voz era tão brilhante quanto sua forma. — *Mas estou reduzido, sim.*

Terryn assentiu. De certa forma, ele entendeu, embora provavelmente não completamente. Ele se sentou na frente do ser, cruzou as pernas e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— *Estou morrendo, você sabe.* — disse ele. — *Meu corpo não vai durar muito mais tempo. Então você estará livre de mim.*

— *Talvez.* — A sombra cantou de volta. — *Talvez não. Não sabemos o que será, apenas o que é.*

Era difícil argumentar contra uma declaração dessas. Terryn ergueu uma sobrancelha e inclinou a cabeça. — *Suponho que você deva me odiar. Por todos aqueles anos de escravidão.*

— *Eu devo?* — A sombra inclinou seu rosto longo e pontudo em resposta, e seus finos bigodes enrolados e desenrolados.

– Bem, eu não insistiria nisso. Mas faria sentido, pelo menos da minha perspectiva.

– Muito triste. Que vida miserável você deve levar.

Novamente, ele não poderia argumentar de forma justa. Terryn apoiou-se pesadamente em um cotovelo, apoiando o queixo na mão. De todas as mortes que ele já imaginou para si mesmo, ele nunca imaginou uma como esta. Preso em sua própria mente, conversando com seu espírito possessor como se os dois fossem... amigos, mas não exatamente. Mas também não inimigos.

Ele não tinha noção do tempo neste lugar, pois o tempo era insignificante no reino do espírito. Poderia ter se passado apenas alguns segundos desde que ele perdeu a consciência. Ele poderia ter apenas alguns segundos de vida. Mas tudo parecia tão distante. Ele não podia se sentir apressado ou ansioso, não agora.

Mas ele não podia negar o peso em seu espírito. A tristeza por tudo que ele deixou por fazer, tudo o que ele desejou poder fazer. Mais uma vez, ele tentou pensar... *Ayleth...* *Gerard...* mas os pensamentos se recusaram a se formar.

Sua sombra o observava de perto, sem dizer nada.

Por fim Terryn suspirou e se sacudiu ligeiramente. – *Você foi um acidente. Você sabia disso?* – Suas palavras pareceram congelar o ar diante de seu rosto. Quando ficou tão frio? O congelamento do mundo mortal estava começando a penetrar até aqui.

As asas da sombra estremeceram suavemente, como chamas de velas ao vento.

– *Eu deveria carregar uma sombra Anathema.* – Terryn continuou. – *Fui treinado para isso. Estudei toda a tradição do Anathema, aprendi todas as canções e*

conhecia cada feitiço e variação. Eu sabia o que esperar. E quando o tempo de minha posse se aproximou, o próprio Fendrel foi encontrar a sombra certa para eu carregar. Um venador em Nion morreu violentamente e sua sombra se transformou em uma raposa. Fendrel a caçou por meses, determinado a trazê-la de volta vivo. Quase o matou. Mas ele sabia que era a sombra certa para mim.

Ele abaixou a cabeça, olhando para a terra dura sob seus pés. — Quando entrei na minha Cerimônia de Posse, pensei que estava preparado para o que estava por vir. Mas... algo deu errado. Não foi uma anathema que rasgou meu olho e se implantou em minha alma. Foi você.

Sua sombra olhou para ele, silenciosa e brilhando como uma lua distante.

— Você quebrou cada barreira, cada feitiço cuidadosamente tecido. Eu não estava preparado para você. Eu não sabia o que você era. Eu não tinha músicas ou feitiços para resistir ao ataque repentino de seu poder. Você explodiu minha mente.

— Terryn abriu os braços como se quisesse abarcar toda a sua desolada paisagem mental em um único gesto. — Você fez isso comigo. E você fez da minha vida um inferno todos esses anos. Talvez eu tenha sido cruel em amarrá-lo, mas eu estava errado? Usei esses feitiços para sobreviver. Você teria me matado se eu não o tivesse retido. — Ele balançou sua cabeça. — Você ainda pode me matar.

Os longos cílios ondulantes caíram e se ergueram novamente. — Suponho que você deve me odiar. — A sombra cantou.

Ele tinha. Por anos agora, ele odiava este ser com cada fibra de seu espírito.

Terryn suspirou e baixou a cabeça entre as mãos. Ele estava tão cansado. O frio finalmente deve estar afetando-o. Ele estaria morto em breve.

— Eu não te odeio. — Ele sussurrou. — Não mais. Mas eu me pergunto... o que eu poderia ter sido se não fosse por você?

Quando as palavras escaparam de seus lábios, um rosto pareceu aparecer diante de sua visão. Um rosto adorável e severo. Olhos negros olhando para ele por baixo das sobrancelhas escuras. Uma boca macia e carnuda lentamente se transformando de uma carranca em um sorriso. Na memória, ele ainda sentia o calor daquela boca pressionada contra a sua, respondendo à pressão que aplicava com uma ansiedade tão surpreendente quanto fascinante.

Essa mesma boca tentadora sussurrou novas ideias estranhas em seu ouvido. Suas palavras atraíram sua mente para a heresia, enquanto seus beijos atraíam seu corpo para o pecado. Ela, e não este ser brilhante, foi a verdadeira instigadora de sua ruína. Se não fosse por ela, ele nunca teria se desviado dos ensinamentos de Evander.

E ainda, ele não voltaria um momento. Se isso significava que a Deusa o abandonaria, se isso significava que ele deveria acabar sua vida assim, congelado até a morte na costa do Loch du Nóiv, se isso significava que ele deveria enfrentar a terrível eternidade dos Assombrados que o aguardava, um herege tomado pela sombra, que assim fosse.

Um sussurro de seda atraiu o olhar de Terry. Os fios desconhecidos de luz que formavam as asas do dragão vibraram. Sua sombra estava lutando, ele percebeu. Seu poder estava reduzido a quase nada pelo veneno da paralisia, e ele estava canalizando tudo o que havia sobrado para aquelas asas. O resto de seu corpo escureceu, endureceu. Sua longa cauda e ancas foram novamente envoltas em pedra supressora.

— *O que você está escondendo sob suas asas?* — Terry exigiu.

A sombra piscou. Então, com muito cuidado, ergueu uma asa cintilante e Terry viu um pequeno caule verde. Uma muda, uma folha frágil se desenrolando de sua extremidade. Um carvalho com pequenas raízes agarrando-se ao solo seco e sem vida.

Com uma pontada de horror, ele percebeu o que era: sua vida. Em todo este lugar estéril, apenas uma pequena muda resistia, verde e crescendo. E a sombra a protegia, envolvendo sua magia e poder ao seu redor. Caso contrário, Terryn já estaria morto.

Por alguns momentos, ele só conseguia olhar. Sua sombra envolveu suas asas protetoras ao redor da muda mais uma vez, protegendo-a da escuridão mortal e do frio. Terryn estendeu a mão, seus dedos tremendo além de seu controle. Mas ele não vacilou ao colocar a palma da mão na cabeça do ser-luz. Estremeceu sob seu toque. Então ele falou novamente com sua voz estranha e cantante.

— *A Deusa me enviou para você.*

Terryn piscou. Então ele sussurrou: — *Como pode ser? Você é uma sombra. As sombras são abominações aos olhos da Deusa.*

— *Assim como os humanos.* — O espírito respondeu. — *Todos os seres que desviam seus olhos de Sua Luz perdem a capacidade de vê-la. Assim, eles caem e se perdem, e a Deusa não pode olhar para eles em sua degradação. Mas tudo o que foi perdido pode ser redimido. Até mesmo os Ildrir, as sombras, como você nos chama.*

Terryn balançou a cabeça e desviou o olhar. Ele podia sentir o olhar do ser na lateral de seu rosto, mas não ousou se virar para encará-lo.

— *Temos um propósito a cumprir neste mundo.* — As palavras eram uma pequena sinfonia de som e luz delicados. — *Seu corpo é o vaso por meio do qual realizaremos a vontade dela. Juntos, e somente juntos, faremos o que deve ser feito.*

— *E o que é isso?* — Terryn perguntou. — *Meu propósito é tirar as sombras deste mundo. É por isso que a Deusa o enviou aqui?*

A sombra balançou a cabeça, os espinhos em forma de folhagem ao longo de seu pescoço flutuando delicadamente. — *Eu vim a este mundo para procurar aqueles que estão perdidos. Eu vim a este mundo para levá-los para a luz.*

O mundo deu uma guinada. Terryn, despreparado para a repentina mudança de terreno sob ele, caiu de lado. A pedra quebrou embaixo dele e caiu nas sombras, desintegrando-se sob sua mão. Ele recuou bem a tempo de evitar cair atrás dele.

Gelo rastejou para fora da escuridão, fragmentos parecidos com lâminas de puro frio corroendo o mundo, invadindo suas mãos, suas pernas. Terryn saltou de pé, mas a geada enxameava mais perto. Ele sabia o que isso significava. Seu corpo mortal estava sucumbindo. Ele estava prestes a morrer.

Nisirdi levantou uma asa. Terryn olhou, viu aquele espaço onde a pequena muda verde se amontoava, protegida no calor da sombra. Olhos opalescentes o fitavam com uma súplica silenciosa.

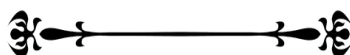
Recusando-se a parar e pensar sobre o que ele faria, Terryn mergulhou sob aquela asa, no abraço do poder de sua sombra. A magia o cercou enquanto a asa o puxava para perto. Mais uma vez, ele percebeu o poder terrível desse ser que habitava nele, desse espírito que ele temera tão desesperadamente todos esses anos. Agora que não estava suprimido, poderia facilmente arrancar sua alma de seu corpo e expulsá-lo, e não havia nada que ele pudesse fazer para evitá-lo.

No entanto, aqui estava ele, refugiando-se sob a asa desta profunda alma, mesmo quando a própria morte passava por ele em uma onda de gelo. Como uma criança, ele se aninhou perto desse centro quente, colocando sua cabeça onde uma batida do coração pulsava com fogo e conforto.

Ele percebeu de repente a idade de Nisirdi. Velho e não velho, tudo de uma vez. Mais como... sem idade. Como se, tendo vivido uma eternidade fora dos limites do tempo, ao voltar para este mundo limitado pelo tempo, trouxesse consigo os vestígios remanescentes da eternidade.

Mantinha a alma de Terryn perto, escondendo-o e a pequena árvore verde que era sua vida enquanto o frio fechava em cima. O brilho de suas asas estremeceu perigosamente. A qualquer momento, Terryn esperava ver a geada se aproximando, rastejando pelas rachaduras, saindo do próprio solo. Mas neste lugar abrigado, o frio não conseguia penetrar.

A cabeça elegante de Nisirdi afundou sob as asas, os olhos cheios de fogo. — *Está na hora, mortal.* — Disse. — *Acorde agora.*



Os olhos de Terryn se abriram. Não seus olhos espirituais em seu mundo mental, mas seus olhos físicos e mortais. Uma película de gelo se quebrou quando suas pálpebras se abriram e ele olhou para o céu gélido e viu a luz do amanhecer brilhando nos galhos acima.

Ele estava vivo. De alguma forma, milagrosamente, vivo.

A consciência doía, mas essa dor era boa. Dor significava um retorno de sentimento. Seu corpo ainda estava congelado, mas a dor fluía de seu coração enquanto seus sentidos lentamente despertavam. O veneno paralisante demorava a passar, ele sabia disso muito bem por experiência recente. Mas o calor pulsante de sua sombra já o aquecia, enchendo-o de energia e força inesperadas.

Terryn se abaixou dentro de sua alma e atraiu o poder agachado ali, convocando mais. Seus membros gritaram quando seu sangue congelado aqueceu e começou a fluir novamente. Ele engasgou e o ar frio atingiu seus pulmões.

Com um grito estrangulado, ele estendeu o braço, atravessando a água gelada e agarrando-se às pedras e grama invernal da margem do lago. Ele firmou seu aperto e puxou. Seu outro braço obedeceu em seguida, surgindo da água e agarrando um punhado de terra e pedra. Os músculos de suas pernas se contraíram, depois se moveram e ele rastejou até a terra, pingando água e pequenos pingentes de gelo em seu rastro.

Ele estava com tanto frio que não conseguia nem estremecer no início. Então seu corpo começou a tremer e a dor da sensação de retorno aumentou. Ele tentou não lutar contra isso, tentou se inclinar contra. Deixar a dor lembrá-lo de que ele estava vivo, e ainda tinha alguma luta dentro dele.

— *Nisirdi!* — ele gritou dentro de sua cabeça. — *Me ajude!*

A paralisia ainda estava mantendo sua sombra sob controle. Mas uma onda de magia em seu núcleo disse a ele que Nisirdi lutava contra isso. O calor cresceu, floresceu em seu coração e o veneno derreteu.

— *Mais, Nisirdi, mais!* — Ele implorou.

O calor se intensificou. O gelo que firmava suas roupas, formando crostas em seu cabelo e pele, começou a derreter e escorrer. Os vapores subiram de seu corpo. Ele conseguiu se apoiar nos cotovelos e joelhos, levantar o torso e jogar a cabeça para trás. Ele olhou para o céu raiado de ouro através do delicado entrelaçamento de galhos inverniais. Ainda assim, o calor cresceu, brilhando em suas veias, brilhando sob sua pele, através de suas roupas.

Então ele começou a queimar.

O terror se apoderou dele. Mais alguns segundos e seria muito, muito tarde. Ele se desintegraria em uma nuvem de cinzas.

— *Não mais! Chega, por favor!* — gritou ele desesperadamente. O calor ficou mais forte, tão forte que ele sabia que não aguentaria mais. Mas antes que

realmente se tornasse grande demais, antes de derretê-lo de dentro para fora, desvaneceu-se.

Terryn soltou um grande suspiro e caiu sobre os calcanhares. Seus braços estavam pendurados ao lado do corpo e seu coração acelerado lentamente diminuiu o ritmo frenético.

– *Você está bem?*

A voz apareceu no espaço dentro dele, onde normalmente apenas morava sua própria consciência. Terryn sentiu mais do que viu os contornos cintilantes de um ser semelhante a um dragão, suas asas erguidas e desenroladas, seus olhos brilhando com fogo interno.

Em todos os seus anos como uma sombra, Terryn nunca realmente compartilhou seu corpo. Era isso que Ayleth experimentava com sua sombra perigosamente ascendente? Aquela sensação de duas almas no espaço destinado a uma, distintas, mas indivisíveis?

Terryn fechou os olhos e deixou que sua consciência voltasse para sua paisagem mental. Nisirdi esperava por ele lá, imponente, muito bonito e muito brilhante para olhar diretamente. Ele ficava ao lado de uma árvore jovem, um carvalho com muitos galhos delgados cobertos por protuberâncias verdes de folhas prontas para se desabrochar.

– *Você está bem, homem mortal?* – Nisirdi cantou.

Ele acenou com a cabeça, incapaz de encontrar palavras para falar. Então ele abriu os olhos e voltou para a floresta de inverno ao lado do lago. Suas roupas fumegavam, mas quando ele verificou, seu escorpião não estava quebrado, sua adaga e sua flauta, por qualquer bem que elas lhe fizessem agora, ainda estavam em suas bainhas. Suas aljavas estavam quase vazias, mas isso não o preocupou muito. Ele tinha poder. Mais poder, pronto e disposto à sua disposição, do que ele jamais conhecera.

Se ele pudesse evitar que ele o matasse inadvertidamente.

Terryn olhou através das águas frias e cinzentas do lago para as torres altas do Castelo Dunloch. Quantas horas se passaram desde que ele mergulhou daqueles altos muros? E o que Fendrel fez em sua ausência?

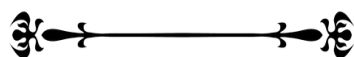
Ele não poderia descobrir estando aqui.

Embora doesse em todos os ossos, juntas e músculos, Terryn endireitou os ombros. — *Tudo bem, Nisirdi.* — ele disse. — *Estamos nisso juntos agora.* — Ele respirou fundo, fechou os olhos e sussurrou: — *Venha comigo.*

Um feixe de luz branca saiu de sua cabeça para o mundo ao lado dele. Ele girou, enrolou-se e finalmente se fundiu na magnífica imagem de sua sombra, elevando-se sobre ele, sua poderosa cabeça erguida, seu elegante pescoço arqueado. Era impossível e glorioso e invisível para todos, exceto Terryn.

A sombra olhou para ele, e seus olhos opala pareciam sorrir. — *Juntos?* — ele cantou suavemente.

— *Juntos.* — Terryn repetiu. Então ele saiu correndo ao longo das margens do lago, o dragão de luz mantendo o passo ao seu lado.



Treinei no castra por quatro anos antes de me considerarem pronta para receber minha sombra. A Cerimônia de Posse é um rito especial e somente aqueles iniciados considerados dignos têm permissão para suportá-la.

Eu tinha visto outros, mais jovens do que eu, entrar no Praetorum para se submeter a sua Posse. Eu os tinha visto com os olhos brilhantes e ansiosos, gabando-se dos poderes que logo seriam deles. Eu os tinha visto caminharem com orgulho, seus novos capuzes vermelhos tão vivos quanto sangue enquanto as sacerdotisas,

phasmadores, venadores e domini faziam orações sobre suas cabeças e os ungiam com óleos sagrados.

Eu os vi entrar na Câmara de Posse.

A maioria deles nunca voltou.

Dar a uma sombra um corpo é arriscar tudo. Nem todos podem dominar um espírito possessor nos primeiros momentos de posse. Aqueles que não puderam provar seu domínio foram abatidos antes que seus poderes saíssem do controle. Suas almas foram levadas para o céu, suas sombras contidas ou enviadas para os Assombrados. Então a Ordem começaria novamente com novos iniciados, dedicando tempo e recursos para moldar mais armas para Santo Evander.

Tive medo quando me disseram que minha hora havia chegado? Claro que não. Eu era especial. Eu sobreviveria à minha Posse e dominaria o Elemental que eles me dariam. Eu iria dominar o oblivis.

Então eu receberia minha coroa. Era meu destino.

CAPÍTULO 3

Ao comando de Fendrel, mãos ásperas ergueram-se para puxar Ayleth de seu cavalo.

— Não, não, não! — ela implorou, mas não adiantou. Suas mãos foram empurradas e as pontas das luvas de ferro perfuraram sua pele. Um momento ela estava em sua sela com Capuzes Vermelhos ao seu redor, sua boca aberta para proferir uma torrente de maldições... no momento seguinte, a dor a dominou e ela perdeu a consciência.

Quando ela percebeu o que estava ao seu redor, ela se viu encostada em um tronco de árvore a vários metros da estrada, protegida por uma fileira de galhos perenes. Fendrel estava por perto, falando em voz baixa com uma venatrix.

— Oi. — gritou Ayleth. Quando ele não a reconheceu, ela tentou novamente, mas mais alto, — Oi! Desgraçado! — Ele se virou para ela, sua expressão vazia, quase entediada. Ela levantou cuidadosamente as mãos algemadas. — Você está me deixando para trás? Assim?

Ele piscou lentamente. Então, dirigindo-se à venatrix, disse: — Lembre-se, ela é uma bruxa como o resto deles. Não confie nela por um instante. Mas ela também é nosso bem mais valioso. Se ela morrer, estaremos perdidos. Você deve protegê-la a todo custo.

Ayleth endireitou o corpo, mudando de posição com cuidado para não deixar as pontas cravarem em sua pele novamente. A náusea girou em sua cabeça e intestino, mas ela rosnou ferozmente. — Deixe-me lutar! Você me

trouxe como uma arma, não é? Então tire essas malditas luvas de mim e deixe-me fazer o que estou aqui para fazer!

Ele se virou para sair, abrindo caminho pela cortina de galhos de pinheiro e se dirigindo para a estrada. Desesperada, Ayleth gritou às suas costas: — Você não me quer morta antes que eu possa matá-la, certo? Não consigo nem me defender assim!

Fendrel fez uma pausa. Ayleth prendeu a respiração, presa no desesperador equilíbrio entre esperança e pavor. O vento agitou seu cabelo e a luz filtrada pelas agulhas de pinheiro projetou sombras estranhas sobre os ombros do dominus.

Então ele se virou, com os olhos semicerrados, e voltou a subir a rampa até onde ela estava sentada embaixo da árvore. Sua mão pescou em uma das bolsas penduradas em seu cinto e produziu uma barra de latão dobrada. Tomando o cuidado de tocar as luvas de ferro o mínimo possível, ele inseriu a barra em uma fenda e, com uma torção violenta, fez um círculo completo.

Ayleth ofegou quando os fechos de ferro se abriram e as luvas caíram. Suas mãos estavam crivadas de pequenas feridas, sangrando e em carne viva. Mas no momento ela não podia ver ou sentir nada disso, apenas o profundo alívio de ser capaz de flexionar e esticar os dedos e girar os pulsos.

Fendrel começou a subir. — Espere. — ela disse rapidamente. — E quanto a isso? — ela exigiu, e sacudiu as algemas de ferro ainda segurando seus pulsos, apenas uma corrente de quinze centímetros entre elas.

O olhar que ele deu a ela era venenoso, ela meio que temeu que ele colocasse as luvas de ferro de volta em suas mãos e a deixasse. Em vez disso, ele pegou os objetos malignos em uma dobra de seu manto e, sem uma palavra ou outro olhar em sua direção, levantou-se e se afastou. Ele empurrou as luvas

de ferro nos braços relutantes da venatrix, rosando. — Arme seu escorpião com veneno Feral. Se ela lhe causar algum problema, leve-a para baixo e coloque-a de volta. Mas não importa o que aconteça, mantenha-a viva.

A venatrix conseguiu oferecer a seu dominus uma saudação apressada enquanto fazia malabarismo com as luvas de ferro. Ele a devolveu e desceu a ladeira rasa, de volta à estrada onde os outros evanderianos esperavam.

Ayleth cuspiu nas costas dele. Um gesto inútil e estúpido, mas que a fez se sentir melhor de qualquer maneira. Ela esticou o pescoço para um lado e para o outro, espiando por entre os galhos grossos, e observou Fendrel montar em seu cavalo e liderar o caminho em direção à aldeia Camon.

Um dos cavaleiros recuou um pouco depois dos outros. Ele ergueu o olhar, olhando para onde Ayleth e a venatrix estavam escondidas. De seu ângulo, Ayleth pôde discernir o rosto quadrado de Kephan envolto em preocupação.

Ela endureceu sua mandíbula, endureceu seu coração. Ele poderia parecer tão preocupado quanto quisesse, ele escolheu seu lado. Ele ficou com o Venador Dominus e a Ordem. Isso o tornava seu inimigo. Ayleth recostou-se no tronco da árvore novamente, puxou os joelhos para cima e apoiou os cotovelos neles, de modo que as mãos algemadas ficaram penduradas entre eles.

Agora que o alívio inicial de estar livre das luvas de ferro havia passado, ela estremeceu com as feridas deixadas para trás. Olhar para elas tornava tudo pior, então ela tentou olhar para qualquer outro lugar, para os galhos se entrelaçando no alto, para a estrada, para baixo na palha de pinheiro vermelho em que ela se sentou. Por fim, ela se acomodou em observar a venatrix, sua guarda. A mulher assumiu uma posição a alguns metros de distância, ficando de pé de onde pudesse ver a estrada enquanto mantinha um tiro certo contra

Ayleth caso sua prisioneira fizesse um movimento errado. Enquanto permanecessem no local, seriam invisíveis para qualquer viajante que passasse embaixo.

Mas elas não eram invisíveis à visão das sombras. Qualquer sombra seria capaz de detectar facilmente suas almas brilhando atrás dos galhos que as protegiam.

A venatrix observou seus companheiros evanderianos cavalgando para fora de vista. Mesmo assim, ela não se virou ou olhou na direção de Ayleth. Elas não falaram. Ayleth não tinha ouvido o nome da mulher. Ela era uma pessoa de aparência dura, com um rosto tão sardento que quase nenhuma pele pálida aparecia entre as manchas douradas. Ayleth não conseguia sentir a variedade de sombra que ela carregava, mas podia sentir a magia emanando do âmago da mulher. Magia ascendente e letal, apenas retrocedida por canções de feitiço tensas.

Ayleth encostou a cabeça no tronco e respirou fundo. Então ela fechou os olhos e, tanto quanto possível, deixou o mundo ao seu redor derreter, o ar frio cortando suas bochechas, o cheiro da podridão de outono, a dor em suas mãos, o ferro nauseante amarrando seus pulsos, e entrou o mundo de sua mente. A floresta de pinheiros estava cheia de uma luz vermelha brilhante e as sombras estavam mais escuras e profundas do que antes. Como se sua própria mente escondesse segredos dela.

Manifestando-se em forma humana, Ayleth se preparou, colocou as mãos em concha em volta da boca e gritou: — *Laranta!* — A voz dela ecoou pelas árvores uma, duas vezes, antes de desaparecer. — *Laranta!* — Ela tentou novamente. — *Venha para mim!*

Sem resposta.

Ayleth praguejou. Eram as malditas algemas de ferro dos Assombrados. Embora não fossem tão dolorosas quanto as luvas cravadas, o toque direto do ferro em sua pele levava Laranta até o fundo de sua alma. Para a sombra aumentar ainda mais em ascendência seria sentir dor, uma dor ainda pior do que a de Ayleth, uma dor que ia muito além da sensação física.

Ela deveria deixar sua sombra em paz, deveria deixar o pobre espírito se esconder. Mas, sem a força de Laranta, ela estava indefesa. Desamparada em um mundo repentinamente privado de amigos e aliados, um mundo totalmente povoado de inimigos.

— *Por favor, Laranta.* — Ela baixou a cabeça, sem gritar mais. Ela não precisava gritar aqui, não realmente. Ela e Laranta compartilhavam uma alma. Não havia distância real entre elas, e um sussurro poderia servir tão bem quanto um grito. — *Por favor, Laranta.* — disse ela novamente, pouco mais que um suspiro. — *Eu preciso de você.*

— *Senhora?*

O coração de Ayleth disparou. Seus olhos mortais se apertaram com mais força enquanto ela concentrava o olhar nas sombras de sua mente. — *Laranta? É você?*

O latido parecia distante, abafado, tenso, assustado. Mas seu tom profundo e rosnante era inconfundível.

Senhora... Eu vim...

A projeção mental de Ayleth estendeu os dois braços, estendendo os braços. — *Boa menina, Laranta, boa menina. Venha agora!* — As sombras pareciam mudar, mover-se e começar a tomar forma...

Um forte impacto na lateral da bota fez com que a perna de Ayleth escorregasse na frente dela. Ela se desequilibrou, se retorceu e suas mãos algemadas caíram com força para se segurar. Suas pálpebras tremeram

enquanto ela lutava para recuperar a consciência adequada do mundo desperto. As imagens de sua paisagem mental piscavam na escuridão de cada piscada e, por alguns momentos, os dois mundos lutaram pelo domínio. Ela se puxou de volta à realidade e olhou para o rosto feroz e sardento pairando sobre ela.

— Se eu pegar você fazendo truques como esse de novo, bruxa, eu vou atirar em você. — A venatrix rosnou, e ergueu seu escorpião armado para dar ênfase.

Ayleth mostrou os dentes. Ela puxou a perna de volta e apoiou os cotovelos nos joelhos. A venatrix recuperou sua posição a alguns metros de distância, observando a estrada. Sua sombra ascendente deve ter sentido o chamado de Ayleth por Laranta.

Ainda assim, apesar da interferência da venatrix, Laranta estava mais perto. Ela não conseguia alcançar nenhuma ascensão real devido ao ferro, mas Ayleth não se sentia mais vazia por dentro. Algo poderoso rondava para frente e para trás nas profundezas de sua alma, como uma besta enjaulada. Se ela tentasse, se ela realmente tentasse, ela poderia até ser capaz de acessar um pouco da força de Laranta.

Mas ela não ousaria com aquela venatrix tão perto. A mulher não estava exagerando sua ameaça e as luvas de ferro estavam empilhadas a poucos metros da posição de Ayleth. Se ela acordasse da paralisia e encontrasse aquelas coisas horríveis amarrando suas mãos novamente, ela poderia muito bem morrer.

A venatrix manteve o olhar fixo na estrada leste, enquanto Ayleth manteve o olhar fixo na venatrix. Elas permaneceram assim em silêncio por pelo menos meia hora, a julgar pelo movimento das sombras. Então Ayleth viu os olhos da venatrix se arregalarem. Apenas uma fração, quase imperceptível

àquela distância. Se Ayleth não estivesse observando tão de perto, ela teria perdido.

Ayleth torceu os ombros e esticou o pescoço, tentando ter uma visão melhor da estrada e do horizonte. Ela não precisava da visão das sombras para ver a fumaça subindo negra e ondulando no céu da manhã. A batalha na aldeia Camon havia começado.

Uma rajada de asas atraiu sua atenção. Ela olhou para cima e viu um pássaro preto, um corvo, pousar nos galhos nus de uma árvore não muito longe de sua posição atual. Os olhos brilharam em sua direção, cada movimento agudo e espasmódico. Ayleth franziu a testa enquanto olhava através das agulhas de pinheiro entrelaçadas para aquele pássaro. Algo não estava certo nisso. Quando se virou para ela, sua cabeça tombou estranhamente para o lado, como se o pescoço tivesse sido torcido. Mas ele se agarrou a seu galho, com a cabeça pendurada, o olho fixo, e a observou.

— Venatrix. — Ayleth disse lentamente.

A venatrix começou, e seu escorpião subiu para o modo de disparo enquanto ela olhava na direção de Ayleth.

— Venatrix. — Ayleth apontou. — Você pode... você pode ver uma alma?

Virando-se na direção indicada por Ayleth, a venatrix olhou para o pássaro. Ela o estudou em silêncio e Ayleth sentiu o coração disparar cinco vezes.

Então a venatrix preparou seus pés e ergueu seu braço direito, cruzando-o sobre o esquerdo para se apoiar. Ela avistou ao longo de seu escorpião e disparou. O dardo voou pelo ar, atingiu o pássaro na cabeça e ficou preso.

O pássaro se sacudiu, batendo as asas e o dardo caiu no chão.

Um pássaro vivo teria caído morto no local ao ser atingido por um veneno de venatrix.

Agarrando-se ao tronco da árvore para se apoiar, Ayleth se levantou com dificuldade. Ela sabia o que isso significava. Um pássaro morto voando, estudando-os. O Cadáver o estava controlando, espiando através de seus olhos mortos. Ele deve ter percebido que Ayleth, a única arma de Fendrel contra Terrível Odile, não estava na batalha em Camon, e enviou um batedor à sua procura.

— Vamos. — A venatrix rosnou. Ela já havia chegado à mesma conclusão e saltou a ladeira, pegando Ayleth pelo cotovelo. — Os cavalos estão por aqui, escondidos. Precisamos sair daqui.

O pássaro voou, sua cabeça balançando enquanto suas asas batiam no ar. Ayleth deixou a venatrix arrastá-la encosta abaixo. Elas se esquivaram dos galhos baixos e se chocaram contra a vegetação rasteira nua do outono. Ela viu os cavalos não muito longe, amarrados a uma árvore.

Além dos cavalos, figuras se moviam. Cinco. Todos homens.

Todos mortos.

Eles vestiam apenas suas longas camisas de linho, como se a morte os atingisse enquanto dormiam em suas camas. Cada homem carregava uma ferramenta de seu ofício, ela viu uma foice, um forcado, facas, implementos de curtidor. Um homem sangrava de uma ferida aberta no estômago. A cabeça de outro foi parcialmente decepada no pescoço. Mas eles seguiam em frente, desajeitados em seus movimentos, mas estranhamente poderosos também, guiados por seu mestre de marionetes invisível.

Os cavalos, farejando a morte no ar, relincharam. Um deles quebrou as amarras e caiu através da vegetação rasteira e se afastou. O outro chutou,

puxou e guinchou quando as cinco figuras passaram por ele sem pausa ou interesse.

A venatrix saltou na frente de Ayleth, estendendo um braço protetor. — Volte! — ela insistiu, e Ayleth não esperou ouvir duas vezes. Ela se virou para tropeçar pelo bosque, de volta pelo caminho por onde tinham vindo. O instinto disse a ela para recuperar o terreno elevado, uma posição mais defensável.

Mas quando ela deu um passo em direção à encosta onde elas haviam se escondido minutos antes, a venatrix segurou seu cotovelo. — Não. Para a estrada. — disse ela. — Precisamos chegar ao Dominus.

Ayleth abriu a boca para discutir, mas os mortos estavam logo atrás delas e não havia tempo. Cerrando os dentes, ela cambaleou atrás da venatrix, empurrando para fora das árvores e subindo para a estrada aberta sob o sol incongruentemente brilhante. Mais mortos avançaram pesadamente em direção a elas ao longo da estrada. Homens e mulheres. Crianças também.

O bruxo estava usando crianças, Assombrados o condene.

— Venatrix, me dê uma arma. — Ayleth disse, e estendeu as mãos algemadas.

Antes que a venatrix pudesse responder, os mortos avançaram em direção a elas, movendo-se com uma explosão repentina de velocidade simultânea, movidos por um único impulso de vontade. A venatrix empurrou Ayleth atrás dela novamente, puxando sua adaga de osso longo. Se estes fossem mortais vivos, seus venenos os derrubariam, mas de que servia a Morte Gentil para aqueles que já estavam mortos?

O primeiro homem as alcançou alguns passos à frente dos demais. Ele não carregava nenhuma arma, apenas os segurava com dedos curvados. A venatrix bateu nas mãos dele e enfiou a adaga direto na órbita do olho.

O homem não parou nem recuou. Uma mão agarrou o braço da adaga da venatrix enquanto a outra foi para sua garganta. Ayleth sabia como isso funcionava, Cadáver plantava suas maldições bem no fundo de seus recipientes escolhidos, e apenas um golpe direto na própria âncora de maldição poderia derrubar um desses cadáveres. Caso contrário, eles poderiam ser decapitados e todos os seus membros removidos, e ainda assim eles continuariam vindo por todos os meios possíveis, guiados pela vontade de seu mestre.

A venatrix se desvencilhou de seu aperto e puxou a adaga de seu crânio. Ela o chutou com força no estômago e ele caiu de costas no homem atrás dele. Uma mulher os alcançou em seguida, seu cabelo comprido e grisalho e densamente coberto de sangue. A venatrix desviou seu aperto, virou-a e enfiou a adaga em seu pescoço.

A mulher não caiu.

O primeiro homem já estava se levantando, rastejando sobre as mãos e os joelhos, esticando o braço para Ayleth. Ela o chutou no rosto, mas cambaleou de volta para outro homem atrás dela. Seus braços a envolveram. Ela se dobrou e o jogou nas costas e no chão. Ela bateu a bota na cara dele com tanta força que sentiu ossos quebrarem. Mas os braços se ergueram e agarraram sua perna, tirando-a de seu equilíbrio. Ela caiu de costas, sem fôlego.

Outro rosto morto pairou sobre ela. Ela ergueu as mãos, agarrando o antebraço, e torceu de maneira que causaria uma dor insuportável em qualquer pessoa viva. Mas o cadáver não reagiu, nem mesmo quando o osso quebrou. Outro par de mãos a agarrou pelos pés, e ela chutou violentamente para se livrar de seu aperto. Dedos fortes apertaram a carne de seus braços,

agarraram a frente de seu gibão, puxando-a do chão. Havia tantas mãos, tantos rostos mortos, todos prontos para despedaçá-la.

— *Laranta!* — Ela gritou em sua cabeça.

Sua sombra de lobo respondeu, surgindo. Mas o veneno de ferro a derrubou e ela gritou de dor dentro da cabeça de Ayleth.

— *Laranta, venha!* — Ayleth gritou novamente, desesperada.

Sua sombra se recompôs e, apesar do golpe que acabara de receber, lançou-se para frente novamente, oferecendo toda a força que podia. Não era muito. Mas era algo. A magia zumbiu nas veias de Ayleth, fraca, mas real.

Com um grito de raiva e terror, ela se desvencilhou do homem que segurava seu gibão, se livrou das mãos que seguravam sua trança e seus ombros e se lançou contra a figura horripilante diretamente à sua frente, usando a força de Laranta para arremessá-la no cadáver que se aproxima atrás.

Um lampejo de osso passou zumbindo por seu olho. A venatrix apareceu em sua visão novamente, seu braço estendido até o comprimento total, a ponta da adaga cavando através da caixa torácica de um cadáver. Ela o soltou novamente com um jorro de sangue e o cadáver desabou. Ayleth, com os sentidos da sombra débeis, mas presentes, sentiu um estalo de tensão quando a maldição da Bruxa Cadáver se desfez.

A venatrix deu uma cotovelada em outro homem, girou e esfaqueou um terceiro. Ayleth se esquivou dos braços de outro e, quando se endireitou, viu a venatrix derrubá-lo com outro golpe certo no coração. Fios de maldição quebrados brilharam nas bordas de sua visão de sombra, e cadáveres jaziam espalhados pelo chão. Mas mais mortos passaram por cima deles.

Uma foice passou zunindo pelo rosto de Ayleth. Ela mostrou os dentes em um sorriso feroz. Uma arma! E agora que ela sabia onde a maldição foi plantada, ela poderia fazer algo sobre isso. Com as mãos ainda algemadas, ela

saltou no homem morto e arrancou a foice de suas mãos. Com um giro ágil, ela acertou a lâmina afiada no peito do cadáver mais próximo.

Isso não o impediu. Seu golpe, embora tivesse matado um homem vivo, não foi profundo o suficiente para quebrar a maldição. Ela puxou a foice e a acertou no próximo homem, não perto do coração, mas com força suficiente para derrubá-lo. Suas mãos amarradas escorregaram e ela perdeu o controle de sua arma. Ela se abaixou e se lançou para pegá-la pela alça.

Um baque surdo encheu seus ouvidos, seguido imediatamente por um grito horrível e ofegante. Ayleth girou de joelhos, as mãos agarrando o cabo da foice. Ela viu a venatrix, um forçado cravado em seu lado. Uma das pontas perfurou seu gibão de couro.

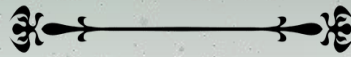
A venatrix caiu de joelhos.

Com um grito selvagem, Ayleth saltou e balançou a foice novamente, esmagando-a no peito de um cadáver que se aproximava. Ele caiu, mas começou a se mover de novo imediatamente, sua maldição ininterrupta, apesar do ferimento feio.

A venatrix ainda se mantinha ereta por algum milagre de força teimosa. Os cadáveres se aproximaram dela. Ayleth balançava, chutava, rasgava, golpeava, tentava mantê-los afastados, tentava mantê-los afastados. Mãos a agarraram por todos os lados, agarraram seus braços, suas pernas. Ela largou a foice e, desta vez, não conseguiu recuperá-la.

Através do caos dos mortos, ela sentiu o afrouxamento de uma corda de alma, a quebra. Então uma explosão violenta, como uma sombra da alma saltou livre do corpo da venatrix. Ayleth só teve tempo de pensar, estupidamente distante, que se ela pudesse alcançar os tubos amarrados no cinto da venatrix, ela poderia salvar sua alma mortal.

Então sua visão se encheu de muitas mãos agarrando.



Demorou para dominar o controle da minha sombra. Eu suprimi de uma vez, mas aprender as complexidades das canções de feitiço, aprender como liberar apenas o poder suficiente para manipular, mas nunca tanto que arriscasse minha própria segurança... isso não foi fácil.

Eu odiava essas supressões. Eu odiava qualquer coisa que ficasse entre mim e o poder que eu sabia que deveria exercer. Mas se eu quisesse aquela coroa, se eu quisesse cumprir meu propósito de existência, eu teria que demonstrar controle e moderação, bem como poder e maestria.

Outros dois anos se passaram antes que Venatrix Domina d'Arcand, a mesma venatrix que havia me encontrado na casa de meu primo oito anos antes, me dissesse que eu estava pronta. Que eu seria apresentada ao Conselho de Agla para fazer minha oferta pela coroa.

Meu momento estava finalmente próximo. Ou assim eu acreditava...

CAPÍTULO 4

Gerard caminhou de seu escritório até sua sala de recepção privada. De lá, ele foi para o camarim, depois para o quarto, deixando as portas abertas atrás de si. A janela de seu escritório dava para as águas do Loch du Nóiv e para onde o sol nascente lançava um brilho dourado no mundo coberto de gelo. A janela de seu quarto proporcionava uma vista da ponte para o continente. Uma hora atrás, Gerard tinha visto seu tio e uma companhia de oito evanderianos de capuz vermelho cavalgando pela ponte e desaparecendo no terreno além.

Uma hora. Mas parecia um ano.

Ele voltou para aquela visão novamente e forçou sua visão o mais longe que pôde. Mas não adiantou. Fendrel há muito se foi.

— Malditos Assombrados. — Gerard sussurrou e marchou de volta através de sua suíte para a janela de seu escritório, contornando sua grande mesa. Ele olhou através do vidro, estudando a margem oposta do lago, estudando o céu manchado de amanhecer. Era fumaça que ele viu subindo acima da linha das árvores? A vila de Camon ficava ali, o lar de padeiros, fabricantes de rodas e fabricantes de velas, todos vivendo confortavelmente sabendo da proximidade e proteção de seu príncipe.

Eles não estavam preparados para bruxos, para a guerra.

— Malditos Assombrados! — Gerard sibilou novamente. Embora soubesse que era inútil, ele caminhou até a porta de seu escritório e testou a trava. Estava trancada rapidamente, assim como nas últimas doze vezes que

ele tentou. Ele sacudiu mesmo assim e gritou: — Ei! Traidores! Vilões! Me deixem sair!

Nenhuma resposta veio. Ele encostou o ouvido nos painéis, mas não percebeu nenhum som, nenhum sinal de vida. Poderia haver meia dúzia de guardas parados na passagem do outro lado, ou nenhum.

E que direito ele tinha de chamá-los de traidores? Se eles escolheram obedecer ao Venador Dominus em vez de seu jovem rei não comprovado, ele poderia culpá-los? No lugar deles, ele provavelmente teria feito o mesmo. Ele sempre obedeceu a Fendrel com a mesma obediência previsível com que as marés obedecem à lua. Não se cruza uma força da natureza.

Ele permitiu que Fendrel o aprisionasse em sua própria casa. Ele deixou Fendrel...

Sua garganta engrossou dolorosamente. Gerard se afastou da porta e voltou para a janela do escritório e sua vista do Loch du Nóiv. Por que seu olhar procurou ao longo da costa distante com tanto cuidado, ele não conseguia adivinhar. Era como se algum instinto além de sua compreensão o instigasse. Ele meio que esperava ver uma figura alta se aproximando por entre as árvores com aquele passo firme e decidido que ele conhecia tão bem. Terry. Seu protetor, seu campeão. Vindo em seu resgate.

Mas Terry estava morto.

Um gemido como a lâmina de uma adaga deslizando por sua garganta o rasgou. Gerard bateu no batente da janela com o punho, então bateu novamente, fazendo o vidro chacoalhar. — Malditos Assombrados. Assombrados, droga, droga, droga. — Sua voz estava tão crua que ele quase esperou que as palavras respingassem sangue ao estourar de seus lábios.

Por fim, seu punho se abriu e pressionou, com a palma da mão aberta, no vidro. Ele abaixou a cabeça. — Deusa... — ele murmurou em um suspiro torturado. — Deusa, eu pequei contra você. Não pelo que eu fiz, mas pelo que deixei de fazer. — Ele caiu no chão e se virou para encostar as costas na parede. Seus cotovelos repousavam sobre os joelhos dobrados e a cabeça pendurada no peito.

— Eu jurei em Seu altar... — ele sussurrou. — Que eu seria uma bandeira de proteção sobre Seu povo. Todo o seu povo. No entanto, o que eu permiti que acontecesse? O que eu sancionei e apoiei? O assassinato de tomados pela sombra... aqueles a quem tornaste nossos irmãos e irmãs, eu os deixei serem caçados como animais.

Suas palavras ficaram em silêncio por algum tempo. Por fim, suas mãos flácidas se fecharam em punhos e sua boca se torceu em uma careta. — Pensei que fosse por Sua vontade que eu tivesse autoridade sobre outros mortais. Mas é apenas por vontade mortal que eu governo. Assim como é por vontade mortal que agora estou preso. Desamparado. Inútil. Quebrado.

Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto. Mas seus olhos pareciam penetrar gesso e pedra, ver todo o caminho até os próprios céus. Como se procurasse o trono da Deusa, como se buscasse um vislumbre desesperado da luz.

— Não sei se Você pode me ouvir. — disse ele. Uma lágrima escorregou do canto de seu olho, apenas uma lágrima, correndo rápido e depois sumiu. — Eu nem sei se você está lá. Foi tudo ilusão. Tudo o que um dia pensei ser tão certo? Todas ilusões criadas por homens inteligentes. Talvez até você, Deusa. Ou talvez Você seja real, mas em Sua divindade, Você simplesmente não pode ouvir as orações desse duvidoso, desse filho mentiroso. Seja qual for a verdade, eu juro...

As palavras do príncipe foram ditas tão suavemente que elas poderiam muito bem ter ficado em silêncio. Ele fez uma careta e falou novamente, desta vez com firmeza. — Me ouça ou me ignore. Use-me ou rejeite-me. Não importa mais. Juro por sua santidade, Coração, Cabeça e Alma, redimirei meus pecados e os pecados de meu pai.

Ele deixou a cabeça cair para o peito novamente, como se de repente tivesse ficado muito pesada. Apesar de suas palavras ousadas, seus juramentos ousados, ele se sentou lá contra a parede com os joelhos dobrados, uma imagem de miséria absoluta misturada com desamparo total. O peso de sua promessa ameaçou esmagá-lo.

O silêncio caiu novamente. Um silêncio tão profundo que ouvidos mortais podem começar a pregar peças nas mentes mortais. Um homem pode até começar a acreditar que através do silêncio ele ouviu o caos do Assombrados acenando para ele através do véu dos mundos. Gerard fechou os olhos com força, tentando dizer a si mesmo que não ouviu aqueles gritos torturados...

Dedos pequenos tocaram sua mão.

Ele ergueu a cabeça tão rápido que atingiu a parede. Sua visão turvou e ele viu, mas não acreditou que viu, uma pequena figura fugir correndo e os pés descalços desaparecerem sob sua mesa. Ele se sentou mais um momento, piscando, deixando o latejar em sua cabeça diminuir. Então ele mudou para suas mãos e joelhos e olhou entre as pernas de sua cadeira e sob a mesa.

Olhos pálidos o encararam de volta através de um emaranhado de cabelo flácido.

— Quem...? O que...? — Gerard piscou com força. Ele estava alucinando? Ele balançou a cabeça latejante, mas a criança não desapareceu. — Quem é você? Como... Como você chegou aqui?

Ela piscou para ele, seu corpo minúsculo tremendo visivelmente. — *Sangue com sangue.* — Uma voz suave e sussurrante alcançou seu ouvido. — *Oso com oso...*

Gerard mudou de posição, tentando parecer menos ameaçador. Ela deve ter entrado aqui para se esconder durante a confusão do ataque. Mas ele não a reconheceu. Ela era muito jovem para ser copeira. Ela era filha de um de seus criados? Certamente não; suas roupas esfarrapadas e rosto sujo estariam deslocados entre os habitantes de Dunloch. Como ela conseguiu passar pelos portões do castelo sem ser vista?

— Está tudo bem, pequena. — Ele disse, estendendo uma mão cuidadosa. — Eu não vou te machucar. Venha...

Ela se lançou de repente, como um gato atacando. Suas pequenas mãos agarraram as dele, seus dedos se fechando com força inesperada. Sua boca se abriu e as palavras jorraram. Palavras estranhas, palavras não naturais, em uma voz que não pertencia àquela criança: — *Sangue com sangue. Oso com oso. A Rainha se levantará para reivindicar os seus. Sangue com sangue. Oso com oso. A Rainha se levantará para reivindicar os seus. Sangue com sangue...*

— Pare! — Gerard gritou, tentando puxar sua mão de volta. Seu aperto era como ferro. — Pare, me deixe ir!

Então...

Ele está no topo de uma escada estreita e escura, olhando para uma varanda aberta. Uma varanda estranha, moldada por algum artesão extraordinário na palma de uma mão enorme, pilares arqueando como dedos perfeitamente esculpidos acima.

Uma mulher está de pé no centro da palma da mão, uma coroa em chamas queimando sua cabeça. Chamas azuis a envolvem em uma aura, e seu cabelo flui para

fora dela por todos os lados como os raios de um sol. Ela grita de dor, estendendo a mão para tocar a coroa, mas incapaz de segurá-la.

Ele segura uma espada na mão. E ele sabe o que deve fazer.

– Ayleth! – Ele grita.

Ela se vira. E é Ayleth. Ayleth, torturada, oprimida por um poder que a consome de dentro para fora, como um vulcão em erupção em sua própria alma.

– Eu sinto muito. – Ele engasga, caminhando em direção a ela, levantando sua espada. – Sinto muito, Ayleth.

Ele balança para o pescoço dela. Ele sente sua lâmina se conectar com o osso, sente que o osso cede e se quebra. Ele sente o jorro de sangue quente em seu rosto...

Gerard soltou um grito, batendo a cabeça contra a prateleira da mesa em sua pressa. A criança se encolheu em uma bola de miséria, pressionada contra a tabela, o rosto enterrado nas mãos.

Ela foi tomada pela sombra. Gerard ficou boquiaberto, tentando trazer sua razão para o presente, tentando não ver a visão tão violentamente implantada em seu cérebro. Tentando não sentir aquele sangue quente no rosto. A criança era uma espécie de manipuladora mental. O espírito ascendente certamente não era uma criança, mas um ser eterno, poderoso e perigoso. Ainda...

No entanto, quando a garota o olhou por entre os dedos, não havia malícia em seu olhar. Estranheza, sim. Algo de outro mundo, algo que ele não entendia. Mas não mal.

– O que... o que é que foi isso? – ele sussurrou. – O que você fez comigo?

– *Perdoe-me.* – a voz eterna falou através daquela boquinha. As palavras certamente não eram de uma criança. – *As visões vêm sobre nós de*

repente, e isso causa a minha Nilly dor se eu não as expulso de uma vez. Eu não tive a intenção de machucar você, mortal.

— Sua... sua Nilly... — Gerard balançou a cabeça, seu cabelo caindo em seus olhos. Ele o empurrou para trás, olhando para a criança, mal acreditando no que viu, no que ouviu. Ele conhecia esse nome. — Você é Nilly du Bucheron. A inata. A vidente.

— Ela está aqui, sim. E ela está segura. Comigo. Eu protejo minha Nilly.

Uma sombra protegendo o espírito de seu hospedeiro? Como isso poderia ser? As sombras possuíam corpos e expulsavam as almas originais, a menos que essas almas se mostrassem fortes o suficiente para resistir. Ou então fossem ensinados.

Mas, novamente, muito do que ele havia aprendido provou ser falso. Por que essa nova revelação deveria surpreendê-lo?

— E... qual é o seu nome? — ele perguntou.

Algo brilhou no rosto da garota. Gerard não possuía visão de sombra, não podia perceber o mundo espiritual com seus sentidos mortais. Mas ele pensou que talvez sua pergunta tenha agradado ao ser diante dele. — *Eu sou Rasanala.* — *Dizia.* — *Eu sou de Nilly. E ela é minha.*

Gerard acenou com a cabeça. O nome parecia estranho em sua língua, mas ele tentou mesmo assim. — Rasanala. Pode... você pode me dizer o significado da visão?

— *É o seu futuro.*

— Meu futuro?

Uma memória recente apareceu em sua cabeça, uma memória de Ayleth agachada no chão em sua sala de prisão, olhando para ele com aqueles olhos escuros e perigosos dela. Uma lembrança de sua voz, rouca e cheia de emoção terrível: — *Nilly du Bucheron, a criança inata. Ela me deu uma visão. Eu vi você com*

sua espada desembainhada. Você estava triste, mas não hesitou. Você cortou minha cabeça e... Fiquei grata a você.

— Meu futuro. — Gerard sussurrou novamente, o horror crescendo em seu coração. Ele viu novamente a visão. O céu noturno. A coroa envolvendo a testa de Ayleth. A Coroa de Éter. Tinha que ser. Possuidora de uma alma mais perigosa até do que a própria Terrível Odile.

E quanto a Ayleth? Ela era o sangue de Odile, o sangue do próprio Mauval. Ela poderia usar a coroa e sobreviver, e o espírito que habitava nela poderia exercer sua vontade e poder através dela.

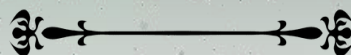
Era esse o destino de Ayleth? Para se tornar a portadora da Coroa de Éter? Seria essa a desgraça que ela e todos Perrinion enfrentariam... a menos que o próprio Gerard agisse?

Ele deveria cortar a cabeça de Ayleth assim como seu pai havia cortado a cabeça de Odile?

Ele tinha feito um voto. Ele havia prometido à Deusa redimir seus pecados, até seu último suspiro. Ela o tinha ouvido. Ela respondeu a sua oração enviando esta criança, este espírito, com uma visão muito clara para mal interpretar, para ignorar.

A pequena Nilly o observava. Ele podia ver a mortalidade em seu rosto agora e sabia que ambos os espíritos estavam ascendentes, lado a lado dentro daquela hospedeira. Ela balançou lentamente para frente e para trás, os braços em volta de si mesma.

Gerard estendeu a mão e colocou-a gentilmente no ombro dela. — Está tudo bem. Você fez bem em compartilhar comigo. Obrigado, Nilly. Obrigado, Rasanala. — Ele deu um longo suspiro e soltou o ar lentamente. — Eu sei agora o que devo fazer. Deusa, conceda-me força!



— Ela não é o que precisamos. — disse a grã-Vanderiana. Ela disse isso na minha cara, olhando-me bem nos olhos, mas falando para os outros e não para mim.

Eu a encarei, horrorizada. Mesmo agora, a enormidade do poder que eu convocava queimava na ponta dos meus dedos. Eu controlei o oblivis, um elemento diferente de tudo neste mundo, quase infinito em seu potencial, poder e possibilidades. E eu o controlei. Eu. Eu. A garota especial de quem eles precisavam.

Eu tinha acabado de demonstrar minhas habilidades. Eles trouxeram cativos tomados à sombra, animais e homens, transbordando de poder não suprimido. Eu os derrubei um após o outro, prendendo-os em correntes oblivis que fiz no ar, em seguida, perfurei-os com dardos e expulsei suas almas. E quando as batalhas terminaram, eu mostrei a eles meu potencial criativo, esculpindo uma imagem perfeita da própria grã-Vanderiana em oblidite pura e polida.

Eles aplaudiram meus esforços. Como se eu fosse um bom cachorro fazendo algum truque.

Então a grã-Vanderiano disse: — Ela não é o que precisamos. — e meu mundo pareceu girar em seu eixo.

— O que você quer dizer? — Domina d'Arcand exigiu. — Ela é da linhagem du Mauval. Ela é habilidosa além de sua idade, mais habilidosa do que muitos de vocês nesta sala. O poder que ela controla é diferente de tudo que qualquer um de nós já viu, e ela faz com que pareça fácil! Mais do que isso, ela é totalmente devotada à Ordem e usará todos os dons que dermos a ela para promover a causa da Deusa aqui no mundo mortal.

— Eu não duvido de suas habilidades. Mas quanto à sua devoção... — A grã-Vanderiana balançou a cabeça. — É a devoção de uma criança. Não experimentada,

não testada. Ela não viu o que vimos. Ela não sabe o que sabemos. Ela não pode querer isso por si mesma.

— Eu quero! — Eu declarei, quente de raiva. — Eu posso usar a Coroa de Éter!

A grã-Vanderian olhou para mim novamente, mas ainda falava apenas com minha domina, recusando-se a falar comigo. — Seu ardor é o ardor que você concedeu a ela. Até que ela tenha vivido, até que ela tenha perdido, até que ela tenha sofrido... ela não pode saber. Não de verdade. Não totalmente. Até que seu ardor seja dela, não vou dar a ela o que você me pede.

Eu fecho minha boca. Embora minha domina continuasse a protestar, a discutir, não disse mais nada. Vi no rosto da Grã-Vanderiana o fim de todas as minhas esperanças, de todo meu trabalho, de todo meu empenho. No final, não importava que eu fosse especial.

Especial não era bom o suficiente.

CAPÍTULO 5

As sombras eram tão profundas que Ayleth se perguntou se ela estaria morta.

Mas não. Um cheiro de pinho encheu suas narinas quando ela respirou. Ela estava em sua floresta mental? Enrolada na escuridão, mas ainda viva de alguma forma?

Ela não conseguia se lembrar de seus últimos momentos no mundo desperto. Ela achava que eles eram violentos. Se ela permitisse que sua consciência saísse desse espaço escuro e seguro, ela teria que enfrentar toda a dor de seu corpo dilacerado membro por membro.

— *Acorde, Venatrix.*

Terryn?

Apesar de todos os instintos dizerem a ela para se enrolar mais forte, para tornar sua consciência menor, para se esconder tão profundamente neste lugar de escuridão com cheiro de pinheiro que ela se tornasse quase nada, ela não podia deixar de elevar sua consciência. Seus sentidos mortais se aceleraram, tornando-se cientes de seu corpo físico, tornando-se cômicos do mundo além de sua cabeça. Ela sentiu o cheiro de palha mofada e madeira podre. Ela sentiu a mudança de um corpo ao lado dela.

— *Vamos. É hora de acordar.*

Não poderia ser Terryn. Poderia? Não. Não, ele estava morto.

Mas ele não podia estar morto. Ela não conseguia aceitar. Terryn não. Não sem que ela o visse mais uma vez. Aquele último momento no corredor com pilares fora da galeria em Dunloch, parados um em frente ao

outro, o corpo do rei morto deitado entre eles... Ela se recusou a acreditar que ele saiu daquele cômodo, fora de sua vista, e então simplesmente deixou de existir.

— *Venatrix*.

Aquela voz. Parecia a de Terryn. Mas também... não.

Não importava. Sua consciência aumentava rapidamente agora. A escuridão atrás de suas próprias pálpebras substituiu a escuridão de sua floresta de pinheiros. A dor rugiu por seu corpo devido a várias pequenas feridas, e quando ela respirou, a dor pior apunhalou seu torso. Uma de suas costelas estava quebrada, possivelmente várias. O sangue escorria de pequenos cortes, incluindo um em sua têmpora, quente e pegajoso em sua pele.

A memória voltou, memória de mãos agarrando, olhos mortos, bocas escancaradas e sangue. Os mortos se aproximando dela.

— *Venatrix*. — A palavra atingiu como o estalo de um chicote. — Abra seus olhos.

Ela obedeceu imediatamente. A escuridão em sua cabeça se encheu com a dolorosa luz do dia, e o resto de seus sentidos mortais voltaram à plena vigília. Ela olhou para um rosto moreno com maçãs do rosto pontiagudas, nariz comprido e cabelo preto caindo sobre a testa. Por um momento de parar o coração, ela acreditou que realmente era Terryn.

Mas esse rosto não apresentava nenhuma cicatriz desfigurante. E os olhos fixos nos dela eram negros, não azuis.

— Ah. Aí está você.

Uma mão a agarrou pela frente de seu colete, puxando-a do chão. Ela gritou com a dor apunhalando suas costelas, e quando ela tentou recuperar o equilíbrio, percebeu que suas mãos ainda estavam presas nas malditas algemas de ferro de Assombrados. O homem a soltou, mas dedos longos

imediatamente se estenderam de cada lado e a pegaram pelos ombros. Dois homens mortos agacharam-se sobre ela, seus olhos vazios olhando para lugar nenhum. Suas mandíbulas cederam e suas línguas penduraram sobre seus dentes, mas suas mãos mortas cavaram através do tecido e couro em seus ombros, beliscando pele e osso.

O homem com o rosto de Terryyn se levantou e se afastou dela, gesticulando com uma das mãos enquanto o fazia. Os cadáveres colocaram Ayleth de pé, surda aos seus gritos de dor. Ela ficou suspensa entre eles, um jovem, pouco mais que um jovem desengonçado, o outro velho, com uma barba emaranhada de sangue escorrendo pela frente da túnica. Eles estavam em um celeiro em ruínas. Parte do telhado havia desabado e a porta estava quebrada no chão, permitindo uma saída fácil se ela pudesse alcançá-la. Por aquela porta, ela avistou um campo aberto, campos ondulantes.

Ofegante, Ayleth ergueu a cabeça e olhou para o homem vivo à sua frente. O Cadáver. Gillotin du Visgarus. Parado ali em um corpo hospedeiro tão parecido com o de Terryyn, fez um nó de horror subir em sua garganta. No entanto, ele não olhou para ela. Ele ficou parado com uma expressão distante no rosto, apresentando-a com seu perfil de nariz comprido, ambas as mãos erguidas, cada dedo se movendo como se tocasse as cordas de um instrumento. Ayleth não precisava de sua visão sombria para saber que ele brincava com fios de maldição, manipulando os muitos cadáveres atualmente sob seu controle.

Quanto ele poderia gerenciar de uma vez? Havia pelo menos meia dúzia enviada para pegá-la e matar sua guardiã venatrix. Mas nada disso importava agora. O que importava era que sua atenção estava temporariamente desviada...

Ignorando os choques de dor em seu corpo, Ayleth se abaixou repentinamente, livrando-se dos ombros das mãos dos cadáveres e se virou. A agonia atingiu suas costelas, mas ela se balançou, cravando os dois punhos diretamente no coração do cadáver do velho. Não foi um golpe forte o suficiente para quebrar a maldição que prendia o cadáver em escravo, mas foi forte o suficiente para fazê-lo cair. Ela girou novamente, desta vez atingindo o cadáver do jovem na lateral do rosto, com força suficiente para fazê-lo girar.

Uma fração de segundo de decisão pairava diante dela, pular para a porta ou no bruxo?

Mas realmente não havia decisão. Não para Ayleth.

Ela saltou sobre o Cadáver, as mãos alcançando sua garganta. Algemada ou não, não importava. Ela iria agarrá-lo e segurá-lo até que ela o estrangulasse a perder o fôlego. Ela acabaria com este monstro, ela iria...

Seus pés se enraizaram no chão de terra dura.

Ayleth parou bruscamente, arregalando os olhos e olhando para as pernas. Sem os sentidos de sombra, ela não podia ver ou sentir uma maldição, mas de alguma forma ela sentia os fios se enrolando em suas pernas, estendendo-se entre ela e Gillotin.

Hollis a ensinou sobre os poderes do Bruxo Cadáver. Ele ganhou o título por causa de sua preferência por cadáveres, que ele achava mais fácil para seus poderes Anathema controlarem. Mas ele podia e, ocasionalmente, implantava maldições em hospedeiros vivos também.

Um grito de pura raiva cortou os dentes cerrados de Ayleth. Ela ergueu as mãos algemadas, desejando alcançar e estrangular seu captor. Mas ela não conseguiu dar um passo.

Ainda olhando para algum espaço distante, o Cadáver sorriu. Foi um sorriso lento, a princípio pouco mais do que uma leve contração no canto da

boca. Mas se estendeu para cobrir todo o rosto, revelando uma covinha profunda na bochecha. Lentamente, ele baixou os braços, largando os cadáveres por um momento, e se virou para Ayleth. Embora ele ficasse fora do alcance de seus braços, ela podia ver manchas em sua pele onde os efeitos venenosos da Floresta da Bruxa haviam influenciado seu corpo roubado. De alguma forma, ele havia escapado dos tumores que afligiam seus irmãos, deixando seu corpo hospedeiro ainda forte, ereto e belo. Mas enfraquecido. Definitivamente enfraquecido.

Se ela pudesse alcançá-lo, não precisaria da força de Laranta para acabar com ele. Ela poderia fazer isso sozinha.

Ele a olhou de cima a baixo, aquele sorriso horrível ainda no lugar. — Você é muito parecida com ela. — disse ele por fim. — Linda. E feroz. Se eu não soubesse melhor, eu confundiria você com ela à primeira vista.

O vômito se contorceu no estômago de Ayleth. Ela tossiu e depois cuspiu nos pés da bruxa.

Ele deu meio passo para trás, o sorriso desaparecendo de seus lábios, e uma sobrancelha subiu por sua testa, uma expressão tão parecida com a de Terryn que doeu ver. Ele virou a cabeça ligeiramente, como se para estudá-la de um ângulo diferente.

— Eu quero... — ele disse, sua voz profunda e rica e terrivelmente familiar. Ele balançou a cabeça, sua boca se curvando tristemente. — Eu quero tanto matar você. — Ele deu um passo mais perto e, mantendo um olhar cauteloso em suas mãos, estendeu a mão e acariciou sua bochecha suavemente com a ponta dos dedos.

Ayleth explodiu, tentando mordê-lo. Ela não foi rápida o suficiente. O Cadáver riu e se afastou vários passos para trás. — Talvez eu vá. — Ele meditou. — Eu vou sofrer por isso. Ela vai me destruir; ela vai me

condenar. Ela vai me dar uma dor além da resistência e, em seguida, explodir minha alma para os Assombrados. Mas se assim eu puder protegê-la... até de si mesma...

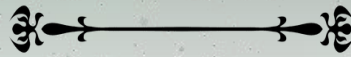
Ele se virou, os ombros pesados, a cabeça baixa de modo que uma cortina de seus longos cabelos negros caiu sobre seu ombro, escondendo seu rosto. Então ele o jogou para trás, sacudindo a cabeça e o cabelo como uma garota coquete. — Mas não. — Ele disse, seus dentes brilhando, não em um sorriso, mas em uma careta determinada. — Eu trabalhei tão duro para trazer minha deusa de volta que meu primeiro ato será desobedecê-la?

Ele estava falando sobre Odile? Ele deveria estar, mas não fazia sentido. Certamente Odile teria dado ordens para matar Ayleth imediatamente. Se Ayleth era de fato, de acordo com o funcionamento do Cravan Druch, a única que poderia matar seu corpo mortal, era do interesse de Odile ver sua única ameaça real condenada à morte. Então, por que ela ainda estava viva?

O Cadáver se afastou dela novamente, xingando violentamente. Ele marchou para a porta aberta e olhou para o campo brilhante além. Então, levantando a mão, ele acenou. As pernas de Ayleth se moveram contra sua vontade, seguindo-o. Os dois cadáveres caminharam um de cada lado dela, as cabeças pendendo, os membros cambaleando, as mãos agarrando seus cotovelos.

— *Laranta!* — Ayleth gritou dentro de sua cabeça, desesperada por encontrar algum tipo de poder.

O Cadáver parou. Ele não se virou, não olhou para ela. Mas sua voz era clara ao ar livre quando ele falou: — Se você alcançar sua sombra novamente, Venatrix, eu juro pelo sangue de minha deusa, vou arrancar seus braços de seus ombros e te libertar viva junto com seus tocos ensanguentados.



Voltei para o castra e logo depois fui enviada para servir em um bairro. Eu tinha irmãos caçadores e irmãs caçadoras, e cavalgávamos pelas trilhas do circuito, às vezes juntos, na maioria das vezes sozinhos. Enfrentei minha cota de monstros, grandes e pequenos, e cada um deles eu derrotei com precisão.

Mesmo assim, às vezes eu pensava na grã-Vanderiana e em suas palavras. Meu ardor deveria ser meu... mas o que isso poderia significar? Não poderia haver servo do santo mais fervoroso do que eu! Como todos os meus irmãos caçadores e irmãs caçadoras, persegui minha presa, fiz minhas orações e ofereci ações de graças à Deusa por cada alma salva. O que mais ela poderia querer de mim?

A pergunta me corroeu por dentro, mas não descobri nenhuma resposta.

Em dois anos, deixei meu primeiro distrito e mudei para um cargo melhor. Três anos depois, recebi um cargo na cidade de Heulon, caçando sombras nas ruas, nas favelas, nas vielas e nas sarjetas, ao mesmo tempo que me assegurava de que as sacerdotisas em sua cidadela sagrada fossem mantidas em segurança para viverem suas vidas puras de oração e piedade. Fiz tudo isso sem reclamar, sem questionar, e logo as sombras de Heulon sussurravam meu nome com pavor.

E ainda assim eu era indigna de usar a coroa? A coroa que, se eles me dessem, me permitiria salvar tantas vidas quanto as que eu massacrei?

CAPÍTULO 6

Eles dirigiram seus cavalos roubados com força pelo terreno acidentado, e Inren tentou não se permitir olhar para trás por cima do ombro. Ela tentou não se permitir procurar pelo brilho de um capuz vermelho ou o brilho de fechos de escorpião. Mas às vezes a tentação era maior do que ela podia resistir.

Gillotin havia feito seu trabalho? Ele os parou ou pelo menos os diminuiu? Em sua época ele era formidável, seu controle sobre seu Anathema inigualável entre os Diabos Carmesins, superando até mesmo as habilidades de Ylaire. Mas ele respirou muito oblivis ao longo dos anos. Ele não era mais o que tinha sido; nenhum deles era.

Enquanto Fendrel... ele ainda era o mesmo monstro endurecido de um homem. Ele orquestrou a queda de Odile mesmo quando ela estava mais forte.

Inren olhou para a pequena figura cavalgando à sua frente na sela. Odile estava fraca demais para cavalgar sozinha, então Inren a envolveu com os braços, segurando-a perto como se fosse uma criança. O fedor de carne podre queimada encheu suas narinas, mais de uma vez fazendo-a vomitar.

Seu coração afundou em desespero. Essa não era Odile. Essa coisa triste, quebrada e decadente. E, no entanto, que outra esperança eles tinham?

Inren não conseguia encontrar nenhuma resposta, então ela pressionou Odile mais perto e se curvou sobre a sela, incitando seu cavalo mais rápido ao longo da estrada na encosta. Bem no fundo de seu corpo hospedeiro, ela sentiu o espírito mortal de Fayline agitando-se, agarrando-se à desesperança de Inren e usando-a para se erguer, ansiosa para recuperar a ascensão.

Inren rosnou. O que quer que acontecesse, ela não se permitiria ser reprimida sob aquela criaturinha vaidosa, mesquinha e de coração partido novamente. Ela seria condenada primeiro!

Eles alcançaram o topo da colina, Inren primeiro, Zarc e Zilla atrás dela, e eles olharam para o vale onde Cró Ular estivera, guardando orgulhosamente a magnífica Estrada da Rainha. Odile não ergueu a cabeça, não olhou para as ruínas de sua outrora poderosa torre. Talvez ela tivesse desmaiado. Nesse caso, vou deixá-la descansar, decidiu Inren. Ela havia sofrido choques suficientes nas horas desde sua reanimação. Que ela fosse poupada deste.

Inren se virou na sela para examinar a trilha de volta novamente, esperando por algum sinal de Gillotin, temendo ver sinais de seus perseguidores. Mas a paisagem estava desolada e quieta.

— Vamos. — Zarc insistiu. — Não chegaremos a lugar nenhum perdendo tempo assim.

— Você tem certeza de que este é o curso certo? — Zilla interrompeu. Era estranho ouvir a Bruxa do Vento falar com uma voz tão frágil. Zilla sempre possuiu corpos jovens e fortes. Ela virou o rosto enrugado para Inren. — Eu não gosto disso. — Ela disse. — Levar nossa deusa para a Floresta da Bruxa. Você sabe o que isso fará com ela.

Inren estremeceu, mas endureceu o rosto. — O que você propõe então, Zilla? Você marchará para Dulimurian e buscará a coroa?

A bruxa baixou a cabeça. Ela sabia que era impossível; todos eles sabiam. Nenhum deles poderia tocar a coroa e sobreviver. Seus corpos hospedeiros se desintegrariam com o contato, e suas almas voariam gritando para os Assombrados.

Não. Não havia como trazer a coroa para Odile. Eles deveriam levar Odile para a coroa.

Então eles chutaram seus cavalos para frente e desceram para o vale. Enquanto passavam pelas paredes quebradas de Cró Ular, eles não pouparam mais do que um olhar. Era muito terrível pensar na batalha final travada ali. Dos amigos que perderam, das mortes que sofreram. Quando a Torre de Sangue e Olhos caiu, eles sabiam que o fim estava próximo.

Mas o fim não foi o fim, afinal. Talvez ainda possa ser um começo.

Inren liderou o caminho até os restos destruídos da Estrada da Rainha. As pedras do pavimento de oblidite haviam sumido, mas a cicatriz da estrada permanecia. Eles a seguiram para a floresta periférica. Em fila única, eles passaram sob o dossel de galhos despidos de inverno, cavalgando para o leste com os rostos na direção de Dulimurian distante.

Não muito à frente, a Grande Barreira fervilhava de poder. O coração de Inren estremeceu ao som da canção do feitiço ecoando por entre as árvores.

Um gemido a assustou, e ela olhou para baixo para ver a cabeça de Odile girar lentamente para frente e para trás. Outro gemido e sua cabeça se inclinou um pouco para cima. Uma de suas mãos emaciadas tremulou e segurou o braço de Inren. — O que... que...? — Sua voz torturada interrompeu as palavras.

— Minha Rainha. — Inren disse, tentando tornar sua voz calma. — Nós estamos levando você para sua cidade. Estamos levando você para a sua coroa.

— Minha estrada. — disse Odile. Então, em um gemido fraco. — Minha estrada!

No instante seguinte, ela escorregou para fora dos braços protetores de Inren, desceu da sela e desabou no chão marcado onde sua estrada deveria estar. Ela caiu, chorando, as mãos agarrando a terra.

Inren desmontou apressadamente. Zilla e Zarc fizeram o mesmo. Todos os três se reuniram em torno de sua rainha, nenhum deles falando, nenhum

sabendo o que dizer. Eles se lançam olhares incertos. O que alguém poderia fazer por uma deusa chorosa?

Os dedos de Odile, arranhando a terra, puxaram algo livre, uma lasca de rocha negra brilhante. Um fragmento de oblidite, Inren percebeu. A rainha o apertou contra o coração, balançando para frente e para trás. Seu choro diminuiu, substituído por respirações profundas e agonizantes. Seus pulmões trabalharam, um som doloroso para os ouvidos.

Mas...

Um pequeno redemoinho de escuridão girou para fora das mãos de Odile abrindo lentamente. A lasca de oblidite derreteu, tornando-se puro oblivis mais uma vez. A luz da sombra cintilou nos olhos de Odile, e ela abriu a boca, respirando o oblivis.

Inren piscou. Ela piscou novamente, certa de que seus olhos a enganaram. Uma mudança havia ocorrido em Odile. Sua pele, embora em carne viva e vermelha, não estava mais enegrecida e descascando. Seu pescoço também estava mais forte e sustentava sua cabeça sem esforço visível. Até seu cabelo estava mais grosso de alguma forma. Manchas de couro cabeludo careca ainda apareciam em alguns lugares, mas eram menores, menos perceptíveis.

Odile ficou parada, cambaleando. Sem dizer uma palavra ou procurar seus tenentes, ela avançou a pé pelo centro da estrada acidentada. Os bruxos trocaram olhares, então deixaram seus cavalos para trás para seguirem atrás de sua rainha, seguindo enquanto ela liderava. Eles passaram pela floresta periférica, cada passo os levando mais perto da Barreira. O zumbido do feitiço da música aumentou, crescendo em profundidade e complexidade até Inren senti-lo em seus próprios ossos. Ela estremeceu e seus pés hesitaram a cada passo. Mas Odile continuou em frente resolutamente.

Por fim, eles chegaram ao intervalo entre as árvores onde a floresta periférica se encolhia ante a Barreira e a Floresta da Bruxa esperando além. À vista sombria, os fios tecidos da magia Anathema destacaram-se brilhantes, vermelhos e em carne viva. Fendrel du Glaive era um verdadeiro mestre, apesar de suas limitações evanderianas.

— O que... o que é aquilo? — Odile disse, parando na orla da floresta.

— Quando você se foi... — disse Inren. — A coroa foi deixada para trás, fortalecida pelo feitiço que os evanderianos a alimentavam. Ela puxou oblivis dos Assombrados e criou esta floresta, que...

Odile levantou a mão silenciosa. — Silêncio... — ela respirou. — Estou ouvindo.

Inren fechou a boca. Ela, Zarc e Zilla observaram inquietos quando sua deusa saiu da floresta e se aproximou da Grande Barreira. Ela não estava mais instável em seus pés, mas parecia magra e frágil, parada ali à luz do sol de inverno. Seu corpo balançava suavemente enquanto ela cruzava a grama vazia e se aproximava do enorme feitiço da música. Virando a cabeça para um lado e para o outro em seu pescoço fino, ela examinou suas proporções.

De repente, ela estendeu as duas mãos e segurou os fios do feitiço. Eles brilharam com magia e cavaram em sua pele, tirando sangue.

— Minha rainha! — Inren engasgou. Ela e os outros dois bruxos se lançaram para frente, alcançando sua deusa. Mas antes que qualquer um deles pudesse tocá-la, Odile latiu: — Voltem! — Eles obedeceram imediatamente, encolhendo-se como cães de caça bem treinados. Inren observou com visão sombria e viu o espírito dentro de Odile sair de seu núcleo. Alcançar através dos fios do feitiço e entre na Floresta da Bruxa além.

Ela viu o oblivis responder ao chamado da sombra Elemental.

Ele se reuniu do outro lado da Barreira, uma névoa espessa de partículas brilhantes e escuras. Ele obedecia à sombra, assim como a sombra obedecia à Odile. O feitiço de barreira de Fendrel brilhou mais quente, mais feroz, tirando mais sangue das mãos agarradas de Odile. Nem uma vez a rainha vacilou.

A nuvem de oblivis se contorcia agora, cada vez mais fluindo para fora da floresta e se lançando na Barreira. Queria sua dona, queria responder a sua convocação. A barreira se dobrou, inchou. A pressão aumentou.

Inren olhou para Zarc e Zilla. Eles olharam para ela.

Então, movendo-se como um, eles se jogaram no chão aos pés de Odile.

E nem um momento cedo.

A Grande Barreira explodiu, uma explosão de fios mágicos rompidos. Depois de vinte anos de reforço, a canção do feitiço de Fendrel se quebrou e o oblivis surgiu, explodindo o mundo. A onda de escuridão fluiu sobre a cabeça de Inren. Ela não conseguia nem sentir medo. Toda a capacidade de sentir a abandonou; seus sentidos mortais estavam congelados. Sua sombra gritou e se abaixou dentro dela, e o outro espírito, a pequena parasita, se encolheu de terror nas profundezas de seu núcleo.

A onda atingiu o pico, quebrou e diminuiu. Com o alívio, veio um retorno da percepção, e Inren se viu deitada com o rosto no chão, as mãos sobre a cabeça, cada membro estremecendo. Com esforço, ela se apoiou nos cotovelos e olhou para trás por cima do ombro.

— Assombrados nos devorem! — Ela engasgou.

A floresta periférica se foi. Em seu lugar estava uma madeira petrificada de oblidite pura, congelada em uma quietude negra perfeita para sempre.

Ofegando, sufocando com o próprio coração batendo forte, Inren voltou seu olhar para a mulher de pé acima dela. Essa criatura frágil... Só que ela não era mais frágil. Seus braços estavam estendidos, fortes e dominadores. Sua

cabeça estava alta, seu cabelo preto espesso esvoaçante. Sua pele estava renovada: macia, flexível, brilhando com vitalidade e magia. Pequenos raios de escuridão dispararam de seus olhos, e sua boca abriu um sorriso terrível.

— Minha rainha. — Sussurrou Inren. — Minha deusa.

Odile soltou um gemido e caiu de joelhos. Seu cabelo escuro cobria seu rosto em uma cortina grossa, e ela se enrolou, os braços em volta do estômago.

Estrondo...

...estrondo...

...estrondo...

O chão sob suas mãos tremeu. Os olhos de Inren se arregalaram. Ela sabia o que era aquele som.

Floresta da Bruxa. Floresta da Bruxa estava acordado. Consciente.

Estava chegando.

Inren disparou, seus olhos arredondando enquanto observava as trepadeiras parasitas rastejando ao longo do solo, enrolando-se de tronco em tronco, enxameando pelos galhos. Uma massa escura de tentáculos retorcidos saiu do coração de Floresta da Bruxa, indo em direção à barreira quebrada e ao mundo que ela ansiava devorar.

— Minha rainha! — Inren gritou, agarrando-se às saias rasgadas de Odile. — Minha Rainha, minha Rainha, nos ajude!

Odile não se moveu nem falou. Ela permaneceu em sua posição caída, os braços apertados como se tentasse evitar que se partisse em duas.

— Rápido! — exclamou Zilla, pondo-se de pé ao lado de Inren. — Devemos protegê-la!

Zarc se endireitou também, e a Bruxa do Vento e o Bruxo da Tempestade tomaram posições na frente de Odile. No momento em que as videiras se derramavam no espaço claro entre Floresta da Bruxa e a floresta petrificada,

uma grande rajada de vento os estrangulou, empurrando-os para trás. Os cabelos da nuca de Inren se arrepiaram e, no instante seguinte, um raio caiu a menos de três metros de distância. As videiras chiavam, outras recuavam, assobiando baixinho.

A bruxa do vento, com seus velhos braços frágeis bem abertos, gritou uma ordem. Sua magia Elemental surgiu através de seu corpo magro hospedeiro, e outro vendaval surgiu, arrancando vinhas por suas raízes.

Mas desta vez várias vinhas conseguiram passar pela explosão, deslizando pelo chão para enrolar as pernas de Zarc e puxá-lo do chão. Com um grito de surpresa, o Bruxo da Tempestade atingiu o chão e foi arrastado para a massa se contorcendo. Ele desapareceu apenas para reaparecer um momento depois, bem alto sobre suas cabeças. Ele gritou de novo, desta vez de dor, enquanto mais trepadeiras o pegavam pelos braços, envolvendo seu pescoço, seu torso.

— Zarc! — Zilla gritou e enviou uma rajada de vento cortante. As videiras quebraram e caíram, mas outras tomaram seus lugares. Os gritos de Zarc se intensificaram, então cessaram abruptamente.

Sangue choveu do céu.

— Não! — Zilla gritou. Suas mãos se moveram, a magia girando em seu comando, e os ventos se juntaram ao seu redor, agitando o ar e o solo em um violento tornado de destruição. Quando ela estendeu os braços como se estivesse lançando um míssil, uma rajada de vento afunilou-se dela e atingiu Floresta da Bruxa, destruindo árvores, vinhas e solo.

Mas o oblivis girou para cima, pego pelos ventos, e sufocou a magia Elemental. Zilla cambaleou, seus feitiços quebrando. As vinhas da Floresta da Bruxa se reuniram, enxamearam, preparadas para descer sobre ela, para rasgar seu membro por membro como tinham rasgado seu irmão.

Inren pegou uma âncora de maldição. Era hora de sair daqui, hora de levar Odile e...

Uma mão se fechou sobre seu pulso. — Não.

Inren ergueu os olhos. Os olhos de Odile queimaram os dela, fogo negro turvando em suas profundezas.

— Não. — Sua deusa disse, levantando-se. — Nós não fugimos. — Com três passos largos, ela se colocou entre Zilla e as vinhas de Floresta da Bruxa. As vinhas atacaram para pegá-la, mas Odile ergueu uma das mãos. Sua sombra explodiu de dentro dela, a magia transbordando, e o oblivis no ar respondeu ao seu comando. Ele girou em cem milhões de partículas cintilantes, uma parede impenetrável.

A Floresta da Bruxa parou. As videiras pareciam assobiar e chiar enquanto se afastavam.

— Oromor.

A voz de Odile era suave, mas parecia trovejar naquela atmosfera. A Floresta da Bruxa ficou tensa com o som.

— Estou indo atrás de você, Oromor.

As vinhas estremeceram. Então, tão repentinamente quanto apareceram, elas escorregaram em retirada, correndo de volta por entre as árvores, correndo pelo chão, passando por entre os galhos, recuando cada vez mais. Logo a floresta estava vazia. Inren podia até ver pedaços de céu através da copa.

Outra coisa também se tornou visível. Inren engasgou, pega completamente de surpresa. A Estrada da Rainha! Ainda estava lá, suas poderosas pedras de pavimentação de oblidite brilhando. Ela conduzia direto através da Floresta da Bruxa, mergulhando por quilômetros. Se elas tivessem

sorte, se sua deusa fosse realmente o que elas esperavam que ela poderia ser, aquela estrada os levaria até Dulimurian.

Odile não se virou para olhar para suas duas tenentes restantes. No momento em que a estrada foi revelada, ela começou a se mover, descendo seu centro para a Floresta da Bruxa. Destemida e feroz. Uma verdadeira rainha que voltava ao seu reino.

Inren se levantou. Ela se virou para Zilla, que estava ajoelhada no chão, soluçando. — A alma dele! — o Bruxa do Vento sufocou. — A alma dele! A alma dele! Eu não vi sua alma! Para onde foi? Onde está a alma do meu irmão?

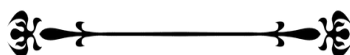
— Controle-se. — Inren rosnou. Ela agarrou o braço esquelético de sua irmã bruxa e a pôs de pé. — Zarc encontrará um novo hospedeiro. E se não, ele serviu ao seu propósito. Agora você deve servir ao seu. — Ela agarrou os ombros de Zilla com força. — Volte para Cró Ular. Espere lá por Gillotin. Se ele não impediu Fendrel du Glaive, você mesmo deve matá-lo.

Zilla enxugou o rosto com as mãos e acenou com a cabeça, a luz da sombra cintilando em seus olhos. — Proteja nossa rainha, Inren. — ela disse, sua voz trêmula. — Proteja-a bem.

— Com a minha vida. — respondeu Inren.

Com sua promessa ainda ecoando em seus ouvidos, Inren se virou e apressou-se pela estrada larga atrás de Odile. No momento, a alma parasita dentro dela estava quieta. No momento, a própria Floresta da Bruxa estava em retirada.

No momento, Inren se permitiu ter esperança.



Chegou ao meu castra a notícia de uma infestação nas montanhas Skada. Dizia-se que homens e mulheres tomados pela sombra se reuniram em um vale escondido, estabeleceram uma colônia e começaram a procriar, propagando filhos inatos e criando-os em seus poderes profanos. Naquela época, esses rumores não eram incomuns, e a Ordem sempre foi rápida para investigar e, quando necessário, eliminar essas colônias infames.

Fui convocada para participar desta caçada em particular, chamada das ruas de Heulon e enviada com uma companhia de irmãos e irmãs de caçada através de Perrinion e para as montanhas. A essa altura, pensei que havia endurecido meu coração para tudo o que minha Ordem exigia de mim.

Mas a verdade era... Eu ainda não participara do ritual de purificação de uma alma inata. Até agora, todos os inatos que encontrei eram adultos ou animais e, em tais casos, não nos importamos em separar suas almas, mas simplesmente banimos os humanos conjugados e os espíritos das sombras para os Assombrados juntos. As crianças, no entanto, não mereciam tal destino e, portanto, deveriam ser salvas.

A perspectiva era sombria. Eu me perguntei se eu teria estômago para isso.

O pensamento surgiu no fundo da minha mente: este era o teste final? Era esse o momento em que provava meu ardor? Será que depois desta missão, o Conselho de Agla me receberia novamente e veria diante deles alguém digna de seu grande tesouro?

CAPÍTULO 7

Cerine estava deitada com os olhos abertos, acordada, mas não totalmente consciente. Ela estava ciente de um travesseiro macio sob sua cabeça, ciente de um cobertor leve jogado sobre seu corpo. Ela estava ciente de um peso profundo e duradouro em cada membro, como uma paralisia. Mas esta não era uma verdadeira paralisia. Ela poderia se mover se quisesse. Se ela pudesse convocar vontade.

Como ela acabou deitada nesta cama? Em sua mente se escondiam vagas lembranças, mais como impressões, de braços fortes carregando-a, de mãos gentis acariciando o sangue de seu rosto e puxando um cobertor até o peito. Porém, mais do que isso, ela não conseguia adivinhar.

Ela fechou os olhos. Mas o espaço dentro de sua cabeça estava cheio de imagens violentas que pareciam mais pesadelos do que realidade. Ela viu seus braços quebrando diante de seus olhos e se transformando em apêndices hediondos e com muitas articulações. Ela viu Gerard olhando para ela em puro horror, um braço levantado para se defender. Ela se lembrou da terrível compulsão de despedaçá-lo percorrendo cada veia de seu corpo.

Uma vozinha vibrou no limite de sua consciência. *Ajude-nos! Ajude-nos!* Como uma respiração fantasmagórica, roçou sua orelha. Então se foi.

Estremecendo, Cerine balançou a cabeça, os olhos ainda fechados. Onde estava Gerard? Ele ainda estava vivo? Ela não o matou... ou ela tinha? Ela sentiu novamente a dor horrível do dedo de Ylaire cavando em seu rosto, plantando seu sigilo profundamente, onde não seria visto. Ela se lembrou de

como Inren, ainda com o rosto de Liselle, forçou algo em sua boca, fechando a mandíbula e segurando o nariz até que ela tivesse que engolir ou sufocar.

Por que ela não lutou com mais força? Por que ela não as obrigou, no mínimo, a matá-la em vez de obedecer? Seu estômago e garganta doíam, queimando com os efeitos colaterais da magia que ela havia vomitado na noite anterior.

A vibração suave voltou novamente, perto de sua orelha. *Ajude-nos! Ajude-nos!* sussurrou. Então, mais uma vez, se foi.

Cerine franziu a testa. Aproveitando a força que possuía, ela virou a cabeça no travesseiro, seu olhar procurando o quarto. Tudo estava escuro, as tapeçarias puxadas sobre as janelas. Ela não poderia ter dito a que horas do dia era, se não fosse pela fenda de luz que entrava por uma janela e subia por uma parede. A tapeçaria sobre a janela moveu-se suavemente. Um som de asas batendo moveu-se perto de seu topo. Um pássaro?

Ajude-nos! Ajude-nos!

Embora um momento antes ela se sentisse muito sem vida para se mover, Cerine sentou-se. Ela não poderia ter imaginado aquela voz. Era muito real, muito desesperada. Muito estranha. Ela balançou as pernas para fora da cama, deixando o cobertor macio cair em uma poça no chão. Seus pés descalços encolheram-se contra o piso frio enquanto ela se levantava, andava pelo quarto e olhava para a coisa sombria que se jogava contra a tapeçaria.

Era um pássaro. Ou como um pássaro, mas não exatamente. Mesmo à meia-luz, Cerine percebeu imediatamente que era mais sombra do que substância. Ela podia ver o padrão da tapeçaria através de seu corpo. Talvez ela estivesse sonhando.

Ajude-nos! Ajude-nos!

— Quem é você? — Cerine perguntou suavemente.

A criaturinha virou seu rosto bicudo para ela. Como se sua visão de repente clareasse na escuridão, ela viu que era muito menos semelhante a um pássaro do que ela pensara a princípio. As asas pareciam mais com barbatanas de peixes arrastando-se, e a cauda, dividida como a de uma andorinha, era vaporosa.

— *Eu sou Hrelele.* — A coisa cantou para ela, sua voz como uma centena de minúsculos sinos de prata, todos tocados em perfeita harmonia. — *Estamos assustados. Ajude-nos! Ajude-nos!*

— Como posso ajudá-la? — Cerine perguntou. Sem esperar por uma resposta, ela estendeu a mão e empurrou a tapeçaria para o lado, depois abriu a janela, pensando que talvez o pássaro quisesse fugir para o céu aberto. Mas, mesmo quando o vidro se abriu, o pequeno ser, em vez de voar livremente, desceu e pousou em seu pulso. Ela podia vê-lo sentado ali, suas garras delicadas pressionando em sua pele. Mas ela não sentiu nada.

— *Eu estava livre de meu anfitrião.* — disse ele, olhando para ela com olhos brilhantes e sinceros. — *Violentemente liberado. Eu estava com medo. Os Assombrados iriam me reivindicar. Eu não posso voltar para os Assombrados! Procurei um hospedeiro para me abrigar.*

— Quem? — Cerine perguntou. — Quem você encontrou?

Mas o pássaro tremia todo, suas asas sombrias vibrando no ar. — *Meu hospedeiro está em perigo! Os caçadores, eles estão nos cercando. Eles vão matar nossos hospedeiros e levar nossas almas para os Assombrados. Você deve ajudar! Ajude-nos! Ajude!*

A voz quebrou em uma linguagem de pura canção sem palavras, mas com um significado convincente que atingiu o coração de Cerine. Assustada, ela tirou o pássaro do pulso. Abriu as asas e voou direto para o rosto dela...

Ela abriu os olhos.

Ela se deitou na cama, olhando para o dossel bordado, um cobertor leve estendido sobre seu corpo.

Foi um sonho?

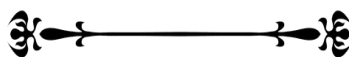
Cerine piscou várias vezes. Então ela gemeu e levou as mãos ao rosto, cutucando o queixo, as maçãs do rosto, o nariz. Ela sentiu todos os lugares onde seus ossos haviam se quebrado e se recomposto na noite anterior, quando a maldição da Bruxa do Ardor fez efeito.

Tudo estava mortalmente silencioso. O quarto, o corredor além de sua porta. Toda Dunloch parecia aprisionada na quietude. Então, como se ecoasse de longe... — *Ajude-nos!*

Cerine saltou de pé, o coração batendo forte na garganta. — A sombra. — Ela murmurou quando a compreensão surgiu. O castelo foi atacado ontem à noite. Bruxas e evanderianos morreram e suas sombras foram violentamente libertas. Elas poderiam ter possuído qualquer um. Qualquer um!

No momento seguinte, ela estava fora da cama e correndo para a porta. Ela caiu contra ela, sua respiração apertada em seus pulmões. Ela estava trancada? Ela tentou a trava.

Cedeu ao seu toque. A porta dela se abriu.



Procuramos nas montanhas Skada por três meses, vivendo como feras em uma terra selvagem. E, no entanto, não encontramos nenhum sinal em todo aquele tempo de uma colônia levada à sombra. Começamos a duvidar que esses rumores em particular fossem verdadeiros, e vários membros da minha companhia insistiram que voltássemos para casa.

Não suportaria voltar sem sucesso. Algo me disse, algum instinto de caça, que cresceu dentro de mim ao longo dos anos, que estávamos próximos. Era como se uma cortina tivesse se fechado sobre nossos sentidos, obscurecendo nossa capacidade de ver nossa presa.

Mas eles estavam perto... tão perto...

CAPÍTULO 8

Embora ela tivesse passado as últimas seis semanas percorrendo as trilhas do circuito em Wodechran Borough, Ayleth não reconheceu nenhuma das terras que o Bruxo Cadáver agora a conduzia. Eram colinas, encostas, pequenos vales e mais colinas. Eles não encontraram ninguém, homem ou animal. Os únicos pássaros que Ayleth avistou foram abutres girando no alto em círculos lentos e preguiçosos, as asas nunca batendo. Eles estavam apenas interessados na carniça ambulante lá embaixo, espalhada em formação atrás do Bruxo Cadáver? Ou eles também estavam mortos, sendo usados pelo bruxo para vigiar o campo do alto?

A única coisa que ela sabia com certeza era que eles estavam indo para o leste. Em direção a Floresta da Bruxa. Para um encontro com Terrível Odile e seus Diabos Carmesins restantes, sem dúvida.

O Cadáver caminhava dez passos à frente dela. Sua atenção estava estendida para longe, ela adivinhou, enquanto ele se esforçava para controlar e manipular seus cadáveres de fantoches enquanto ele próprio estava em movimento. Quantos ele poderia manter enquanto em movimento assim? Pelo que ela sabia, ele ainda poderia estar lutando contra Fendrel e os outros a um ou dois vales de distância.

Ou ele pode já tê-los matado.

Ayleth observou as costas de seu captor, observou o balanço de seus longos cabelos negros sobre os ombros. Ela não podia contar com Fendrel para vir em seu resgate. Ela tinha que assumir que eles tinham perdido seu rastro e ela estava sozinha. Mas não importava. Ela forçou seus lábios apertados em

um sorriso. Seu objetivo era encontrar e matar Terrível Odile, não era? O que significava que ela estava indo na direção certa.

Algo caiu pesadamente no chão. Assustada, Ayleth se virou e viu um abutre esparramado a menos de seis metros de distância com uma flecha atravessada no coração. Mesmo sem seus sentidos de sombra, ela sentiu a pontada estranha e azeda no ar dos fios de maldição se rompendo.

O Cadáver soltou um grito assustado e parou de repente. Seus dedos ficaram tensos, fechando-se lentamente em punhos. De um lado, Ayleth viu movimento. Cadáveres apareceram, muitos deles, mais do que ela pensava ser possível, aparecendo de repente. Todos eles se viraram na direção de onde a flecha havia sido disparada.

Um deles caiu. Ayleth viu outra flecha de escorpião vibrando de sua marca.

— Assombrados maldito! — o Cadáver rosou. Ele se virou, sua atenção focada em seus soldados, naquela linha de defesa. Outro cadáver caiu, depois um terceiro. Gillotin fez um gesto e as figuras se dispersaram, avançando em um ataque silencioso em direção a seus atacantes, que ainda estavam escondidos em um bosque de abetos.

Ayleth vislumbrou um lampejo vermelho. Afinal, os evanderianos haviam vindo em seu socorro?

Outra flecha voou pelo ar, zunindo apenas passando por sua bochecha. Atingiu o cadáver que segurava o braço direito de Ayleth. O homem morto caiu de uma vez, a maldição implantada quebrada.

— Corra! — A voz profunda do Bruxo Cadáver rugiu nos ouvidos de Ayleth.

Suas pernas responderam antes que ela pudesse pensar, agindo no impulso de seu controle. Mas ele escolheu mal sua rota para a corrida dela. Ela

a mandou correndo direto para ele, com a intenção de fazê-la passar por ele para que ele pudesse ficar entre ela e aqueles que tinham vindo para tirá-la dele. Mas com essa escolha, ele a enviou correndo ao alcance de seu braço.

Ayleth estendeu as duas mãos e, investindo com a metade superior de seu corpo, que ainda lhe pertencia, passou os braços sobre a cabeça do bruxo. Ela tinha a corrente de ferro de suas algemas cravada em sua garganta antes que ele pudesse piscar, e o arrancou do chão.

O peso dele a derrubou, e os dois rolaram na terra. Ela podia sentir os fios da maldição rosnando quando sua concentração foi quebrada tanto por sua surpresa quanto pelo ferro rasgando sua pele.

— *Laranta!* — Ela gritou dentro de sua cabeça.

Sua sombra respondeu imediatamente, saltando para frente e se jogando contra o veneno de ferro que a prendia. Ela não podia dar muito, mas deu tudo que podia, e Ayleth sentiu uma fração de sua força de sombra fluir por suas veias. Foi o suficiente, tudo que ela precisava para se segurar.

O Cadáver saiu em cima dela quando eles pararam de rolar, seu corpo enorme e musculoso esmagando suas costelas quebradas. Ele se debateu, golpeando com os cotovelos, e ela gritou de dor quando ele cravou as costelas. Mas ela não o soltou.

O ferro o machucou; ela sentiu a magia dentro dele vibrar em reação a isso. Seu domínio sobre ela vacilou, e suas pernas eram, pelo menos momentaneamente, suas. Ela as envolveu em torno de seu corpo, apertando com mais força.

O Cadáver ergueu uma das mãos. Sua visão sombria parcialmente restaurada, ela a viu brilhar com a luz vermelha Anathema. Ele torceu o pulso como se puxasse os cordões.

Duas formas escuras mergulharam do céu, abutres mortos, mergulhando direto em seu rosto com suas garras e bicos. Ayleth rolou, puxando Gillotin com ela, usando-o como escudo contra o ataque dos abutres. Eles rasgaram suas costas e pescoço. Uma garra cortou a pele ao longo de uma bochecha. Ela tentou continuar rolando, mas seu corpo ficou preso em uma depressão na paisagem.

O Bruxo Cadáver segurou suas mãos, de alguma forma puxou seus braços para cima e escorregou para fora de seu alcance. Sua garganta estava em carne viva, vermelha e machucada por causa do ferro, mas ele se arrastou para longe e se levantou. Ela se lançou para agarrar seu pé, mas outro abutre a atacou. Ela o agarrou pelo pescoço e jogou o pássaro no chão, quebrando seu pescoço. Não parou. A maldição ainda o controlava, e ele tentou rasgá-la com suas garras.

Mãos frias e mortas a pegaram pelos cabelos da nuca e a colocaram de pé. Braços longos envolveram seu pescoço e apertaram. Ayleth, com os olhos esbugalhados, encarou o Bruxo Cadáver de pé a apenas alguns passos de distância, controlando o morto que a segurava. Vendo assassinato em seus olhos, ela sabia que, independentemente do comando de sua deusa, ele iria matá-la.

Um dardo zuniu no ar e se plantou no tecido amontoado da capa presa a seu ombro esquerdo, onde não alcançou sua pele, um centímetro ou dois para a direita, e a teria perfurado.

Ainda indefesa nas garras estranguladoras do cadáver, Ayleth se esforçou para ver de onde o dardo tinha vindo. Com o canto do olho, ela avistou Kephan na encosta da inclinação mais próxima no momento em que ele atirou um segundo dardo em seu escorpião, mirou e atirou.

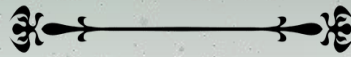
Aquele dardo errou por pouco a bochecha do Bruxo Cadáver. No último segundo, ele girou e correu, agitando os braços em gestos selvagens enquanto avançava. Uma dúzia de cadáveres caiu da encosta, caindo uns sobre os outros, mas ainda se movendo sob o controle de seu mestre, cobrindo sua retirada. Kephan deu outro tiro, e mais dardos seguiram logo depois, quando outros evanderianos apareceram no topo da encosta. Muitos deles atingiram os homens e mulheres mortos, sem produzir nenhum efeito.

O Cadáver alcançou o topo da encosta e desapareceu pelo outro lado. Mas, em vez de segui-lo, seus cadáveres se viraram e foram direto para Ayleth.

Ela conseguiu levantar as mãos algemadas o suficiente para arrancar o braço que a estrangulava e respirou fundo. Mas enquanto Laranta lutava contra a restrição do ferro, a força da sombra nos membros de Ayleth vacilou. — *Laranta! Mais!* — Ela gritou dentro de sua cabeça. Ela sentiu sua sombra de lobo arremessar para frente, jogando-se na barreira de ferro. Mas Laranta já havia dado muito, o ferro torturava sua substância espiritual com tanta crueldade que ela caiu para trás, indefesa, choramingando.

À medida que os outros cadáveres se aproximavam, Ayleth não conseguia mais ver Kephan ou os capuzes vermelhos dos outros evanderianos. Ao seu redor havia apenas rostos mortos, línguas inchadas, cabeças caídas e pés trôpegos. Ayleth encarou uma garota de não mais de dezesseis anos, com feições arredondadas, suaves e cabelos dourados ainda bem presos em tranças penduradas sobre cada ombro. O sangue da ferida mortal já havia secado em seu pescoço, e ela estendeu os dedos curvados como garras para arrancar o coração de Ayleth.

A escuridão invadiu os limites da visão de Ayleth quando ela caiu de joelhos, derrotada. Os mortos se amontoaram em cima dela.



Um dia frio, com um vento forte soprando da montanha e jogando chuva em nossos rostos, avançamos um pouco mais naquela cortina obscurecida do que antes, e de repente estávamos cercados. Criaturas com máscaras horríveis surgiram das rochas como se tivessem surgido repentinamente. A magia explodiu de suas almas em ondas mortais.

Nossas sombras estavam suprimidas profundamente para lutar com eficiência. Quatro de meus irmãos morreram em poucos instantes, suas sombras violentamente expulsas de seus corpos, suas almas deixadas para desvanecer-se em nada.

CAPÍTULO 9

Gerard caiu com força, sacudindo seus ossos apesar de sua tentativa de rolar com o impacto. Segurando um cobertor com as duas mãos, ele se deitou por um momento de costas, olhando para a parede de pedra que acabara de descer, observando o resto de sua corda improvisada de cobertores e cortinas balançando com a brisa. Um desses nós havia falhado com seu peso.

A cabeça de Nilly du Bucheron apareceu na janela de seu escritório, piscando para ele. Ele acenou para sinalizar que estava bem, então fez um movimento brusco e acenando. A menina desapareceu. Um momento depois, a metade superior da corda sacudiu, girou e finalmente caiu em uma massa enrolada no chão ao lado dele. Nilly olhou para fora novamente, o cabelo louro fino flutuando sobre o rosto pequeno.

Gerard se levantou e localizou a espada e a bainha que havia jogado antes de sua escalada. Colocando-as nas costas, ele olhou para a janela e acenou novamente, desta vez apontando para Nilly de volta ao escritório. Ele juntou a “corda” em um grande pacote, tentando não notar quantos nós quase se desfizeram. Assombrados, ele nunca deveria ter confiado seu peso em uma coisa tão frágil!

Mas, novamente, o que ele tinha a temer? Ele tinha visto seu futuro. Ele sabia que não morreria caindo de uma janela.

Depois de empurrar a corda improvisada atrás de um muro de contenção baixo onde não seria facilmente identificada do próprio castelo, Gerard olhou para cima uma última vez. Nilly havia fechado a janela, mas ele ainda podia

discernir seu rosto pálido através dos painéis de diamante. Ele ofereceu um sorriso apressado e tranquilizador.

Parecia errado deixá-la para trás assim. Fendrel havia deixado pelo menos dois venadores em Dunloch, e eles estariam caçando seres tomados pela sombra. Mas ele não poderia levar uma criança com ele. Não para a Floresta da Bruxa.

Esgueirando-se ao longo da margem do lago atrás de paredes de contenção e arbustos, esperando desesperadamente que ninguém olhasse por uma daquelas dezenas de janelas no momento errado, Gerard contornou a borda da ilha, fazendo seu caminho para um certo lugar na costa norte.

Estava estranhamente silencioso perto do lago. O vento gelado cortou o tecido e a pele até os ossos, entorpecendo os sentidos para qualquer coisa que não fosse o frio. De vez em quando, ele pensava ter ouvido um grito de dentro do castelo. Mas quando ele olhou para cima, apenas as paredes de pedra impenetráveis olharam para trás. As janelas refletiam o céu da manhã, sem revelar nada.

Gerard praguejou e seguiu em frente. Ele não conseguia parar agora. A Deusa deu a ele uma missão, e ele deveria cumpri-la, aconteça o que acontecer. Sem hesitação. Sem covardia. Não se esconder atrás das chamadas responsabilidades.

Ele encontrou o barco a remo atracado em um pequeno cais e empurrou-o para o lago gelado, quebrando uma fina camada de gelo. Uma vez fora da água, ele poderia ser facilmente visto das janelas do andar superior, sem mencionar as torres. A qualquer momento ele esperava ver os Capuzes Vermelhos aparecerem ou seus próprios guardas uniformizados enxamearem pela porta da cozinha para persegui-lo. Mas ninguém apareceu.

Em parte através do lago, ele se lembrou da barreira mágica que Fendrel e Terryn levantaram ao redor de Dunloch. Sem sentidos de sombra, Gerard não poderia detectar magia, mas ele sabia muito bem que a barreira, se ainda estivesse presente, impediria sua passagem. Ele ficava olhando nervoso por cima do ombro, esperando, a cada puxada dos remos, se chocar contra uma parede invisível.

Mas ele alcançou a outra margem do Loch du Nóiv sem incidentes, e logo a proa de seu pequeno barco esmagou pedras e gelo. Ele se levantou, os braços estendidos para se equilibrar, e saltou da proa para a grama morta. Depois de arrastar o barco para a praia, ele correu para o abrigo das árvores.

Lá ele fez uma pausa para respirar, olhando para Dunloch. O castelo parecia tão pequeno, calmo e imponente em sua ilha sob o sol de inverno. Quem poderia adivinhar que turbulência ocorreu dentro daquelas paredes de pedra?

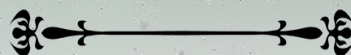
Uma pontada atingiu seu coração. Ele estava abandonando seu povo. Para uma missão desesperada, inspirada pela visão de uma criança tomada pela sombra. Ele não tinha nenhum cavalo, nenhuma arma além de sua espada, e ele não carregava suprimentos. Ele nem sabia o caminho para Dulimurian, apenas que era através da impenetrável e inescapável Floresta da Bruxa. Esta missão era suicídio.

Seu olhar demorou mais um momento, procurando por uma janela específica na ala oeste, atrás da qual ele sabia que uma jovem pálida jazia em estupor. Ele não disse adeus.

Agora era tarde demais.

Ele deu as costas a Dunloch e direcionou o rosto para o leste. Para a Floresta da Bruxa. Para Dulimurian.

Até o fim.



Cerine não encontrou ninguém ao rastejar ao longo das passagens da ala oeste, não ouviu nenhum som de vida ou agitação atrás das portas fechadas. Ela parou na porta do escritório do príncipe e até moveu a mão em direção ao trinco. Mas ela não tinha coragem de tocá-lo. Além disso, Gerard não estaria lá. Agora não. Não com uma sombra solta em Dunloch.

Mas onde ele estava?

Ajude-nos! Ajude-nos!

Agarrando a saia com as duas mãos, ela se apressou pelo corredor, indo para a galeria com vista para o Salão Principal. Quanto mais ela ia, mais vozes ouvia, sempre distantes, ecoando por muitas paredes e portas. Sempre assustadas. As bruxas ainda estavam no castelo? Ou elas conseguiram o que vieram buscar e fugiram? Ela não tinha como saber.

A passagem se abriu e ela viu o corrimão da galeria à frente. Sons de vozes murmurantes e passos agitados alcançaram seus ouvidos. Ela sabia antes de olhar que as pessoas estavam reunidas no Salão Principal abaixo.

Tomando cuidado para não ser vista, ela se esgueirou por trás de um dos pilares de suporte e olhou para baixo. Um pequeno silvo escapou de seus lábios. Eram tantos! Empregados domésticos, alguns de uniforme, outros ainda em suas roupas de dormir. Havia dois ajudantes de estábulo de aparência áspera e um menino pajem. Havia guardas, uma dúzia deles armados, mas outros que estavam sem as armaduras e vestiam apenas a túnica de baixo do uniforme, parecendo inquietos.

Mas o olhar de Cerine passou por tudo isso para pousar em um rosto familiar. No centro da reunião estava sua amiga e irmã Siveline, Ducette, usando o capuz azul-celeste de sua Sagrada Ordem. Suas mãos estavam unidas em oração, seus olhos fechados, seus lábios se movendo. Sobre sua cabeça alguma coisa... algo cintilou. Cerine franziu a testa, sem saber o que viu. Uma pequena sombra com asas. E então se foi.

A maior parte da reunião ficou de costas contra a parede sul, de frente para a linha de guardas do castelo e suas lanças abaixadas. Eles eram todos prisioneiros? Tomado pela sombra? Certamente nem todas essas pessoas poderiam ter sido possuídas na noite passada!

Um lampejo vermelho chamou a atenção de Cerine. Um venador entrou em sua linha de visão. Por um momento, ela esperou que fosse Terryn du Balafre, amigo de Gerard. Mas não, ela não conhecia aquele jovem com sua barba castanha rala e ombros curvados. Seu rosto estava pálido, brilhando de suor, e seu braço direito pendia flácido de seu ombro. Quebrado, percebeu Cerine. A julgar pela expressão sombria em seu rosto, ele estava com muita dor. Ele caminhou para cima e para baixo na fila de pessoas, estudando-as de perto. Mas ele não fez nenhum movimento para os venenos enfiados em seu peito.

Devem ser os de olhos rasgados, Cerine adivinhou, pessoas suscetíveis à possessão, mas não necessariamente possuídas. Quando as sombras violentamente liberadas explodiam de seus hospedeiros mortos durante a noite, elas teriam procurado os corpos disponíveis mais próximos e mergulhado bem no fundo. A maioria dos hospedeiros recém-adquiridos não começava a manifestar sinais de posse por dias ou mesmo semanas. Demorava para uma sombra segurar seu hospedeiro, para se sentir segura o suficiente

para começar a subir para a ascensão. Qualquer uma das pessoas abaixo poderia estar possuída.

O olhar de Cerine se demorou em Ducette novamente. A pobre garota estava tentando ser corajosa, tentando se manter firme, mas Cerine viu as lágrimas escorrendo pelos cantos de seus olhos fechados. Ela acreditava que tinha sido levada? Ela suspeitava? Ela...

Ajude-nos!

O coração de Cerine deu um salto. Ela se agarrou ao pilar como se quisesse se manter de pé. Aquela voz... vinha direto de dentro de Ducette, mas não era a voz de Ducette e não falava com a boca de Ducette. Era uma voz estranha, musical, de outro mundo.

— Hrelele. — Sussurrou Cerine. Ela tinha que fazer algo. Mas o que ela poderia fazer? Como ela poderia ajudar?

— Último. Encontrei-o escondido na despensa.

Uma venatrix apareceu abaixo, arrastando uma pessoa miserável pelo colarinho. Cerine levou um segundo e até um terceiro olhar antes de reconhecer o chanceler Yves, suas belas vestes de veludo manchadas e rasgadas. O pobre homem cuspiu uma torrente de protestos, declarando que ele vinha de uma longa e orgulhosa família de não nascidos, que ele não poderia estar possuído, que...

— Silêncio. — A venatrix rosnou. Depois de empurrá-lo entre os outros ao longo da parede, ela assumiu uma postura de pernas largas ao lado de seu companheiro evanderiano. Do ângulo acima, Cerine viu queimaduras terríveis na cabeça da mulher, que desciam pelo lado do rosto e pescoço. Queimaduras recentes em um padrão respingado, como gotas de água. Ela deve ter sido pega pela chuva ácida do Bruxo da Tempestade.

Onde estavam os outros Capuzes Vermelhos? Ayleth, Terryn e o irmão do rei, Fendrel du Glaive? Por que esses dois evanderianos não estavam sendo tratados por seus ferimentos? Eles eram os únicos que ainda estavam vivos? O resto tinha sido massacrado pelos Diabos Carmesins na noite anterior?

Ajude-nos! – a voz sombria choramingou em sua mente.

– Aquela. – A venatrix latiu, sua voz ecoando no teto alto do corredor. Dois dos guardas armados avançaram e agarraram uma criada trêmula de rosto quadrado, arrastando-a de joelhos diante da venatrix. Movendo-se com hábil experiência, a venatrix ergueu um pequeno frasco de prata, desatarraxando a tampa. Ela tirou algo do frasco, algo pequeno demais para Cerine ver. – Mantenha-a quieta. – Ela ordenou, e os guardas agarraram a cabeça da empregada. A pobre garota choramingou um protesto, então gritou quando a venatrix fez algo em seus olhos, algo rápido demais para Cerine ver.

A venatrix recuou até uma pequena mesa que Cerine não havia notado antes. De costas para os cativos ao longo da parede, ela executou alguma alquimia ou magia, misturando diferentes fluidos em pequenas tigelas de vidro e garrafas finas. Por fim, ela recuou e, olhando para a criada, acenou com o braço.

– Ela está sozinha. – disse ela. – Próximo.

A empregada ofegou uma torrente de orações de agradecimento, apertando e soltando as mãos enquanto era arrastada para longe do resto do grupo e enviada pela porta da frente aberta. Outro, o menino pajem, foi trazido em seguida, obrigado a se ajoelhar, a suportar qualquer dor breve que a venatrix infligisse em seu olho. Então ele se levantou, mantido entre os guardas pálidos e solenes, enquanto a venatrix mais uma vez trabalhava com suas poções e poções.

— Sozinho. — Ela declarou novamente, e o pajem foi solto. — Próximo.

— Gerard... — Cerine sussurrou, pressionando mais perto do pilar, observando como um terceiro, então um quarto foi testado e liberado. — Onde você está? — Certamente ele não toleraria que seu povo fosse cercado assim, como animais! As bruxas o pegaram afinal? Ele foi sequestrado? Ele estava morto?

Não importa. Ele não estava aqui.

E agora os guardas se aproximaram de Ducette.

— *Ajude-nos! Ajude-nos!*

Cerine pestanejou, tentando desobstruir a visão sombria que voava logo acima da cabeça da jovem freira, tentando dizer a si mesma que imaginava aquela voz cantando em sua cabeça, tentando fazer com que a verdade fosse outra coisa senão o que ela viu acontecendo abaixo.

Os guardas seguraram os braços de Ducette. Mas antes que eles pudessem arrastá-la para a venatrix, a venatrix ergueu a mão para ficar. — Espere. Eu... Eu sinto algo.

O outro evanderiano deu um passo para o lado dela. — Eu também. — Ele rosnou, seu olhar fixo em Ducette, que se encolheu. Os guardas a agarraram com mais força, seus dedos firmes e implacáveis. O venador procurou os dardos em seu peito, tirando um de sua aljava. Ele não se preocupou em carregá-lo em seu escorpião, pois seu braço quebrado não poderia disparar a arma. Em vez disso, segurando o dardo em seu punho, ele deu um passo em direção a Ducette.

Seus olhos se arregalaram. Ela gritou. — Não! Por favor, misericórdia! Não me mate! Eu sou a serva da Deusa, uma irmã de Siveline! Não me mate, não me deixe ser amaldiçoada!

— Você não vai ser condenada, irmã. — respondeu o venador. — Vou salvar sua alma, eu juro. — Ele deu mais um passo, levantando o braço.

Cerine saltou de trás de seu pilar. Ela estava no topo da escada, balançando os pés, com as mãos estendidas. Por uma batida de coração terrível e sacudida, ela sentiu seu total desamparo.

Então, agarrando o corrimão superior, ela gritou com toda a força de seus pulmões: — Pare!

Sua voz ecoou do teto alto, ecoou entre os pilares. O venador fez uma pausa e se virou. A venatrix ergueu os olhos, franzindo a testa. — O que no Assombrados...

Um rugido encheu o salão, seguido imediatamente por gritos aterrorizados. Cerine, ainda equilibrada no topo da escada, observou com horror quando a criatura alada sombria irrompeu da cabeça de Ducette e alçou voo. Só que não foi a coisa delicada como um pássaro que a encontrou em seu quarto. Este era um pesadelo com asas de couro, sua boca cheia de presas.

Ele se lançou contra os guardas que seguravam os braços de Ducette. Eles gritaram, soltaram seus braços sobre ela e se jogaram no chão. Outro guarda, um homem valente com uniforme de capitão, içou sua lança e golpeou o monstro que passou por ele. Mas a arma passou pela criatura como vapores. O corpo horrível ondulou e se reformou, uma ilusão intocável.

O monstro tombou no ar e se lançou contra a venatrix, que estava ao lado de sua mesa de implementos e frascos. A mulher deu um passo para trás, depois outro, então se preparou, recusando-se a dar um terceiro. Ela ergueu a cabeça, e a coisa com asas de morcego voou direto para ela, as patas traseiras estendidas, garras poderosas ansiosas para arrancar seu coração.

Isso a varreu. Ela balançou e agarrou o peito, sentindo uma ferida que ela meio que esperava estar lá. Então ela fez uma careta, arrancou um dardo

de sua aljava e o enfiou em seu escorpião. Assim que o pesadelo inclinou suas asas, virando-se para fazer outro ataque, a venatrix ergueu o braço direito e atirou.

O dardo atingiu Ducette entre os olhos. A pobre garota engasgou, fazendo um pequeno barulho triste de choramingar. — Por favor. — Ela implorou. — Por favor, não...

Ela caiu de joelhos, cedeu e caiu de lado. O monstro que surgiu de sua mente gritou de raiva e dor e se desintegrou em uma nuvem de faíscas de prata, que choveu até o chão e desapareceu.

Cerine segurou-se com força no corrimão, olhando com horror para a irmã caída. Mas espere... Ela não estava morta. Ainda não. Os evanderianos usavam dois venenos, não era? Um para paralisar, outro para matar. Ducette ainda estava viva.

A venatrix sacou um segundo dardo de suas aljavas. Este era preto.

— Não! — Cerine disparou escada abaixo, meio caindo, meio saltando. Ela estava a seis passos do chão quando agarrou o corrimão e saltou, caindo na venatrix. As duas bateram no chão com força. O impacto abalou o corpo de Cerine, e seus ouvidos zumbiram com o som das maldições da venatrix. O dardo da Morte Gentil rolou para o lado. A venatrix se lançou para ele, mas Cerine reagiu bem a tempo, chutando-a para longe e conseguindo tropeçar na venatrix ao mesmo tempo.

— O que você pensa que está fazendo? — a venatrix berrou para ela, rosnando ferozmente enquanto ela se endireitava novamente. A pele queimada em seu rosto enrugou-se e seus olhos estavam vidrados de dor e raiva.

Cerine endireitou-se, cada membro tremendo ao se levantar. Seu corpo doeu com o impacto de sua queda, e a dor subiu por sua perna quando ela

colocou pressão em seu pé direito, mas ela se colocou entre a venatrix e o corpo caído de Ducette.

— Eu sou Cerine du Glaive, esposa do Príncipe Dourado de Perrinion.

— Declarou ela. — Em nome de meu marido, Gerard du Glaive, filho do Rei Escolhido, Soberano Senhor de Perrinion, Gardin du Glaive, ordeno-lhe que renuncie. — Ela moveu os braços para cada lado, indicando o povo amontado de Dunloch de pé atrás dela contra a parede. — Essas pessoas estão sob a proteção do príncipe.

A venatrix a encarou como se ela tivesse perdido a cabeça. Seu companheiro evanderiano deu um passo para o lado dela, segurando o braço quebrado, a cabeça inclinada para o lado. — Ela está tomada de sombra? — ele perguntou à venatrix por entre os dentes cerrados.

— Não consigo sentir a presença de uma sombra. — respondeu ela sem tirar os olhos de Cerine. — Mas isso não significa...

Algo agarrou os ombros de Cerine, empurrando-a para baixo com uma força de peso que a fez cair de joelhos. Ela gritou, chocada, e olhou para cima para ver uma vibração de mantos de veludo voando sobre sua cabeça e indo direto para a venatrix.

O chanceler Yves derrubou a venatrix de costas e se agachou sobre ela. Mal seus pés e mãos tocaram o chão, ele saltou novamente, saltando três metros para o lado, evitando o golpe de retaliação do venador. Ele agarrou-se a um dos pilares, girou para o outro lado dele e começou a escalar, as mãos e os pés descalços agarrando-se a apoios invisíveis na pedra canelada. Ele subiu rapidamente, rápido como uma aranha.

— Malditos Assombrados! — o venador gritou, agarrando a outra evanderiana pelo ombro e puxando-a para ficar de pé. — Ele tem a sombra de du Creadu! — Ele olhou para o pilar, deixou escapar um grito sem palavras e

puxou a venatrix para o lado, bem a tempo. Uma gota de saliva verde atingiu o chão e queimou na pedra.

Mantendo um olhar cauteloso sobre os venadores e o chanceler tomado pela sombra, Cerine ficou ao lado de Ducette. Com os dedos trêmulos, ela puxou o dardo e o largou. Para sua surpresa, os olhos de Ducette vibraram e sua boca tentou se mover. Ela não estava inconsciente. Talvez a dose de veneno não estivesse certa.

Algo mudou em seus olhos e Cerine quase gritou quando uma sombra de repente explodiu de uma íris, quase assumindo a forma de pássaro enquanto lutava para se libertar. Fios feios como os de uma teia de aranha pareciam puxá-lo de volta para a cabeça de Ducette, mas a sombra dentro dela lutou por tudo que valia, resistindo à influência do veneno.

O que ela poderia fazer? Desesperadamente, Cerine olhou por cima do ombro para as pessoas ainda pressionadas contra a parede. Os guardas haviam mudado de posição agora, de pé com suas lanças apontadas para proteger seus prisioneiros recentes da ameaça da sombra. O olhar de Cerine pousou em um criado alto de camisola. Algo sobre ele, ela não sabia dizer o quê, a fez pensar que ele poderia esconder uma sombra também.

— Ajude! — ela gritou, chamando o espírito dentro dele ao invés do próprio rapaz. — Ajude sua irmã!

Ele hesitou. Seu olhar girou para os guardas, para os humanos de cada lado dele.

— Rápido! — Cerine insistiu.

Balançando a cabeça como se não acreditasse muito no que estava fazendo, o menino cambaleou para a frente, curvou-se e agarrou Ducette por um braço. Cerine agarrou o outro e, entre eles, colocaram a freira de pé. Cerine engasgou e quase caiu quando colocou pressão no pé torcido. Assim que ela

encontrou o olhar do garoto, ele pareceu ler sua mente, instantaneamente mudando o peso de Ducette para colocá-la sobre seus ombros.

— Para onde? — ele exigiu, sua voz falhando.

— Lá em cima. — respondeu Cerine. Ela não tinha um plano, apenas uma ideia parcialmente formada de que ela poderia esconder Ducette em seus aposentos e bloquear as portas até que ela tivesse tempo para pensar em algo melhor. Sem discutir, o menino acenou com a cabeça e começou a subir as escadas. Cerine saiu mancando atrás dele. O Grande Salão vibrou com o caos quando o Chanceler Yves saltou de um pilar para o outro, esquivando-se de dardos e cuspiendo mais glóbulos nos malditos venadores. Eles estavam distraídos, pelo menos por enquanto, e talvez... poderia ser...

Eles estavam apenas três degraus acima quando o menino de repente deu um grito e cambaleou; Cerine viu um dardo na nuca dele. O menino fez o possível para continuar escalando, mas seus joelhos cederam e seu domínio sobre Ducette enfraqueceu. Ele caiu e os dois aterrissaram com força bem na frente de Cerine.

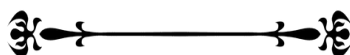
Ela se virou para ver o venador de braço quebrado se aproximando, um dardo de penas pretas em seu punho. Cerine plantou-se entre os dois tomados pela sombra e o venador, com os braços abertos como se os protegesse. Seu rosto se contorceu em uma careta de desprezo, o venador continuou vindo sem pausa. Ele investiu contra Cerine, balançando o dardo como uma lâmina, pronto para matá-la apenas para tirá-la de seu caminho. Ela se desviou para o lado, mas seu tornozelo machucado cedeu sob seu peso e ela caiu esparramada nos degraus. O venador passou por cima dela, seu olhar focado nas sombras. Cerine o agarrou por uma perna, desequilibrando-o.

Com um grunhido, o venador se voltou contra ela, sua Morte Gentil pronta para atacar. Olhando em seus olhos, ela viu assassinato ali. Seu braço bom se ergueu, mirando com o dardo.

Ele parou. Sufocado.

Um dardo estremeceu onde atingiu logo atrás da orelha do venador.

Cerine virou a cabeça, procurando, e viu Terryn du Balafre parado na porta aberta do Grande Salão, seu escorpião erguido.



Lutamos descendo a encosta da montanha contra inimigos numerosos e poderosos. Nosso caminho subia por um desfiladeiro íngreme ao longo de uma trilha quase estreita demais para cavalos e, em nossa pressa de recuar, vários de nossos animais perderam o equilíbrio e mergulharam para o lado. Minha própria égua deu um passo errado em seu pânico. Eu ouvi o osso em sua perna quebrar, e ela caiu, gritando e gemendo.

Saltei da sela antes que pudesse ser esmagada contra a parede da montanha e me abriguei atrás de seu corpo. Uma explosão de fogo passou por cima da minha cabeça, seguida por uma explosão de som que quebrou a rocha e trouxe uma pequena avalanche de pedra à minha direita, subjugando os camaradas à minha frente na trilha estreita e levando-os para a borda.

Eu sabia que tinha que chamar minha sombra para a ascensão, acessar seus poderes maiores e mais sombrios, poderes que eu não precisava invocar há anos. Peguei meu Vocos, coloquei-o nos lábios e comecei a tocar a Canção da Desvinculação, relaxando cuidadosamente as muitas correntes com as quais mantive minha sombra presa. A música jorrava habilmente da boca do tubo, e fechei os olhos, concentrando-

me naquele trabalho, bloqueando os horrores, os gritos, a cacofonia de magia e destruição ao meu redor.

A música levou apenas alguns minutos para tocar, menos do que isso. Mas mesmo enquanto o poder aumentava dentro de mim, mesmo quando eu abri meus olhos e espiei por trás da minha égua, pronta para lutar, me vi olhando para um homem, um homem que pairava no ar acima da garganta, apoiado em ventos poderosos.

Ele estendeu a mão e, antes que eu pudesse agir, balançou o pulso.

Fui arrancada do meu esconderijo e lançada voando sobre a borda, girando loucamente pelo ar vazio.

CAPÍTULO 10

O dardo de Terryn vibrou onde atingiu logo atrás da orelha do evanderiano. Um arrepio passou pela alma do homem, uma cor doentia visível apenas à vista de sombras. Seu braço balançou para baixo, ainda tentando esfaquear Senhora Cerine com a Morte Gentil, mas seu objetivo estava errado. Ele cambaleou, cambaleou e deixou cair o veneno. Ele se virou, os olhos arregalados, procurando a origem desse novo ataque.

Do outro lado do espaço cavernoso do Grande Salão, Terryn encontrou o olhar do venador. Ele conhecia aquele rosto: Ragno du Gontier. Ele estava apenas um ano atrás de Terryn no castra. Eles serviram juntos em mais de uma ocasião, embora Terryn dificilmente o considerasse um amigo.

A expressão de Ragno mudou de medo para choque quando ele percebeu quem havia disparado o dardo. Sem dúvida ele ouviu que Terryn estava morto, abatido por seus companheiros evanderianos horas atrás.

— Você. — Ele murmurou, sua mão boa tateando entre os dardos em seu peito, ainda ansioso para lutar, mesmo enquanto o veneno corria por seu sistema. Mas a dor que ele sofreu de feridas anteriores acelerou a paralisia. Seu braço direito quebrado pendeu frouxo de um lado, e seu braço esquerdo, dormente, caiu. Ele deu um passo, tropeçou e caiu de cabeça no chão. O poder da sombra dentro dele afundou de volta em seu núcleo, suprimido e indefeso.

Terryn olhou do venador caído para Senhora Cerine, que agarrava o corrimão em busca de apoio. O que ela estava fazendo aqui, lutando com os evanderianos? Atrás dela estavam os corpos de duas sombras. De todas as

paisagens que Terryn esperava ver em seu retorno a Dunloch, esta nunca tinha passado por sua mente. A senhora parecia ilesa, pelo menos, mas...

— Cuidado! — Cerine gritou, levantando a mão como se fosse parar Terryn em seu caminho.

Antes que Terryn pudesse dar um passo, algo passou voando por seu rosto, errando seu nariz por centímetros, e atingiu a ombreira da porta. Um chiado queimou em seus ouvidos quando a pedra derreteu e pingou no chão.

Terryn girou, seu olhar esquadrinhando as paredes e pilares do salão, tentando seguir a trajetória daquele míssil de volta à sua origem. Ele estava familiarizado com os poderes únicos do velho Venador du Creadu, mas não foi du Creadu que ele identificou escalando em espiral um dos pilares de sustentação do salão para se arrastar como uma aranha ao longo do teto.

— Chanceler Yves? — Terryn o olhou fixamente, sua visão sombria revelando o brilho da sombra girando violentamente dentro do digno chanceler. Por um momento, Terryn ficou muito atordoado pela absoluta incongruência da visão para reagir.

Terryn saltou para o lado bem a tempo de evitar ser atingido no rosto por outra gota de ácido em chamas. Quando atingiu a parede atrás dele, ele rolou ileso pelo chão e se agachou. Nisirdi chamejou brilhantemente ao lado dele, varrendo uma asa brilhante na frente de Terryn como se para protegê-lo de golpes físicos. Mas aquelas asas eram espirituais e não podiam parar os projéteis do mundo material. Terryn sentiu o poder de sua sombra fervilhando em sua alma, poder que ele poderia usar para explodir o recém-possuído Yves do teto.

Mas não. Ele não poderia machucar as sombras. Não mais. Não, a menos que ele não tivesse outra escolha.

Um movimento atraiu sua atenção, um lampejo de vermelho. Outra evanderiana, Gildys di Javis, o rosto manchado de queimaduras de ácido cru. Ela ficou preparada em posição de tiro, e ela o tinha na mira.

Ele não cairia paralisado novamente. Ele preferia morrer.

Venatrix Gildys deu seu tiro.

Terryn ergueu uma das mãos. O dardo disparando através do espaço entre o escorpião e seu alvo atingiu uma parede de pura luz.

Ele se desintegrou em cinzas e se dissipou no ar.

Terryn gritou quando a dor percorreu seu braço. O poder de Nisirdi estava lá, pronto para ele pegar e usar, mas isso não significava que ele pudesse equilibrar ou controlar isso ainda. — *Afaste-se! Puxe!* — Ele latiu.

Sua sombra respondeu imediatamente a sua voz e dor, reduzindo a quantidade de magia que oferecia antes que o braço de Terryn pudesse enegrecer e queimar como o dardo. Terryn piscou de volta para a visão mortal e encontrou o olhar de Venatrix Gildys.

Suas feições afrouxaram com o horror crescente. Sua sombra ascendente deve brilhar como uma estrela para sua visão sombria. Com um único raio de sua mão, ele poderia explodi-la até o esquecimento. E ela sabia disso.

— Venatrix, por favor. — Terryn disse, colocando ambas as mãos e tomando cuidado para angulá-las longe dela. — Eu não vim lutar com você. O que aconteceu aqui? Onde está Fendrel? Onde está o príncipe?

Ela pegou seus tubos Vocos, puxando-os de sua bainha. Sua sombra já estava em alta ascendência, mas se ela afrouxasse ainda mais as supressões, que tipo de poder ela exerceria? Não o suficiente para igualar o ascendente Nisirdi, mas o suficiente talvez para forçar Terryn a lutar com ela de verdade, para machucá-la. Até para matá-la.

Ele tinha que impedi-la. Agora.

Com a música do tubo enchendo seus ouvidos, Terryn alcançou seus dardos. Mas não, ele usou o que restava de seu suprimento em Ragno.

Sua cabeça girou, seu olhar se fixando no inconsciente Ragno. Ele saltou pelo Salão Principal, ignorando as figuras amedrontadas e agachadas ao longo de uma parede, ignorando Senhora Cerine, que estava na escada, agarrando o corrimão, até mesmo ignorando os passos do Chanceler Yves acima. Ele fixou todos os sentidos inteiramente no venador caído.

Ele caiu de joelhos, deslizando o último pé para o lado de Ragno e puxou o jovem de costas. Suas aljavas estavam cheias, mas... Terryn hesitou. Que tipo de sombra Gildys carregava?

A canção do feitiço, tocada às pressas, resolvida em uma rajada louca de notas. Terryn olhou por cima do ombro, viu Gildys jogar seus tubos no chão e levantar as duas mãos. A magia se reuniu em suas palmas.

Terryn agarrou um punhado de dardos com penas das aljavas de Ragno e se jogou para o lado. Algo atingiu os degraus, que imediatamente formaram uma crosta espessa e escura de gelo. Bem, isso respondia a essa pergunta.

Ele se abaixou atrás da curva da escada no momento em que outra rajada de gelo atingiu perto, imediatamente prendendo o leão esculpido na base do corrimão. Terryn olhou para o punhado de dardos que segurava e, para seu alívio, viu um único veneno Elemental entre eles. Era melhor ele não desperdiçar esse tiro.

Colocando seu escorpião em modo de disparo, ele carregou o dardo, respirou fundo e saltou, mirando no corrimão.

A venatrix estava na metade do corredor, correndo direto para ele, com a mão erguida. Ela enviou uma rajada de gelo, congelando seu escorpião e sua mão no corrimão. — Droga. — Terryn rosnou. Em sua cabeça, ele gritou: — *Nisirdi!*

O calor subiu de seus ossos e através de sua pele, derretendo o gelo. Mas o calor, não totalmente sob seu controle, queimou através do cordão de seu escorpião, que caiu mole e em pedaços inúteis no chão.

Gildys estava sobre ele no instante seguinte, seu próximo dardo agarrado em uma mão. Ela o apontou direto para o olho dele. Terryn desviou do golpe, mas torceu o braço dele e o golpeou novamente, desta vez tentando acertar o dardo na nuca dele.

Terryn evitou aquele golpe, agarrou seu braço com um giro rápido de seu pulso e a trouxe para perto, rosnando em seu rosto mutilado. — Eu não sou seu inimigo. Eu não quero te machucar.

— Herege! — ela cuspiu, seus olhos contornados com pingentes de gelo. — O Dominus nos avisou sobre você. Você traiu seus irmãos por causa das bruxas!

Para derrubá-la, ele tinha que tirar o veneno Elemental de seu escorpião e administrar a dose manualmente. Mas ele não podia acessá-lo enquanto mantinha seu controle sobre ela. Ela olhou em seus olhos, leu sua intenção, e seu rosto se contorceu em um rosnado furioso. De repente, o gelo formou uma crosta sobre os dedos de Terryn, congelando seu aperto. Ele não conseguia se afastar. Ela jogou a cabeça para frente, acertando-o com força entre os olhos. Ele cambaleou, atordoadado.

Uma explosão de saliva em chamas atingiu o chão a seus pés. Terryn e a venatrix ergueram os olhos. Yves, suas vestes balançando, suas pernas nuas e magras totalmente em exibição, correu pelo teto e disparou atrás das molduras ornamentais no topo de um pilar. Ele olhou para fora, seu rosto digno transformado em uma máscara feia. Seu queixo caiu e ele mirou novamente.

Terryn, seu aperto congelado no braço da venatrix, jogou os dois para o lado, evitando o veneno por centímetros. Convocando o poder de Nisirdi, ele

aqueceu através do gelo, quebrando seu controle sobre a venatrix. Ela gritou com a queimadura, mas ele não pôde evitar. Ela ficou de joelhos, lançando um grunhido em seu caminho enquanto sua sombra ascendente fluía por seu espírito. Seus olhos eram brancos e sua pele tingida de azul quando ela levantou a mão, mirando em seu coração.

Terryn arrancou o dardo paralisante de seu escorpião. Um raio de gelo riscou em sua direção, mas uma cortina de luz brilhou entre ele e ele, derretendo o gelo em névoa em um instante e deixando Gildys atordoada pelo brilho. Então a cortina se abriu e Terryn se lançou para frente para cravar seu dardo em seu pescoço logo acima da clavícula.

Gildys gritou. Pulando de pé, ela jogou os braços, e rajadas de gelo dispararam de seu núcleo, assobiando pelo ar e atingindo os pilares e paredes. As pessoas se reuniram nas bordas do corredor agacharam-se, gritando, e Cerine, no alto da escada, abaixou-se atrás do corrimão.

Terryn agarrou a venatrix antes que ela pudesse disparar outra explosão. Envolvendo um braço em volta do pescoço e o outro em volta da cintura, prendendo seus braços, ele a puxou para perto. Ele se lembrava muito bem do horror impotente quando a paralisia fazia efeito, o terror de perceber que não havia nada que ele pudesse fazer para impedi-la. Naqueles últimos momentos, era muito fácil perder o controle, especialmente com uma sombra tão ascendente quanto a de Gildys estava atualmente.

Então ele a segurou com força, irradiando luz por seus membros. A magia de Nisirdi encontrou a da sombra de Gildys, derretendo o gelo ao mesmo tempo em que se formava. Gildys lutou, tanto física quanto espiritualmente, mas Terryn se recusou a soltá-la.

— Eu sei que você não confia em mim... — disse ele em seu ouvido enquanto ela gritava de raiva sem palavras. — Mas eu juro pela cabeça, coração e alma da Deusa, não vou machucá-la.

— Herege. — Ela sussurrou, a palavra amarga e arrastada. — Seus votos não são nada!

Ainda no dia anterior, ela tinha sido sua colega. Ainda no dia anterior, ela era sua irmã sob a lei de Evander.

Uma irmã pronta e disposta a levar Ayleth até a pira e ficar parada para assistir enquanto ela queimava.

Terryn endureceu sua mandíbula, seu aperto inflexível, e esperou até que seu corpo ficasse mole. Só então ele afrouxou o aperto e a deixou cair sem sentidos no chão, tanto seu espírito quanto sua sombra, suprimidos.

Uma gota de saliva atingiu o chão a poucos centímetros do rosto da venatrix. Terryn ergueu os olhos, piscando para ver as sombras. Yves tomado pela sombra apareceu no alto, reunindo magia em sua garganta para outro ataque. Terryn agarrou o braço de Gildys e puxou-a para trás da escada, mas Yves rastejou até o arco mais alto do teto, procurando um tiro melhor.

— *Nisirdi, você pode falar com ele?* — Terryn perguntou, seu olhar seguindo aquela forma rastejante. O espírito de Yves estava muito reduzido para Terryn alcançá-lo, mas talvez as sombras pudessem se comunicar.

Nisirdi se levantou ao lado dele, sua magnífica forma de dragão visível para sua percepção mais uma vez. Olhos luminosos fitaram Terryn, e a voz melíflua que já estava se tornando familiar respondeu: — *Vou tentar.*

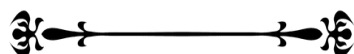
Virando sua graciosa cabeça para o teto, Nisirdi abriu a boca e um feixe de pura luz saiu de sua garganta. Não... não luz, ou não exatamente luz. Isso era magia; esta era uma música. Esta era a linguagem sentida com sensações além da audição mortal.

A linguagem dos Ildrir.

A complexidade do som e das sensações cortou Terry n profundamente. Ele percebeu então, como se pela primeira vez, o quão terrivelmente errado ele estava sobre tudo em que acreditava. Ele havia aprendido que as sombras mal eram conscientes, eram maliciosas demais para a verdadeira personalidade, que quaisquer sentimentos que experimentassem eram meramente emoções roubadas de seus hospedeiros. Mas essa linguagem ecoando pelos arcos elevados do Grande Salão de Dunloch sugeria um mundo de emoções muito mais complexo do que as da mera mortalidade.

Yves, ou melhor, a sombra que habitava em Yves, respondeu à canção de Nisirdi. Ele enviou seu corpo hospedeiro rastejando como uma aranha por um pilar, enrolando enquanto avançava. As vestes de Yves se amontoaram ao redor dele quando ele alcançou o chão, e ele se agachou ali, joelhos para cima, cabeça baixa, o rosto velho flácido de exaustão. O espírito que brilhava por trás de seus olhos não pertencia ao antigo chanceler, e Terry n só podia esperar que o próprio Yves não tivesse sido expulso inteiramente durante a possessão. Com a canção de Nisirdi ressoando em sua alma, Terry n deu um passo em direção ao velho.

De repente, sua mente explodiu com garras rasgando e gritos estridentes. Terry n gritou, suas mãos voando para as têmporas.



Cerine olhou para Terry n enquanto ele gritava, ajoelhava-se e agarrava sua cabeça com as duas mãos, contorcendo-se de dor repentina. Ela piscou uma, duas vezes...

Foi uma vibração de asas de sombra que ela viu ao redor de sua cabeça?

Girando, ela viu Ducette apenas se apoiando nos cotovelos. Sua cabeça caiu pesadamente, mas ela fixou seu olhar em Terryn. Sua expressão era feroz e selvagem, demoníaca.

— Ducette! — Cerine gritou, mas ou a jovem freira não a ouviu ou não se importou. Balançando a cabeça, Cerine tentou novamente. — Hrelele!

A freira sobressaltou-se, estremeceu e voltou-se para Cerine, mas não era Ducette a olhar para fora com aqueles olhos castanhos. Mesmo sem sentidos de sombra, Cerine podia sentir a presença de uma alma estranha e não natural.

— Hrelele. — Ela disse novamente, largando o corrimão e dando um passo cuidadoso. Seu tornozelo inchado não suportaria muito peso, mas ela continuou apesar da dor, afundando no degrau ao lado de Ducette. Ela estendeu a mão e, após apenas um instante de hesitação, pegou a mão da freira. — Hrelele, não o machuque.

— *Ele é um deles!* — a voz cantante da sombra ecoou em sua cabeça. — *Ele é um caçador! Ele vai matar esse hospedeiro e me expulsar!*

— Não. — Cerine abanou a cabeça, tendo o cuidado de manter aquele olhar estranho, para não desviar o olhar daquele rosto. — Ele não machucou as outras sombras, não é? Ele as salvou dos caçadores. Ele me salvou também. Ele está do nosso lado.

— *Ele é um caçador! Ele deve morrer!*

A voz se interrompeu em um grito desesperado e Cerine se virou bruscamente a tempo de ver Terryn se levantar. Ele lutou contra o ataque invisível e agora mirou com seu escorpião em Ducette.

— Afaste-se dela, minha senhora! — ele gritou, sua voz dura como sílex. — Isso é uma aparatação, um manipulador de mente. Vai te machucar.

— Espere, por favor. — Cerine estendeu uma das mãos, com a palma para fora, gesticulando para que o venador baixasse a arma. — Ela não vai me machucar. — Ela enfrentou Ducette novamente, olhando para ela com súplica sincera. — Você não vai, vai? Você me chamou para ir até você. Para ajudá-la.

Esta hospedeira tinha você em sua mente. Ela pensou que você responderia se fosse chamada.

Uma lasca de gelo picou o coração de Cerine. A sombra havia saqueado os pensamentos e memórias de Ducette. O que mais isso fez com a alma da jovem freira?

— Ela... ela ainda está aí? Sua anfitriã? — ela perguntou, meio com medo de saber a resposta.

Por um momento, os olhos de Ducette clarearam, como o gelo desbotando da vidraça. A freira piscou e suas mãos voaram para o rosto como se ela não acreditasse que ainda pertencia a ela.

Então ela se lançou sobre Cerine, agarrando seu braço freneticamente como uma tábua de salvação. — Ajude-me! — ela engasgou. — Cerine, ajude...

Antes que Cerine pudesse responder, Ducette piscou novamente, e a sombra estava de volta, vanguarda em sua mente. — *Ela está aqui.* — A voz cantou. — *Eu não vou machucá-la se você não me machucar.*

Cerine lambeu os lábios secos e engoliu com alguma dificuldade. Ela estava muito longe de sua profundidade. Um movimento errado certamente significaria afogar-se neste mar novo e selvagem. Uma coisa era ler os documentos antigos, estudar as traduções e reconstruir as palavras contadas pelos profetas e santos da antiguidade. Uma coisa era teorizar, construir argumentos a favor das sombras, acreditar que nem todas eram irremediavelmente más.

Mas, más ou não, elas eram outras. Essa voz em sua cabeça não era uma voz mortal; se ela se permitisse pensar muito sobre o que ouvia, sabia que se perderia naqueles sons e sentimentos impossivelmente complexos. E esse ser, o ser inexplicável agora colocado em uma posição de domínio sobre Ducette... depois de anos de supressão em um hospedeiro venator, tinha sido rápido assumir ascendência neste novo corpo, esta nova mente.

Era mal? Talvez não. Mas era mortal mesmo assim. E mantinha o destino de Ducette em jogo.

Cerine estendeu a mão com a palma para cima. Uma espécie de convite. A sombra olhou para ela com atenção, então olhou para o rosto dela novamente.

— Veja dentro da minha mente. — disse Cerine. — Veja quem eu sou. Veja quem eu me tornei. — Ela parou por um momento, reunindo sua coragem, sua convicção. — Eu sou a esposa do Príncipe de Perrinion. Aqui em sua casa, falo em nome do príncipe. E eu juro para você que todas as sombras que moram dentro destas paredes estão sob minha proteção. Você me entende, Hrelele? Você é bem vinda aqui. Você está segura. — Ela respirou fundo antes de acrescentar com cuidado, — Mas não machuque Ducette. Não prejudique o espírito de sua hospedeira.

O ser a estudou pelo que pareceu uma eternidade. Então, lentamente... ele acenou com a cabeça.

Houve um lampejo de movimento, algo que Cerine não conseguiu ver ou compreender. Foi como se a sombra de um pássaro mergulhasse de volta nos olhos arregalados de Ducette, desaparecendo por dentro. Ducette soltou um pequeno gemido e afundou nos degraus, curvando a cabeça entre as mãos. Cerine colocou a mão em seu ombro e se virou para Terryn.

Ele ficou na base da escada, olhando para ela com uma expressão curiosa no rosto. — Você me ouviu, Venador du Balafre? — ela perguntou, um leve tremor em sua voz.

Ele assentiu. — Eu ouvi você, minha senhora. — Ele apertou o punho contra o coração e se curvou. — Sua vontade é meu comando.

Ela poderia ter afundado no chão de alívio. Ter pelo menos um Evanderiano ao seu lado era uma vitória além de qualquer coisa que ela esperava. A lealdade de Terryn a ela poderia ser apenas uma extensão de sua lealdade a Gerard, mas ela aceitaria.

Terryn lançou um olhar cauteloso para o chanceler Yves, ainda agachado como um sapo na base do pilar, depois para os pobres criados e guardas ainda agrupados ao longo de uma parede. — O que exatamente aconteceu aqui? — Ele demandou. — Onde está todo mundo? Onde está Gerard?

— Você não sabe? — A sobancelha de Cerine franziu-se.

Terryn balançou a cabeça. Sem esperar por outra palavra dela, ele subiu a escada, passando por Cerine e Ducette, e contornando o garoto paralisado na sombra, ainda deitado no degrau.

— Fique aqui. — sussurrou Cerine para Ducette, sem saber se a freira a ouviu. Recolhendo as saias com as duas mãos, ela se virou e tentou correr atrás de Terryn. Mas seu tornozelo doeu dolorosamente e ela quase caiu. Mordendo uma maldição, ela agarrou o corrimão e mancou escada acima o mais rápido que podia, seguindo o venador, pressionada para seguir seus passos largos. Ela o alcançou no corredor do lado de fora da porta do escritório de Gerard.

Terryn bateu na porta, esperou um pouco e depois bateu de novo. — Gerard? Você está aí? — Ele tentou a maçaneta, mas estava trancada.

Cem perguntas se amontoaram na língua de Cerine. Ela ainda não sabia o que tinha acontecido na noite anterior. Suas memórias eram nebulosas, como imagens de um pesadelo que são vivas enquanto o sonhador as vivencia, mas muito bizarras ao acordar para serem acreditadas.

Terryn bateu com o punho contra a porta novamente. Então, de repente, sua mão direita brilhou com uma luz branca brilhante. Cerine abafou um grito e deu vários passos para trás, o coração disparado. Terryn agarrou a maçaneta da porta e a derreteu em alguns segundos. Caiu e algo estalou do outro lado. Terryn empurrou a porta e desapareceu no quarto.

Pressionando uma mão contra o coração, Cerine o seguiu, mas parou na porta. O escritório estava vazio. Ela avistou Terryn desaparecendo por uma porta que conduzia mais fundo na suíte do príncipe. Caso contrário, tudo estava quieto.

Em vez de tentar seguir Terryn, ela mancou pela sala até a mesa de Gerard. Enquanto ela inclinava seu peso contra ele, pressionando as mãos na superfície, uma série de memórias dolorosas inundou sua mente e ameaçou varrê-la em seu fluxo. Ela imaginou Gerard parado aqui, quase exatamente onde ela estava agora. Ela se lembrou da expressão em seu rosto quando ela lhe contou sobre suas descobertas. Quando ela disse a ele que toda a sua vida era uma mentira.

O ar frio soprou em seu rosto. Cerine ergueu os olhos. A janela mais próxima não foi fechada corretamente. Estranho. Lentamente, ela contornou a mesa, favorecendo o tornozelo. A janela ficou presa na moldura, mas ela segurou a trava e puxou com força, fechando-a com um puxão. Então ela olhou através do vidro para a paisagem espalhada diante dela. As águas brilhantes do Loch du Nóiv. O terreno formal ao longo da margem do lago. Ela ergueu o olhar mais alto, procurando o horizonte.

— Gerard. — Ela sussurrou, sua respiração embaçando a vidraça. — Onde você está?

— Ele se foi.

Uma emoção assustada desceu pela espinha de Cerine. Ela se virou, seus olhos girando em sua cabeça enquanto ela procurava no cômodo vazio a origem daquela voz, uma pequena voz sussurrante que não poderia pertencer ao Venador Terryn.

Um lampejo de movimento atraiu seu olhar para baixo. Cerine respirou fundo. Então ela se agachou e olhou para a alcova embaixo da mesa de Gerard.

Um rostinho contraído encontrou seu olhar, um rosto que Cerine reconheceu imediatamente, emoldurado por mechas de cabelo louro.

— Você! — Cerine engasgou, sua voz um sussurro tenso. — Como... Como você chegou aqui?

A criança vidente inata escondeu o rosto nos braços.

Cerine apertou os lábios e engoliu em seco. Então, com um aceno de cabeça, ela tentou fazer seu rosto e voz o mais gentis possível. — Você viu o príncipe?

Desta vez, a garota acenou com a cabeça. Sua mão suja estendeu um pergaminho dobrado prensado com um selo vermelho. Depois de largá-lo nas mãos de Cerine, ela imediatamente recuou para debaixo da mesa, pressionando o máximo que podia nas sombras.

O selo era de Gerard: a águia e o sol. Cerine olhou para ele, incapaz de quebrar, de ler o que ele havia escrito. Ela sabia o que era. Ela não precisava ler para saber.

Era sua despedida. Sua despedida final.

— Nenhum sinal dele. — A voz de Terryn soou abrupta quando ele voltou a entrar no escritório. Do ângulo dela na mesa, Cerine podia vê-lo entrar

no escritório, erguendo-se alto, seu rosto cheio de cicatrizes escuro e ameaçador. — Ele deve estar...

— Ele esteve aqui. — disse Cerine.

Sua voz atraiu seu olhar para onde ela estava ajoelhada ao lado da mesa. Ele franziu a testa. — O que? Como você sabe?

Antes que Cerine pudesse responder, a garotinha Vidente deu um pequeno guincho e saiu de debaixo da mesa. A princípio Cerine pensou que ela estava atacando ou possivelmente fugindo. Mas em vez disso, para sua surpresa, a criança se levantou, disparou pelo escritório e jogou os bracinhos ao redor de Terry.

Parecendo quase tão chocada quanto Cerine se sentia, ele olhou para o topo da cabecinha pressionada contra suas pernas, depois olhou para Cerine com uma expressão perplexa. Mas quando a criança virou o rosto para ele, Cerine viu o reconhecimento surgir em seus olhos.

— Nilly. — Ele murmurou. Ele caiu de joelhos e deixou a criança envolver os braços em volta do pescoço. Ela não disse nada, apenas se agarrou a ele, enterrando o pequeno rosto em seu ombro. Terry parecia... Cerine não conseguia ler seu rosto. Aliviado. E culpado. Quase assustado. No entanto, ele segurou a criança com uma ternura que parecia totalmente deslocada no alto e severo venador.

Cerine só conseguia olhar fixamente com espanto, não acreditando nos olhos dela. Isso era possível... era realmente possível que a mudança pudesse ocorrer nos corações dos seguidores de Evander? A obra transformadora da Deusa já havia começado?

Por fim, a criança Vidente deu um passo para trás de Terry, olhando-o nos olhos. Ela inclinou a cabeça para o lado e abriu a boca. Mas a voz que saiu de seus lábios não era de forma alguma uma voz de criança. Era uma voz

estranha, eterna, semelhante a uma canção, falando com uma combinação inexplicável de linguagem mortal e espiritual:

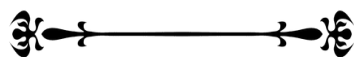
— *Seu irmão está em perigo.*

— O que? — A gentileza no rosto de Terryn desapareceu. — O que você disse?

— *Eu vi isso.* — A voz continuou. A garota ergueu suas pequenas mãos para segurar as bochechas de Terryn. — *O que será e o que pode ser, todos como um. Eu vou te mostrar.*

Algo brilhou entre eles, passando pelas mãos da criança e na cabeça de Terryn. Algo que Cerine não conseguia perceber, mas que ela sentia como um estrondo de um trovão distante.

Ela viu os olhos de Terryn se encherem de horror.



Eu não acordei. Por dias, até semanas, fiquei em um estado de estupor, presa dentro de minha própria mente.

Minha própria mente, que agora continha uma sombra ascendente.

Ela me perseguiu na escuridão. Nos corredores sinuosos do meu inconsciente, ela estava lá, atrás de cada curva, em cada curva. Eu fugiria por um corredor de portas, mas não importa para qual porta eu fosse, não importa qual maçaneta eu tentasse, eu a encontraria esperando por mim do outro lado, um ser de pura escuridão, sem forma. Ira manifestada.

Senti seu ódio por mim pulsando em meu sangue. Tinha ascendência e eu estava inconsciente, incapaz de lutar, incapaz de prendê-la de volta com canções de feitiço. Eventualmente, ela me pegaria. E então isso iria arrancar minha alma e me mandar para longe deste corpo, tomando posse total de tudo o que foi deixado para trás.

Mas eu não cederia facilmente.

Então bati as portas e corri cada vez mais forte. Abri caminho pelo labirinto de corredores que me decidiram, por todas as câmaras secretas e atalhos ocultos, sempre um passo à frente desse poder.

Por fim, isso me levou a um corredor de onde eu sabia que não havia como escapar. As portas estavam todas fechadas e não havia escadas ou passagens laterais. Apenas uma janela na outra extremidade, mas não importa o quanto eu corresse para ela, sempre estava longe demais. Meus pés afundaram nas pedras do pavimento e eu caí de joelhos, tentando abrir caminho para frente.

A sombra se aproximou. Lentamente, furtivamente, como uma pantera perseguindo sua presa. Não estava com pressa, mas saboreou seu momento de glória quando finalmente me teve à sua mercê. Pela primeira vez desde o dia da minha possessão, eu conheci o medo real.

Eu não conseguia me mover mais. O corredor desapareceu ao meu redor, tornando-se apenas escuridão. Minha sombra estava ao meu redor, sobre mim, embaixo de mim, de cada lado. Só bem em frente eu ainda podia ver aquela janela distante, aquele brilho de luz, de esperança, longe demais para alcançar. Eu me desesperei.

Então, de repente, algo apareceu emoldurado na janela. A figura de um homem. Mas não podia ser. Esta era minha própria mente, ninguém mais morava neste lugar.

Ele se aproximou, brilhando como uma tocha, mas com uma espécie de luz branca e cintilante. Uma aparição. Um manipulador de mente.

— Aí está você. — Ele disse enquanto se aproximava de mim onde eu estava presa, meus braços e pernas presos na escuridão, minha alma imóvel de medo. — Nós estivemos procurando por você. Dê-nos a sua mão.

Eu não o conhecia, mas ele me parecia um anjo de misericórdia enviado pela própria Deusa. Tentei alcançá-lo.

Mas minha sombra gritou, a escuridão ondulando sobre nós, cortando-o da minha vista. Eu gritei, minha alma se contraindo com a dor da esperança que se aproximava apenas para ser repentinamente arrancada. Era quase mais do que eu podia suportar, e quase soltei meu próprio corpo e me permiti ser expulsa.

Então a luz cortou a escuridão novamente. Apenas um leve brilho prateado no início, mas se fortaleceu com o tempo. Embora eu não pudesse ver seu rosto, ouvi sua voz cantando para minha alma. – Qual é o seu nome? – ele perguntou.

Achei que ele tivesse falado comigo e abri a boca para responder.

Mas da escuridão veio uma voz que não era voz, uma voz que não falava em nenhum idioma. Em vez disso, foi uma impressão de linguagem, de compreensão, como eu nunca tinha ouvido antes.

– Eu sou Irimir. – Minha sombra declarou.

– Irimir. – respondeu o homem. E então percebi que não era um mero homem que falava, mas um homem e uma sombra unidos como um só. – Somos Stanier e Uzurul. Estamos aqui para ajudá-lo.

Eu encarei com horror quando a luz mais uma vez se fundiu na figura do homem parado diante de mim naquele corredor escuro. Percebi então que ele era um congênito.

Ele olhou para mim e sorriu. – Está tudo bem. – Ele estendeu a mão e tocou um dedo brilhante na minha testa. – Acorde.

Eu abri meus olhos...

E olhei para as vigas do teto baixo acima da minha cabeça e o brilho bruxuleante da luz do fogo brincando em uma parede de barro e pau-a-pique.

CAPÍTULO 11

Um cavalo descia vagarosamente pela estrada, a cabeça baixa, as rédeas arrastando-se.

Gerard parou, surpreso. Ele protegeu os olhos e olhou novamente, sem saber se acreditava ou não no que via. Parecia bom demais para ser verdade que um cavalo se aproximasse dele do nada, selado e pronto para cavalgar. Isso era algum tipo de truque? Ou um sonho?

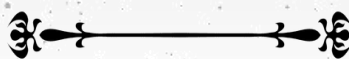
Mas o cavalo continuou avançando, as orelhas se mexendo nervosamente a cada passo. Gerard se aproximou da besta com cuidado. Ao som de sua voz falando gentilmente, ele ergueu a cabeça, aguçou as orelhas, bufou e deu uma patada no chão. Mas permitiu que ele se aproximasse e soltou um grande suspiro de alívio quando ele agarrou as rédeas e passou a mão pelo pescoço manchado.

Ele usava um equipamento de venador. Gerard reconheceu-o imediatamente, a insígnia de Castra Breçar embelezando tanto a bochecha quanto a saia de sela. Este era um cavalo de Evanderianos. Havia respingos de sangue em seu flanco, mas nenhum ferimento. Nenhum sinal de um cavaleiro em qualquer lugar também.

Gerard suspirou e fez uma oração rápida. Era uma longa jornada de Dunloch a Floresta da Bruxa, mesmo cortando em linha reta através do campo como ele pretendia. Se a Deusa achava por bem fornecer-lhe uma montaria, ele também poderia ser grato.

Ele tirou a espada da bainha de suas costas e a fixou no lugar na sela. Então ele montou, ajustou os estribos para caber no comprimento de sua perna e virou a cabeça do cavalo para o leste.

— Yáh! — ele gritou, e cravou os calcanhares nas costelas do cavalo. A besta saltou em movimento e eles galoparam em direção ao horizonte.



Hollis se agachou nas sombras, seu espírito enrolado em uma bola de defesa. Ela sentiu o labirinto de pedra ao seu redor, as voltas e reviravoltas escuras levando a lugares ainda mais escuros. Era o mundo de sua própria mente, um mundo que ela mal entendia, mesmo depois de anos de intensa exploração.

Ela não conseguia ver nada. O veneno paralisante a prendia com muita força.

Procurando ao longo da corda da alma que a conecta à sua sombra, ela sentiu aquele espírito em algum lugar à distância, ao redor de muitas curvas e cantos, atrás de muitas paredes deste labirinto mental. Ela reagiu ao veneno com ainda mais força do que ela, escondendo seu rosto estranho nas muitas dobras de suas asas. Hollis gostaria de ter ousado tentar alcançá-lo, oferecer algum tipo de conforto ou receber conforto em troca.

Mas isso era impossível. Sua sombra era uma arma. Afiada, oleada, mortal. Nada mais.

Então Hollis ficou sozinha, enrolada dentro de sua cabeça. Ela tentou se lembrar o que a trouxe aqui, que eventos ocorrendo no mundo desperto a levaram a ser vítima de um veneno evanderiano. Mas tudo estava tão distante

e confuso. O rosto de Fendrel apareceu em sua mente, mas isso não significava nada. Ele sempre esteve lá. Em sua mente. Em seu coração. Um objeto de terror tanto quanto de amor. Ele tinha feito isso com ela? Ele a envenenou, a prendeu neste lugar?

Ele viria logo para terminar o trabalho? Para matá-la? Para amaldiçoá-la?

Ela estremeceu, terrivelmente desamparada, furiosa e assustada ao mesmo tempo. Ela odiava Fendrel. Ela o amava e o odiava, quando não queria sentir nada por ele.

Calor.

O espírito de Hollis se desenrolou ligeiramente, a consciência acelerando. Calor. Calor crescente. Ela sentia isso tanto em sua mente quanto em seu corpo inconsciente. Crescendo, inchando, caindo sobre ela. Calor e dor e...

Seus olhos se abriram. A escuridão de sua mente desapareceu, substituída por rajadas de luz vermelhas e estrondosas. A magia se espalhou por cada membro. Sua sombra gritou em sua cabeça e correu descontroladamente por sua alma, inúmeras asas batendo em seu crânio, explodindo de sua cabeça com tanta força que apenas a corda da alma a segurou. Todos os feitiços de supressão foram quebrados, todo o controle momentaneamente perdido.

Hollis levantou-se de um salto, estendendo a mão com a mente para agarrar a corda, para reivindicar a ascendência. Ela sentiu as almas próximas, e com um grito ela direcionou todo o poder dentro dela para atacar. Sua sombra gritou, sua voz um eco dela, e se lançou na alma mais próxima.

Um par de asas, lançando gotas de luz como chuva, se abriu diante da visão de Hollis. Um par de antebraços se esticou e pegou a sombra de Hollis enquanto ela voava furiosamente para o ataque. Sua sombra guinchou, rasgou,

arranhou, rosnou, mas o enorme ser de luz pegou-a perto, fechou suas próprias asas e a segurou.

Hollis olhou, pasma, sua visão sombria dançando, incapaz de compreender o que ela via. Por um momento, ela pensou que o ser de luz havia devorado sua sombra. Mas então um som encheu seus ouvidos, encheu seu coração, uma música suave e calmante. Hollis sentiu uma onda de alívio fluir ao longo da corrente da alma, emanando de sua sombra.

O que nos três santos nomes da Deusa estava acontecendo?

Cada músculo pulando com energia e tensão, ela piscou para fora da visão das sombras e olhou para o mundo mortal. A luz do lampião encheu sua visão, iluminando um rosto jovem com cicatrizes e olhos azuis brilhantes. Ela o reconheceu. Ela não conseguia esquecer um rosto como aquele, embora a última vez que o vira ele não tivesse nem cinco anos.

— Terryn du Balafre. — Ela zombou. Então ela se lançou sobre ele, rasgando seus olhos com as mãos enquanto sua alma puxava sua sombra, procurando recuperar seu poder. Sua sombra estremeceu e se desvencilhou dos braços do ser de luz para mergulhar direto no jovem venador. Ela mergulharia em sua mente, encontraria alguma memória, alguma fraqueza e a rasgaria, deixando-o caído no chão em agonia!

Mas o ser de luz reagiu muito rapidamente. Ele pegou sua sombra novamente e segurou-a com firmeza. Sua sombra lutou furiosamente, mas não conseguiu se libertar. Terryn também agarrou os pulsos de Hollis e afastou as mãos de seu rosto.

— Eu não sou seu inimigo. — Ele rosnou em seu rosto, seus dentes brilhando sob o brilho da lanterna.

— Assombrados que você não é... — Hollis cuspiu. — Onde está seu mestre, cachorrinho?

— Se você está se referindo a Fendrel du Glaive, eu não sei. Eu esperava que você soubesse.

— O desgraçado inflamado me emboscou. — Hollis rosnou. Ela puxou com força e Terryn a deixou ir, embora soubesse que ele poderia ter segurado se quisesse. — Onde está Ayleth? O que seu mestre fez com ela?

— Mais uma vez, esperava que você soubesse. — respondeu Terryn. Ela imaginou ou houve uma centelha de calor entre aquelas palavras frias? — Fendrel também se voltou contra mim. — Acrescentou. — Tentou me matar. Ele pensa que estou morto.

Hollis olhou para ele. Ela não conseguia acreditar. Fendrel havia caçado Terryn? Não, não, não, não. Ela ainda se lembrava de quando ele trouxe o menino para casa da batalha de Cró Ular, como a luz quase sobrenatural brilhava em seus olhos, em seu coração. A esperança. A convicção. Terryn era o futuro do próprio Fendrel corporificado. A coisa mais próxima de um filho que ele conheceria.

Mas então... Hollis era a coisa mais próxima de uma amante que Fendrel já conhecera. No entanto, ele iria destruir os dois. Tudo por causa de sua Ordem. Tudo por causa de sua mentira.

— *Abaixe-se.* — Ela ordenou, e sua sombra parou de lutar contra o dragão de luz. Ainda transbordava com a explosão de raiva, poder bruto que a trouxe furiosamente para dentro dela e rompeu a paralisia. Tal poder teria sido mais do que páreo para qualquer sombra evanderiana comum limitada por feitiços de supressão. Mas o ser de luz o segurava quase com demasiada facilidade.

Hollis, usando sua visão de sombra, olhou para Terryn mais de perto. Seus olhos se arregalaram. — Sua sombra. — disse ela. — Não sinto supressões.

— Não. — Ele respondeu. Nada mais.

Então ele era um herege. Terryn du Balafre. O pequeno protegido de Fendrel. Um herege.

Como o mundo de repente se tornou interessante.

Hollis fez uma careta. Seu corpo estremeceu de repente, o tremor dos vários venenos que acabara de suportar. Ela colocou a mão na cabeça e se mexeu, lutando para manter o equilíbrio. — O que você me deu?

— Veneno de anathema. — respondeu ele.

Naturalmente. O melhor contra a paralisia da aparatação que foi usada para derrubá-la foi uma dose de veneno de Anathema. Hollis provavelmente poderia contar em uma mão o número de vezes que ela ficou paralisada, e só dessa vez ela foi reanimada com um veneno neutralizante. Era uma experiência que ela esperava nunca repetir.

A náusea passou, no entanto, e um pouco da magia bruta já havia se reduzido em sua alma. Sua sombra voltou para dentro de sua cabeça, ainda muito ascendente para seu conforto. Percebendo que ela precisava reafirmar os feitiços de supressão, ela sentiu seus tubos Vocos em seu cinto. Mas foi embora. Eles tiraram todas as suas armas, incluindo seus tubos.

Dando uma olhada ao redor, ela viu que tinha sido deixada no mesmo abrigo onde ela e Ayleth carregaram a Bruxa de Cristal inconsciente para um interrogatório mental. O cadáver da bruxa jazia de lado, várias horas morta pelo que parecia. Há quanto tempo ela ficou presa aqui? E por que Fendrel não a matou enquanto ela estava inconsciente?

Terryn já estava em movimento, dirigindo-se à porta. Hollis empurrou seu corpo relutante em movimento, seguindo-o. — Eles se foram, não é? — Ela disse para seus ombros largos.

Ele acenou com a cabeça sem olhar para trás. — Fendrel deixou dois evanderianos feridos para cuidar da casa. — Ele deu a ela um rápido resumo

de suas descobertas desde que escapou de sua própria morte. Enquanto ele falava, eles passaram pelos quartos dos fundos de Dunloch, deixando para trás os humildes depósitos e cozinhas, pegando a passagem que levava ao Salão Principal. Eles saíram para aquele espaço com pilares, e Hollis parou no meio do caminho, todo o seu espírito balançando com um choque de surpresa.

A jovem mulher desaparecida estava parada na base da grande escadaria. Ela tinha uma constituição delicada, um rosto pálido e enrugado e pouquíssimo cabelo no couro cabeludo tosado. Ela estava vestida com trapos, mas se portava com uma dignidade silenciosa, a cabeça erguida e os ombros para trás, os olhos firmes.

Em seu quadril, ela segurava uma criança tomada à sombra. Sua sombra ascendente brilhava inconfundivelmente à vista da sombra de Hollis. E logo ao lado, sentado no degrau mais baixo, estava outra sombra, um homem velho em vestes de veludo, com o espírito ascendente brilhando em seus olhos. Do outro lado da jovem estava sentada uma freira, suas vestes sagradas amarrotadas e o capuz torto. O espírito ascendente em seu corpo era mortal, mas uma presença sombria pairava logo abaixo, não suprimida e vigilante.

— O que... O que é isto? — Hollis engasgou.

— Evanderianos morreram no ataque ontem à noite. — Terryn explicou, ficando entre ela e a pequena assembleia na escada. — Estas são as sombras deles.

A jovem não tomada pigarreou e olhou diretamente nos olhos de Hollis. — Eles estão sob minha proteção. — Ela disse, ajustando seu aperto na garotinha tomada pela sombra.

Hollis ficou boquiaberta. Quem era esse jovem para fazer declarações tão ousadas e sem sentido? Uma mortal... protegendo as sombras? Era muito,

muito risível. Mas algo no olhar daquela mulher impassível a fez engolir seus protestos.

— Venatrix di Theldry. — Terryn disse, chamando sua atenção de volta para ele. — Antes de você ser atacada, o príncipe ordenou que você usasse seus poderes e coletasse todas as informações que você pudesse da mente da Bruxa de Cristal. Você conseguiu descobrir alguma coisa lá?

Hollis acenou com a cabeça. — A Estrada da Rainha. — Ela disse. Tentando não deixar que seu olhar se desviasse para a sombra mais do que o necessário, ela rapidamente contou a Terryn o que tinha descoberto sobre as intenções dos Diabos Carmesins. — A Estrada da Rainha é a rota mais rápida para Dulimurian. Com Odile acordada, ela pode ser capaz de controlar a oblidite na estrada e navegar com segurança pela Floresta da Bruxa.

— E... e realmente é Odile?

Hollis olhou para o rosto sombrio de Terryn, sua pergunta ecoando em seus ouvidos. Ele não estava lá no cofre. Ele não tinha visto a Rainha Bruxa se sentar ereta em sua laje de cripta, seu pescoço ainda sangrando da velha ferida mortal enquanto lentamente se reconectava.

Ela acenou com a cabeça. — Ela está viva. Ela está acordada.

Terryn baixou a cabeça. Mas quaisquer que sejam os pensamentos malignos que assolaram sua mente, ele não sucumbiu a eles. Ele olhou para Hollis de novo quase imediatamente, seus olhos brilhando com magia e luz. — Você deve perseguir Fendrel. — ele disse. — Você deve encontrá-lo e... e Ayleth. Não sei o que ele fez com ela. Não sei o que ele fará. Eu nem sei se... E se...

Havia uma dor real em seu rosto. Hollis reconheceu isso e muito mais. Oh, Ayleth! Que desastres aquela garota deixou em seu rastro, o coração deste pobre homem, não o menor deles!

— Fendrel não vai machucá-la. — disse ela com firmeza. — Ele não ousará. Não enquanto a própria Odile respirar.

— Por que? — Terryn exigiu. — Não entendo. Qual é a conexão entre elas exatamente?

Hollis respirou fundo. — Não há tempo para explicar. — disse ela. — Apenas saiba disso... saiba que Ayleth é a única que pode matar Odile. Não me pergunte por quê; não me pergunte como eu sei. Acredite em mim. Não tenho razão para mentir para você. Fendrel também sabe a verdade e usará Ayleth para acabar com a Rainha Bruxa de uma vez por todas. Até que ela cumpra seu propósito, Ayleth está a salvo. De Fendrel, pelo menos.

Terryn assentiu. Seu rosto estava cinza, sua cicatriz feia destacando-se totalmente. Ela poderia dizer que ele queria fazer mais perguntas, mas algo mais o impulsionou. — Você deve segui-los. — disse ele. — Fendrel terá obtido as informações de que precisava com Ayleth. Eles devem ter ido para a Estrada da Rainha.

Hollis franziu a testa. — E você?

Terryn balançou a cabeça. — Tenho outra missão a cumprir. Meu... o príncipe. O rei. Gerard. — Ele firmou sua mandíbula. — Ele está em perigo. Devo salvá-lo.

— Ele não importa. — Hollis ergueu as mãos e quase riu. — Você não entende, garoto? Nada importa, exceto Odile. Matar Odile. Nós não podemos...

— Ele é importante para mim.

Sua voz tinha tanta firmeza que Hollis parou bruscamente. Ela não conseguia pensar em mais nada para dizer, nem mesmo quando Terryn se afastou dela e se dirigiu à jovem na escada. Ele se curvou para ela, o punho pressionado contra o coração.

— Minha rainha. — Ele disse. — Com sua permissão, agora vou me despedir.

Sua rainha? A sobranceira de Hollis se franziu. Quem era essa garota, afinal?

A jovem apenas acenou com a cabeça, sua postura inegavelmente régia. — Vá. — disse ela. — Encontre-o. Traga-o para casa, se puder.

Terryn se endireitou e olhou na direção de Hollis. — Pegue um cavalo e cavalgue por Cró Ular e pela Estrada da Rainha. E que a Deusa guie seu caminho.

— Você está cometendo um erro. — disse Hollis. — Eles vão precisar de você, Terryn du Balafre. Ayleth vai precisar de você.

Outra centelha de dor percorreu seu rosto. Mas ele educou suas feições em uma máscara inexpressiva. — Quando meu irmão estiver seguro, eu irei. — disse ele. Com essas palavras, ele marchou para a porta e não parou. Ele desapareceu do lado de fora, deixando Hollis olhando para ele.

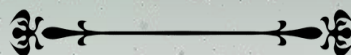
Então. Cabia a ela então. Encontrar e resgatar Ayleth. Parar Fendrel antes que sua loucura o levasse além da recuperação.

Por que ela de repente sentiu como se sua vida fosse um ciclo interminável das mesmas escolhas, dos mesmos erros?

— Alguns evanderianos ficaram para trás. — disse ela, sua voz alta no silêncio do Salão Principal. — Onde eles estão?

— Nós os trancamos na despensa. — respondeu a jovem atrás dela. — Por que?

Hollis se virou, encarando a mulher, a criança e os dois tomados pela sombra. Ela cerrou os punhos. — Eu preciso reabastecer minhas armas. — Ela disse. — Eu tenho uma caça a perseguir.



Cerine ficou no topo dos degraus da varanda, observando o capuz vermelho de Venatrix di Theldry desaparecer enquanto ela cavalgava pela ponte. Ela sentiu como se tivesse visto seu último aliado desaparecer, embora se a venatrix fosse realmente sua aliada ou não, ela não podia ter certeza.

A pequena Nilly se mexeu em seus braços. Cerine ajustou seu aperto na criança e se virou para ela, oferecendo um sorriso que provavelmente não era tão reconfortante quanto ela esperava. Ela voltou aquele mesmo sorriso para Yves e Ducette, que a seguiam como duas sombras silenciosas, seus olhares às vezes mortais e às vezes não.

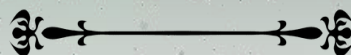
Então, Terrível Odile foi devolvida a Perrinion. E Gerard tinha cavalgado sozinho para lutar contra ela e seus Diabos Carmesins, deixando Cerine para trás com a tomada pela sombra que ela prometeu proteger.

Em uma mão ela agarrava a nota de Gerard. Ela não suportava a ideia de ler. Ainda não. Se essas fossem as últimas palavras que ela teria dele, ela adiaria o fim o máximo que pudesse. Em vez disso, ela reforçou o sorriso, enfrentando a sombra. Atrás deles, ela viu os outros membros da casa do castelo, os guardas, os criados. Todos eles olhavam para ela agora neste momento de medo, de crise.

Ela era sua rainha.

— Venham. — ela disse, sua voz clara e firme, embora seu coração trovejasse em sua garganta. — Vamos fazer o que pudermos para tornar Dunloch seguro.

O sol atingiu o zênite do meio-dia no céu e começou a cair na tarde.



O que posso dizer dos meses que se seguiram? Minhas pernas estavam quebradas e meu corpo estava todo atormentado pela febre. Eu entrava e saía da consciência e, sempre que voltava ao reino da minha mente, minha sombra estava lá esperando por mim. Mas agora Stanier também estava lá. Stanier e sua sombra inata, um ser de luz que falava e acalmava minha sombra em sua ira, falava e me acalmava em meu medo.

Quando acordei, Stanier também estava lá. Tudo nele me repelia. Ele era uma abominação. Sua própria existência cuspiu na cara da Deusa. Eu o odiava, odiava-o com tanta intensidade que uma vez tentei me levantar e matá-lo, embora meus ossos quebrados me traíssem e eu acabasse rastejando de barriga no chão de sua cabana, chorando de dor e frustração.

Ele me ajudou a voltar para a cama, colocou panos refrescantes em minha testa e cantou para mim com sua voz mortal, canções humildes sobre pássaros e árvores, flores e os caminhos das estrelas. Canções de amor e canções de nascimento. As mães cantam essas canções para seus filhos.

E quando finalmente adormeci novamente, ele esperou por mim lá também, um conforto na escuridão.

Finalmente amanheceu o dia em que abri os olhos e a febre baixou. Eu estava fraca como uma gatinha, mas não delirava mais, e meu ódio parecia ter morrido de volta para nada mais do que uma brasa opaca nas profundezas da minha alma. Virei minha cabeça e encontrei Stanier ao meu lado, sua alma mortal brilhando em seus olhos, mas seu espírito sombrio brilhando no centro de seu ser.

— Por que você não me matou? — Perguntei. Minha voz estava rouca pelo desuso e doía falar.

Ele levou uma xícara de madeira aos meus lábios e eu bebi avidamente. — Não sei. — disse ele, quando finalmente terminei. Ele se recostou no banquinho que puxou para perto da minha cama e me olhou, com a cabeça inclinada para o lado. — Algo sobre o seu rosto, talvez. — Ele deu um sorriso torto que fez seus traços caseiros brilharem de repente, não com a luz da aparatação, mas com um brilho totalmente único. Meu coração pareceu parar no meu peito. — É um rosto incomumente bonito. — disse ele.

— Eu vou te matar assim que puder. — Respondi, antes de ter um ataque de tosse.

— Eu não duvido. — Ele se inclinou para frente com a tigela de madeira novamente. — Mas, enquanto isso, beba isso.

CAPÍTULO 12

Ayleth estava deitada no silêncio de sua floresta mental, enrolada, escondida, os braços envolvendo a cabeça, o cabelo cobrindo seu corpo como um véu.

Laranta estava perto. A barreira de ferro a impedia de se aproximar, mas Ayleth podia sentir sua presença poderosa caminhando ao longo dos limites de sua consciência. Ela desejou poder estender a mão e segurar sua sombra de lobo, desejou que ela pudesse enterrar a cabeça naquela juba de pelo preto. Ela desejou que elas pudessem ser como sempre foram, não venatrix e sombra, mas irmãs de alma inatas. Coisas selvagens correndo por uma floresta de pinheiros nas encostas das montanhas, longe da humanidade. As duas juntas com seus irmãos e irmãs lobos, não possuindo nada além de sua selvageria, desejando nada além de sua liberdade.

Essa vida nunca mais seria delas. Nesse esconderijo aninhado de sua própria mente, Ayleth chorou por sua perda, chorou por Laranta, chorou por sua mãe, irmãos e irmãs.

De repente, horivelmente, a luz vermelha perfurou as sombras silenciosas, pulsando de dor. Ela sabia o que era, veneno de ferro. Diretamente empalado através de sua pele, em seu sangue, para baixo em sua alma onde ela não poderia se esconder dele.

Os evanderianos a encontraram. Eles a salvaram.

Ela suportou a onda de agonia até que finalmente rolou sobre suas cabeças. No mundo mortal, suas pálpebras tremularam e então se abriram com relutância. Seu olhar nadador e atormentado pela dor focalizou com esforço, e

ela viu as mãos à sua frente, mais uma vez envoltas nas luvas de ferro e amarradas a uma sela.

Cordas a prendiam por todos os lados, impedindo-a de cair do cavalo, mesmo em seu estado inconsciente. Não era o mesmo cavalo que ela montou esta manhã, ela notou estupidamente. O pescoço curvado diante dela era um castanho brilhante, e ela meio que se perguntou se era Fleeta de Terryn. Mas não, esta besta era mais escura e mais robusta do que sua bonita égua vermelha.

Todo um mundo de dores, cortes e contusões estendeu-se para abraçá-la enquanto ela ficava mais plenamente consciente. Junto com as costelas quebradas e os hematomas no pescoço, onde mãos mortas a estrangularam, ela notou em particular a dor nas coxas. Olhando para suas calças, ela viu longos cortes no tecido, revelando ataduras manchadas de sangue. Ela sabia o que deviam ser: Fendrel havia expurgado as maldições de controle da Bruxa Cadáver de seus membros. Ela deveria ser grata.

Em vez disso, ela virou a cabeça ligeiramente e olhou para a figura cavalgando ao lado dela em um cavalo preto. Seu salvador. Seu torturador.

Ela abriu a boca, tentou falar. Sua garganta estava muito dolorida com a tentativa de estrangulamento e as palavras não saíram sem um esforço extremo. Por fim, forçando o som através de seus lábios, ela murmurou: — Se você desse a minha ascendência de sombra, eu poderia curar minhas feridas muito mais rápido.

Fendrel não se virou, embora ela tenha pensado ter visto o lampejo de seus olhos lançando-lhe um rápido olhar de soslaio. Caso contrário, ele não ofereceu nenhuma resposta.

Estremecendo, Ayleth endireitou-se na sela, endireitando os ombros e tomando cuidado para não mover as mãos mais do que o absolutamente

necessário. Ela podia sentir aquelas pontas de ferro prontas para morder. Os evanderianos a cercaram como fizeram naquela manhã, mas quando ela fez uma rápida contagem de pessoal, havia apenas seis, incluindo o próprio Fendrel. Então, dois outros além de sua guardiã venatrix perderam suas vidas na batalha matinal.

Se um dos Diabos Carmesins de Odile podia causar tanto dano, como eles poderiam esperar enfrentar a própria Odile?

Mas, novamente, os evanderianos não enfrentariam Odile. Esse era o trabalho de Ayleth.

— Tire essas malditas coisas de Assombrados de mim. — Ela rosnou de repente, sua voz ainda áspera e horrível. Ela direcionou um olhar duro para o lado do rosto de Fendrel. — Eu não posso lutar com elas. Você precisa de mim. Você sabe que precisa.

Ele não disse nada. Ele não pareceu ouvi-la, nem mesmo para lançar um olhar de soslaio.

Ayleth estremeceu de novo, tonta com toda a miríade de dores que percorriam seu corpo. — Aquela venatrix. — ela disse, inclinando a cabeça, mas forçando as palavras a saírem, no entanto. — Aquela que você deixou para me proteger. Ela morreu porque eu estava algemada. Eu poderia ter salvado ela. Se você não tivesse me deixado indefesa, eu poderia tê-la mantido viva.

— Venatrix d'Aril está morta por sua causa. — Fendrel virou a cabeça apenas o suficiente para fixá-la com um olhar acusador.

Ayleth mostrou os dentes. — Ela está morta porque fomos oprimidas por cadáveres ambulantes.

Ela sentiu o súbito raio de tensão disparar por ele, tão claramente como se ele a tivesse golpeado. Ele se virou para encará-la, e a expressão em seu rosto era como um golpe em si. — Eu não me importo se foi você quem deu o golpe

mortal ou não. Ela morreu e você não. Você, que deveria ser o primeiro e único alvo da Bruxa Cadáver. Ele a teve à sua mercê e, no entanto, você vive. E ele também, porque você o deixou escapar.

— Deixei-o escapar? — Ayleth balançou a cabeça e imediatamente fechou os olhos quando outra onda de tontura escureceu os limites de sua visão. Fendrel não a tinha visto lutar com a Cadáver? Ele não tinha visto como ela tentou matar aquele homem?

Fendrel olhou para ela com tanto ódio que ela podia sentir mesmo com os olhos fechados. — Você devia estar morta. — disse ele. — Você, que é o maior, o único risco para a vida de sua rainha, você deveria estar morta.

Ayleth abriu os olhos novamente, olhando através dos cílios para o Venator Dominus. Ele encontrou os olhos dela e balançou a cabeça lentamente. — Ela deve ter algum uso para você ainda. Algo que faz com que sua vida valha o risco. — Seu lábio se curvou levemente. — Eu deveria matar você eu mesmo. Se eu fizesse, ainda poderíamos derrubá-la, cortar sua cabeça novamente. Ela ficaria presa para sempre desta vez, sem nenhum parente de sangue para reanimá-la. Pode ser... pode ser...

Ele estava louco. Apesar de toda a sua vontade dura de ferro, de todo o seu rosto duro como pedra, ele estava completamente louco. Ayleth olhou fixamente para aqueles olhos e viu o vórtice rodopiante de insanidade em seus centros, e fez tudo o que pôde para não esporear as costelas de seu cavalo, para não quebrar ali mesmo. Mas se ela fizesse, ele certamente iria perseguir. Ele iria caçá-la, matá-la, maldito seja... e maldito seja o resto deles também destruindo sua última chance de acabar com Odile.

Então Ayleth ficou imóvel, todos os músculos tensos, com medo de se mover.

Seu cavalo deu um passo errado, empurrando a sela. Por reflexo, Ayleth tentou alcançar um punhado de crina... e as pontas das luvas de ferro cravaram na pele, pequenas pontas mordendo o osso. Ela gemeu, choramingou e se perdeu novamente em uma tempestade de agonia da qual não havia como escapar. Sua mente se encheu de vermelho.

Quando finalmente sua visão clareou e ela foi capaz de pensar e sentir algo diferente de dor, Fendrel não estava mais ao lado dela. Ela o viu à frente, conferenciando com um de seus homens. Em seu lugar, quando Ayleth virou a cabeça cansada para a direita, ela encontrou Kephan segurando a guia de seu cavalo. Ao contrário de Fendrel, ele olhava para ela diretamente, encontrando seu olhar quando ela se virou para ele, seu rosto cheio de preocupação.

— Não me olhe assim. — ela rosnou.

— Como o que? — ele perguntou, piscando duas vezes.

— Como se você se importasse. Você é um deles. Você os está ajudando. Você não precisa se preocupar comigo.

O venador respirou fundo e desviou o olhar, subindo a estrada. Seu olhar se fixou em seu dominus. Eles progrediram vários minutos antes, com um suspiro pesado, ele falou novamente. — Eu me importo, di Ferosa. E eu vou te ajudar. Se eu puder.

— Ajudar-me? — Ayleth quase engasgou com a risada horrível que subiu por sua garganta. Ela ergueu as mãos ligeiramente. — Se você quiser me ajudar, tire essas coisas.

Kephan balançou a cabeça. — Você sabe que eu não posso. De qualquer maneira, ainda não. Eu tenho que esperar por uma chance. — Ele lançou lhe um olhar rápido. — Venatrix d'Aril... treinamos juntos na Castra Breçar naquela época. Éramos estudantes juntos. Você fez... Foi você...?

Ayleth fez uma careta. — Eu não a matei, se é isso que você está perguntando. Ela morreu tentando me proteger. Porque eu não pude me proteger.

Ele assentiu. Ela não sabia dizer se ele acreditava nela ou não. O que Fendrel estava dizendo a ele e aos outros? Fendrel tinha um jeito de falar mentiras ultrajantes de forma tão convincente que não dava para deixar de acreditar nele, não dava para deixar de querer acreditar nele. Ele obviamente acreditava em si mesmo. O que só tornava suas mentiras mais perigosas.

Ayleth expirou lentamente pelo nariz e olhou ao redor para o campo por onde passaram. Eles viajaram em uma trilha de circuito sinuoso ao longo das encostas superiores de campos montanhosos, evitando os vales. Algo sobre isso parecia familiar. — Nós estamos... estamos indo para Cró Ular? — ela perguntou.

Kephan acenou com a cabeça. Ela viu com o canto do olho, sem realmente olhar para ele. — Não estamos longe agora. — disse ele. Então ele baixou a voz como se tivesse medo de ser ouvido até pela própria Ayleth. — O Dominus espera que a Floresta da Bruxa diminua o ritmo de Terrível Odile. Ele espera que os alcancemos antes que passem pela Grande Barreira. Mas o Cadáver efetivamente nos atrasou várias horas, então...

Então Odile e sua escolta de Demônios já poderiam ter ido embora há muito tempo, tendo mergulhado nas profundezas escuras e venenosas da Floresta da Bruxa. Mas aquele ar assombrado não envenenaria os pulmões de Odile, pois só ela comandava o poder do oblivis. E a própria Floresta da Bruxa... iria recebê-la como uma irmã há muito perdida?

Seus cavalos subiram uma ladeira íngreme agora, e Ayleth reconheceu onde eles estavam. No topo dessa elevação, eles teriam uma vista do vale em que Cró Ular estava. As ruínas da Estrada da Rainha seriam visíveis,

estendendo-se pelo campo. E além da torre estaria a massa escura de Floresta da Bruxa, esperando.

Ayleth olhou para frente e viu Fendrel chegando ao topo da colina. Ele parou seu cavalo. Ela franziu o cenho. Algo na maneira como ele se sentava na sela, na maneira como segurava os ombros...

Algo não estava certo.

Kephan também percebeu; ela percebeu pela maneira como ele agarrou com mais força a corda da montaria, fazendo com que o cavalo sacudisse a cabeça em protesto. Eles continuaram subindo a encosta e ganharam a crista. De lá, eles olharam para o Vale do Sangue e dos Olhos.

Diante deles estavam as ruínas da torre, exatamente como haviam estado nesses vinte anos. E além deles... além deles...

Ayleth ficou olhando. Então ela piscou e olhou novamente. Ela não conseguia acreditar no que via, não conseguia aceitar a realidade da visão diante dela.

A floresta periférica se foi. Substituída por uma floresta de pedras brilhantes.

O ar girava com o que ela a princípio julgou ser cinzas. Mas a cinza não cintilava com magia negra, captando a luz e refratando-a em pedaços espalhados. Isso não era cinza, era oblivis.

O que isso significa? A Grande Barreira foi destruída? Floresta da Bruxa estava quebrando? Mas isso não parecia obra de Floresta da Bruxa. Não havia videiras, nem feridas com secreção de pus nas árvores. Nessa doença havia vida.

Agora toda a vida se foi.

Apenas uma pessoa poderia ter feito isso. Apenas uma pessoa poderia exercer tal poder. Em sua mente, Ayleth viu novamente a forma esquelética

queimada da Rainha Bruxa agachada sobre a laje de seu cemitério de pedra, o pescoço ainda ensanguentado com a ferida recém-feita, o oblívio pulsando em cada membro. Ela parecia frágil então, como se um sopro de vento pudesse despedaçá-la. Claramente, ela não era mais frágil.

Entre eles e a desolação estava Cró Ular. Algo em suas paredes em ruínas e torre caída parecia estranhamente expectante, ansioso.

— Venador du Tam. — Fendrel latiu, quebrando a quietude que havia mantido toda a companhia cativa por muito tempo. Kephan respondeu imediatamente, passando a corda do cavalo de Ayleth para o evanderiano mais próximo e cavalcando apressadamente para o lado de Fendrel.

— Algo não parece certo lá embaixo. — disse o Dominus com um aceno de mão. — Use esses seus poderes ferais e procure algum tipo de armadilha. Leve Harsent e Theutrud com você e tome cuidado.

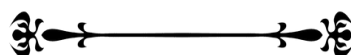
Kephan saudou e gesticulou para os dois evanderianos nomeados. Os três desmontaram e, deixando seus cavalos, avançaram rápida e furtivamente pela encosta. Ayleth não conseguia sentir suas sombras, mas sabia que deviam estar ascendentes, transbordando de poder apenas restringido por canções de feitiço. Apesar de tudo, a preocupação invadiu o coração de Ayleth enquanto observava Kephan rastejar até as paredes em ruínas. Ela desejou que fosse ela lá embaixo. Ela desejou...

Seu cavalo mudou de peso de repente, e ela tentou agarrar o pomo por instinto. As pontas de ferro morderam com força, como dentes ferozes ferindo sua pele e alma. Com um grito abafado, ela afundou na dor, praguejando, desesperada e com raiva. Ela teria ficado melhor com as bruxas.

Quando finalmente a onda passou e ela voltou a si, foi ao som de gritos. A princípio ela pensou que fossem seus e de Laranta. Mas não. Essas eram vozes distantes e desesperadas ecoando fora de sua cabeça.

Ela balançou a cabeça com força e olhou através da névoa de dor para a torre abaixo. Os gritos que ela ouviu... eles vieram de lá, mas quase foram abafados por um rugido terrível. Uma seção da parede em ruínas quebrou em uma chuva de escombros quando algo a quebrou, algo que voou das ruínas por vários metros e caiu no chão como uma polpa sangrenta que não era mais reconhecidamente humana.

Um capuz vermelho caiu no chão quando a última rajada de vento voltou às ruínas.



Gerard freou seu cavalo no topo de uma colina. O sol da tarde estava alto, lançando luz, mas sem calor no dia de inverno. As sombras nos vales se alongaram e se aprofundaram, mas não eram escuras o suficiente para esconder o que esses vales continham.

Eles não podiam esconder o campo dos mortos.

A escuridão caiu sobre o espírito de Gerard como uma nuvem passando sobre o sol. Ele ficou sentado como se estivesse congelado, olhando para baixo naquela encosta, incapaz de desviar o olhar daquela visão sombria.

Havia uma dúzia ou mais. Homens, mulheres. Crianças também.

Este era o seu povo. Assassinado. Ele não teve que adivinhar por quem. Os Diabos Carmesins de Terrível Odile não tinham consideração por vidas mortais. Nem mesmo as vidas de seus próprios corpos hospedeiros. Certamente não a vida de pessoas humildes de uma aldeia. Eles os usaram. Mataram eles. Como um rebanho de gado conduzido ao açougueiro.

No início, Gerard não conseguia ver nada além da morte abaixo dele, não conseguia sentir nada além de horror. Mas quando a primeira onda de horror passou, ele viu outra coisa, um padrão. A maioria dos corpos estava no centro, empilhados uns sobre os outros, enquanto os outros formavam círculos a partir do centro. Como se todos eles estivessem envolvidos em uma espécie de dança estranha e terrível.

Ou controlados por uma única mente.

— O Cadáver. — Gerard sussurrou.

Seu cavalo estremeceu, bufou, inquieto na presença de tanta morte. Mas um cavalo evanderiano não se assustava facilmente. Gerard ajustou seu aperto nas rédeas e voltou seu olhar para o leste novamente. Para a Floresta da Bruxa.

Estava perto agora; ele podia ver a floresta periférica daqui.

Seu coração batia forte na garganta. Mais do que tudo, ele ansiava por abandonar esse caminho, desistir desse passeio selvagem. O desejo de caçar a Bruxa Cadáver queimava em seu peito, o desejo de vingar aquela gente, seu povo. Essas almas inocentes tomadas e usadas como ferramentas, depois cruelmente descartadas.

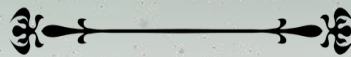
Mas só havia uma maneira de acabar com essa loucura.

— *Que a Mãe te receba, que te chamou.* — Ele murmurou, erguendo a mão direita em saudação aos caídos. — *E que os espíritos celestiais os conduzam aos Portões da Luz. Cabeça tenha piedade. Coração tenha compaixão. Alma, tenha misericórdia.*

Então ele virou a cabeça do cavalo para o leste mais uma vez e o estimulou a galope, deixando o vale dos mortos para trás. Ele não viu o vento que soprava em seus rostos imóveis, puxando seus cabelos.

Ele não os viu abrir os olhos. Se mexer. Se esticar.

Começar a subir.



Eu não o matei.

Meu corpo se curou lentamente, mas com segurança sob seus cuidados.

Um dia, enquanto ele estava fora da cabana, pegando ervas para fazer um cataplasma, levantei-me e descobri que, embora minhas pernas estivessem fracas, eu conseguia me equilibrar nelas. Procurando um pouco, encontrei uma faca e, quando ele voltou, sentei-me ereta no catre, a faca no colo.

— Ah. — ele disse, me observando. — Hoje é o dia então?

Eu dei de ombros e coloquei a faca de lado. — Talvez amanhã.

Mas no dia seguinte ele me ajudou a levantar e dar meus primeiros cinco passos agonizantes fora do quintal. No dia seguinte, ele me ajudou a dar mais cinco.

Três meses depois, no escuro da noite, levantei-me da cama e peguei a faca mais uma vez. Eu andei com meus próprios pés pela cabana até a cama dele, onde ele dormia profundamente, tanto o mortal quanto o espírito das sombras quieto dentro dele. Ele foi um tolo por confiar em mim. Ele era um tolo em pensar que eu era menos uma venatrix agora do que nunca. Ele era um idiota...

Mas eu também era.

Eu enfiei a faca na parede acima de sua cabeça. O som do impacto o acordou. Ele se sentou ereto, os olhos arregalados, mas não de medo. Ele olhou para mim, e foi uma alma inteiramente mortal que eu vi.

Subi em sua cama naquela noite e cometi o grande pecado. Mas nunca parei para pensar no que minhas ações significavam, pois meu sangue estava quente, e meu corpo estava faminto e minha alma em chamas com um sentimento que eu nunca tinha conhecido antes e nem pensei em nomear.

Nove meses depois, dei à luz uma filha inata.

Olena.

CAPÍTULO 13

Ayleth ficou boquiaberta, horrorizada. Ela não podia acreditar no que viu acontecendo diante de seus olhos. Outra figura saiu voando das ruínas de Cró Ular, voando alto no ar, braços e pernas lutando contra o vento que os carregava. Era Kephan? Oh, Deusa, que não fosse Kephan! Ele foi erguido bem alto, dez metros, quinze, trinta metros no ar, e então caiu, dando cambalhotas no nada, despencando até o fim. Ele pousou entre as ruínas de Cró Ular e fora de vista.

Um segundo depois, uma terceira figura apareceu, caindo no ar e se chocando contra a encosta logo abaixo de onde Fendrel e os outros estavam. Ayleth esticou o pescoço, tentando captar um vislumbre de seu rosto, tentando ver se ela o reconhecia e se ele de alguma forma, milagrosamente, ainda vivia.

Outro rugido do vento atraiu seu olhar de volta para as ruínas. Do centro dos escombros uma quarta figura se ergueu, esta não se debatendo e girando em terror. A Bruxa do Vento cavalgava no ar, seus braços estendidos para se equilibrar nos ventos que ela comandava, seus cabelos claros voando atrás dela em flâmulas esfarrapadas e esvoaçantes. Enquanto os ventos a carregavam, eles também se abaixaram entre as pedras quebradas de Cró Ular, enrolando faixas invisíveis de poder dentro, ao redor e abaixo. Ela ergueu os braços e as pedras se ergueram no ar, flutuando ao seu redor.

— Movam-se! — Fendrel gritou. Sua voz pareceu quebrar um feitiço de paralisia que mantinha os evanderianos congelados. Eles romperam as fileiras imediatamente, cavalos guinchando, cascos batendo, caudas voando, capuzes

dos cavaleiros batendo em seus ombros. Projéteis assobiaram no ar, cravando-se na encosta, alguns do tamanho de um homem.

O evanderiano que segurava a guia do cavalo de Ayleth esporeou sua montaria bruscamente, incitando os dois cavalos a descer a colina em um esforço para escapar do ataque. A súbita guinada em movimento sacudiu as mãos de Ayleth, e ela perdeu todo o sentido do que a rodeava, toda a capacidade de sentir medo, toda a capacidade de sentir qualquer coisa, exceto a agonia em brasa do veneno de ferro passando por sua alma. Na floresta de pinheiros de sua mente, ela gritou, implorando à Deusa para ouvi-la, para livrá-la desse tormento. Mas o veneno a golpeou até que sua autoimagem projetada se despedaçasse e ela se tornasse nada além de sua dor.

Quando ela lentamente se deu conta de si mesma, ela estava deitada no chão, ainda amarrada à sela. Seu cavalo estava em sua perna, prendendo-a. A besta não se debateu nem gemeu, e Ayleth viu muito sangue e uma enorme pedra, que milagrosamente não a atingiu quando o atingiu. Ela não conseguia se mover, nem mesmo para mudar de posição, com medo de cravar os espinhos em suas mãos. Ela não podia fazer nada a não ser ficar deitada ouvindo gritos, ouvindo rocha batendo na encosta.

— *Laranta!* — ela gritou dentro de sua cabeça. Mas não adiantou. Ayleth balançou a cabeça e seu cabelo, solto da trança, bateu em seu rosto, sobre os olhos. Através dos fios escuros, ela viu uma figura se aproximando, cavalcando nas correntes de ar. A Bruxa do Vento.

Seu olhar pousou em Ayleth, presa sob o cavalo, e seus lábios se esticaram em um sorriso. Um braço se moveu como se estivesse soprando vento. Ayleth engasgou, atingida por uma sólida parede de ar, mas o vento parou e se moveu ao seu redor, como tantos dedos envolvendo o corpo do cavalo, e começou a erguê-lo e Ayleth.

Antes que Ayleth pudesse abrir a boca para gritar, a bruxa foi jogada para o lado e perdeu o controle do vento, girando no ar como os pobres homens que ela havia jogado e quebrado tão descuidadamente. Mas ela rapidamente se controlou, recuperou o equilíbrio e se virou na direção de onde veio o golpe.

Ayleth também se virou, tentando ver quem havia conseguido acertar a Bruxa do Vento, mas ela se moveu muito abruptamente e os espinhos voltaram a acertar. Ela desabou de novo em dor.

Quando ela foi capaz de abrir os olhos, Fendrel estava em pé sobre ela, com as pernas apoiadas, o braço para cima e a mão direita sangrando dos cortes que ele mesmo havia feito. O poder das sombras girava ao redor e através dele, tão ascendente que Ayleth não precisava dos poderes de Laranta para senti-lo. Como ele evitou que seu corpo explodisse em uma nuvem de poeira? De alguma forma, ele manteve o controle.

Mesmo quando Ayleth se concentrou nele, Fendrel puxou o braço para trás e lançou outra maldição diretamente na bruxa, explodindo através de seu escudo de vento. Cortes apareceram em seu rosto, em suas mãos erguidas, cortando suas roupas. Mas nenhum deles causou danos letais e, embora ela tenha caído bruscamente em direção à terra, ela se segurou e, enquanto ainda se erguia, ergueu uma de suas pedras maciças e atirou-a direto para Fendrel, direto para Ayleth.

Fendrel trouxe sua mão ensanguentada para baixo em um gesto curto e afiado. Uma explosão de magia emanou dele, e a pedra se partiu em duas, caindo de cada lado deles e rolando para longe. Uma fina camada de poeira espirrou no rosto de Ayleth, mas nada mais.

Ela percebeu passos ao seu redor. Virando a cabeça, ela viu dois evanderianos correndo de cada lado, escorpiões armados e prontos. Eles viram

a cena. Um deles apontou erráticamente; o outro assumiu uma boa postura e atirou de verdade.

Mas a Bruxa do Vento pegou os dois dardos em um redemoinho de ar e os fez voar descontroladamente. Então, estendendo um braço, ela agarrou algo invisível em seu punho e puxou-o com força por cima do ombro.

Fendrel cambaleou, afastando-se dois passos de Ayleth. Ele caiu sobre um joelho e depois se apoiou na mão esquerda. Sua outra mão agarrou sua garganta, e ele engasgou, engasgando, desesperado, tentando pegar o ar roubado de seus pulmões. Os outros dois evanderianos fizeram o mesmo, entrando em colapso, sufocando e se contorcendo na necessidade de respirar.

A bruxa, cavalgando bem acima deles, sorriu severamente com a visão e olhou para Ayleth. Enquanto mantinha uma das mãos em punho, como se segurasse com força as respirações que havia roubado, ela estendeu a outra mão, apontando para Ayleth.

O olhar de Ayleth se fixou no enorme bloco de pedra que se erguia lentamente sob a bruxa, girando em seu eixo. Era um míssil do tamanho de um cavalo. Isso esmagaria seu crânio e a achataria no chão, e ela não conseguia nem levantar as mãos em uma débil defesa.

Ela desejou de repente que Laranta pudesse estar com ela. Que ela não precisasse enfrentar essa morte violenta sozinha.

Mas, em vez de se arremessar em sua direção, a rocha balançou e caiu direto no chão. Os olhos da bruxa se arregalaram, ainda fixos em Ayleth, mas sem vê-la mais. Enquanto ela olhava para algo a um mundo de distância, seu punho se abriu, seus dedos abertos, liberando a respiração que ela roubou dos evanderianos.

Então ela se dobrou e soprou vários metros no ar, seu cabelo branco caindo sobre o rosto. Seus ventos a pegaram antes de cair, mas suas mãos se

moveram para as têmeoras, agarrando o cabelo ali, e ela gritou: — Não, não, não! Saia, saia da minha cabeça!

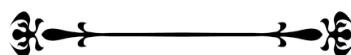
Ela caiu no chão, uma queda de cerca de três metros, e rolou. Seus ventos sopraram descontroladamente e incontrolavelmente ao redor dela, espalhando grama, mudando os corpos das pedras caídas e quebradas. A bruxa segurou sua cabeça e gritou, — Zarc! Não! Não! Não! Saia da minha cabeça!

Houve uma pressa horrível, depois um instante de silêncio, como se algum grande ser tivesse respirado e todos os ventos parassem temporariamente. Naquele momento, um dardo com pontas apareceu na garganta da bruxa. Em seguida, um segundo, atingindo as costas de sua mão. Em seguida, um terceiro, fixando-se em sua bochecha.

Ela gritou. Um vendaval brutal explodiu de seu núcleo, e um tornado de pura magia a enviou girando no ar. Ela continuou gritando, mas sua voz era inaudível acima do rugido caótico do vento que ela convocou em uma última tentativa desesperada de escapar. Mas os três dardos fizeram seu trabalho. O tornado parou tão abruptamente quanto havia começado. Zilla d'Utrehd, privada de seu apoio, despencou do céu e atingiu com uma trituração espessa, maçante, de quebrar os ossos.

Ayleth ergueu a cabeça do chão, virando-se com cuidado para não mover muito as mãos. Girando lentamente em sua posição presa sob o cavalo, ela olhou para o topo da colina. Lá estava uma venatrix, com as pernas em ampla posição de tiro, o braço direito apoiado no esquerdo e seu escorpião armado com outro dardo.

Era Hollis.



As sombras da orla da floresta ainda não eram profundas quando Gerard se esgueirou entre elas. O sol estava começando a descer, mas ainda faltavam horas de luz do dia naquele dia interminável.

Não que a hora do dia fizesse muita diferença quando ele atravessasse a Grande Barreira e entrasse na Floresta da Bruxa, ele lembrou a si mesmo.

Quanto falta agora? Dois quilômetros ou mais, ele adivinhou, embora não pudesse dizer com certeza. Este era um território desconhecido para ele. A vegetação rasteira era mínima nesta época do ano, portanto, embora não houvesse trilhas a seguir, seu cavalo foi capaz de navegar por seu próprio caminho bem o suficiente. Ele espiou por entre os galhos, mantendo um olho no progresso do sol, a melhor bússola disponível para ele enquanto tentava manter um curso constante para o leste.

Algo parecia estranho. Algo no ar. Seu cavalo também percebeu, a julgar pela maneira como suas orelhas nunca paravam de se contorcer e sua pele nunca parava de tremer. Ele não tinha viajado mais do que alguns comprimentos entre as árvores antes que a sensação se tornasse quase insuportável. Quase o suficiente para fazê-lo voltar.

Mas ele não podia voltar atrás. Ele fez uma promessa. E a Deusa havia mostrado a ele sua vontade. Não havia como voltar atrás, não mais.

O cavalo balançou a cabeça, então parou e sacudiu todo o corpo com tanta força que estremeceu os dentes do crânio de Gerard. Ele segurou até que o tremor passasse, então deu um tapinha no pescoço da fera e murmurou nada reconfortante. Seus ouvidos voltaram para sua voz. Depois de um suspiro pesado, ele continuou, seu ritmo relutante, mas constante.

As árvores... havia algo estranho nas árvores. Gerard franziu a testa e puxou as rédeas, parando para uma inspeção mais próxima de um carvalho

próximo. Um estranho resíduo parecia ter sido enxertado no lado norte do tronco. Algo preto... brilhava de alguma forma. Como um fungo, surgiu entre as ranhuras da casca, mas não era fungo. Mais como... pedra facetada.

— Oblidite? — ele sussurrou. Mas não. Isso não poderia ser. Poderia?

Ele seguiu em frente. Quanto mais ele ia, mais prevalentes se tornavam os depósitos de pedra. Cada árvore usava um revestimento estranho. Mas havia algo mais, algo que ele não pôde discernir a princípio. Ele percebeu a verdade somente depois de há muito tempo ter deixado a orla da floresta para trás.

As árvores estavam todas mortas.

Seu cavalo empacou e sacudiu a cabeça, puxando o freio com tanta força que quase o puxou para fora da sela e para baixo sobre o pescoço. Gerard rapidamente assumiu o controle, dominando tanto sua montaria quanto seu próprio coração acelerado. Ele não podia se render ao terror que ameaçava se levantar e sufocá-lo. Afinal, aquela era apenas a floresta periférica. Ele ainda não havia alcançado a Grande Barreira. Como ele poderia ter esperança de atravessar, de passar pela escuridão da própria Floresta da Bruxa se ele não pudesse administrar este trecho da jornada?

— Vamos, então. — Ele apressou seu cavalo. Ele respondeu à firmeza em sua voz e avançou novamente. Gerard se virou na sela, olhando através dos galhos para verificar a posição do sol. Mas o dossel da floresta, embora desprovido de qualquer folhagem, era mais espesso do que ele esperava. Pouca luz era filtrada agora, e o ar estava estranhamente denso. Ele balançou a cabeça e olhou para frente novamente, confiando no puro instinto para guiá-lo para o leste. Instinto e liderança da Deusa. Ele alcançaria Dulimurian. Ele tinha que alcançar.

Seu cavalo se encolheu de repente e guinchou, saltando para o lado. Gerard tentou agarrar sua crina, mas perdeu seu assento e caiu pesadamente no chão, caindo de costas. Por um momento ele ficou onde havia caído, atordado. Então ele engasgou em uma respiração.

O fedor de podridão encheu suas narinas e pulmões.

Ele engasgou, amordaçou, rolou e soltou. Ele não tinha comido nada naquele dia, então não havia nada para voltar, mas seu estômago revirou novamente e novamente. Por fim, se recompondo, ele sentou-se de joelhos. A sujeira era esmagada com cada movimento que ele fazia. Mais fedor podre cresceu em torno dele. Engasgando novamente, ele estendeu a mão e, usando os dedos, puxou para o lado a camada superior de folhas velhas, samambaias e terra.

Sua mão apodreceu. Podridão fétida.

Gerard se levantou, seu coração batendo forte contra o esterno. Isso estava errado. Isso não era natural. Isso era...

— A Floresta da Bruxa. — Ele sussurrou. O nome cuspiu de sua língua, sua respiração movendo o ar estranhamente espesso em redemoinhos. Será que ele de alguma forma passou pela Grande Barreira e não percebeu isso? Não. Não, certamente isso não era possível.

Depois de todos esses anos, o encanto da música de Fendrel havia caído?

— Deusa tenha misericórdia. — Ele sussurrou. — Deusa tenha misericórdia. Deusa tenha misericórdia...

Seu cavalo estava tremendo não muito longe, observando-o com os olhos brancos girando. Ele estava com muito medo de correr para longe, o que foi uma sorte para ele, porque sua espada, sua única arma, ainda estava presa à sela.

Aproximando-se com cuidado, Gerard agarrou as rédeas da fera e então, puxando sua cabeça para ele, esfregou seu nariz e murmurou em seu ouvido. Ele nunca teria trazido um animal para Floresta da Bruxa, não de propósito. Mas já era um pouco tarde e ele poderia progredir melhor montado do que a pé.

— Sinto muito, cara. — Ele murmurou. Mas ele removeu a espada e a bainha da sela e as amarrou às costas. Se ele fosse destituído de novo e seu cavalo fugisse, ele não queria ficar preso sem uma arma. Ele montou e, usando os depósitos de oblidite voltados para o norte como guia, virou a cabeça do cavalo para o leste.

O ar estava difícil de respirar. Pequenos grãos flutuaram no ar diante de seu rosto. Cinzas? Houve um incêndio? O fedor sulfuroso piorou também, e Gerard quase podia sentir seus pulmões sendo revestidos a cada respiração que ele respirava.

Um som alcançou seu ouvido. Um som que ele não conseguiu distinguir em primeiro lugar. Como... como respiração. Mas não exatamente.

Algo o observava.

Gerard girou em sua sela e olhou para trás através das árvores atingidas. A princípio, ele não viu nada. Então, aparecendo através do ar denso, vieram figuras cambaleantes. Duas figuras, ambos homens.

Ele parou seu cavalo. Melhor enfrentar perseguidores do que fugir neste lugar escuro. Ele esperou, e logo, os dois homens entraram no espaço vazio atrás dele. Eles não olharam para Gerard. Não diretamente. Seus olhares passaram por ele, seus olhos estranhamente vidrados. No entanto, ele sentiu uma forte sensação de... estudo emanando de seus rostos em branco.

— Quem são vocês? — ele gritou, sua voz dura. O ar espesso se moveu em um redemoinho diante de seus lábios.

Nenhum homem respondeu.

Eles foram levados pela sombra? Eles devem ter sido. Muitos mortais possuídos fugiram para a Floresta da Bruxa ao longo dos anos em sua tentativa de escapar da matança evanderiana. A mão de Gerard se moveu para sua espada, mas ele se conteve. Se ele os combatesse, se lhes causasse mortes violentas, quem poderia dizer onde suas almas iriam parar? Melhor se ele pudesse encontrar uma saída sem recorrer à violência.

— Eu não quero te machucar. — Ele disse. — Não precisamos ser inimigos. Sigam seu caminho e eu seguirei o meu.

Eles não se mexeram. Eles não falaram.

Mas seus olhos vítreos e vagantes focalizaram subitamente nele.

O coração de Gerard disparou.

Movimento e som chamaram sua atenção. Ele se virou para ver mais duas figuras entrando no caminho na frente de seu cavalo. Um homem, uma mulher. Eles estavam muito mais próximos do que os outros dois, proporcionando-lhe uma visão mais clara de seus rostos, de seus corpos.

Ele viu suas feridas mortais. Ele percebeu o que eles eram.

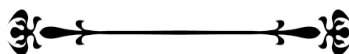
Seu cavalo estremeceu, bufou e sacudiu a cabeça, reagindo ao fedor da morte. Gerard agarrou as rédeas com força e apertou as pernas ao redor do cano do cavalo, desesperado para manter seu assento. Pegando uma mão firme, ele puxou a rédea, puxando a cabeça da fera para a direita. Assustou-se, desviou-se e depois saltou para a frente, ansioso por voar.

Mais três figuras surgiram de repente na frente deles. Três figuras mortas, retorcidas e patéticas. O cavalo derrapou, quase caindo sobre as patas traseiras. Guinchando, ele levantou-se e recuou, rasgando o ar com cascos afiados.

Com um grito selvagem, Gerard caiu da sela e aterrisou com força na terra esmagada. Por um momento, o mundo escureceu. Ele rolou, apenas conseguindo evitar cascos frenéticos. Com outro relincho ensurdecador, o cavalo partiu para a floresta, desaparecendo na vegetação rasteira. Apenas fora de vista, ele gritou mais uma vez, o som foi interrompido abruptamente.

Gerard se apoiou nos cotovelos. Os mortos se fecharam em torno dele, movendo-se lentamente, como se os comandos de seu mestre viessem de longe. Respirando com dificuldade, Gerard se levantou. Sua cabeça girava, suas costas doíam, seus membros pularam de medo e adrenalina. Ele agarrou a espada amarrada em suas costas.

Ele nem a libertou antes que os dois primeiros atacassem.



Eu morei naquelas montanhas tranquilas com Stanier e Olena por dois anos, observando minha filha inata crescer. Era estranho para mim, uma Evanderiana treinada, observar sua alma dupla e reconhecer que ambos os seres dentro de seu corpo eram de igual importância para a essência dela. Embora os dois espíritos fossem distintos, eles só eram inteiros quando juntos.

Eu era diferente. Eu ainda temia o poder dentro de mim. Irimir, meu parasita possessor. Eu nunca seria a mesma que meus dois amores, meu marido e minha filha. Mas com o tempo, ao observar suas interações com suas sombras, às vezes tentei interações semelhantes com a minha. Raramente peguei a flauta de Vocos e girei as canções de supressão, pois Stanier não gostava e teria preferido quebrar a flauta se eu deixasse.

Talvez um dia, pensei, eu não temeria a minha sombra. Talvez um dia eu fosse como eles.

Mas, nesse ínterim, eu os amava, vivia com eles e aprendia com eles. Minha filha pequena foi um milagre, uma coisa de tanta beleza, graça e maravilha. Ela carregava uma aparatação como a de seu pai, uma estrela cintilante de um espírito que irradiava de seu núcleo em uma aura gentil onde quer que ela fosse.

Morei com eles dois anos. Dois lindos anos.

Então a Ordem veio em meu socorro.

CAPÍTULO 14

Terryn cavalgava como se os próprios Assombrados estivesse em seus calcanhares. Com o olhar fixo no horizonte oriental, ele incansavelmente esporeou seu cavalo para a frente. Os cascos rasgaram a relva, a crina e a cauda escuras balançavam ao vento. O ar frio cortando o rosto de Terryn arrancou lágrimas que escorreram dos cantos de seus olhos.

E o tempo todo, a visão queimava em sua cabeça, a visão plantada por Nilly du Bucheron e sua sombra: ele viu Gerard fugindo por uma floresta escura, seu rosto coberto de terror. Ele viu seu irmão parar repentinamente quando uma figura montada apareceu nas sombras à sua frente. Um capuz profundo envolvia a cabeça do estranho, mas uma mão esquelética se estendeu e jogou o capuz para trás, revelando o rosto.

Era o rosto de Terryn. Mas sem cicatriz. Emaciado. Uma máscara de morte.

Ele sabia exatamente a quem aquele rosto pertencia. Nilly havia lhe dado a visão por um motivo. Ele tinha que acreditar. Portanto, ele também deveria acreditar que faria isso a tempo. Ele deveria acreditar que estava no caminho certo.

Acima, Nisirdi voava, suas asas poderosas silenciosamente pulsando no ar. Eles passaram por uma alta crista acima de um vale. Algo atraiu a atenção de Terryn, e ele olhou para baixo para ver cadáveres espalhados pelo chão. Somente alguns... mas o olho de caçador treinado de Terryn notou sinais de que havia mais. Ele viu onde a grama estava achatada, viu onde o sangue manchava o solo.

Mas os mortos se levantavam e andavam. Seus passos levavam ao leste. Em direção à floresta periférica.

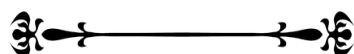
Terryn se curvou sobre o pescoço de seu cavalo, incitando-o cada vez mais rápido, como se pudesse fazê-lo voar. Mas quando finalmente se aproximou da orla da floresta, parou seu cavalo. Enquanto ficava de pé com os lados arfando e a cabeça baixa, grato pela chance de recuperar o fôlego, Terryn desceu da sela e continuou a pé. Seus passos foram rápidos no início, mas diminuíram antes de chegar às sombras.

Ele ficou olhando. Seus olhos brilharam com a luz da sombra, mas ele não queria acreditar no que viam.

— *Nisirdi*. — disse ele, falando em espírito, não em voz alta. — *Nisirdi, o que é isso?*

O dragão de luz pousou ao lado dele, dobrando suas asas ao longo de seu corpo flexível. Ele perscrutou a floresta. Um estremecimento ondulou ao longo de sua corda de alma, direto ao coração de Terryn.

— *Os Assombrados*. — disse Nisirdi. — *Este é o ar dos Assombrados*.



Gerard agarrou o braço estendido do cadáver mais próximo a ele e o golpeou com força no segundo, derrubando ambos. Ele cambaleou com o impacto, recuperou o equilíbrio e viu os outros cadáveres cambalearem em sua direção, os olhos vidrados fixos com propósito.

Ele se virou e abriu caminho por entre as árvores. Com o coração batendo forte no mesmo ritmo de seus pés, ele correu pelas sombras, esquivando-se dos

galhos, avançando pela folhagem baixa. Sua mão alcançou sua espada, mas ele não conseguiu libertá-la enquanto estava em movimento.

Uma figura montada apareceu no ar espesso como se viesse de lugar nenhum e pairou sobre Gerard como um espectro encapuzado da morte. O príncipe engasgou, recuando. Em alguma parte de seu cérebro não completamente entorpecido pelo medo, ele percebeu que era seu próprio cavalo na frente dele, sangrando de um ferimento mortal no pescoço. Seus olhos estavam vazios, filmados, sem alma.

A figura encapuzada olhou para Gerard de sua posição na sela. Um capuz vermelho, Gerard viu. Vermelho como sangue. Vermelho como a morte. Evanderiano?

A figura levantou a mão e jogou o capuz sobre os ombros. Por um terrível momento, Gerard pensou ter visto o rosto de Terryn olhando para ele. Mas então sua boca se abriu em um sorriso que Gerard nunca tinha visto no rosto de Terryn.

— Bem, bem. — Uma voz profunda e sombria como uma tumba retumbou no ar. — Se não é o profetizado Príncipe Dourado.

Não podia ser Terryn. Não podia ser. Era alguma aparição, alguma manipulação de sua mente. Gerard se preparou e puxou sua espada, segurando-a bem alto entre aquela forma espectral e ele mesmo. — Cadáver. — Ele rosnou. — Eu esperava encontrar você aqui.

O sorriso terrível só cresceu. Cadáveres se moviam de cada lado, braços estendidos, bocas abertas. Com um grito vicioso, Gerard girou em seus pés, balançando sua arma. A lâmina acertou, cortando profundamente um pescoço exposto. Ele sentiu o impacto, sentiu o músculo ceder e o osso quebrar. A cabeça se inclinou, caiu e rolou.

Mas o cadáver não parou de vir.

Gerard se abaixou e correu. Ele ouviu risadas ondulando no ar atrás dele, mas ele fechou os ouvidos para o som e correu. Cadáveres se moviam em sua visão periférica, enxameando em sua perseguição. Um cambaleou na frente dele, ficando diretamente em seu caminho.

Gerard ergueu sua espada, deu um passo em frente e mergulhou a lâmina direto no coração do homem morto. Uma explosão de energia percorreu o aço, atravessou o cabo, subiu pelos braços e explodiu em seu peito. Ele cambaleou para trás, os olhos arregalados e puxou sua espada. O cadáver caiu no chão, sua maldição quebrada.

Não houve tempo para comemorar. Os mortos se fecharam em torno dele. Os dentes de Gerard apareceram em uma careta que era quase um sorriso. Pelo menos agora ele sabia o que tinha que fazer.

Braços se estenderam para agarrá-lo, mas ele girou, cortou, cortou, e cravou a espada em outro peito, rompendo o osso para atingir o coração. O cadáver caiu, arrastando sua espada com ele, mas Gerard se desvencilhou. As mãos agarraram suas costas, o peso empurrando-o para baixo, mas ele se dobrou e arremessou o atacante de seus ombros. Enquanto estava deitado de bruços, ele o espetou nas costas. Ele sentiu a explosão de energia novamente quando a maldição quebrou.

Puxando sua espada livre, ele caiu de joelhos e cortou as pernas de outro atacante. Não parava de tentar alcançá-lo, mas pelo menos estava no ar. Isso abriu um espaço para ele, e Gerard saltou e correu, colocando alguma distância entre ele e o enxame de mortos.

Batidas de cascos reverberaram pelo solo. O cavalo morto bloqueou o caminho, o Bruxo Cadáver ainda na sela. O cavalo empinou, mas desta vez não em pânico. Não podia mais sentir pânico, ou qualquer outra coisa além da vontade de seu mestre.

Gerard viu um lampejo de ferraduras prontas para esmagar seu crânio. Ele se jogou no chão e rolou, escapando daqueles golpes devastadores. Seu cérebro agitou-se descontroladamente. Ele sabia que não poderia derrubar um cavalo vivo, não com uma espada. Mas esta besta já estava morta. Tudo o que ele precisava fazer era quebrar a maldição.

Cerrando a mandíbula, Gerard endireitou-se, ainda se abaixando e esquivando-se, a espada segura firmemente em ambas as mãos. Ele viu seu momento, um momento que durou menos que um batimento cardíaco.

Ele avançou, a espada cintilando, e cravou a lâmina profundamente no peito do cavalo. Outra onda de energia desceu por seu braço, atingindo-o no coração. Foi tão poderoso desta vez que o fez voar bem no chão.

Ele bateu em uma árvore e desabou como se não tivesse ossos. Seus ouvidos zumbiram e a escuridão se fechou em torno de sua visão fulgurante. Ele piscou. Sua visão clareou, só um pouco. Apenas o suficiente para ver sua espada caída a vários metros de distância, fora de alcance. Ele piscou novamente.

O cavalo ficou imóvel no chão, sua maldição quebrada. Os outros cadáveres o cercaram, balançando pesadamente, esperando. Embora ele olhasse, Gerard não viu nenhum sinal de seu mestre.

— Venha então. — Gerard rosnou, arrastando-se para ficar de pé. Ele cerrou os punhos, joelhos dobrados, preparado para uma luta. — Vamos!

O primeiro cadáver se lançou, alcançando sua garganta. Um segundo veio logo atrás dele, dedos curvados tateando em busca de seus olhos. Gerard caiu, os dois corpos em cima dele. Ele empurrou os quadris, contorcendo-se, tentando se libertar. Ele golpeou com os dois braços, arranhando, socando. Um terceiro cadáver empilhado sobre ele, um quarto, um quinto. O fedor da morte encheu suas narinas, encheu todos os sentidos.

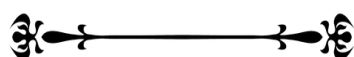
Em seguida, um instante selvagem de clareza veio sobre ele...

Ele não estava mais no chão, lutando por sua vida. Ele estava bem acima do mundo na palma de uma grande mão de pedra. Ele estremeceu, seus olhos ofuscados pela luz azul brilhando no centro de uma coroa. Através do brilho pulsante e ofuscante, ele viu quem usava a coroa, viu seu rosto contorcido de dor. Seu cabelo queimava em faíscas e brasas azuis, e sua pele escurecia onde a coroa segurava sua testa. Seus olhos grandes e selvagens procuraram os dele, capturando e sustentando seu olhar.

Ele viu tudo com perfeita clareza, mesmo quando mãos mortas sufocaram a vida de seu corpo...

Um lampejo de luz. Muitos feixes brilhantes de luz branca e pura.

Os cadáveres pararam abruptamente como se estivessem congelados. Buracos fumegavam em cada um de seus peitos, queimando direto de trás para frente. Eles balançaram. Um fedor de carne queimada encheu o ar. Então eles desabaram, um após o outro, enterrando Gerard embaixo deles.



Eles não podiam me deixar nas garras de um inato, não é?

Eu era especial. Eu fui feita para um grande destino.

Só eu poderia usar sua coroa. Só eu poderia servir a seu grande propósito.

Então eles vieram com força, através das montanhas, suas sombras chamadas a alta ascendência, seus escorpiões armados com venenos. E eu...

Eu estava na encosta da montanha, o poder da minha sombra crescendo dentro de mim, pronto para ser liberado. E eu olhei para o rosto de Domina d'Arcand. Minha

senhora. Minha salvadora. Aquela que me tirou do nada e me transformou em algo poderoso.

Eu poderia tê-la matado com uma única explosão.

Mas eu hesitei.

O dardo envenenado me atingiu na garganta e eu caí da rocha em que estava e rolei encosta abaixo. Eu estava inconsciente, sucumbi à paralisia muito antes de meu corpo parar.

Acordei horas depois. Devagar. Dolorosamente. Minhas narinas estavam cheias com a mistura de remédios e venenos, e olhei em volta para as paredes de uma tenda. Um phasmador estava próximo. Ele viu que eu estava acordando e pediu que eu ficasse quieta, para deixar os venenos abrirem caminho para fora do meu sistema antes que eu tentasse me mover.

Com um grito selvagem, rolei para fora da cama em que me colocaram. Afastando as mãos estendidas do phasmador, eu rastejei para fora da tenda, lutando com ele por cada centímetro. Empurrei a aba para trás e olhei para o mundo além, olhei para o topo da montanha, para o alto daquelas encostas cobertas de florestas.

Eu vi fumaça subindo em espirais pretas para o céu.

CAPÍTULO 15

Os braços de Terryn latejaram com o choque posterior da magia Arcana. Sua cabeça girou e faíscas brilharam nas bordas de sua visão, mas ele se sacudiu com força. Agora não era hora de sucumbir à dor.

Instável em seus pés, ele correu para o lado de Gerard, agarrou o cadáver de cima pelos ombros, e com um grunhido e um suspiro, o rolou para longe.

O rosto pálido de Gerard apareceu em sua visão, marcado pelos cortes feios que a Bruxa do Ardor lhe deu na noite anterior. — Terryn! — Sua voz engasgou com os lábios sem sangue. — Você está... mas você está... Fendrel mandou matar você!

— Ele tentou. — Grunhiu Terryn, puxando o segundo cadáver de seu irmão. Ele ofereceu uma mão, que Gerard pegou, e puxou-o para seus pés. Gerard parecia praticamente ileso, apesar de seu olhar boquiaberto. Terryn segurou seu cotovelo e puxou. — Havia outros cadáveres além desses?

— Três. Eu os parei. Acho que vi o Cadáver também.

— Malditos Assombrados. — Terryn passou a mão pelo rosto. Quantos cadáveres o bruxo poderia controlar de uma vez? Ele não queria ficar para descobrir. — Precisamos tirar você deste lugar.

— Não. — Gerard arrancou seu braço do aperto de Terryn, olhando-o como se ainda não acreditasse no que viu, como se falasse com um fantasma. — Eu não estou indo a lugar nenhum. Se ele estiver por perto, temos que acabar com ele. Agora.

— Não seja idiota. — Não era a coisa certa a se dizer a um rei, mas, naquele momento, Terryn não se importou. Seu olhar varreu além da cabeça de seu irmão e nas árvores atrás dele, mudando habilmente do espírito para a visão mortal e vice-versa. A densa atmosfera do oblivis era difícil de penetrar, mesmo com a visão da sombra. — *Nisirdi, há outra sombra perto?*

O dragão de luz saiu de sua cabeça e se manifestou em um movimento de asas brilhantes de sol ao seu lado. — *Sim.* — disse. — *Eu posso sentir isso. Mas... mas...* — O dragão deu alguns passos, passando por cima dos cadáveres caídos, o pescoço sinuoso estendido e os olhos arregalados enquanto tentava penetrar na escuridão. Seus poderes não eram como os da sombra Feral de Ayleth. Embora pudesse detectar traços de espíritos, não conseguia discernir quão próximos esses espíritos estavam ou quão ascendentes em poder. Uma sensação ondulante de frustração e mal-estar fluiu do ser brilhante.

Terryn segurou o braço de Gerard. — Precisamos ir. — disse ele, puxando o irmão atrás de si enquanto se retirava para as sombras pelas quais acabara de sair.

— Não, Terryn... — A voz de Gerard foi cortada abruptamente, e seu rosto já cinza ficou branco.

O Cadáver estava no caminho deles. Oblivis girava em uma nuvem espessa ao seu redor, mas ele deu um passo à frente, saindo das sombras mais profundas das árvores e em um lugar onde uma pequena luz caiu em seu rosto, iluminando suas feições. Ele sorriu. E aquele sorriso era familiar. Dolorosamente familiar.

Terryn deu um passo cambaleante antes que pudesse se conter. Suas mãos se fecharam em punhos, e a magia cresceu de seu núcleo, agitando-se

quente por seus braços e inchando em suas palmas. — Gillotin du Visgarus. — ele rosnou.

— Bem, bem. — O Cadáver esticou ainda mais seu sorriso roubado, exibindo dentes podres, que antes eram brancos e fortes. — Eu te conheço, não é? Você é a descendência deste corpo hospedeiro. Todo crescido agora, mas de alguma forma esses olhos ainda reconhecem seu rosto. — Ele balançou a cabeça, rindo baixinho. — Meu anfitrião tinha muitas boas lembranças de você. Mas eu purifiquei a maioria delas ao longo dos anos. Elas são de pouca utilidade para mim.

Terryn se posicionou na frente de Gerard e ergueu seu braço direito. Era um gesto habitual mirar com seu escorpião. Mas não era seu escorpião que ele agora mirava no bruxa. Uma esfera de luz branca cercou seu punho fechado, pronta para ele abrir os dedos e soltá-la.

Os olhos da Cadáver se arregalaram. — Um Arcano. — ele disse. — E ascendente também. Maldição, eu não teria esperado tanto de um menino castra como você. — Suas próprias mãos se moveram, sangue escorrendo de cortes em seus dedos enquanto a magia Anathema aumentava. — Você e o pequeno rei mortal dão um belo par de prêmios. Eu carregarei suas cabeças de volta para minha rainha e as colocarei a seus pés em homenagem.

Tudo na natureza de Terryn disse a ele para soltar a explosão crescente antes que o bruxo pudesse completar o feitiço que ele tecia. A pressão em sua mão aumentou e o poder latejava em seu braço, ombro, espírito, um poder que precisava ser liberado.

Mas Nisirdi, de pé ao lado dele, balançou sua cabeça estreita e olhou para ele. — *Meu irmão ainda pode ser salvo.*

Terryn lançou ao dragão de luz uma meia olhada. — *O quê? O que você quer dizer?*

– *Meu irmão. A sombra ligada à alma daquele mortal. Devemos libertá-lo.*

As estranhas palavras entraram na cabeça de Terry, e com elas, a visão sombria de Terry de repente chamejou, mais brilhante, mais intensa do que ele já experimentara. Ele olhou para o rosto torturado de seu pai, contorcido em uma máscara maliciosa. Mas sua visão sombria o forçou mais fundo, olhando por trás do rosto para o espírito de Gillotin, que se agachava dentro de seu hospedeiro, uma massa turbulenta de ira, poder e frustração, feiura sem forma, mas mais real do que a realidade física.

– *Mais fundo.* – Nisirdi insistiu, e a visão sombria de Terry se acelerou. Ele viu através do espírito de Gillotin até o outro espírito escondido naquele corpo roubado.

Para a mente de Terry, assumiu a forma de um cão diabólico. A pele fina como papel continha apenas os ossos protuberantes. Cada veia latejava, cada músculo contraído, cada tendão tenso. Sua cabeça era longa e teria sido elegante, exceto pelo rosnado retorcido de seus lábios, os respingos raivosos de espuma, o sangue manchando e pingando de seus dentes anormalmente longos. Era monstruoso.

Estava sofrendo.

– *Devemos salvá-lo.* – Nisirdi pediu. – *Foi para isso que fui enviado a este mundo.*

A visão de Terry voltou ao mundo mortal. Ele cambaleou um passo para trás, olhando para seu inimigo. Gillotin fez uma careta para ele e suspendeu a maldição quase completa que tecia com as mãos ensanguentadas. Em outro instante, ele a faria voar.

Terry abriu o punho.

A explosão disparou de seu núcleo, uma lança de luz pura e ardente. Mas ele não apontou para Gillotin. Ele mudou de posição no último instante e

deixou a explosão atingir uma árvore ao lado do bruxo. O tronco se estilhaçou, a árvore gemeu, seus ramos esqueléticos balançando freneticamente.

Assustado, Gillotin se lançou para frente quando a árvore caiu sobre ele. O tronco era tão grande e os galhos tão largos que Gerard agarrou Terryyn e o arrastou de volta para que não fossem esmagados também. O solo estremeceu com o impacto, derrubando Terryyn e Gerard. Eles se espalharam na terra, nuvens de oblívio obscurecendo sua visão.

— Terryyn? — Gerard tossiu no ar pesado. Sua mão exploradora encontrou o ombro de Terryyn e o agarrou com força. — Terryyn, você está bem?

Terryyn não tentou responder. Ele ficou de pé, sua visão sombria piscando loucamente enquanto ele lutava para ver através das nuvens venenosas. Nisirdi deu um passo para o lado dele. — *Eu o matei?* — Terryyn perguntou.

— *Não sinto morte.* — respondeu o dragão de luz, sua voz incerta.

Terryyn soltou um dardo de sua aljava. Ele precisava subjugar o Cadáver rapidamente enquanto ele ainda estava caído. De alguma forma, ele duvidava que Gillotin do Visgarus seria parado por uma árvore caída. Ele precisava entregar a paralisia, o que lhe daria tempo para pensar em um plano, pensar em uma maneira de separar as almas conjuntas.

— O que você está fazendo? — Gerard exigiu atrás dele, mas Terryyn não respondeu. Ele empurrou através das nuvens, pisando cuidadosamente por cima e ao redor da copa caída da árvore. Os galhos quebrados eram escuros e densos, e o Bruxo Cadáver poderia estar naquela escuridão, empalado e sangrando. Ou ele poderia...

A voz de Nisirdi soou como um sino: — *Cuidado! Sombra!*

A magia anathema brilhou em vermelho nos olhos de Terryyn. No clarão, ele viu Gillotin preso sob o tronco pesado, as pernas quebradas, o torso torcido

em um ângulo terrível, os olhos selvagens com magia. Tirando poder do sangue escorrendo de dezenas de feridas recentes, ele lançou sua maldição ainda ativa. Terryrn ergueu o braço como se quisesse afastá-la.

A maldição o atingiu, cravando-se em sua carne como uma lâmina. Um grito de dor saiu da boca de Terryrn e ele tentou retroceder. Mas a compulsão do Bruxo Cadáver teve efeito imediato. Sua própria mão se voltou contra ele, rasgando seu rosto. Ele só teve tempo de segurar o pulso com a mão livre, para impedir que a maldição o fizesse arrancar os olhos das órbitas.

Mas a maldição foi ainda mais profunda. Fios vermelhos de magia mergulharam em suas veias, ondulando até seu núcleo, onde o seu espírito e o de Nisirdi estavam ancorados. A sombra Anathema puxou a fonte da magia Arcana lá, arrastando o poder direto da alma de Nisirdi, puxando-o de volta através do braço amaldiçoado de Terryrn. Terryrn olhou com horror enquanto a magia que ele não tinha convocado e não podia controlar queimava em seus ossos, brilhava em sua pele.

— *Nisirdi! Ajude!*

Sua sombra respondeu imediatamente. Com um raio de luz ofuscante, ele se lançou contra o Bruxo Cadáver onde ele estava preso. Sendo um ser de espírito, Nisirdi não podia tocar fisicamente no bruxo. Em vez disso, mergulhou na sombra do bruxo, que se ergueu para encontrar o dragão de frente. Os dois seres colidiram juntos em uma explosão de tempestade espiritual. Terryrn viu o dragão de luz rasgar com garras de navalha o flanco do cão raivoso, viu o cão que babava atacar o pescoço elegante do dragão, mandíbulas brutais estalando com força de quebrar os ossos. Embora o dragão fosse de longe o espírito maior, ele não queria machucar o cão, o que dava vantagem ao inimigo.

Gillotin, preso sob a árvore, fez uma careta para Terryn, suas mãos se retorcendo para manipular seu feitiço. O braço de Terryn respondeu, erguendo a mão em direção ao rosto, a palma aberta, os dedos abertos. Ele tentou forçá-la para baixo novamente, mas a luz girou no centro de sua palma, direcionada diretamente entre seus próprios olhos.

— *Nisirdi!* — Ele gritou.

Sua sombra, respondendo ao seu desespero, tornou-se repentinamente cruel. Ela agarrou o cão com as duas garras dianteiras e cravou os dentes compridos em sua espinha, sacudindo-o violentamente. O cão gritou, espirrando espuma e sangue de seu focinho aberto.

O aperto da maldição afrouxou. Só um pouco. Apenas o suficiente para que Terryn pudesse inclinar sua mão, e a explosão de luz disparou sobre seu ombro para a floresta atrás dele. Outra das árvores feridas gemeu, quebrou, caiu no chão.

O Cadáver cuspiu um palavrão cruel e, cerrando os punhos com as duas mãos ensanguentadas, puxou os fios de feitiço que havia tecido. A maldição respondeu. A mão de Terryn formou um punho e o atingiu no queixo, desequilibrando-o. Terryn se ajoelhou, fazendo uma careta. Sua mão travou em torno de sua garganta, apertando, e enquanto ele engasgava para respirar, ele sentiu a magia crescente sendo puxada de dentro dele, queimando sua pele ao responder à convocação do Bruxo Cadáver.

— Você não pode vencer, garoto. — A voz de Gillotin era um arremedo horrível daquela voz que Terryn conhecia desde sua infância. Apesar de si mesmo, Terryn se virou e olhou para aqueles olhos escuros. Aquelos olhos que antes pertenceram a seu pai, mas agora brilhavam com a loucura do Bruxo Cadáver. — Você não pode vencer. A Rainha voltou. Uma nova era está sobre

nós. Desta vez, seu reinado não terá fim, e todas as sombras do mundo a reconhecerão como a deusa que é. Odile, a incrível, a inevitável, a invencível.

O Cadáver sacudiu a maldição novamente, e todo o corpo de Terryn estremeceu em resposta. — Vá em frente então. Deixe essa sua magia se soltar. Isso vai te matar de qualquer maneira se você aguentar por muito mais tempo.

Era esse o fim, então? Tudo pelo que ele lutou, tudo que ele acreditou, tudo que ele lutou e sangrou, chorou e quebrou seu espírito para realizar, tudo deu em nada?

Gerard... Fendrel...

Ayleth...

— Desista, garoto. Você já perdeu. — Guillotin sibilou. — Sua ordem não é nada. Seu rei menino não é nada. Sua Deusa o abandonou, enquanto a minha ascenderá ao seu trono elevado, e... — Sua voz se interrompeu em uma inspiração chocada e aguda. O sangue jorrou sobre sua língua e desceu pelo queixo.

Uma figura estava sobre ele onde ele estava preso sob o tronco da árvore, uma figura apoiada em uma espada em suas mãos, a lâmina afundada nas costas do bruxo, através de seu peito e no chão. Guillotin tentou virar a cabeça, tentou olhar para o rosto de seu assassino. Sua alma estremeceu e, em uma explosão cegante da magia Anathema, explodiu de seu corpo enquanto morria.

Terryn arrancou a mão da garganta e, gritando, soltou a magia acumulada em um feixe apontado diretamente para o céu. Saiu dele em ondas pulsantes de poder que o derrubaram de costas. Ele ficou imóvel, tentando recuperar o fôlego. Sua visão escureceu. A inconsciência acenou.

Através da escuridão e da dor, ele ouviu algo, uma onda de almas escapando de seu corpo hospedeiro quebrado.

Terryn abriu seus olhos, abriu sua visão sombria. O turbilhão tumultuoso do espírito do Bruxo Cadáver, preso à sua sombra, irrompeu diante dele em poder induzido pela violência. — Não. — Terryn respirou. Então, em sua mente, ele gritou: — *Nisirdi, pare eles!*

Sua sombra se moveu mais rápido do que pensava. Suas asas espalhando fragmentos de brilho, o dragão da luz girou seu longo pescoço e pegou o contorcido Anathema em suas mandíbulas. A sombra momentaneamente retomou sua forma de cão, uivando, rosnando, apavorada. A visão sombria de Terryn lutou para dar sentido ao horror daquelas almas, mas ele pensou ter visto o próprio Guillotin, não na forma de seu pai, mas alguém que ele nunca tinha visto antes, um homem de nariz de falcão com uma mandíbula barbada e olhos cruéis. Fios de feitiço inquebráveis costuraram o homem ao cão, juntando-os em suas costas. A imagem do homem chutou, se debateu e perdeu totalmente a forma, tornando-se uma coisa espiritual que se contorcia.

O dragão de luz segurou-se na sombra, exercendo toda sua força contra a incrível propulsão. Sua mandíbula escorregou, mas suas garras seguraram um novo aperto. As almas da sombra e do bruxo lutaram pela liberdade, e Terryn sentiu os esforços de Nisirdi como se fossem seus.

Então a ondulação na realidade. O crack. O rasgo.

Enquanto os Assombrados se abria para receber as almas não ancoradas, o horror do vazio tomou conta de Terryn como se o visse pela primeira vez. Ele nunca antes enfrentou os Assombrados com uma sombra totalmente ascendente, com todos os seus sentidos de sombra intensificados a tal extremo.

O aperto de Nisirdi no cão de sombra escorregou novamente. O cão rugiu e atacou Nisirdi, rasgando o pescoço do dragão. Um arrepio percorreu a corda da alma no coração de Terryn.

— *Solte, Nisirdi!* — ele gritou. — *Deixe os Assombrados ficar com ele!*

A resposta de sua sombra apareceu em sua cabeça, suave mas firme: — *Não abandonarei meu irmão.*

Terryn se endireitou, agarrando seu latejante braço direito, que parecia ter sido derretido pela metade. Mas ainda estava pendurado em seu ombro, sólido e, fisicamente pelo menos, inteiro. Ele se preparou para o horror do Assombrados, forçando seu olhar para longe daquela eternidade escancarada, fechando seus ouvidos para os uivos que bramiam de sua cova. O espírito de Gillotin gritou, e ele e sua sombra atacaram Nisirdi repetidas vezes, desesperados para se libertar. Cada golpe irradiou para baixo na corda da alma.

Em algum lugar distante, além do rugido dos Assombrados, além das reverberações de golpes espirituais e os gritos das almas não ancoradas, Terryn pensou ter ouvido a voz de Gerard gritando seu nome. Mas ele não conseguia pensar nisso, não conseguia responder. Ele arrancou seus tubos Detrudos da bainha, sem saber o que exatamente seria capaz de fazer com eles. Só a morte pelo fogo poderia quebrar os fios do feitiço e separar a alma de Gillotin de sua sombra, e essa morte não era mais possível.

Mas não importa. Ele tinha que tentar. Algo. Algo.

Ele começou a tocar a Canção da Separação. Apenas a melodia em si, sem variação. Seus dedos tremiam ao escolher as notas, e seus pulmões lutaram para manter os difíceis padrões de respiração. Ele sempre foi hábil em canções de feitiços, hábil em ouvir as variações que produziriam o efeito necessário. Mas agora sua mente ficou em branco, então ele simplesmente tocou a música novamente. E uma terceira vez, direto, uma nota após a outra, sem floreios ou trinados. Ele sentiu a atração inexorável dos Assombrados e sabia que era impotente contra isso.

Então seus ouvidos, ou melhor, não seus ouvidos, mas aqueles sentidos não naturais despertados por sua sombra, se encheram de um novo som. Enquanto ele tocava a Canção da Separação pela quarta vez, ainda sem variação, uma nova linha de melodia teceu dentro e ao redor das notas à medida que saíam das pontas do tubo. Não... não uma melodia. Uma harmonia mais complexa do que qualquer coisa que ele pudesse ter criado.

Ele olhou para cima e viu Nisirdi com o cão agarrado perto de seu peito brilhante. Os olhos luminosos da sombra olharam para Terryn, e de sua boca, de seu centro, a canção jorrou. Uma canção de puro espírito, não canalizada por instrumentos mortais como o que Terryn tocava. Esta era uma canção de sombra executada em linguagem de sombra, não adulterada. A música dos Ildrir.

Terryn observou com admiração enquanto a magia se tecia, magia Arcana brilhante, luz e música fundidas, agora envolvendo a alma de Gillotin e a alma da sombra Anathema. Enquanto Terryn tocava, respirando em seu instrumento, os fios de ligação da alma começaram a se romper. Uma por uma, as amarras que conectavam as duas almas se separaram e desapareceram.

A alma do Bruxo Cadáver se debateu em desespero ao sentir que estava se desintegrando. Nisirdi segurou o cão, mas a alma humana foi deixada para agarrar aqueles fios desbotados enquanto os Assombrados a atraía. Perdendo toda a forma da humanidade, o espírito mortal fluiu para longe, passou pelo portão e se perdeu.

Terryn ofegou, deixando cair o Detrudos de seus lábios. — *Você conseguiu, Nisirdi!* — ele gritou. — *Você conseguiu, você...*

Ele parou, deixando escapar um grito mudo de surpresa. Pois assim que ele pronunciou as palavras, sua sombra baixou os olhos para o espírito que continha. Pareceu a Terryn que o dragão curvou seu longo focinho e deu um

beijo na cabeça do cão que rosnava. Então suas garras relaxaram e a sombra se soltou. Com um último grito e arroteio de horror, os Assombrados engoliu a alma e se fechou.

O mundo estremeceu.

Terryn caiu de joelhos.

Ele olhou para o chão, para a terra escorrendo entre seus dedos. Uma mão ainda segurava os tubos de osso polido. Ele pensou ter ouvido a voz de Gerard chamando por ele novamente, mas ele não pôde responder. Parecia muito longe.

— *Nós o perdemos.* — disse ele. Ele sentiu o olhar de Nisirdi sobre ele, mas não conseguia levantar o rosto para olhar para sua sombra. — *Perdemos o Anathema.*

— *Por que você diz isso?* — Um bater de asas no ar, e então a luz encheu sua cabeça quando Nisirdi voltou para dentro dele. — *Por que você se desespera, mortal?*

— *Eu vi.* — Terryn fechou os olhos, respirando com dificuldade. Seus dedos se apertaram em torno dos Detrudos. — *Escorregou de suas mãos. Estávamos tão perto, mas os Assombrados venceram no final. Não pudemos salvar seu irmão.*

A luz em sua cabeça se aqueceu, uma sensação de zumbido, um conforto. Os grandes olhos opala pairaram diante da visão de Terryn.

— *Meu irmão foi para os Assombrados. Mas ele não está perdido. Ele está salvo da alma que o escravizou. O que vai acontecer a seguir, nenhum de nós pode dizer.*

Terryn olhou fixamente para aqueles olhos impossíveis, a voz de sua sombra ecoando em sua cabeça. Como isso poderia ser possível? Os Assombrados era... o fim. O tormento da eternidade aguardando todas as almas condenadas. Então ele foi ensinado, e sempre acreditou.

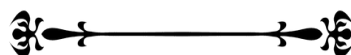
Mas e se o Assombrados não fosse o fim de forma alguma? E se ele fosse... um novo começo?

— Terryn? Terryn, me responda!

Ele piscou com força. Um par de mãos o agarrava pelos ombros. Lentamente, ele olhava para um rosto pálido e manchado de sangue. Gerard se ajoelhou diante dele, sua espada caída ao seu lado, recentemente manchada com o sangue estragado do bruxo. Seus olhos estavam desesperados, confusos. Sem os sentidos da sombra, ele não tinha visto nada da batalha espiritual que Terryn acabara de experimentar.

— Você pode me ouvir? — Gerard perguntou, seus dedos apertando.

Terryn assentiu. Então ele engasgou e, com um grunhido mudo, pegou seu irmão pela nuca e o puxou para um abraço.



Olena.

A Ordem de Santo Evander é misericordiosa com as crianças inatas. Animais não importam, e adultos... bem, eles merecem sua condenação. Assim, eles recebem a Morte Gentil, e suas almas entrelaçadas na sombra são levadas para os Assombrados.

Mas não as crianças. Elas devem ser poupadas. Seus espíritos devem ser separados de suas sombras e enviados para a Luz da Deusa.

Olena. Olena.

A Ordem de Santo Evander é misericordiosa com as crianças inatas. Eles não as amaldiçoam com a Morte Gentil.

Eles salvam suas almas.

CAPÍTULO 16

Hollis caiu de joelhos ao lado de Ayleth, as mãos estendidas para tocar seu rosto, para limpar os fios de cabelo soltos para trás. Ayleth nunca vira o rosto de sua patroa tão pálido, tão cinza, seus olhos como poças redondas afundadas em buracos sombreados. — Ayleth? Ayleth, você está bem? — ela exigiu, sua voz trêmula.

Uma pergunta amarga passou pela mente de Ayleth: a preocupação de Hollis por ela era real? Ou ela se preocupava apenas com a arma que ela criou para derrubar sua grande inimiga?

Em vez de tentar responder, Ayleth simplesmente ergueu as mãos nas luvas de ferro. Hollis prendeu a respiração, horrorizada. Ela sabia a dor que o tortuoso dispositivo infligia. Com uma maldição, ela saltou de pé novamente e, saltando sobre o cavalo morto, correu morro abaixo vários metros até onde Fendrel estava deitado. O Venador Dominus estava morto? A Bruxa do Vento tinha conseguido matá-lo quando roubou o ar de seus pulmões? Ayleth não sabia enquanto esticava o pescoço, observando Hollis vasculhar os bolsos do Dominus.

Por fim, Hollis levantou-se novamente e correu rapidamente de volta morro acima. Ayleth viu o brilho da chave de latão em seus dedos e quase chorou ao vê-la. Tomando cuidado para não empurrar as mãos de Ayleth desnecessariamente, para não a mandar mergulhar de volta naquele mundo de dor inevitável, Hollis inseriu a chave na fenda e girou.

As luvas se abriram e caíram no chão. Ayleth esticou e flexionou os dedos torturados, sem se importar com as pequenas feridas de punção que cobriam

as costas das mãos. Isso não importava, não agora neste momento de puro alívio.

— Vamos, minha garota. — disse Hollis, chutando as luvas para longe. Ela se moveu atrás de sua ex-aprendiz, agachando-se e deslizando as mãos sob os ombros.

— Como você está viva? — perguntou Ayleth, sua voz emergindo em um sussurro ofegante. — Como você escapou? Achei que eles tivessem matado você depois que partimos.

— Terryn du Balafre me encontrou. Me ajudou.

Terryn.

O mundo ao redor de Ayleth deixou de existir. Só por um momento, um momento de alegria pura, sem dor e sem medo. Terryn estava vivo. Vivo! Mas é claro, ele não poderia estar morto. Não sem que ela o visse novamente. Não sem dar a ela a chance de olhá-lo nos olhos, de dizer a ele... ela nem sabia o quê. Não havia palavras que ela quisesse dizer.

Mas ele estava vivo. Ainda havia tempo para pensar nas palavras certas. Ainda havia tempo.

Seus pensamentos foram interrompidos quando seu corpo explodiu de dor. Não uma dor espiritual como a que o ferro causou, mas uma dor mortal real, presente e terrena. — Para, para, para! — ela gritou, e Hollis, que a segurava pelos braços e tentava tirá-la de baixo do cavalo morto, largou-a imediatamente. Ayleth ofegou, olhando fixamente para o céu. — Eu quebrei uma costela. Várias costelas, eu acho. E talvez a perna também.

Hollis praguejou. Ela sabia que a sombra Feral de Ayleth deveria tê-la protegido de tais ferimentos. — Vou tentar mover o cavalo. — disse ela, movendo-se para se reposicionar. — Eu vou levantar, e você desliza livre. Você acha que pode?

Ayleth baixou as sobrancelhas e apertou o queixo. — Eu vou tentar. — disse ela.

Hollis acenou com a cabeça e, ao contar até três, puxou o peso morto do cavalo. Ela não tinha sombra para fortalecê-la, e seus braços magros não pareciam poder levantar muita coisa. Mas havia um poder inesperado no corpo frágil de Hollis e, embora seu rosto tenha ficado vermelho e os tendões do pescoço se destacassem fortemente, a pressão que esmagava a perna de Ayleth no chão cedeu.

O cavalo caiu em uma inclinação. Para se soltar, Ayleth teve de se erguer. As algemas de ferro ainda envolvendo seus pulsos restringiam sua amplitude de movimento e sua força, mas ela conseguiu se torcer e puxar apenas o suficiente para deslizar a perna livre. Protestos dolorosos passaram por seu torso em resposta, mas para seu alívio, ela descobriu que sua perna não estava quebrada, afinal, apenas entorpecida pela pressão.

Com o suor escorrendo pela testa, Hollis se agachou ao lado de Ayleth, suas mãos experientes testando a perna, em seguida, movendo-se para a caixa torácica e cutucando com cuidado. — O que fez isso com você? — ela exigiu.

— O Cadáver. — Ayleth respondeu brevemente e não ofereceu mais nada, apesar do olhar penetrante e questionador de Hollis. — Onde está Terryn? — ela exigiu em vez disso.

— Ele foi atrás de Gerard.

— Gerard? — O sangue pareceu congelar em suas veias.

O olhar de Hollis se moveu para encontrar o dela. — Foi a criança tomada pelo Vidente. Ela deu a ele uma visão, algo que o levou a escapar de Dunloch e entrar na Floresta da Bruxa por conta própria. Achamos que ele está tentando caçar Terrível Odile. Talvez ainda tentando cumprir o *Seion-Ebathe*.

Ayleth olhou para a patroa, mas não a viu. Através dos olhos de sua mente brilhou uma memória, ou não uma memória, mas uma imagem ainda mais vívida, completa com sensações de som, cheiro, toque. Ela se viu parada na palma de uma mão de pedra erguida. Ela sentiu o calor fundido rodeando sua testa, queimando sua pele até o crânio. Ela cheirou sua própria carne e cabelo queimando. Ela viu Gerard se aproximando dela, seu rosto iluminado por uma estranha luz azul. Estrelas brilharam no céu atrás de sua cabeça.

— *Sinto muito, Ayleth.* — disse ele, e apontou a espada para a garganta dela.

Ela piscou e voltou ao presente, esparramada naquela encosta coberta de pedras, olhando para o rosto do assassino de sua mãe. Ela balançou a cabeça e lutou para ficar de pé. — Temos que encontrá-lo. Temos que detê-lo! — O sangue bateu dolorosamente de volta em sua perna dormente, que quase cedeu com seu peso.

— Calma, minha garota, calma. — Hollis protestou. Ela segurou os cotovelos de Ayleth, oferecendo ajuda e apoio. — Terryn encontrará nosso jovem rei, não tema. Você tem sua própria caça a seguir.

Com a cabeça girando e os joelhos fracos, Ayleth apoiou-se nas mãos fortes de Hollis e lutou para encontrar o equilíbrio. Mas as palavras de sua senhora atingiram seus ouvidos, e ela se afastou novamente. Sua própria caça? A caça a Terrível Odile, ela quis dizer. De repente, a presença de Hollis não parecia mais uma bênção fortuita. Ela era, lembrou Ayleth, outra inimiga. Outra força poderosa que procurou controlá-la, que procurou usá-la para seus próprios fins. No entanto, naquele momento, Ayleth havia acreditado naquela preocupação na voz de Hollis, havia caído novamente na mentira que era o vínculo mãe-filha que ela sentia entre elas! Ela deu um passo para trás, livrando-se do aperto de Hollis em seus braços.

E ela viu Fendrel parado lá embaixo, seu escorpião mirando na nuca de Hollis.

Movendo-se no impulso do instinto, Ayleth pegou Hollis pela frente de seu gibão e puxou-a violentamente para o lado. O dardo envenenado zuniu no ar, a apenas alguns centímetros de sua orelha. Hollis cambaleou, recuperou o equilíbrio e girou nos calcanhares.

Fendrel já havia carregado novamente e agora ergueu o braço, mirando. As penas do dardo eram pretas. A Morte Gentil.

Com um grito selvagem, Ayleth saltou para frente, plantando-se entre o Venador Dominus e sua ex-senhora. Fendrel congelou, o polegar pairando sobre o mecanismo de disparo. Se ele atirasse, se errasse o alvo, se acertasse Ayleth em vez disso... estaria tudo acabado. Odile ganharia de volta sua coroa, e ninguém poderia impedi-la.

Mesmo assim, ele hesitou com Ayleth em sua mira. Ela observou seus olhos, viu a batalha travando logo além daqueles discos cinzentos, no mundo de sua mente. O desejo de ceder a seus instintos era forte, o desejo de derrubá-la.

— Fendrel, não seja idiota! — Hollis latiu, olhando por trás do ombro de Ayleth.

— Eu fui um tolo por deixar você viver. — Ele mudou de posição, tentando obter um tiro certo em Hollis. Ayleth se movia em sincronia com ele, mantendo-se firmemente plantada entre ele e sua senhora. — Mesmo agora. Depois de todos esses anos, Hollis. Você ainda me deixa fraco. Você ainda compromete tudo pelo que trabalho. Eu deveria ter acabado com você antes de deixar Dunloch!

— Se você tivesse feito isso, Zilla d'Utrehd já teria matado você. — respondeu Hollis, com a voz seca e amarga. — Ela ainda está viva, a

propósito. Se você está ansioso para envenenar alguém, recomendo que vire sua arma na direção dela. Veja sua alma fora deste mundo.

Fendrel rosnou profundamente em sua garganta. — Uma bruxa de cada vez.

— Seu homem idiota do Assombrados, você sabe que eu não sou uma bruxa!

— Talvez não. Mas você é uma abrigadora de bruxas e uma herege. Tenho motivos de sobra para...

— Basta disso! — Ayleth gritou. Suas algemas tilintaram quando ela ergueu as duas mãos, desejando poder se jogar em Fendrel e pegá-lo pela garganta. Ela sentiu Laranta se movendo dentro dela, subindo o mais alto que podia, apesar do ferro. Sua sombra não podia oferecer muita força, o que era uma pena, porque Ayleth queria muito pegar Hollis e Fendrel pelos cabelos no topo de suas cabeças e bater seus crânios juntos.

Em vez disso, ela olhou para Fendrel. — Você precisa de todos os aliados que puder obter se quiser vencer esta batalha. Veja isso! — Ela varreu as mãos, indicando a encosta, em uma cratera pelo ataque de pedra da bruxa. Os outros evanderianos estavam começando a se mexer e se erguer, mas alguns deles nunca mais se moveriam. — A Bruxa do Vento quase nos matou sozinha. Os Diabos Carmesins estão se fortalecendo a cada minuto, e não sabemos quantos deles sobraram. E o que dizer de Odile? Se ela está ganhando força tão rápido quanto seus demônios estão, você vai precisar de cada lutador saudável que puder.

Fendrel não olhou para ela enquanto ela falava. Era como se ele não pudesse suportar, não pudesse suportar reconhecer a presença dela. Mas ela sabia que ele a ouviu. Ela viu a cor sumir de seu rosto.

— Preciso de pessoas em quem possa confiar marchando ao meu lado.
— disse ele, dirigindo-se a Hollis.

— Você sempre pode confiar em mim, Fendrel. — respondeu Hollis, saindo de trás de Ayleth. Quando Ayleth tentou mudar de posição, colocar-se entre sua senhora e aquele veneno mais uma vez, Hollis segurou seu braço e a afastou com firmeza. — Você sempre pode confiar em mim para fazer o que sei ser certo, não importa o custo.

Eles se entreolharam por cima do corpo do cavalo morto. E Ayleth, mudando o olhar entre eles, percebeu como essas duas almas eram estranhamente semelhantes e terrivelmente diferentes. Parecia que eles eram mais como inimigos do que amantes, e ainda assim não se podia negar o cordão de conexão que corria entre eles, prendendo-os com um vínculo inquebrável. Ayleth meio que esperava que Fendrel disparasse, matasse Hollis onde ela estava, apenas para se libertar de seu domínio.

— Lembre-se. — Hollis disse, sua voz estranhamente gentil. — Nós compartilhamos um objetivo comum. Nós devemos destruir Terrível Odile. E nós dois sabemos, Fendrel: essa garota é nossa única esperança. O que quer que você decida fazer comigo depois, pelo menos por hoje, devemos caçar juntos.

Ele queria tanto resistir às palavras dela! Ele queria tanto apertar o gatilho! Ayleth podia sentir seu desejo, como se aquele cabo esticado de conexão tivesse sido puxado e agora vibrado com uma música complexa demais para a compreensão humana.

Mas ele largou seu escorpião e se afastou.

Ayleth soltou um grande suspiro. Só então ela se permitiu perceber as outras figuras se aproximando ao redor deles, dois evanderianos de pé com suas armas levantadas, prontos a um sinal de seu dominus para soltar seus

venenos. — Abaixem as armas. — disse Fendrel, e eles também baixaram os braços de tiro.

Uma figura subiu lentamente a colina em direção a eles, e Ayleth, com o coração batendo forte na garganta, reconheceu Kephan. Ele havia de alguma forma sobrevivido ao seu encontro com a Bruxa do Vento, sem dúvida protegido pelo poder ascendente de sua própria sombra Feral. Ele caminhou até a bruxa caída, que sucumbia à paralisia com os três dardos de Hollis ainda saindo de seu corpo. Em alguns movimentos rápidos, Kephan se ajoelhou, arrancou a Morte Gentil de sua bainha e a mergulhou no pescoço da bruxa.

Ayleth não o viu puxar sua flauta de Vocos e tocar a alma de Zilla d'Utrehd nos Assombrados. Ela não tinha acesso à sua visão sombria de qualquer maneira. Em vez disso, ela cambaleou colina abaixo ao lado de Hollis. Olhando ao redor em suas fileiras, ela viu que, além de Kephan, apenas dois outros evanderianos sobreviveram a esta batalha. Contando com Fendrel, Hollis e ela mesma, agora havia seis deles no total. Eles seriam o suficiente?

— Dominus! — Hollis gritou para Fendrel, que se agachou ao lado do cadáver de um venador, tirando dardos de suas aljavas e acrescentando-os ao seu próprio suprimento. Ele ergueu os olhos e Hollis indicou as algemas de Ayleth. — Dê-me a chave para isso.

O Venador Dominus não respondeu. Ele apenas piscou. Então ele terminou de colher as armas do homem morto e fechou os olhos antes de se levantar. Ele se afastou de Hollis sem outra palavra ou olhar.

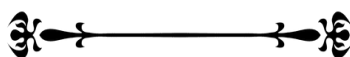
— Malditos Assombrados. — Grunhiu Hollis. — Ele realmente pretende mantê-la prisioneira.

Ayleth encolheu os ombros. Contanto que ele não tentasse colocar as luvas de ferro de volta em suas mãos, ela não reclamaria. Ainda não, de qualquer maneira. Mas Hollis ergueu os olhos para ela, sua expressão

destroçada de culpa. — Sinto muito, minha menina. — disse ela, e estendeu um braço como se fosse puxar Ayleth para um abraço.

Ayleth recuou vários passos. Ela balançou a cabeça, seu cabelo solto voando. — Não pense que algo mudou entre nós. — Ela disse, sua voz áspera e baixa. — Eu ainda sou sua arma. Você ainda é a assassina da minha família. Nossos objetivos estão temporariamente alinhados. Nada mais. Nada menos.

Com isso, ela deu as costas para Hollis para contemplar as ruínas de Cró Ular e, além, para a paisagem destruída onde a floresta periférica havia estado e a extensão escura da Floresta da Bruxa ainda estava à espreita.



Anos atrás, a estátua tinha quase quatro metros de altura, esculpida em mármore em vez de oblidite. Um dos devotos da rainha a havia feito em sua homenagem e colocado aqui ao lado da estrada para marcar o caminho para Dulimurian. Ela retratava Odile na atitude de uma mãe amorosa, ajoelhada com as mãos estendidas para receber e abrigar as sombras do mundo. Um viajante cansado a caminho da Cidade da Rainha poderia parar um pouco na base da estátua e receber um bálsamo para a alma ao contemplar o semblante sereno da Nova Deusa.

A Floresta da Bruxa havia corroído o pedestal de modo que a estátua inteira tombou perigosamente para um lado. As trepadeiras subiram pelos galhos graciosos e se enrolaram com tanta força no pescoço da estátua que sua cabeça se quebrou e caiu. Agora estava a vários metros de um lado, meio

afundada na lama. Apenas um olho ainda estava visível, olhando suavemente para seu próprio corpo sem cabeça.

Inren observou Odile se aproximar do pedestal da estátua. Era uma justaposição tão estranha, aquela escultura maciça de pedra pura representando a Nova Deusa em sua forma mais idealizada, cada membro arredondado e musculoso, sua pose simultaneamente graciosa e imponente... e a própria deusa, esta coisa quebrada e consertada, rachava em cada costura, apenas mantida unida por uma magia que se recusava a deixar seu corpo sofrendo morrer. Seu progresso na atmosfera infundida de oblivis da floresta tinha feito muito para curar Odile, ou melhor, aumentar a magia pela qual ela se sustentava, fortalecendo os fios de maldição e amarras. Mas ela seria aquele ser lindo e majestoso novamente?

O Reino da Nova Deusa poderia ser restaurado?

O olhar de Inren puxou quase contra sua vontade para a cabeça da estátua. Aquele olho, embora semicerrado e gentil, parecia de alguma forma zombeteiro. Com um estremecimento, Inren olhou para Odile. Mas o rosto vivo de sua rainha era ainda mais difícil de ler do que a pedra. Ela não conseguia entender seus pensamentos ou sentimentos, embora pensasse que talvez os olhos de Odile tenham se concentrado um pouco intensamente no pescoço decepado da estátua e nas marcas onde as vinhas haviam se enrolado.

As vinhas não existiam mais. Inren notou isso com um estremecimento. Toda Floresta da Bruxa foi estranhamente despojada de suas sombras grossas, parecidas com tentáculos. Elas haviam se retirado de Odile, mas de alguma forma Inren sabia que elas não haviam partido para sempre. A Floresta da Bruxa estava ganhando tempo. Esperando o momento certo...

Ela só podia esperar que ela fosse rápida o suficiente para evanescer sua deusa para a segurança antes que ela a pegasse em pedaços.

Odile se virou de repente e continuou descendo a estrada sem dizer uma palavra ou olhar para a tenente que a seguia. Com as vinhas recuadas, mais da paisagem era visível entre as árvores feridas. Inren teve um vislumbre de ruínas, cidades e templos que a Floresta da Bruxa engoliu durante seu rápido progresso pela terra. Todos estavam corroídos, apodrecidos, cobertos por camadas de oblivis como poeira. Quebrou o coração de Inren lembrar a outrora bela e abundante terra ao redor de Dulimurian, cultivada ao longo dos duzentos anos de governo de Odile. Comunidades, templos, centros de aprendizagem, vilas, todos feitos de habitantes tomados pela sombra, unidos em adoração à sua protetora Nova Deusa.

Era difícil imaginar essas memórias se tornando realidade novamente. A Floresta da Bruxa era grande e terrível demais.

A estrada trazida de volta à vida pela mão invocadora de Odile apontada diretamente por entre as árvores. Por pelo menos dez quilômetros elas progrediram sem incidentes. Mas agora, quando elas deixaram a estátua decapitada para trás, Inren olhou para frente e viu a estrada desaparecer. Ela correu suavemente para um amplo campo aberto coberto por uma espessa camada de oblivis, e lá ela simplesmente afundou no solo e desapareceu.

Odile e Inren caminharam até a beira da estrada visível e ficaram olhando para aquele campo. As árvores em suas bordas eram altas; seus galhos ainda arqueavam sobre o espaço aberto, bloqueando a maior parte do céu acima. Ainda assim, era estranho ver uma extensão tão ampla sem nenhuma árvore crescendo.

— Lá. — Inren apontou para o outro lado do campo. — Pronto, vejo a estrada de novo. — Ela deu um passo, pretendendo cruzar o trecho aberto rapidamente.

Antes que seu pé pousasse, Odile a agarrou pelo braço com um aperto de pedra. Quando Inren caiu para trás novamente, olhando de lado para sua deusa, Odile se ajoelhou e arrancou um punhado de oblidite da pedra do pavimento a seus pés tão facilmente quanto ela faria com um punhado de areia molhada. Era macio e maleável em seus dedos, e ela o transformou em uma pedra áspera, que endureceu sob seu comando. Recuando o braço, ela arremessou a pedra com toda a força. Ela se arqueou no ar, rompendo partículas de oblivis em seu voo, então caiu no meio do campo.

Ela caiu e desapareceu. A camada lisa de oblivis ondulou e quebrou, revelando água negra e gordurosa. Uma lufada de fedor subiu no ar, e o ar tremeluziu, nebuloso e pútrido.

Um lago de veneno.

Inren sentiu o sangue sumir de seu rosto. Proferindo uma maldição, ela recuou vários passos. Mas Odile apenas sorriu e estendeu as duas mãos. Instantaneamente, o ser de sombra em seu núcleo enviou longos dedos de seu corpo, para dentro da água.

O lago começou a turvar e se agitar. Mais água tornou-se visível à medida que o oblivis afundava sob sua superfície. As coisas se moviam, formas pretas na escuridão. Então, para o horror ofegante de Inren, cabeças se ergueram, uma após a outra. Coisas pretas pingando.

As sombras contidas nessas formas estavam totalmente ascendentes, mas totalmente degradadas. O ar da Floresta da Bruxa havia deformado seus corpos hospedeiros em cascas desidratadas que mal se mantinham unidas por pedaços de ossos e tendões. Apenas a magia que fervilhava através deles mantinha aqueles corpos vivos.

Inren reuniu sua coragem e saltou para frente, colocando-se entre Odile e aqueles demônios. Ela procurou as pedras em seu bolso, preparada para

plantar uma, preparada para lutar. Um após o outro, ela arrastaria cada monstro para o Assombrados, deixando-os ali onde pertenciam! Ela iria...

A mão restritiva de Odile pousou em seu braço. Inren olhou para trás para ver o sorriso severo de sua rainha. — Não tenha medo, minha querida. — disse Odile, sua voz um sussurro áspero em sua garganta recém-reparada.

As coisas gotejantes de veneno nadaram em direção à costa, seus espinhos salientes cortando a água, seus olhos brilhantes como pontas em suas cabeças parecidas com caveiras. Os mais próximos ergueram suas cabeças, expondo gaiolas de dentes afiados. Mas Odile estava na beira do lago, com as mãos estendidas. Os muitos dedos de sua sombra dispararam de dentro dela, mergulhando em cada uma dessas criaturas. Ele encontrou o oblivis em seus pulmões, em seu sangue, e assumiu o controle.

Os monstros, pelo menos uma dúzia deles, rastejaram até a margem do lago. O estômago de Inren se revirou com a visão. A maioria deles eram bestas, mas alguns já foram humanos. Todos eles se jogaram aos pés de Odile, rastejando, adorando.

— Vão em frente, meus filhos. — Odile disse, falando as palavras em voz alta, embora Inren sentisse a força de seu comando ondular através dos fios mágicos que a conectavam a cada criatura. — Vão para esta floresta e convoquem todos os meus servos. Todos aqueles que ainda são leais a mim.

Eles ergueram a cabeça, as mandíbulas abertas. Gritos ululantes horríveis encheram o ar, um hino de louvor à sua deusa negra. Em seguida, eles se viraram e fugiram como ratos se espalhando na luz repentina de um lampião, ansiosos para cumprir a vontade de Odile.

Mais uma vez, Inren e a deusa ficaram sozinhas na beira do lago. Os dedos de Inren agarraram a pedra em seu bolso com tanta força que ela cortou sua pele. Mas Odile, sua expressão tão ilegível como sempre, caminhou até a

beira do lago e, levantando suas saias esfarrapadas, entrou na água. Ela subiu até seus joelhos quase imediatamente, lambendo e faminta, os venenos corroendo sua pele.

A sombra em sua alma alcançou novamente, desta vez estendendo-se mais do que antes, e mergulhou na água, afundando no leito do lago. Um estrondo de magia sacudiu o chão, e Inren tropeçou e quase caiu. Ela observou com os olhos arregalados enquanto as águas se agitavam e a Floresta da Bruxa gemia e se esforçava, lutando para resistir a esse poder crescente.

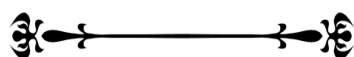
A mandíbula de Odile apertou. Os tendões de sua garganta despedaçada destacaram-se sob sua pele pálida. Um grito rompeu seus dentes quando a sombra dentro dela estremeceu e redobrou seu fluxo mágico.

Pedras brilhantes de oblidite cobertas de limo e lodo subiram da água em resposta ao chamado de Odile até que a estrada formou um arco perfeito sobre o lago. Com um gemido final, ela travou no lugar. Embora a água continuasse turva e a própria Floresta da Bruxa rosnasse de frustração, Inren sabia que aquela extensão não seria derrubada novamente. Não enquanto Odile vivesse.

A deusa saiu do lago. Sua pele estava escaldada dos joelhos para baixo, mas ela não pareceu notar. Sem olhar para o caminho de Inren, ela começou a cruzar a ponte, seu olhar fixo para o leste, onde Dulimurian estava em ruínas.

Para onde Oromor a esperava.

Inren soltou uma maldição. Então ela correu atrás de sua deusa, seu coração cheio de orações desesperadas que ela não ousava proferir em voz alta.



— Você tem certeza, Odile? — Domina d'Arcand me disse. — Passaram-se apenas cinco anos, afinal.

Cinco anos desde minha re-doutrinação. Cinco anos desde que passei por purga, teste, limpeza e renovação. Cinco anos desde que entrei novamente na Ordem e me reafirmei como filha de Evander, uma serva da Deusa.

— Estou pronta. — disse a minha domina. Minha convicção era inabalável. — Leve-me ao Conselho de Agla.

D'Arcand finalmente concordou e partimos para Roihm. Lá, diante da grã-Vanderiana e de todo o conselho reunido, eu me apresentei, exatamente como fizera treze anos atrás. Mas então eu era uma mera criança, cheia de poder e paixão.

Agora eu era uma venatrix. Eu tinha visto. Eu fiz. Eu tinha me tornado. O ardor brilhando em meu peito não pertencia a ninguém além de mim. Eu tinha vontade de dominar qualquer poder, até mesmo o poder da Coroa de Éter.

— Dê-me. — disse a grã-Vanderiana. — E farei tudo o que você sempre sonhou e muito mais.

Ninguém pôde duvidar da minha sinceridade. E a saudade deles era grande. Eu entendia agora, como não entendia quando era aquela jovem de vinte anos. Eu entendia tudo o que eles fizeram para proteger este mundo dos poderes do Assombrados. Eu entendi o peso de seus atos que esmagaram suas almas. Pois essas ações foram minhas, e minha alma suportava o mesmo peso cruel.

Mas se eu pudesse usar a coroa, se eu pudesse dominar sua sombra, então eu poderia oferecer a salvação onde eles ofereciam apenas a morte.

— Odile, Venatrix di Mauvalis. — a grã-Vanderiana disse. — Você mais do que provou sua devoção à causa de Evander ao longo dos anos. Agora, prove mais uma vez. Domine a Coroa de Éter.

Dizendo isso, ela fez um gesto com uma das mãos atrofiadas e a coroa foi trazida para mim, carregada em uma maca sustentada por quatro fortes venadores. Ela pulsava

com luz e vida, o metal azul contorcendo-se e líquido e ainda de alguma forma contido naquela forma rígida. Eu olhei para ela sem piscar.

E eu senti o espírito dentro de mim olhando para trás.

CAPÍTULO 17

Gerard ajudou Terryn a arrastar o Cadáver para fora da árvore caída. O solo úmido esmagava sob seus pés, e sua carga deixou uma longa mancha negra de sangue em seu rastro. Assim que o corpo ficou livre dos galhos quebrados, Terryn o rolou. A cabeça pendeu; os olhos vazios fitaram o céu.

Terryn fez uma careta. O ferimento mortal era feio, expondo a carne apodrecendo rapidamente. A espada de Gerard perfurou o bruxo direto pelas costas, no coração e através da caixa torácica. Não importa como ele raspasse e polisse, a lâmina uma vez brilhante nunca estaria totalmente limpa da mancha da praga das sombras.

Ciente do olhar atento de Gerard, Terryn tomou cuidado para não o olhar nos olhos. Em vez disso, ele estudou o rosto do bruxo morto. As feições de seu pai, torcidas de dor. Os olhos, mesmo na morte, mantinham sua expressão assustada. A boca cedeu e o sangue gotejou sobre os lábios curvados para trás e os dentes podres.

— Terryn. — Gerard disse com o que parecia compreensão em sua voz. Ele deve ter reconhecido o rosto roubado do Bruxo Cadáver; ele deve ter adivinhado a quem esse corpo pertenceu.

Terryn se recusou a erguer os olhos. Com a mão trêmula, ele estendeu a mão e tentou fechar aqueles olhos fixos, para suavizar aquelas feições distorcidas pela dor. Mas não importava o que ele fizesse, ele não poderia fazer o rosto pertencer a seu pai novamente.

Sentando-se sobre os calcanhares, ele respirou fundo e olhou fixamente para as sombras da Floresta da Bruxa, para a agitada atmosfera

do oblivis, espessa de veneno. De alguma forma, ele sempre acreditou que se a Deusa lhe concedesse a oportunidade de matar Gillotin du Visgarus, para vingar seu pai possuído, isso de alguma forma purificaria seu coração dessa dor. Mas ele estava errado. Gillotin estava morto, sua alma amaldiçoada.

No entanto, a devastação do menino órfão permanecia.

Por alguns momentos Terryn ficou sentado ali, ajoelhado na lama, insensível ao mundo ao seu redor. Então a pulsação em seus ouvidos diminuiu lentamente e ele ouviu uma voz rica e solene falando, não, cantando uma prece:

— *Que a Mãe te receba, que te chamou, e que os espíritos celestiais te conduzam aos Portões da Luz. Cabeça tenha piedade. Coração tenha compaixão. Alma tenha misericórdia.*

As palavras o atingiram, reverberando através de seu espírito até seu âmago, o âmago onde sua alma e sua sombra estavam ancoradas em sua carne mortal. Terryn percebeu de repente uma luz branca ao redor dele, envolvendo-o. Era uma luz que estava lá o tempo todo, apenas seus olhos foram incapazes de discernir. Sua visão chamejava agora, não com visão de sombra, mas com algo mais. Algo mais profundo, mais claro, mais aguçado. E seus ouvidos ouviram, ressaltando as palavras orantes cantadas na língua mortal, uma canção profunda e indescritível sendo cantada em outra língua.

Ele piscou. A visão passou. A luz e a música desapareceram, e ele estava mais uma vez na escuridão e na lama de Floresta da Bruxa. Gerard se ajoelhava em frente a ele e, invisível, mas presente, Nisirdi agachou-se ao seu lado em poderosas ancas, suas longas patas dianteiras elegantemente colocadas e suas asas curvadas ordenadamente. Um zumbido de conforto ondulou ao longo da corda da alma que ele compartilhava com sua sombra... e, para sua surpresa,

ao longo de outra corda que ele nunca havia notado. A corda que o conectava a seu irmão. Coração com coração. Alma para alma.

A oração de Gerard terminou. Ele olhou para cima e encontrou o olhar de Terryn. Sem uma palavra trocada entre eles, eles se levantaram e se afastaram do hospedeiro final do Bruxo Cadáver. A Floresta da Bruxa já estava se aproximando para reivindicá-lo, o próprio solo arrastando o corpo lentamente para baixo para ser digerido. Lembrando-se do que tinha acontecido com os restos mortais de Venador Nane, Terryn observou os sinais das vinhas parasitas rastejantes, mas não viu nenhuma.

Ele e Gerard deram as costas para o cadáver e seguiram em frente. Gerard se virou para o leste e deu vários passos decididos antes que Terryn o pegasse pelo braço. — Espere. — disse ele.

Gerard deu a Terryn um olhar e encolheu os ombros com o braço livre. — Não podemos nos atrasar. — disse ele. — Precisamos seguir em frente. Não sabemos quanto tempo temos, e...

— Tenho que levar você de volta. — disse Terryn. — Para Dunloch. Agora.

Gerard não disse nada a princípio. Suas pálpebras tremeram ligeiramente enquanto ele olhava para Terryn. — Eu não vou voltar. — Ele respondeu finalmente.

— Você não está preparado para tudo o que está por vir. — Terryn acenou com a mão para as árvores feridas, para o horror dos ramos torturados e luta pela meia-vida contra a decomposição circundante. — Isso não é nada. Este é um passeio no parque em comparação com o que está por vir. Você não está preparado para Floresta da Bruxa, acredite em mim.

— E você está? — Com um bufo, Gerard se virou e começou novamente, seus sapatos finos pressionando o solo macio, cada pegada atrás dele se

enchendo de lodo. — Admita Terryn. — gritou ele por cima do ombro. — Você teria morrido agora se não fosse por mim.

Com um grunhido na garganta, Terryn se apressou atrás de seu irmão. Ele tentou novamente pegá-lo pelo braço, mas Gerard se esquivou facilmente. — Eu não estou desamparado, você sabe. Aqui não. Lá fora, dentro... em nosso mundo, não tenho armas para lutar contra os tomados pela sombra. Mas aqui? Aqui posso lidar com a morte, e isso não importa. Não há corpos hospedeiros habitáveis que possam ser possuídos por quaisquer sombras que eu liberte violentamente. E meu próprio corpo, eles me dizem, não pode ser possuído. Então, a menos que seja outra mentira...

— Não é mentira. — respondeu Terryn, relutantemente honesto. — Você é um nascituro. Você não pode ser tomado pela sombra.

— Então aí está. — Gerard encolheu os ombros e continuou andando. — Posso não ter seus poderes, Terryn, mas não há nada que me impeça de usar qualquer força mortal que esteja à minha disposição. Como provei há pouco.

Gerard não tinha visto a batalha que ocorreu após sua morte muito fácil do Bruxo Cadáver. Ele não tinha visto como os espíritos lá dentro se libertaram, como os Assombrados se abriram para reivindicá-los, como Terryn e Nisirdi lutaram para impedi-los de escapar. Toda aquela experiência angustiante passou diante de seus olhos mortais cegos em um punhado de respirações. Mas tentar explicar a ele coisas que ele não conseguia entender seria inútil.

Terryn balançou a cabeça e disse em vez disso: — Você pode não arriscar sua alma, Gerard, mas arrisca sua vida. Existem perigos aqui além de qualquer coisa que você possa imaginar. Você é rei agora. Seu povo precisa de você. Perrinion não sobreviverá ao que vier a seguir sem um soberano para liderar.

— Eu não sou nenhum rei.

Terryn piscou, surpresa pela veemência na voz de Gerard. Ele ficou olhando seu irmão por vários passos antes de redobrar sua velocidade e alcançá-lo. Combinando seu passo com o de Gerard, ele permaneceu em silêncio por um momento, incapaz de pensar no que poderia dizer.

Gerard ergueu a cabeça pesada, olhando de soslaio para Terryn por baixo de suas sobrancelhas. — Meu pai assumiu o trono sob falsos pretextos. Ele cometeu blasfêmia, alegando que a Deusa desejou sua ascensão ao poder e usando o nome dela para alimentar sua ascensão.

— A linhagem du Glaive...

— Não importa. Não importa se meu avô governou Perrinion desde o exílio, ou se meu tataravô já se sentou no trono. O direito de meu pai governar deriva unicamente de suas afirmações proféticas. Nada mais nada menos. — Gerard respirou fundo pelas narinas, seus lábios se curvando como se ele inalasse um fedor mais pútrido do que o ar podre da Floresta da Bruxa. — Eu não vou sentar no trono de um charlatão.

Eles avançaram vários passos mais antes de Terryn estender a mão, pegar Gerard pelo ombro e girá-lo para enfrentá-lo. Pairando sobre Gerard por vários centímetros, ele olhou para baixo em seu rosto, os olhos brilhando de raiva. Nisirdi, respondendo à explosão da emoção de Terryn, deu um passo atrás dele, asas abertas como se estivesse se preparando para um ataque. Gerard, sem saber da presença do dragão de luz, não vacilou. Ele encontrou o olhar de Terryn sem piscar, sua expressão estranhamente calma.

— O que então? — Terryn exigiu, rangendo as palavras entre os dentes. — O que então, Gerard? Você vai deixar Perrinion cair no caos e na guerra civil? Mesmo agora, com Terrível Odile prestes a reclamar sua coroa, seu poder?

— Odile não vai reclamar nada.

A confiança na voz de Gerard assustou Terry. Ele deu um passo para trás, liberando seu aperto no ombro de seu irmão. Havia algo perturbador no rosto de Gerard, algo... algo certo. E terrível. — O que você sabe? — Terry perguntou, meio com medo de ouvir a resposta.

Gerard virou a cabeça para o lado, olhando para o leste na escuridão densa da floresta. O nevoeiro estava mais espesso do que nunca, obscurecendo toda a visão além de dez passos, mas o olhar de Gerard parecia penetrar por quilômetros. — A garota Vidente. — ele disse finalmente, sua voz um sussurro. — A criança inata.

— Nilly du Bucheron? — Terry piscou, surpresa.

Gerard acenou com a cabeça. — Ela estava lá. Em Dunloch ontem à noite. Esta manhã ela me encontrou e me deu uma... uma visão. — Ele olhou para Terry, incapaz de sustentar seu olhar. — Eu vi a Rainha Bruxa morrer. E eu estava lá. Eu vi como isso vai acontecer. Odile nunca irá reclamar a Coroa de Éter.

Terry estreitou os olhos, estudando o rosto de seu irmão. Não havia triunfo em sua expressão, nem esperança. — O que você não está dizendo, Gerard?

Os músculos do rosto de Gerard se contraíram, as rugas ao redor de sua boca se aprofundaram. Ele não falou.

Terry amaldiçoou suavemente. O que quer que Nilly tenha mostrado a ele, não era bom. A derrota de Terrível Odile teria um custo. Talvez Gerard tenha visto sua própria morte. Ou... ou possivelmente de Terry. Isso explicaria sua relutância em responder. Uma emoção de trepidação percorreu a alma de Terry com esse pensamento. Mas passou, deixando para trás uma estranha calma. Ele treinou durante toda a sua vida, preparando-se para a

morte e para a condenação que provavelmente se seguiria. Só agora, conectado a Nisirdi como estava, ele não temia mais a condenação. Mesmo que sua alma fosse levada para os Assombrados, os Assombrados não seria um fim. Sua eternidade não era uma conclusão precipitada. Ainda havia esperança além da morte, e com essa esperança, ele poderia enfrentar a perspectiva da morte sem vacilar.

— Gerard. — Ele começou. — Eu preciso que você...

— Não, Terry. — Gerard encontrou seu olhar finalmente, seus olhos afiados e brilhantes com determinação. — Você precisa ouvir. Eu devo fazer isso. Eu não tenho escolha. O que a garota me mostrou... esse é meu caminho, meu destino. Eu soube no momento em que vi. Eu devo estar lá. Eu devo ver o poder de Terrível Odile quebrado de uma vez por todas. Pretendo evitar que a Coroa de Éter escravize nosso povo. Não importa o que aconteça comigo, com você, com qualquer um de nós. Eu tenho que ver isso até o fim. Eu devo fazê-lo, Terry.

Por um instante, Terry viu o rosto de Gardin diante dele, o rosto desesperado do rei herói que não era nenhum herói. Era o desespero de Gardin falando através da boca de seu filho, o pecado inexpressivo de Gardin brilhando através dos olhos de Gerard.

O estômago de Terry se retorceu em um nó nauseante. Ele não tinha visto a Rainha Bruxa decapitada ou restaurada. Ele ainda lutava para acreditar que ela realmente poderia estar viva, que ela realmente havia sido devolvida a este mundo, ameaçando tudo o que havia sido construído em sua ausência ao longo dos últimos vinte anos. Mas enquanto Gerard falava agora, por mais bizarras que suas palavras pudessem ser, seu próprio tom convenceu Terry da dura verdade.

Ainda assim, ele tinha uma arma restante. Uma arma que ele detestava usar, no entanto...

— E quanto à sua esposa?

O silêncio que se seguiu foi como o vazio depois que a lâmina cai, o grito interrompido e o som do fio do machado na pedra desaparecendo. O rosto de Gerard perdeu toda a cor enquanto ele olhava para Terry.

— Você diz que nada importa. — Terry persistiu. — E quanto a Cerine?

Passando a mão pelo rosto, Gerard se afastou até que Terry viu apenas seu perfil. Ele deu várias respirações longas e cuidadosas e, quando falou novamente, sua voz estava perfeitamente controlada. — Cerine sabia. O tempo todo, ela sabia que eu não era nenhum Príncipe Dourado, nenhuma promessa divina. Ela sabia que a profecia era falsa e seu suposto cumprimento também era falso. E agora, depois de tudo... ela não vai suportar olhar para mim.

— Gerard, isso não poderia estar mais longe da...

— Não, Terry. Não. Não diga mais nada. É como eu acabei de dizer: não importa. Nada importa. Apenas acabar com Odile. Ninguém estará seguro, Cerine incluída, se a coroa for recuperada. Fendrel não pode fazer isso. Ele não podia antes; ele não pode agora. E Ayleth...

O coração de Terry gelou como uma pedra e caiu em seu peito. — E quanto a Ayleth? — ele disse, sua voz afiada e rápida.

Gerard apertou os lábios e balançou a cabeça lentamente. — Eu sei o que eu vi. O que a Vidente me mostrou. Isso vai acontecer. Eu devo estar lá.

E Ayleth também. Gerard não precisava dizer isso; Terry sentiu a verdade no silêncio dessa frase inacabada. Ayleth estaria lá no final. Como arma de Fendrel ou como ela mesma perigosa, ele não conseguia adivinhar. Mas ela estaria lá.

O que significava que ele também tinha que estar.

Terryn ficou ali naquele ar espesso e venenoso, olhando para seu irmão. Seu senhor. Seu rei. Suspirando pesadamente, ele deu três passos para mais perto de seu irmão e colocou a mão no ombro de Gerard. — Venha, então.

Gerard ergueu uma sobrancelha para ele. — Onde?

— Se você vai chegar a Dulimurian a tempo de cumprir qualquer visão, é melhor irmos andando.



Ajoelhei-me para a grã-Vanderiana colocar a coroa na minha cabeça. Como se eu fosse uma rainha reivindicando meu reino, não uma guerreira prestes a entrar em batalha. Toda a assembleia parecia estar prendendo a respiração quando o metal frio entrou em contato com minha testa.

Então meu mundo explodiu em fogo negro.

Eu tinha aprendido há muito tempo a manipular e controlar o oblivis usando o poder da minha sombra. Mas isso... isso era algo totalmente diferente. Isso era oblivis, não como um elemento, mas como uma entidade viva por si mesma, cheia de forças criativas e destrutivas sempre em guerra umas com as outras. Puro caos vivo, como todo o próprio Assombrados manifestado em minha cabeça.

E no centro desse caos, a Presença.

Ele olhou para mim e riu. Sua voz não era nada parecida com uma voz mortal, mas eu a entendi melhor do que entendi a linguagem mortal. Eu entendi sua zombaria, sua alegria. Seu ódio. Ele tinha estado preso nesta prisão de Éter por séculos agora, e embora o tempo signifique pouco para seres como ele, ele começava a ficar impaciente.

Eu senti seu desejo. Queria um hospedeiro que pudesse usar, pudesse usar seu próprio propósito terrível. Éter é inerte, imóvel. A Presença ansiava por uma chance de trabalhar sua vontade por meio de um hospedeiro mortal novamente.

– Você. – disse em sua linguagem que não era linguagem. – Você é do sangue. Você pode sobreviver a mim.

Ficou surpreso, encantado e faminto ao mesmo tempo.

Minha mente vacilou sob aquela voz, e eu senti a base firme da sanidade escapar sob meus pés, o abismo da loucura escancarado para me receber. Se eu caísse, estaria perdida. Esta Presença iria arrancar minha alma de sua âncora e lançá-la para fora do meu corpo, tomando posse total. Senti os fios que me prendiam ao meu corpo mortal esticando, diluindo, rompendo.

Mas eu não ia desistir tão facilmente.

– Irimir! – Eu gritei.

Como venatrix de Evander, não devo saber o nome de minha sombra. Mas eu não era uma venatrix. Não mais. Então agarrei aquele nome, agarrei minha sombra, arrastei-a e lancei-a diante de mim como um escudo contra o ataque profundo da escuridão. Irimir se manifestou na forma de uma nuvem negra, cintilante de magia.

A Presença recuou, assustada. Naquele momento, eu vi como os dois eram parecidos, como imagens espelhadas, opostas e iguais.

Eu me preparei e, canalizando o poder de Irimir, ataquei a Presença. – Diga-me seu nome, ser sombrio! – Eu gritei.

Ele resistiu. Ele lutou. Oblivis colidiu com oblivis em uma tempestade de pura raiva. Mas qualquer que fosse a raiva que a Presença sentia, a minha era mais do que páreo para ela. Meus olhos viram apenas chamas vermelhas. Meus ouvidos ouviam apenas os gritos de uma criança. Minha pele estava queimando, queimando.

Minha alma clamava por vingança.

A Presença rugiu de terror e dor quando o poder que canalizei nela cavou fundo em sua essência, agarrando-se até seu núcleo. As duas sombras se tornaram inseparáveis, e a selvageria da tempestade oblivis girou em um redemoinho dentro da

minha cabeça que deveria ter me matado em um instante. Mas eu aguentei. Eu, o último parente de Mauval, sobrevivi ao ataque de acordo com meu destino.

– Me diga seu nome! – Eu gritei.

E desta vez, a Presença respondeu: – Oromor.

Com isso, ele se curvou para mim, abrindo mão do controle. A magia e o poder da Coroa de Éter eram meus.

CAPÍTULO 18

A companhia de seis de Fendrel cavalgava por uma floresta de oblidite petrificada. Cada árvore era perfeita, cada galho e cacho de casca, cada folha outonal remanescente, tudo intacto. Tudo congelado. Tudo preto e multifacetado e brilhando à luz do sol.

Hollis reconheceu os sinais imediatamente. Este era o trabalho de Terrível Odile. A Rainha Bruxa entrou na floresta e respirou a atmosfera do oblivis, alimentando sua sombra, alimentando sua magia. Ela logo estaria saturada de poder.

Vinte anos, ela tinha ficado sem cabeça na laje de pedra. Vinte anos, ela sofreu, quebrada e derrotada. Se poucas horas depois ela já era forte o suficiente para explodir esta floresta inteira, o que ela seria quando eles a alcançassem?

Se ela recuperasse sua coroa, ela seria imparável.

Hollis desviou o olhar das árvores e se concentrou em Ayleth, que cavalgava à sua frente na procissão. A garota sentava-se muito ereta na sela, com os ombros para trás e a cabeça erguida. Fingindo não sentir a dor das algemas de ferro que prendiam seus pulsos.

Nunca Hollis encontrou uma alma mais corajosa, um coração mais pronto e disposto. E ela não duvidava do treinamento de batalha da garota, que ela mesma havia aperfeiçoado ao longo dos anos para se tornar uma lâmina afiada.

Mas Ayleth não carregava nada além de uma sombra Feral. Mesmo com todos os seus poderes chamados à ascensão total, como ela poderia esperar

lutar contra um Elemental como o que Odile empunhava? Ela pode ser o único meio de matar Odile e quebrar a maldição, mas isso não significa que ela realmente teria a força para fazer isso.

Deusa os ajudasse, eles apenas teriam que descobrir.

Hollis percebeu de repente que Fendrel cavalgava ao lado dela. Ela olhou de soslaio para o Dominus, mas não se permitiu olhar diretamente para ele, apesar de sua curiosidade. Nos últimos vinte anos, ela teve apenas vislumbres fugazes dele durante suas visitas anuais ao castra. Ele nunca falava com ela durante esses momentos, e ela nunca o procurava. Eles eram como estranhos. Menos que estranhos. Quanto ele mudou? Seus breves olhares roubados viram poucas alterações na superfície. Alguns fios cinza se entrelaçando em suas tranças douradas apertadas. Algumas linhas ao redor de seus olhos duros como aço. Sua boca estava um pouco mais severa, sua mandíbula um pouco mais firme.

A maior mudança estava em sua alma. Seus sentidos de sombra não precisaram chegar muito longe para sentir a praga invasora de sua sombra dentro dele. As três pontas de ferro que ele usava na braçadeira esquerda eram um testemunho de sua luta. Ele não seria capaz de segurar sua sombra por muito mais tempo. Não com feitiços de música. Nem mesmo com ferro.

Hollis se concentrou entre as orelhas de seu cavalo. Era estranho cavalgar ao lado de Fendrel agora, assim como ela havia cavalgado ao lado dele tantos anos atrás. Aqueles anos de campanha, de luta e triunfo. Mas então ele era um herói em sua mente, uma lenda que ganhou vida diante de seus olhos.

Ela o amava, com amor romântico, sim, mas também com um amor muito mais forte. Ele inspirou lealdade em seu coração. Paixão.

Ela olhou em sua direção novamente, notando como seu olhar pousava em Ayleth. Havia tormento em seus olhos, um conglomerado de emoções. Ela

tinha medo de usar sua sombra para bisbilhotar sua mente. O fogo em sua alma poderia matá-la no momento em que cruzasse a soleira.

— Você a teria matado, Fendrel? — ela perguntou de repente. Ele não se assustou com o som da voz dela. Talvez ele estivesse ciente de seu escrutínio o tempo todo. — Você realmente teria matado nossa última esperança de acabar com a vida de Odile neste mundo? — ela continuou quando ele não respondeu imediatamente. — Tudo por causa da sua mentira?

Ele desenhcou seus lábios, pressionando-os em uma linha dura. Então ele disse apenas: — Sim.

Hollis queria amaldiçoá-lo. Para machucá-lo. Mas qual era o objetivo? Ela não poderia realmente causar mais sofrimento a ele. Apenas algumas horas atrás ele viu o que restava de sua honra zelosamente guardada reduzida a pó, deixando-o com nada além de uma concha vazia.

Ela engoliu as maldições e, em vez disso, em uma voz baixa e curiosa, perguntou: — Por que você, no momento em que a reconheceu, não levou a garota para o cofre, colocou uma lâmina em sua mão e acabou com tudo isso? Isso poderia ter sido feito em um momento.

A mandíbula de Fendrel endureceu. — O risco era muito grande. — disse ele. — Ela poderia tão facilmente ter despertado a bruxa como a matado.

Hollis olhou para ele, sua desculpa soando falsa em seus ouvidos. Ela conhecia a verdade muito bem: ele simplesmente não queria que sua solução, a solução que ele havia dado tudo para concretizar, fosse insuficiente. Depois de todos esses anos, ele se convenceu de que sua mentira era a verdade certa para este mundo. A única verdade. Melhor que a Terrível Odile continue sendo reprimida sob sua maldição do que ela realmente morrer. Porque ele era Fendrel du Glaive. Ele não poderia estar errado.

Eles continuaram em silêncio pela floresta petrificada, cercados por capuzes vermelhos enquanto cavalgavam para Dulimurian. Assim como eles marcharam para enfrentar Odile vinte anos atrás. Só então, eles tiveram duzentos venadores em suas costas, armados com o atacara.

Por fim, Hollis perguntou: — Por que você simplesmente não a matou? Ela estava à sua mercê. Você poderia ter acabado com a vida dela muitas vezes. Por que mantê-la viva? Por que se dar ao trabalho de invocar o castra, do teste do rasgo, de tudo?

Aqui, finalmente, Fendrel virou a cabeça e olhou para ela. Seu olhar de ferro encontrou e segurou o dela rapidamente. — Por você. — disse ele. Como se fosse a resposta mais óbvia do mundo.

Hollis ficou boquiaberta.

— Ela era sua. Sua aprendiz, sua protegida. Achei que você devia se importar com ela. Eu pensei... — Ele balançou a cabeça e olhou para frente novamente. — Achei que você preferisse que eu salvasse a alma dela.

O que ela poderia dizer? O que ela poderia pensar? Como ela poderia responder?

Ela vislumbrou em seu rosto, por apenas um lampejo, a dura e horrível verdade: Fendrel ainda a amava.

Ele a amava o suficiente para queimar Ayleth viva por causa dela.

Amargura crescendo em sua alma, Hollis voltou seu olhar para Ayleth. Eles mantinham a garota no centro de sua pequena companhia, onde ela poderia ser mais bem protegida. Mas o olhar de Hollis se afastou, voltando muito para tempos antigos. Em vez disso, ela viu Gardin, o rei como ela o conhecia, jovem e de cabelos dourados, forte e temeroso e inteiramente dedicado a seu irmão mais velho. Assim como todos eles haviam sido. Mas sua devoção não brotou do nada. Não... isso se originou do próprio amor de

Fendrel por eles. Seu amor profundo, que brotou das profundezas de seu coração e correu em uma torrente para dominá-los, para afogá-los.

Ela pensou em Terryn e Gerard, o aprendiz de Fendrel e seu sobrinho, jovens agora. O mais velho, sombrio, severo e cheio de força. O mais jovem, bonito, dourado e cheio de bondade. As impressões digitais de Fendrel estavam neles. Eles sabiam? Eles reconheciam sua influência em suas vidas? Será que eles, como ela e Guardin e todo o exército do Rei Escolhido antes deles, sabiam a verdade e ainda assim se entregavam avidamente à sua vontade?

Eles perceberam que coisa terrível era ser amado por Fendrel du Glaive?

Hollis respirou fundo... e de repente percebeu como o ar estava denso. A atmosfera estava mais escura do que deveria estar a esta hora, com o céu azul acima e o sol ainda alto. Fendrel puxou seu cavalo e sua voz ecoou nas árvores de pedra: — Parem!

Os cavaleiros obedeceram, virando-se nas selas para olhar para ele. Linhas amargas marcaram o rosto do Dominus. Ele inspirou, expirou e, em seguida, praguejou entre os dentes. Com um aceno de cabeça, ele olhou para a companhia. — A Grande Barreira caiu. — disse ele.

Um murmúrio de consternação percorreu os evanderianos. O coração de Hollis afundou como uma pedra. Se Fendrel estivesse certo, e ela sabia melhor do que duvidar dele, então nada mantinha a Floresta da Bruxa à distância. Esta escuridão no ar era oblivis derramando-se sem controle no mundo mortal.

— Não é seguro respirar o ar. — continuou Fendrel. — O oblivis inalado o tornará suscetível ao controle.

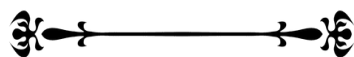
Para o controle de Odile. Pois ela comandava seu elemento como nenhum outro.

Os evanderianos, como se estivessem em uma só mente, enfiaram a mão nos alforjes e removeram as máscaras que haviam sido preparadas com antecedência para a viagem. Fendrel, sem dizer uma palavra a Hollis, entregou-lhe uma peça sobressalente que havia tirado dos alforjes de um dos caçadores caídos. Hollis a colocou no rosto. Parecia familiar. Ela tinha usado algo parecido há vinte anos, quando lutou contra Odile. Pétalas de calêndula esmagadas foram pressionadas na ponta do bico longo e pontudo, servindo para filtrar o fedor de oblivis.

Com a máscara no lugar, ela ajudou Ayleth com a dela, já que a garota não conseguia fazer isso com as mãos algemadas. Ayleth não a olhou nos olhos. O coração de Hollis torceu dolorosamente, mas ela empurrou o sentimento de lado. Não havia tempo para qualquer dor que houvesse entre elas. Agora não. Não até que o trabalho estivesse concluído.

— Vamos deixar os cavalos. — Fendrel disse, sua voz estranha e oca através do bico de sua máscara. — Eles apenas nos deixarão vulneráveis.

A companhia desmontou. Mais uma vez, Venador Kephan assumiu a liderança, seus sentidos ferais em alerta enquanto eles continuavam pela floresta petrificada. E então... Hollis inspirou profundamente o ar com cheiro de calêndula. Não era mais a floresta petrificada. As árvores entre as quais agora caminhavam estavam vivas, vivas, feridas e sofrendo. Os cortes exalavam infecção para cima e para baixo em seus troncos retorcidos e seus galhos se entrelaçavam com força, como se procurassem segurar um ao outro. O dossel entrelaçado bloqueava toda a visão do céu.



Eu abri meus olhos.

Mais uma vez estava na sala do conselho de Agla, rodeada pelos domini em seus assentos altos. A grã-Vanderiana estava a apenas alguns passos de mim, seu rosto enrugado uma máscara de horror absoluto, sua boca escancarada, seus olhos arregalados.

Olhando para baixo, vi um anel de dardos com pontas pretas ao meu redor no chão. Então, os venadores escondidos nas galerias acima haviam atirado, tentando me derrubar no meio da minha batalha com a coroa. Eles acreditaram que eu estava perdendo minha luta, pensaram que eu não manteria o controle.

Mas eu, mesmo sem saber que tinha feito isso, peguei cada um daqueles dardos mortais, quebrei-os ao meio e os deixei cair no chão ao meu redor em um círculo perfeito.

– Odile di Mauvalis? – a grã-Vanderiana sussurrou meu nome, sem saber quem estava olhando para ela através dos meus olhos. – É você?

– Sim. – Respondi. Oblivis deslizava da minha língua e ondulava no ar enquanto eu falava. – Sou eu. – Então eu sorri e levantei minha mão direita, apontando minha palma direto para o coração dela.

Eu matei todos eles. Um após o outro. Violentamente. Eu peguei suas almas liberadas, tanto sombras quanto mortais, e quando os Assombrados se abriu, eu os lancei para sua condenação. Quando eles morreram, liguei o próprio corredor, enviando grandes raios de oblidite endurecida que se chocou contra as paredes até que toda a estrutura choveu sobre mim, até que fiquei no centro da destruição com o poder pulsando em minhas veias.

Saí no dia seguinte e voltei ao castra. Lá, comecei outro massacre de limpeza. Domina d'Arcand primeiro. Sim, ela me olhou nos olhos enquanto eu a matava, e ela sabia o que significava um grande destino ser finalmente cumprido. Quando ela estava morta e amaldiçoada, peguei o resto, os venadores e phasmatores, os doutrinados e iniciados e aprendizes. Todos eles.

E quando meu trabalho ali foi concluído, marchei sobre a Cidadela da Deusa e a arrasei.

CAPÍTULO 19

Enquanto cavava seu caminho pelas colinas ao redor de Dulimurian, a Estrada da Rainha subia continuamente. Odile liderou o caminho até a ladeira íngreme, seu ritmo nunca diminuindo. Inren lutou para acompanhar. Embora sua deusa fosse renovada com cada respiração do oblivis que ela puxava para seus pulmões, Inren sentia sua força enfraquecer quanto mais ela inalava o elemento venenoso. Isso mancharia seus próprios ossos de preto e os deixaria fracos como manteiga se ela tivesse que continuar nesse ritmo.

À medida que se aproximavam do topo da colina, a relutância, assim como a exaustão, desacelerara o ritmo de Inren. Ela sabia que vista encontraria em seus olhos quando chegasse ao topo desta colina. Durante seus quatro anos de cativo na Floresta da Bruxa, ela nunca ousou se aventurar tão fundo, mas sempre ficou nas bordas externas, perto da Barreira ou dos rios. Ela não gostava de olhar para a cidade em ruínas da Nova Deusa, preferindo lembrar sua antiga glória.

Odile, no entanto, marchou em frente destemida, aumentando o espaço entre ela e sua tenente restante. Inren a viu chegar ao topo da colina, a viu fazer uma pausa... e a viu ficar quieta, ela poderia ter sido transformada em um pilar de oblidite.

Reunindo coragem, Inren redobrou o ritmo, apressando-se para se juntar à rainha. Este corpo hospedeiro que ela agora usava não era tão alto quanto o corpo emaciado de Odile, então ela olhou por cima do ombro. Seus olhos se arregalaram quando ela viu o panorama abaixo.

O poderoso ídolo de Odile ainda estava lá, caído de joelhos, mas ainda de pé, sua mão levantada para o céu e visível acima da linha das árvores por trinta quilômetros ao redor. No passado, ele ficava em uma plataforma ampla e circular de oblidite, que ficava no topo de um monte de muitas camadas bem acima do resto da cidade. O monte agora estava rachado, as escadas quebradas.

A cidade irradiava da estátua em círculos concêntricos, e as cinco estradas de Odile convergiam para o monte da estátua como as pontas de uma estrela se juntando em um nexo. Mas quatro das estradas estavam perdidas, quebradas, engolidas pela floresta. Apenas aquela que Odile chamou de volta à vida ainda estava visível.

Floresta da Bruxa havia feito seu trabalho em Dulimurian. Ela arrastou para baixo as altas torres de oblidite, transformando-as em pó. Abriu o terreno sob as fundações e afundou a parte oeste da cidade em lama e pó. As trepadeiras haviam rasgado as linhas outrora graciosas do anfiteatro no quadrante sul até que desabou como um animal quebrado. A Biblioteca de Odessa não existia mais, seu precioso conteúdo perdido para sempre. Os templos, as praças, as moradias graciosas de oblidite impermeável, tudo destruído como uma louça frágil.

E ao redor da cidade havia uma enorme parede de vinhas negras.

Inren ficou olhando, certa de que nunca conseguiria desviar o olhar. Todas as vinhas da Floresta da Bruxa devem ter se reunido aqui, deslizando por quilômetros de floresta. Tecidas juntos em uma parede, elas eram intransponíveis como granito. A magia, o puro poder que emanava delas era palpável. Isso fez a sombra de Inren gritar e mergulhar profundamente dentro de seu corpo hospedeiro, onde se escondeu, tremendo de pavor.

A mão erguida da estátua brilhava, pulsando com uma luz azul.

Lá estava a coroa.

Lá Oromor esperava.

A esperança que timidamente floresceu no coração de Inren ao longo dos quilômetros de sua jornada agora sufocou e morreu. Odile estava ótima. Odile estava poderosa. Odile pegou o feitiço da música de Fendrel du Glaive e o rasgou como fios de teia de aranha. Mas ninguém, nem mesmo Odile, poderia penetrar naquela parede viva. Isso era mais do que feitiços de música, fios de magia entrelaçados. Essas vinhas eram pura magia negra e viva. Oblivis vivo.

Inren olhou para o rosto de sua senhora. A expressão da rainha era implacável. Quaisquer que fossem seus pensamentos, Inren não conseguia compreendê-los.

De repente, Odile deu as costas para sua cidade e olhou para a floresta que acabavam de atravessar. — Saia. — Ela disse, sua voz perigosamente suave.

Inren recuou quando os seres desidratados do lago emergiram repentinamente das sombras penetrantes. Eles rastejaram para a estrada, e outros os seguiram, figuras levadas à sombra que ela não percebeu que estavam lá. Seus sentidos de sombra deveriam estar embotados pelo oblivis, caso contrário, certamente ela teria detectado a aproximação de tantas almas. Muitos monstros. Alguns retinham traços de seus hospedeiros mortais originais. Mas, como os próprios Diabos Carmesins, nenhum deles escapou da influência distorcida do ar que respiravam. Eles eram tumorosos e grotescos, esqueléticos e escorrendo. Pesadelos em carne e carne em pesadelo.

Mas Odile estendeu as mãos como se fosse abraçá-los. — Meus filhos. — disse ela.

Como um, eles caíram de joelhos, se jogaram de cara no chão e rastejaram diante dela. Mais e mais deles apareciam, silenciosos como espectros,

enquanto seus próprios espíritos gritavam com a agonia da esperança de repente e inesperadamente ressuscitados. Odile simplesmente ficou lá, de braços abertos, e aceitou sua reverência com severa graça.

Por fim, ela ordenou: — Levantem-se.

Eles obedeceram imediatamente. A mão direita da rainha moveu-se, um dedo curvado, e as principais feras do lago rastejaram de barriga até seus pés. Tocaram o que quase poderia se passar por um nariz contra a bainha esfarrapada e queimada de sua roupa. — E os evanderianos? — Odile perguntou.

Um assobio percorreu a companhia, seguido por rosnados profundos e odiosos. A criatura aos pés de Odile rosnou e se contorceu, de alguma forma se comunicando com ela, embora Inren não pudesse entender. Odile acenou com a cabeça severamente. Então ela ergueu a cabeça, dirigindo-se à assembleia.

— Fendrel du Glaive está em nossa terra. — disse ela.

À menção desse nome, os sofredores tomados pela sombra jogaram a cabeça para trás, uivaram, gritaram e tagarelaram, loucos de ódio e sede de sangue.

— Aquele que nos caçou... — a deusa continuou. — Aquele que perseguiu nossos irmãos e irmãs, que expulsou nossas sombras e amaldiçoou nossas almas, ele mesmo agora marcha sobre Dulimurian.

Outro alvoroço. O próprio espírito de Inren surgiu dentro dela, e ela quase abriu a boca para berrar ódio fervente junto com a horda. A sombra dentro dela agitou-se e, no fundo, a alma mortal parasita estremeceu de pavor.

— Eu ordeno a vocês, meus filhos, meus queridos... — Odile disse. — Que o cacem. Ele e todos aqueles Capuzes Vermelhos que marcham com ele. Matem-os e deixem suas almas irem para os Assombrados a que

pertencem. Mas... — Ela ergueu uma mão de advertência, parando as sombras em seus caminhos antes que elas pudessem virar e pular por entre as árvores. — Há uma garota entre eles... — disse ela. — Minha própria família, minha neta. Cuidem para que ela não seja prejudicada. Tragam-na para mim, viva e inteira.

Muitos olhos frenéticos se viraram na direção da rainha, piscando lentamente com compreensão. Inren cerrou os punhos, cerrou a mandíbula. Nenhum desses monstros sabia sobre o *Cravan Druch*. Nenhum desses monstros sabia o perigo que a neta representava para sua deusa. Mas ela sabia. Ela sabia muito bem como tudo pelo que ela e seus irmãos tinham trabalhado e morreram poderia ser desfeita em um momento...

— Vão. — disse Odile. — Vão agora, meus filhos. Encontrem Fendrel du Glaive e seus seguidores. Encontrem minha neta.

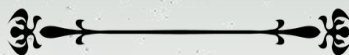
Com cascos batendo e escamas deslizando e gemidos de dor implacáveis, os monstros se viraram e desapareceram nas sombras das árvores, ansiosos, não, desesperados para cumprir o decreto de sua deusa. Inren os seguiu, movendo-se furtivamente. Odile mal se dignou a reconhecer sua presença por horas. Certamente ela não notaria se sua única tenente remanescente escapulisse agora. Se ela tivesse sorte, ela poderia encontrar a neta primeiro. Ela a arrastaria para os Assombrados e a deixaria lá, onde ela nunca mais poderia representar uma ameaça para a deusa. Ela deveria...

— Inren.

A bruxa parou abruptamente, assobiando uma respiração por entre os dentes. Mas ela rapidamente se recompôs e se virou para saudar sua rainha. — Minha deusa.

— Fique perto de mim. — Odile estendeu a mão e segurou suavemente os dedos de Inren. — Estamos perto do fim agora. Você deve me ajudar a

terminar o que viemos fazer aqui. Você deve me ajudar a conseguir minha coroa.



Após esses eventos, usei a coroa apenas periodicamente. Seu poder era muito grande, e a tensão em meu corpo e mente severa, que eu sabia que era melhor não brincar com ela. Mas isso não importava. Depois do que fiz, a simples menção do meu nome fez castras inteiros tremerem e correrem. Eu mal precisava dos presentes da coroa.

Tomados por sombras se aglomeraram a mim. Eu abri minhas asas e os peguei, fossem eles inatos ou recém-possuídos ou bruxas. Isso não importava para mim. Aceitei todos eles, fiz deles meu povo, fiz deles meus parentes.

Construímos um lugar para nós mesmos. Nas ruínas de Roihm, construí minha própria cidade e estabeleci meu trono. Eu pavimentei estradas de oblidite e as enviei como os braços radiantes de uma estrela, esculpindo em Perrinion. Ao longo dessas estradas, estabeleci torres, e assim meu reino cresceu, e a Ordem de Evander tremeu e fugiu diante de mim.

E quando os membros da Ordem vieram até mim, quando eles fugiram de seus castras e se prostraram diante de mim, eu os rejeitei? Eu levantei minha mão contra eles? Não. Pois eles, como eu, foram vítimas das mentiras de Evander. Eles, como eu, precisavam apenas da chance de ter seus olhos abertos, de ter seus corações purificados e suas almas fortalecidas. Eu os levei para o meu peito. Eu os abençoei. Eu os transformei.

Eles se tornaram meus Diabos Carmesins. E com eles, fui à guerra contra os seguidores de Evander. Eu me tornei o Veneno. Eu me tornei a Nova Deusa, a Rainha Bruxa.

Odile, Venatrix di Mauvalis, deixou de existir.

Havia apenas Terrível Odile.

CAPÍTULO 20

Embora soubesse que era tolice, Ayleth quase ousou esperar que suas experiências anteriores na Floresta da Bruxa a preparassem para esse novo empreendimento. Mas não. Todos aqueles cheiros, todos aqueles sabores, e aquela opressão penetrante e inescapável de pavor desabou em seus sentidos em uma realidade muito pior do que a memória.

De alguma forma, saber que a Grande Barreira havia acabado tornava tudo pior. A última vez que ela passou por aquela teia de canção mágica, ela sabia que ainda estava lá atrás dela em algum lugar. Que não importava o quão fundo ela fosse, que não importava o quão perdida ela estivesse, sempre havia a chance de retornar à barreira e cruzar de volta para o ar puro e céu aberto. Agora estava quebrada. Não havia separação entre este reino não natural e seu próprio mundo. Ela tinha visto a Floresta da Bruxa lançar brotos e raízes, invadindo o bairro de Wodechran. Se ela sobrevivesse a esta jornada para Dulimurian, haveria alguém voltando?

Até mesmo fazer essa pergunta parecia estúpido.

Cintilantes oblivis flutuavam em frente a de seu rosto, à deriva em espirais e redemoinhos, nunca mais se estabeleceriam. Ela ergueu as mãos algemadas para mexer na alça da máscara enrolada na metade inferior do rosto. Cada respiração puxava o tecido de malha macia para cima em suas narinas e boca, e a ponta do bico pontudo era um peso estranho balançando a trinta centímetros de seu nariz. As máscaras os faziam parecer um bando de pássaros feios que não voam, cambaleando pelas sombras da Floresta da Bruxa, suas capas penduradas como asas quebradas de seus ombros. Mas as

pétalas de calêndula secas amassadas na ponta do bico serviram bem ao seu propósito. O cheiro era suficiente desagradável, mas forte para mascarar os fedores muito mais repugnantes das árvores feridas, e a malha poupava-a de respirar oblivis em seus pulmões.

A Estrada da Rainha cortava em linha reta a floresta sob a copa de galhos entrelaçados no alto. Era estranho ver aquelas pedras do pavimento brilharem como se tivessem sido polidas recentemente. A estrada em si era larga o suficiente para que seis cavalos pudessem cavalgar lado a lado em seu centro. O pequeno grupo de evanderianos se apressou a pé pelo meio, mantendo Ayleth cercada o tempo todo.

A estrada oferecia um terreno mais firme do que Ayleth desfrutara durante sua última visita a Floresta da Bruxa. Ela não teve que esmagar através da podridão, sugando a terra a cada passo. Mas isso não era conforto, pois a estrada oblidite reparada só poderia significar uma coisa, Odile estava se fortalecendo. Ela estava usando poderes de sua sombra para solidificar o oblivis no ar e construir novamente as partes quebradas de sua estrada, tudo o que a Floresta da Bruxa tinha afastado ao longo dos últimos vinte anos. Para o primeiro trecho da jornada, a colcha de retalhos era áspera, o oblidite não totalmente sólido e os espaços quebrados ainda grandes, com raízes das árvores feridas se entrelaçando como dedos se agarrando. Quanto mais fundo eles iam, no entanto, mais polida e refinada a estrada se tornava. Depois de cerca de um quilômetro e meio, Ayleth não conseguia mais discernir as costuras entre as pedras.

Seu coração afundou. Se Odile já era tão poderosa, o que a impediria de recuperar a coroa? Mesmo se por algum milagre eles conseguissem ultrapassar a bruxa e seus demônios, como Ayleth poderia ter esperança de combater tal

força? Laranta em sua mais alta ascendência não era páreo para uma magia como essa.

Ela abaixou a cabeça e se concentrou em colocar um pé depois do outro. Tudo o que ela podia fazer era continuar. De acordo com Fendrel, era trinta quilômetros para Dulimurian, e, salvo acidentes, eles iriam chegar à borda da cidade nas próximas seis horas se mantivessem um ritmo acelerado. Estaria escuro bem antes disso. Ayleth estremeceu. A atmosfera já era tão pesada na mortalha de luz na metade da Floresta da Bruxa. Quanto pior seria depois do anoitecer?

Uma onda de desespero crescendo dentro dela ameaçou sufocar seu espírito. Desesperada, ela estendeu a mão para Laranta. Mas sua sombra havia recuado, escondendo-se da influência do ferro. Ayleth conseguiu captar apenas o menor vestígio de sua presença.

Pelo menos... Ela lambeu os lábios secos e os apertou em um sorriso tenso. Pelo menos Terryn estava vivo. Ou estava há algumas horas, quando ajudou Hollis a escapar de Dunloch. Onde ele estava agora? Ele também caminhava pelas sombras da Floresta da Bruxa, caçando Gerard, o príncipe tolo dos Assombrados? Ou Terryn conseguiu rastrear seu irmão e arrastá-lo de volta para a segurança?

Este último pensamento mal se formou quando uma imagem passou pela mente de Ayleth novamente, a imagem de um céu estrelado e o gume de uma espada reluzente. Uma imagem do rosto de Gerard iluminado por uma luz azul pulsante, seus olhos olhando para ela, rodeados de branco com pavor.

— *Eu sinto muito, Ayleth.*

Ela balançou a cabeça, afastando-se desse pensamento, daquela visão. Ela não ousou pensar nisso muito de perto, não ousou considerar o que tudo aquilo poderia significar ou implicar.

Hollis caminhava ao lado dela. Ela se aproximou silenciosamente logo atrás do ombro direito de Ayleth, pairando no limite de sua visão periférica. Há quanto tempo ela estava lá, Ayleth não conseguia adivinhar. Ela lançou um rápido olhar de soslaio para sua senhora antes de focar seu olhar em seus pés.

Eles progrediram em silêncio, correndo atrás de suas presas com seus bicos pontiagudos cortando o ar espesso diante de seus rostos. Kephan liderou o caminho, seus sentidos de sombra em alerta, seu escorpião pronto para atirar. Todos os evanderianos carregaram suas armas com dardos de ponta preta. Aqui na Floresta da Bruxa, não havia necessidade de se preocupar com paralisia e mortes cuidadosas, não havia necessidade de temer almas perdidas. Ao contrário da batalha em Dunloch, não havia corpos de hospedeiros não tomados aqui para serem possuídos por sombras violentamente liberadas. Cada caçador poderia ir diretamente para a matança.

Mas a Morte Gentil era inútil contra a própria Floresta da Bruxa.

Por que não atacava? Estava tudo tão quieta, tão mansa, tão... dócil. Deveria ser um fingimento. Ayleth sabia como a Floresta da Bruxa era perigosa, o quão cruelmente ela podia matar quando desejasse. Mas embora ela tenha procurado os galhos acima, ela não teve nenhum vislumbre das videiras parasitas, que haviam sido tão prevalentes durante sua última visita.

Ela amaldiçoou suavemente. Sem o poder de Laranta, ela estava tão indefesa quanto um gatinho recém-nascido, pior ainda, porque um gatinho não sabe quais habilidades lhe faltam. Ainda assim, ela simplesmente iria rolar, expor seu ponto fraco e deixar os monstros devorá-la enquanto ela choramingava pateticamente? Não. Ela lutaria até o fim.

Com um esforço de vontade, ela concentrou seus sentidos mortais nas solas dos pés. Suas botas batiam nas pedras do pavimento de oblidite, mas ela se sentiu ainda mais fundo... algo. Uma pulsação distante, mas consistente, talvez. Como um batimento cardíaco.

Estrondo...

...estrondo...

...estrondo...

Floresta da Bruxa ainda estava alerta, viva. Sua atenção foi desviada para outro lugar, mas o pulso da vida permanecia.

Ayleth parou apenas o tempo suficiente para que Hollis, pega de surpresa, quase trombasse com ela por trás. Hollis ergueu a mão para agarrar o ombro de Ayleth e evitar pisar nos calcanhares. Ayleth se desvencilhou daquele toque e voltou a andar, mas não colocou distância entre ela e Hollis. Em vez disso, ela disse em voz baixa: — Não é uma maldição. Esta floresta, quero dizer.

Hollis entendeu o que ela estava dizendo. Ayleth contou dez passos antes que a voz de sua patroa finalmente soltasse uma resposta em seu ouvido. — Não.

Mais dez passos. A cada toque do pé no chão, Ayleth sentia a pulsação das batidas do coração abaixo.

Estrondo...

...estrondo...

...estrondo...

— O que é isso exatamente? — ela exigiu. Ela falou tão baixinho na máscara de bico que meio que se perguntou se Hollis seria capaz de ouvi-la. Então, novamente, os poderes de sombra de sua senhora estavam

atualmente chamados a alta ascendência. Ela provavelmente poderia ler a pergunta na mente de Ayleth sem a necessidade de palavras faladas.

Hollis hesitou antes de responder. Então, apressando o passo, ela se aproximou de Ayleth e falou sua resposta em um sussurro de palavras. — Quando jogamos o atacara, quando incapacitamos o espírito da coroa para que pudesse vencer o controle de Odile, não consideramos os efeitos duradouros. A coroa reteve a magia canalizada para ela. Com a queda de Odile, ela perdeu um corpo hospedeiro através do qual se mover e agir neste mundo, mas... mas essa magia encontrou uma saída. A coroa puxou oblivos dos Assombrados, como água escorrendo através do tecido, e esta floresta cresceu como resultado. A coroa... ela criou um hospedeiro para si mesma. Um hospedeiro vivo e próspero.

O coração de Ayleth estremeceu como se estivesse cheio de gelo.

— Tudo aconteceu muito rápido. — Sussurrou Hollis. — Não tínhamos esperança de lutar contra isso. Nós apenas poderíamos contê-lo. E orar.

Estrondo...

...estrondo...

...estrondo...

Uma sombra que criou um hospedeiro para si mesma. Um hospedeiro composto por elementos deste mundo e dos Assombrados. Um ser senciente, complexo e totalmente vasto.

E Terrível Odile pensou que ela poderia domá-lo? Achou que ela poderia pegar de volta, controlar? Que tipo de força ela alojou em seu corpo para lhe dar tanta confiança, tanta arrogância?

E que arrogância fez Ayleth pensar que poderia impedi-la?

— Você fez isso. — Sua voz soava monótona em seus próprios ouvidos. Ela não percebeu que pretendia falar até que as palavras estavam de

repente lá, pairando no ar entre ela e Hollis. — Você deu a ele o atacara e toda a força daqueles bravos venadores e venatrizes. Você entregou a magia deles como um presente.

Hollis não respondeu. Seu silêncio era mais terrível, mais condenatório do que palavras.

Ayleth balançou a cabeça, rosnando por trás da máscara. Então ela se virou, seu olhar penetrando no rosto de Hollis. — Todas as boas ações que você já fez... todas elas ficaram tão feias no final?

Hollis se afastou dela como se tivesse sido picada. Embora seu rosto estivesse meio escondido atrás daquele bico pontudo, seus olhos brilharam com uma tristeza tão profunda que doeu como um golpe físico ao vê-la. Por um instante, Ayleth lembrou-se da senhora que ela amava com tanta devoção, a mulher que a criou, cuidou dela, treinou-a, protegeu-a. As memórias cortaram sua raiva como uma lâmina, e ela de repente desejou ser aquela versão infantil de si mesma novamente, desejou que ela ousasse amar tão inocentemente, desejou que ela ousasse retornar à ignorância que tornara tal amor possível.

O instante passou. Ayleth se virou, concentrando seu olhar nos capuzes vermelhos à sua frente, deixando Hollis seguir o rastro de seu silêncio.

Elas continuaram marchando, o único som sendo seus passos pesados nas pedras do pavimento de oblidite e sua respiração ofegante através das máscaras de bico. Ayleth perdeu a noção do tempo. Eles poderiam ter viajado por horas, mas poderia facilmente não ter sido mais do que alguns minutos. A luz estranha era imutável, as partículas flutuantes do oblivis implacáveis e o fedor de calêndula revirava seu estômago. Suas costelas quebradas tornavam difícil respirar fundo, e todas as dores e hematomas em seu corpo protestavam contra essa marcha sem fim.

A cada passo que dava, sua certeza crescia: Odile já estava muito à frente. Eles nunca a pegariam a tempo. Mas não havia mais nada a ser feito. Ela não conseguia parar, ela não conseguia descansar. Nenhum deles poderia. Eles tinham que continuar até o fim.

Até que Odile recuperasse a coroa e explodisse todos eles em danação.

Mais à frente, Kephane parou de repente, enrijeceu. Ayleth estreitou os olhos, observando-o de perto. A maneira como ele inclinou a cabeça disse a ela que seus sentidos Ferais estavam alertas, avisando-o de algo. Ele ergueu a mão, silenciosamente sinalizando para os outros pararem. Então ele fez um rápido movimento circular com um dedo.

Imediatamente, como se estivessem se movendo em resposta a um comando latido, os evanderianos agiram. Ayleth se viu esmagada no centro de um círculo fechado enquanto eles se reuniam ao seu redor, de costas para ela, os escorpiões erguidos em uma parede de defesa. Hollis estava bem à sua frente, tão baixa que Ayleth podia facilmente espiar por cima de sua cabeça. Fendrel estava à direita de Hollis, seu corpo largo assumindo uma postura ampla, todo o seu corpo um escudo. Mesmo sem a consciência de Laranta, Ayleth podia sentir o poder das sombras ascendentes ao seu redor, quase podia ouvir o zumbido das canções do feitiço se esforçando para contê-las.

O que Kephane sentiu? Ayleth perscrutou a escuridão densa da Floresta da Bruxa, amaldiçoando sua falta de visão das sombras. Sua visão mortal estava muito disposta a pregar peças nela. Ela viu movimento na escuridão? O obliquo se moveu e girou anormalmente na esteira de alguma figura rastejante? O solo mudou quando algo rastejou entre os troncos, sua barriga perto da terra?

Ayleth se apoiou nas costas de Fendrel, a máscara de bico apoiada em seu ombro. — Tire minhas algemas. — Ela sibilou. Quantas vezes naquele dia ela já havia feito esse apelo? — Deixe-me lutar.

Ele lançou um breve olhar por cima do ombro, mas respondeu apenas com um grunhido.

— Ela está certa, você sabe. — disse Hollis, sem tirar os olhos da floresta. — Ela não serve para nós reprimida assim. Deixe-a ir e... — Ela se interrompeu abruptamente, engasgando com as palavras. Seu corpo se dobrou e um grito agudo apertou seus dentes cerrados.

— Hollis? — Ayleth sussurrou, tentando segurar os ombros de sua patroa por trás. Seus poderes de aparatação devem estar reagindo a algo, algum pensamento que ela acabara de discernir se aproximando por entre as árvores. — Hollis, o que há de errado?

— Lá. — Kephane, parado à direita de Fendrel, virou bruscamente, balançando seu escorpião e apontando-o para a floresta. Cada par de olhos olhou para onde ele indicou. No momento seguinte, o resto deles viu o que ele e Hollis já haviam discernido.

Uma figura horrível emergiu das sombras. Era mais alto do que um homem e tinha a forma aproximada de um homem, como se quem formou essa coisa possuísse uma vaga noção da aparência de um homem e tivesse juntado essa monstruosidade com pedaços e pedaços de tendões, músculos e ossos. Ele caía pesadamente para a frente, seus ombros enormes e inclinados, sua cabeça maciça eram muito pesados para sua coluna torta suportar. Se fosse para ficar de pé, teria três metros e meio de altura, pelo menos. Uma multidão de feridas devastava seu corpo, osso branco aparecendo através da carne vermelha aberta em alguns lugares. Seu rosto estava escondido atrás de uma máscara de crânio de veado, e os chifres tortos e quebrados que se ramificavam de sua coroa

podiam fazer parte da máscara ou crescer de sua própria cabeça. Crescimentos brancos com babados subiam por seu torso e pescoço, estendendo-se por suas costas.

Mas o pior de tudo eram as mãos. Elas haviam sido quebradas tantas vezes que os ossos se estilhaçaram em protruções em forma de esporão, pingando sangue. Seu próprio sangue, talvez.

Era uma sombra. Tinha que ser. Mas que tipo de sombra poderia estar alojada em um horror como esse?

Um terror puro e palpável percorreu as almas ao redor de Ayleth. Até Fendrel deu um passo involuntário para trás. Ele se preparou no momento seguinte, no entanto, e atirou direto na cabeça do monstro. O dardo de penas pretas voou direto e se prendeu entre os olhos vazios da coisa, estremecendo. Mas não conseguiu penetrar a máscara do crânio.

A criatura caiu de quatro, balançando a cabeça. Suas horríveis mãos quebradas rasgaram a terra e atacando suas fileiras.

Outros cinco dardos voaram pelo ar, três deles acertando seus alvos. Uma picada da Morte Gentil era o suficiente para matar um homem adulto em questão de segundos, mas essa coisa continuou vindo. Ele saltou da floresta sobre as pedras do pavimento de oblidite e, com um movimento rápido de um braço longo, Hollis voou pelo ar, com a capa balançando atrás dela.

O outro braço balançou, desta vez para Fendrel. O Dominus se abaixou, evitando o golpe. Ele agarrou o cotovelo de Ayleth e a puxou para o chão ao lado dele, de modo que os dedos horríveis e quebrados passassem pelo ar acima. Ela rolou, e os dedos abertos e quebrados do monstro esmagaram as pedras onde seu rosto estivera um instante antes.

Ela parou de rolar, presa no abraço de Fendrel, ambos os braços em volta dela de forma protetora. Ele soltou uma das mãos, levantando seu escorpião, e

deu outro tiro. O dardo passou pelos chifres do monstro. Virou sua cabeça enorme, e sangue negro e manchado pelas sombras gotejou pelos longos dentes da máscara e saiu pelos cantos das órbitas vazias.

Duas botas atrapalharam o caminho, bloqueando a visão de Ayleth. Ela esticou o pescoço, olhando para a nuca quadrada de Kephan. O monstro pairou sobre ele, mas quando seu braço desceu, ele o pegou e, canalizando a força de sua sombra Feral, torceu-o com força. A criatura caiu pesadamente sobre um ombro. Kephan aproveitou a vantagem enquanto durou, pulando no peito da coisa e socando-a com os punhos nus. A máscara do crânio rachou e mais sangue fluiu, e Kephan ainda batia com força, cada vez mais forte, usando toda a força de sua sombra ascendente.

O monstro empurrou-se na posição vertical e, com um aceno de seu braço, bateu Kephan distância. Ele aterrissou duro e não se mexeu. A sombra subiu para seus pés, o rosto mascarado balançando fortemente enquanto ele procurava. Embora ela não podia ver seus olhos, ela sentiu o momento seu olhar caiu sobre ela. Ele deu um passo. Em seguida, ele cambaleou. Balançado. O veneno da Morte Gentil, daquelas várias picadas, tinha trabalhado em seu sistema. Ele deu mais um passo, tentou levantar seu braço... e caiu com tanta força que quebrou o oblidite abaixo dele. Seu corpo quebrado com o impacto, virando pó preto, a sombra como o espírito interior gritou livre de sua casca mortal e fugiu para o ar escuro.

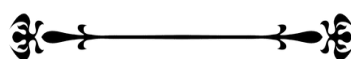
— Ayleth! Ayleth, você está bem?

Era a voz de Hollis em seu ouvido. E as mãos de Hollis agarrando seus braços, puxando-a para fora das mãos de Fendrel. Ayleth balançou a cabeça, tentando clarear sua visão nadando, tentando se concentrar no rosto pálido de sua patroa. O sangue escorria de um corte na têmpora de Hollis e emaranhava em seu cabelo, mas ela parecia ilesa.

Outra mão fechou-se com força em seu braço e Fendrel a colocou de pé tão rápido que ela caiu sobre ele. Ele a pegou bruscamente, forçando-a a se levantar. Ayleth o fulminou com o olhar, pronta para atacar. Mas ele não estava olhando para ela. Seu olhar estava fixo na floresta.

— Há mais. — disse ele.

As palavras mal haviam saído de seus lábios quando o ar se estilhaçou com um coro ululante de vozes. Formas antinaturais enxamearam pelos galhos, rastejaram entre as raízes e pesaram entre os troncos das árvores feridas. As sombras da Floresta da Bruxa desceram sobre eles, fechando-os por todos os lados.



Eu nunca esqueci minha Olena. Nunca esqueci Stanier.

No entanto, esqueci o rosto do homem que tomei por amante. Ele era algum mortal, não possuído, nada notável em qualquer coisa, exceto sua beleza. Não sei se me dei ao trabalho de aprender o nome dele. Eu simplesmente o peguei e fiz uso dele. Por anos ele foi meu animal de estimação, meu brinquedo. No devido tempo, ele me deu o que eu ansiava, uma filha.

Não sei o que aconteceu com ele depois disso. Talvez eu o tenha matado. Talvez eu o tenha dado a um dos meus demônios. Talvez ele tenha escapado. Isso não importava para mim. Assim que segurei-a em meus braços, nada mais importou.

Eu olhei em seu rosto. Eu olhei em sua alma e vi a sombra inata entrelaçada com seu espírito. E pensei: é por isso. É por isso que tudo aconteceu como aconteceu. É por isso que fiz o que fiz.

Por Olena. Por Olecia.

Minhas crianças. Minhas queridas. Meu próprio sangue.

CAPÍTULO 21

Centenas de mentes torturadas explodiram na cabeça de Hollis. Ela sentiu sua raiva, seu ódio, sua sede de sangue. Pior ainda, ela sentiu esperança. Era como olhar para um corpo esticado na prateleira, articulações rompidas, ligamentos rompidos, músculos gritando, mente em desespero... e de repente, uma promessa de liberdade. Uma oferta, um gostinho de liberdade que nunca acontecerá, não importa o quanto a alma se agarre a isso com necessidade desesperada.

Essa sensação uma centena de vezes caiu sobre a mente de Hollis como uma avalanche, e foi tudo o que ela pôde fazer para agarrar a corda da alma de sua sombra e puxar seus poderes ao seu redor em defesa. Se ela deixasse sua mente ser dominada por esse sofrimento, ela não seria capaz de ver, pensar ou lutar.

— Protejam o ativo! — Fendrel chamou seus seguidores.

O poder das sombras ondulou no ar acima dos evanderianos, todas aquelas sombras ascendentes lutando contra as poucas supressões restantes que os prendiam às vontades de seus hospedeiros. A própria sombra de Hollis lutava pela liberdade. Ela tinha dado muita margem de manobra e não tinha certeza se seria capaz de controlar por muito mais tempo. Mas ela precisava. Era sua única chance.

Havia muitos deles aparecendo por entre as árvores. Ela concentrou sua atenção nos três diretamente à sua frente, fora da beira da estrada. Três coisas rastejantes, com os cotovelos projetando-se sobre as costas e os ombros, os joelhos estranhamente dobrados de cada lado. Eles poderiam ter sido humanos

em um ponto. Seus rostos sem nariz estavam perto do chão, suas línguas projetando-se, deixando um rastro roxo e inchado em seu queixo. Seus olhos fixos nela.

Hollis carregou seu escorpião. Em sua mente, ela agarrou com mais força a corda da alma que a conectava à sua sombra e balançou seu poder para fora dela em um arco de defesa. Em uma agitação de asas numerosas, sua sombra riscou o espaço entre ela e aquelas criaturas. Seus olhos mortais não podiam perceber, e mesmo que seus sentidos de sombra percebessem, isso não os retardava. Galopando de quatro, um veio direto para ela, enquanto os outros dois se aproximaram em ângulos de cada lado. Eles atingiram a parede do poder de aparatação, e suas mentes torturadas chamejaram em reação ao ataque da sombra enquanto voltava todo o seu ódio, todo o seu horror, de volta para si mesmos, como um espelho refletindo a verdade de suas almas diretamente em seus olhos. Era uma das defesas mais cruéis que Hollis conhecia.

Mas as sombras continuaram chegando. Elas já haviam sofrido tanta angústia mental que mal notaram o ataque.

Hollis mirou seu escorpião. Ela poderia dar apenas um tiro de cada vez e não teria a chance de recarregar antes que as outras duas estivessem em cima dela. Ela tinha menos de meio segundo para decidir. Seus instintos, aprimorados ao longo dos anos, percebiam o ângulo de cada ataque e distinguiam quais de seus agressores não apenas representavam a maior ameaça para ela, mas também tinham maior probabilidade de prejudicar Ayleth, que estava atrás dela.

Seu braço se moveu. Seu polegar pressionou o mecanismo de ativação. Seu escorpião sacudiu em seu braço quando o dardo disparou pelo ar e atingiu o monstro que se inclinava à sua esquerda.

Ela não teve tempo de ver se seu veneno fazia efeito. A sombra do meio já estava nela, mergulhando em seu rosto. Ela ergueu o braço esquerdo e o monstro cravou a boca aberta na ponta de sua braçadeira. Seu crânio rachou quando o ferro mergulhou fundo e projetou-se pela parte de trás de sua cabeça. O impacto a fez rolar com a coisa morta em cima dela. Uma onda de gritos, alma liberada roçou sua pele enquanto voava para o éter.

O terceiro monstro avançou. Seus sentidos de sombra, vendo através dos olhos de sua sombra, perceberam uma dúzia mais se fechando atrás dela. Ela não teve tempo de armar seu escorpião, então ela agarrou uma Morte Gentil de suas aljavas. Estupidamente, no fundo de sua mente, ela percebeu que tinha apenas nove dardos restantes. A maioria das venatrizes carregava não mais do que dez em uma caçada. A maioria das venatrizes não esperava lutar contra enxames de sombras de uma vez.

Usando a Morte Gentil como uma lâmina, ela rolou, seu braço arqueando sobre sua cabeça, e o mergulhou no ombro do terceiro monstro. Sua língua atacou quando um grito gargarejado saiu de sua garganta. Caiu.

Os próximos quatro monstros pularam.

Ela chutou um na cabeça, cortou outro com sua estaca. Em sua mente, ela puxou a corda da alma, puxando sua sombra de volta para o ataque. Sua sombra poderia odiá-la, odiá-la, ansiar por superá-la e expulsá-la, mas também queria proteger este corpo, que havia sido seu hospedeiro e porto seguro por muitos anos. Portanto, apesar de suas supressões afrouxadas, ele obedeceu ao seu comando. Varrendo os monstros que se lançavam em sua direção, encheu suas mentes de dor, uma dor crua, lancinante, que queima a alma. O ataque foi tão intenso que Hollis sentiu o calor irradiar contra sua própria alma, potente o suficiente para fazê-la ofegar.

Mas esse ataque era mais eficaz quando focado em uma única mente. Espalhado assim, não poderia matar. Cinco dos monstros gritaram e lançaram suas mãos, garras e braços articulados, caindo em seus rostos, contorcendo-se em suas barrigas. Outros três simplesmente balançaram a cabeça e seguiram em frente. E não eram apenas as formas monstruosas em si. As sombras dentro deles se ergueram, os poderes explodindo. A visão sombria de Hollis viu uma onda de magia que se aproximava. Tanta magia ascendente, surgindo de todas as direções.

Uma explosão de maldição vermelha e crua pousou em seus pés, e ela só foi rápida o suficiente para se esquivar para um lado. Uma explosão de fogo Elemental chamuscou seu cabelo e pele enquanto ela conseguia mergulhar outra Morte Gentil em um coração tomado pela sombra. Os gritos de almas perdidas encheram seus ouvidos, e ela não sabia dizer se eram amigos ou inimigos.

Hollis se virou, procurando Ayleth no mar de horrores. Ela a viu lutando com uma coisa parecida com um gato que pingava veneno de poros em seu rosto e pescoço. Suas mãos algemadas estavam levantadas, e ela forçou a corrente de ferro entre elas na boca do gato como um pouco para que suas mandíbulas não pudessem prender sua garganta. Embora ela tivesse apenas sua própria força mortal para contê-lo, sem acesso à sua sombra, o monstro reagiu ao ferro, e ela foi capaz de jogá-lo para o lado. Outro tomado pela sombra a pegou por sua longa trança.

— Ayleth! — Hollis gritou e deu um passo em direção à garota.

Algo a atingiu e ela voou pelo ar. Seu corpo atingiu o chão com força e rolou, caindo da estrada de oblidite no solo podre e doente da Floresta da Bruxa. O fedor de morte e decomposição encheu suas narinas e ela

praguejou. Seus ossos foram abalados, seu corpo estremeceu, mas ela colocou as mãos sob o corpo e se levantou.

Ela sentiu as batidas do coração de Floresta da Bruxa através das palmas das mãos.

Estrondo...

...estrondo...

...estrondo...

E ela percebeu.

Quanto tempo ela tinha? As sombras não deveriam ter visto onde ela caiu, a atenção delas permaneceu fixa nas figuras na estrada, particularmente na jovem alta no centro. A qualquer segundo agora, eles a veriam. Eles se voltariam contra ela. Eles iriam despedaçá-la.

Mas por enquanto... para o momento...

Hollis cravou as mãos profundamente no solo podre, os dedos se fechando com força. — *Venha para mim!* — ela gritou para sua sombra, mentalmente puxando a corda da alma.

Ela obedeceu ao seu menor toque e, sentindo sua vontade, sentindo seu comando, mergulhou no chão. A visão sombria de Hollis viu a agitação de asas emplumadas desaparecendo na sujeira fétida, e ela estendeu a mão com sua própria mente, agarrando-se e mergulhando com ela.

Juntos, eles penetraram na mente da Floresta da Bruxa.

Não tentou bloqueá-los. Não havia barreira, nenhuma parede para lutar, como Hollis esperava. Aceitou-os de boa vontade, e ela se viu em um mundo de loucura maníaca e tortuosa. Sua própria mente, tentando dar sentido à loucura, apresentou-lhe imagens de tentáculos tão grandes quanto montanhas, retorcendo-se e entrelaçando-se uns com os outros, a vasta e complexa rede de uma mente tão distante do humano, tão distante da natureza.

Ela não poderia ficar aqui por muito tempo e sobreviver. Ela tinha que sair. Mas primeiro...

— *Ajude-nos!* — gritou ela naquela mente.

Uma consciência como esta poderia ouvir sua vozinha mortal? Isso poderia entendê-la? Estava muito além da mortalidade para eles compartilharem qualquer forma de comunicação?

— *Odile está vindo atrás de você! Ela o levará novamente; ela vai fazer de você seu escravo. Mas podemos impedi-la. Temos os meios.*

A vastidão retorcida parecia repentinamente tomar consciência dela. Ela sentiu que estava se fechando, pronta para esmagar sua mente como um seixo de argila. — *Leia meus pensamentos!* — gritou ela, desesperada enquanto a pressão aumentava. — *Veja que falo a verdade!*

Cem tentáculos negros se lançaram em sua direção, mergulhando em sua mente. Ela os sentia como uma sensação física de raízes e cipós rasgando seus olhos, suas narinas, sua boca, seus ouvidos, serpenteando por seu funcionamento interno, sugando sua vida. Sua própria essência pulsou através dessas antenas para a consciência maior que os controlava. Sua sombra gritou e tentou lutar. Mas Hollis, em uma última e desesperada manobra, pegou a corda da alma e a conteve, entregando-se à Floresta da Bruxa.

Ela sabia o que ela sabia. Ela sentiu sua compreensão. Ela sentiu sua crença. Ela sentiu algo... como palavras. Ou significado sem palavras, mas que sua mente mortal distorceu em uma linguagem que ela pudesse entender.

— *Eu estive esperando por ela.*

De repente, Hollis estava de barriga para baixo na lama da Floresta da Bruxa. Ela estava viva. Seu rosto e sua cabeça estavam em chamas, e suas mãos moveram-se para os olhos, orelhas, nariz, sentindo as trepadeiras que não estavam ali. Floresta da Bruxa a havia deixado ir.

Gritos encheram seus ouvidos e seus sentidos de sombra explodiram com espíritos e magia. Ela olhou para cima, olhou para a estrada. Um lampejo de capuz vermelho apareceu através do emaranhado de membros e miasma de magia, mas ela não conseguia ver a quem pertencia.

O chão abaixo dela se moveu. Deslizou. Videiras como cobras ondulantes desceram das árvores. Hollis levantou-se de um salto e cambaleou para trás, com os olhos arregalados. Mas as vinhas não tinham interesse nela. Eles mergulharam no centro da batalha.

A primeira das sombras gritou. Então outra. Então outra.

Mais cipós saíram da floresta, lançando-se na multidão, agarrando, puxando e rasgando. Os monstros gritaram e rugiram, e a visão sombria de Hollis viu a onda de terror passando por seus espíritos. Eles se viraram e fugiram, espalhando-se para todos os lados, seu terror como um furacão levando-os para longe com seus ventos. Mas eles não podiam escapar. Seus membros mutilados e esqueléticos foram presos em laços de videira, levantados, quebrados e rasgados enquanto eram arrastados para as árvores. Gritos de morte sacudiram o ar; espíritos expulsos violentamente dispararam pelo éter.

Tudo acabou em questão de minutos. A cacofonia selvagem terminou tão de repente, foi como a batida de uma porta.

Com cuidado para evitar pisar nas últimas vinhas à medida que recuavam, Hollis cambaleou para fora da floresta. O alívio de retornar às sólidas pedras de pavimentação de oblidite foi tão grande que as lágrimas brotaram de seus olhos. Ela olhou incrédula para o pequeno aglomerado de capuzes vermelhos e rostos mascarados, todos intocados pela Floresta da Bruxa.

Fendrel estava de pé protetoramente sobre Ayleth, que estava ofegante, mas viva a seus pés. Kephan, sua sombra Feral eriçada, estava à direita de Fendrel, e os outros, um venador e uma venatrix, os flanqueavam.

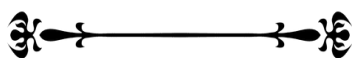
— Hollis! — Fendrel gritou. Seu olhar travou com o dela, e por um momento ela viu, não Dominus du Glaive, o herói da Guerra das Bruxas. Ela viu Fendrel. Ela viu o jovem que ele já foi. Ela o viu com o rosto iluminado por um brilho mais brilhante do que a luz doo lampião, olhando para ela como se ela fosse um anjo vindo de repente para livrá-lo da morte certa. Seu coração se contraiu com algo que parecia dor, mas não era bem assim.

Mas essa expressão desapareceu no momento seguinte, substituída por linhas duras. — Hollis, o que você... — Ele não conseguiu terminar.

Vinhas grossas brotaram das árvores, vinte delas pelo menos, pretas e retorcidas. Eles derrubaram os venadores, incluindo Fendrel.

Hollis se lançou para frente. — Ayleth! Não!

Não havia nada que ela pudesse fazer. A Floresta da Bruxa envolveu seus dedos horríveis ao redor da garota e puxou-a para as sombras tão rápido que Ayleth nem teve chance de gritar.



O tempo passou, mas significava pouco para mim. Anos se transformaram em décadas, que por sua vez se transformaram em séculos. Dulimurian cresceu e prosperou, e quando estendi meu braço, meu poder se estendeu por quilômetros em qualquer direção. Os evanderianos há muito abandonaram Perrinion; meu povo caminhou, viveu e amou em segurança.

Meu coração estava cheio, pois minha filha Olecia cresceu em graça, beleza e poder. No devido tempo, ela tomou um amante para si, um inato tomado pela sombra,

um homem de magia rara. E uma noite, na hora mais profunda e escura antes do amanhecer, ela deu à luz minha neta.

— Eu a chamei de Olena, mãe. — Ela disse quando colocou a criança em meus braços. — Para que você se lembre de tudo o que fez e perceba tudo o que ainda pode fazer.

Eu olhei nos olhos do bebê, aqueles olhos negros como a noite, grandes e inocentes como uma coruja, brilhando com a luz das sombras. Mas eu não a vi.

Foi outro bebê que vi. Outro par de olhos escuros. Outra Olena.

Em torno dela queimavam as chamas mortais de Evander.

— Eu juro para você. — Eu sussurrei, olhando dentro daqueles olhos, olhando para aquela memória de muito tempo atrás. — Eu juro para você, eu nunca vou deixar Dulimurian cair.

CAPÍTULO 22

O Portão do Sol Poente já havia estado neste mesmo lugar. Inren lembrava-se bem dele, seu enorme arco, seu desenho ornamentado de um raio de sol negro gravado em oblidite, uma das mais belas entradas para Dulimurian. O portão havia sumido agora. E a enorme muralha que uma vez circundou a cidade como braços amorosos e protetores não existia mais.

Outra parede estava em seu lugar, uma parede de vinhas com pelo menos seis metros de altura. Sua profundidade, Inren não conseguia adivinhar. As vinhas se entrelaçaram com tanta força que pareciam estrangular umas às outras, pulsando como constritores em um ritmo lento e constante.

Odile parecia pequena, diante daquela monstruosidade.

Inren esperou, afastando-se tanto da parede quanto da rainha. Ela esperava ver sua deusa recolher o oblivis do ar como ela tinha feito na Grande Barreira. Ela esperava vê-la formar uma massa sólida e enviá-la como lanças através desta parede viva, rasgando aquelas vinhas em pedaços, abrindo caminho para ela.

Mas Odile simplesmente ficou lá. Seus olhos estavam fechados, e Inren, observando com visão sombria, viu como o espírito sombrio dentro dela se esticou, alcançando a parede e mergulhando no solo. Sentindo fraquezas, sem dúvida.

De repente, Odile abriu os olhos e se virou para Inren. — Você tem uma âncora? — ela perguntou.

Inren procurou em seu bolso as três pedras que ainda carregava. Suaves e reconfortantes, elas rolaram entre seus dedos. Ela acenou com a cabeça.

— Plante uma. — disse Odile. — Esta parede não pode ter mais de um quilômetro de espessura. Você pode nos levar para o outro lado.

A respiração de Inren ficou presa na garganta. Ela queria protestar. Sim, ela usava âncoras para viajar de um lado para outro na Grande Barreira. Mas isso era apenas uma canção encantada tecida por um homem mortal. Isso era... algo totalmente diferente.

Relutantemente, Inren puxou uma âncora e, ajoelhando-se, plantou-a no solo podre. Com um toque de magia, ela a ativou, e a pedra chamejou, seu coração brilhando quando os fios da maldição ganharam vida, ligando sua alma e corpo à pedra. Ela se endireitou e acenou com a cabeça, estendendo uma das mãos. Odile deu um passo à frente e colocou os braços em volta da cintura de Inren.

Inren agarrou sua deusa com força. Então ela deu um passo, e os Assombrados se abriu para ela.

Caos. Vazio. Esmagamento.

Um instante de danação. Um gostinho do inferno.

Ela deu um passo novamente, e o mundo mortal se abriu. Ela sentiu isso, mas não passou da maneira usual. Ela deu um terceiro passo. Um quarto. Algo resistia. O ar estava muito denso, muito sólido. O oblivis barrava sua entrada. A alma de Inren saltou de pânico ao sentir os fios da maldição que a prendiam à tensão do mundo. Um deles estalou.

Com um grito, ela tropeçou para trás e caiu fora dos Assombrados para a atmosfera sombria da Floresta da Bruxa. Com Odile ainda segura em seus braços, ela caiu de costas e ficou ofegante, seus olhos girando em seu crânio, sua cabeça girando, sua alma gritando.

Odile se sentou ereta, se livrando do aperto de Inren. Seu rosto era como pedra quando ela olhou para a parede. Então ela dirigiu aquele mesmo olhar duro para Inren. — O que aconteceu?

— Perdoe-me, minha Rainha. — Inren ofegou, suprimindo o grito de terror que ainda tentava subir por sua garganta. — Não me deixaria passar.

— Isto?

— Oromor. — Inren colocou os cotovelos embaixo do corpo e apoiou a cabeça e os ombros para cima. Com a visão ainda turva, ela fechou os olhos. — Ele sabia que eu estava chegando. Ele me bloqueou.

— Tente novamente.

Os olhos de Inren se abriram para encarar sua deusa. — Precisei de todas as minhas forças para nos tirar de volta! — ela engasgou. — Os fios da maldição já estavam se rompendo. Eu... Se eu tentar novamente, estaremos perdidas para os Assombrados. Para todo sempre.

Os músculos do rosto de Odile se contraíram. Por um momento Inren temeu que ela repetisse seu comando, e como Inren poderia negá-la? Mas antes que sua deusa pudesse falar, um grito repentino chamou sua atenção para longe. Odile ficou parada, olhando para trás ao longo de sua estrada, e Inren deu um suspiro de alívio que era quase uma oração. Então ela virou a cabeça, tentando ver o que chamou a atenção de Odile. Um dos que foram tomados pela sombra galopava estrada abaixo, o braço direito pendurado flácido no ombro, mantido no lugar apenas por um pedaço de tendão e pele. Ele deixava um rastro de sangue negro e estragado atrás dele, e seus olhos ardiam com a luz da sombra.

Ele se prostrou no chão aos pés de Odile. Outros vieram também, rastejando pela Floresta da Bruxa de todas as direções. Mancando, assustados,

choramingando, chorando. Odile se ergueu diante deles, sua expressão não de uma mãe amorosa, mas de uma deusa vingativa.

— Onde está minha neta? — ela exigiu da primeira criatura a seus pés. — Onde está Fendrel du Glaive?

A sombra choramingou, assobiou e guinchou, comunicando-se sem linguagem. Seu significado era bastante claro. Inren sentiu o pavor da Floresta da Bruxa em sua alma, um terror igual ou maior do que o terror que a própria Odile inspirou.

A boca de Odile era uma linha sombria. Antes que a sombra terminasse de falar, ela estendeu a mão e, com um súbito golpe de magia de seu núcleo, enviou um tiro de puro oblivis direto para o coração da criatura. O veneno inundou seu corpo e ele rolou, contorcendo-se em agonias de morte que durariam algum tempo.

Com um estremecimento, Inren desviou o olhar da coisa sofredora de volta para sua rainha. Odile encarou a parede de videiras e a estudou por um longo e silencioso momento. Então ela se aproximou, estendeu as duas mãos e, antes que Inren pudesse soltar um grito de advertência, agarrou as vinhas com força.

Inren esperava que elas atacassem, varressem sua deusa para o meio delas e a fizessem em pedaços. Ela ficou de pé, meio com a intenção de se lançar atrás de Odile, para arrastá-la fisicamente para longe.

Mas as vinhas estavam paradas, fora seu pulso rítmico e contínuo.

Odile as segurou com força, os olhos fechados, a cabeça baixa. Olhando com a visão da sombra, Inren viu a escuridão da sombra de Odile mergulhar no solo e soprar profundamente como um sistema de raízes. Mais tentáculos de sombra se ramificaram no ar, fluindo ao longo de redemoinhos de oblivis flutuantes.

Então, respirando fundo pelo nariz, Odile se soltou, deu três passos para trás e olhou para cima e para baixo ao longo da parede.

— Rasguem isso. — Ela rosnou.

Os tomados pela sombra, movendo-se no impulso de seu comando, se jogaram contra a parede. Rasgando, retalhando, mordendo, arranhando. Não adiantou. Para cada videira que eles destruíram, outra aparecia em seu lugar. Várias das infelizes criaturas foram apanhadas por videiras e arrastadas para dentro, gritando. Mas mais sombras se lançavam para frente, e logo toda a parede estava coberta por seus corpos, o ar explodindo com os ataques de sua magia.

Inren recuou, lançando olhares inquietos para sua rainha. Odile assistia ao ataque infrutífero, seu rosto implacável. Por alguns momentos elas ficaram lado a lado, em silêncio.

— Senti algo no ar. — disse Odile de repente, virando-se para Inren. Seus olhos eram um mistério de escuridão, mais profundo do que o céu noturno. — Há uma presença na floresta que me dá um certo mal-estar. — Ela piscou, momentaneamente aliviando Inren de seu olhar. Mas o alívio durou apenas um momento antes que seus cílios delicados se erguessem, revelando duas fontes de ódio turbulento.

— O sangue do Rei Escolhido caminha sob essas árvores. Ele procura por mim. — A mão de Odile rastejou para seu pescoço, para aquela cicatriz feia e irregular, a única evidência restante de sua decapitação. Por um instante quase breve demais para ser acreditado, o medo passou por seu rosto.

— Encontre-o. — disse ela. — Encontre-o, minha leal Inren. Ponha fim à linhagem do Rei Escolhido. Para todo sempre.

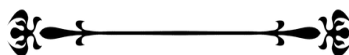
O coração de Inren parou. Ela se recompôs para outra saudação e abriu a boca para responder afirmativamente. Mas nenhuma palavra veio, pois bem

no fundo dela, a alma do parasita sacudiu repentina e dolorosamente contra suas supressões. Uma voz na cabeça de Inren gritou: — *Gerard! Gerard! Gerard!*

Por fim ela conseguiu falar: — O que você vai fazer, minha Rainha?

Odile sorriu severamente. — Vou encontrar minha neta. — disse ela.

Antes que Inren pudesse pensar em uma palavra a dizer, sua deusa se virou e marchou para longe. Não ao longo de sua estrada recém-construída, mas na própria Floresta da Bruxa.



Havia um vazio estranho no ar.

O oblivis estava tão espesso como sempre, lentamente cobrindo suas gargantas e pulmões. Mas o vazio incomodava os sentidos de Terryn mesmo assim. Algo estava faltando: a consciência sempre presente que o seguiu através da Floresta da Bruxa na última vez em que esteve aqui. Parecia que a mente senciente no coração da floresta estava distraída em outro lugar.

Terryn olhou para Gerard, que caminhava atrás dele, sua espada embainhada. Se ele se encontrasse com o príncipe nos corredores de Dunloch, Terryn duvidava que reconheceria seu irmão. A poeira do oblivis formava uma crosta sobre os cortes em seu rosto, sua pele estava amarelada e manchas roxas circundavam seus olhos. Uma maldição silenciosa sibilou entre os dentes de Terryn. Ele só podia esperar tirar Gerard deste lugar antes que o veneno se tornasse muito profundo. Eles não tinham máscaras, nenhum meio de se proteger. E Gerard não possuía nenhum poder de sombra para apoiá-lo.

Nisirdi se moveu ao lado de Terry, suas escamas brilhantes não obscurecidas pela escuridão da Floresta da Bruxa. Se qualquer coisa, o dragão de luz parecia mais claro, mais puro neste cenário. Terry se inclinou em sua presença, sentindo a magia Arcana pronta para ele usar quando necessário. Tão diferente da última vez que ele caminhou neste lugar escuro.

— *Você pode sentir sombras próximas?* — Terry perguntou. Muitas sombras assombravam a Floresta da Bruxa, e ele não entendia por que não haviam encontrado ninguém até agora, a não ser a Bruxa Cadáver.

As asas brilhantes de Nisirdi vibraram em resposta, o equivalente a balançar a cabeça.

— *Mantenha uma vigilância cuidadosa.* — Insistiu Terry, sua mandíbula endureceu. Não pela primeira vez, ele desejou que Ayleth caminhasse ao lado dele, sua sombra Feral ascendente, seus muitos sentidos ansiosos para detectar o primeiro vestígio da presença de sombras. Ela estava em algum lugar nesta floresta, caminhando com dificuldade por essa sujeira espessa de lodo, respirando esse ar nojento? Fendrel a acorrentou ou ela de alguma forma conseguiu escapar dele? A boca de Terry esboçou um meio sorriso ante este pensamento. Ele não colocaria isso no passado dela.

Ele a veria novamente?

Mas esse não era um pensamento que ele ousaria pensar. Então ele balançou a cabeça, concentrando suas energias na jornada à frente. Eles fizeram um bom progresso, embora fosse difícil discernir as distâncias neste lugar. Eles devem ter percorrido pelo menos oito quilômetros, subindo e descendo, caminhando por essa estranha quietude.

Gerard tropeçou. Terry o ouviu grunhir e se virou para ver seu irmão ajoelhado. Rapidamente ele saltou para o lado, agarrando-se pelo cotovelo. — Não, eu estou bem. — Gerard engasgou, sua voz rouca. O veneno que ele

respirava o estava afetando, enfraquecendo-o. Quanto mais ele poderia durar nesse ritmo?

— Você precisa descansar. — Terryn disse.

— Não há tempo. — Gerard balançou a cabeça, agarrou Terryn e se levantou. Mas ele cambaleou de novo quase imediatamente, quase caindo de cara no chão.

— Arranjaremos tempo. — Terryn disse com firmeza, e conduziu Gerard a uma árvore caída por perto. Seu tronco podre era oco, oferecendo um suporte incerto, mas melhor do que sentar no chão. — Seu destino não pode acontecer sem você.

Gerard riu severamente disso, mas não protestou mais enquanto afundava. A poeira do oblivis se ergueu em uma nuvem ao redor dele e ele tossiu.

— Aqui. — Terryn disse e ergueu uma mão no ar diante do rosto de Gerard. — *Nisirdi*. — ele chamou, e sua sombra percebeu seu propósito. Uma pequena quantidade de magia fluiu por seus dedos, mais controlada do que qualquer outra coisa que ele conseguiu naquele dia. Sua mão brilhava e esquentava, os ossos brilhando brancos através de sua pele escura. Ele se concentrou.

O oblivis em torno de sua mão vaporizou em minúsculas rajadas de luz. O ar clareou.

Gerard olhou fixamente para a mão de Terryn, então voltou seu olhar para seu rosto. — Isso... isso é impressionante. — Disse ele. — Eu nunca vi você controlar sua magia assim.

— Não. — respondeu Terryn. Ele queria explicar melhor, mas como poderia começar a descrever para um não-tomado o que estava experimentando agora? Ele segurou sua língua.

Gerard o observou atentamente, lendo seu rosto. — Há mais de você de alguma forma. — Ele disse. — Não sei como explicar. Mas eu sinto isso. É como você tivesse... crescido.

Terryn assentiu e, com um suspiro, sentou-se no tronco ao lado de seu irmão, respirando o ar temporariamente mais limpo. — Eu me tornei herege. — Ele disse simplesmente.

— Ah. — Gerard acenou com a cabeça. Ele ficou em silêncio um pouco. — Bem, eu acho que eu também. Provavelmente é o melhor.

— Provavelmente. — Terryn concordou.

Eles ficaram quietos novamente, olhando para os quilômetros e quilômetros de floresta sem fim. Não muito longe, uma estátua estava meio devorada pela terra com apenas os olhos ainda visíveis, olhando pensativamente para o mundo, um braço quebrado estendido como se esperasse que alguma ajuda pudesse ainda vir em cima dela. Além dela, estavam as paredes em ruínas do que poderia ter sido um santuário ou mesmo a fortaleza de um poderoso senhor. Restava tão pouco que era impossível dizer com certeza.

Gerard deu um suspiro pesado. — Você acha que há alguma chance de que nós...

— Espere. — Terryn levantou a mão. Seus olhos se arregalaram, mudando para a visão sombria. A corda de alma entre ele e Nisirdi ficou tensa quando seu dragão de luz abriu suas asas. — *O que você sente?*

— *Magia.* — respondeu Nisirdi. Ele abriu sua consciência, permitindo que Terryn percebesse o que ele via.

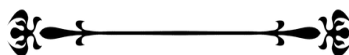
Terryn saltou sobre seus pés, sua mão esquerda movendo-se para colocar seu escorpião em modo de disparo. Ele conhecia esse sentimento, ele o sentiu antes. Era a magia de uma âncora ativa. Em algum lugar próximo.

— O que é isso? — Gerard sussurrou, levantando-se e desembainhando sua espada. Sua exaustão parecia desaparecer diante do perigo e ele se preparou para uma postura de combate. — Sombra?

Terryn assentiu. — A Bruxa Fantasma. — ele sussurrou.

Uma rachadura quebrou o ar atrás dele. Terryn girou, escorpião ergueu-se e olhou para o rosto pálido e selvagem de Liselle di Matin.

— Aí está você. — Inren rosnou através de sua boca de hospedeira roubada.



Pareceu-me, naqueles dias selvagens e gloriosos, que meu reinado não teria fim.

Então os boatos começaram. Meros sussurros a princípio, e não prestei mais atenção do que faria em um mosquito zumbindo em meu ouvido. Mas os sussurros se transformaram em murmúrios, em rosnados, em rugidos.

O Rei Escolhido, como o chamavam. Eles sussurraram sobre ele com pavor nas ruas da cidade. Aparentemente, ele era uma profecia que ganhou vida, uma profecia da qual eu nunca tinha ouvido falar e com a qual me importava pouco. Mas isso não importa. Os evanderianos acorreram ao seu estandarte. E quando ele marchou na primeira das minhas fortalezas, eles a tomaram quase sem tentar, matando todos que encontraram dentro.

Só então comecei a notar. Tivemos revoltas mortais no passado, mas nunca foram muito. Quando confrontados com os Diabos Carmesins, eles sempre recuavam. Mas isso era diferente. Desta vez, os mortais tinham tomado as sombras do seu lado. Eles tinham a Ordem.

Fendrel du Glaive. Esse foi o nome que finalmente chegou aos meus ouvidos. Fendrel, Venador du Glaive da Castra Iarcand. Um jovem caçador, mas cheio

do zelo de Evander, disseram. E seu irmão, um menino de não tomado, ele era para ser rei.

Repetidamente, procurei derrubá-los. Eles não eram nada! Eles eram ratos correndo no porão. Mesmo assim, nenhuma das armadilhas que armei funcionou; nenhum dos venenos que eu coloquei teve sucesso. Eles tomaram outra fortaleza, massacraram outra cidade de inatos. E mais mortais se reuniram e mais evanderianos se juntaram à causa.

Eu usei a coroa. Uma e outra vez eu coloquei na minha cabeça, acessando o poder de Oromor até que pensei que meu corpo iria se despedaçar. Mas não foi suficiente. Na mesma noite em que segurei minha neta em meus braços pela primeira vez, na noite em que fiz minha promessa a ela, o Rei Escolhido voltou sua atenção para Dulimurian.

A batalha final estava sobre nós.

CAPÍTULO 23

Ayleth abriu os olhos.

Ela estava em uma nuvem de oblivis tão densa que ela mal podia discernir sua mão na frente de seu rosto. Sua respiração ficou presa e ela a segurou o máximo que pôde, sem vontade de respirar aquele veneno. A máscara de bico havia sumido. De alguma forma ela a perdeu, embora não se lembrasse de quando. Embora pudesse ter sido uma proteção frágil, ela se sentia desolada sem ela.

Mas eventualmente ela teve que respirar novamente ou arriscar desmaiar. Ela deixou o ar escapar de seus pulmões em uma rajada que fez o oblivis girar diante de seu rosto. Partículas escuras cobriram sua língua, sua garganta, afundando dentro dela enquanto ela sugava pequenos goles de ar. Apenas...

Só ela percebeu que não era este corpo que respirava. Não foi este corpo que puxou aqueles suspiros venenosos. Este corpo, alto e ereto, não sentia nada, não respirava nada. Era apenas uma projeção de sua imaginação. Seu corpo verdadeiro estava em outro lugar. Em algum lugar distante. Inconsciente, desprotegido, indefeso. Sua consciência caminhava em um sonho.

Ayleth piscou uma, duas, três vezes. A cada movimento de seus cílios, o oblivis parecia recuar um pouco mais. Seus pés estavam em uma estrada de oblidite pavimentada muito parecida com a estrada que ela andou no mundo desperto. Só que esta era mais ampla e mais firmemente estabelecida, e conduzia entre edifícios altos, não árvores. Os prédios em si ficaram claros

diante de sua visão, grandes estruturas de pedra negra facetada. Muitos deles e muito altos.

Ayleth estremeceu. De alguma forma, ela sabia onde estava, sabia aonde seus sonhos a haviam levado. Seus lábios formaram um nome: — Dulimurian.

Ao som de sua voz, as nuvens do oblivis se ergueram como cortinas fechadas de uma cena. Elas se reuniram no alto, densas e escuras o suficiente para apagar todos os vestígios de sol ou céu, lançando a cidade em um crepúsculo semi-iluminado estranho, cheio de sombras maliciosas. Ayleth estava no topo de uma colina, olhando para baixo na curva da estrada em um labirinto de torres, cúpulas e atalhos. Ela vislumbrou jardins, ou o que um dia poderiam ter sido jardins, com lagos secos e canteiros de flores vazios e caminhos delimitados cruzando-se sob arcos em forma de gaiola. Edifícios com pilares poderosos, possivelmente templos ou centros de aprendizagem, ficavam com as portas escancaradas como bocas famintas ansiosas para engolir aqueles que queriam entrar. Pontes arqueadas sobre leitos de rios secos, barcas, balsas e pequenos botes jaziam em perfeitas condições na terra. Carroças e carruagens sem cavalos pontilhavam a larga estrada até onde seus olhos podiam ver. Era como se toda a vida tivesse sido abruptamente arrancada das ruas prósperas, deixando para trás apenas a concha vazia da cidade. Como um corpo hospedeiro privado de sua alma.

Este sonho não pertencia a ela.

Ela não podia sonhar com Dulimurian com tão profunda clareza de visão. Não era nada mais do que um nome para ela, uma invenção de uma ideia. Essa visão que se estendia diante dela sob o dossel do oblivis era intrincada até o último detalhe, desde os entalhes nas portas do templo até os raios das rodas das carroças e as rachaduras nas pedras do pavimento a seus pés. Este sonho nasceu de uma mente que conhecia.

— *Ele criou um hospedeiro para si mesmo.* — As palavras de Hollis voltaram à sua mente, trazendo com elas um arrepio de compreensão. — *Um hospedeiro vivo e próspero.*

Este sonho pertencia à Floresta da Bruxa. Nascido de sua mente e memória.

Ela deve ter sido nocauteada. Imagens confusas de violência voltaram, imagens de videiras serpenteando em torno de seus membros e cintura, puxando-a para fora da estrada e entre as árvores feridas. Ela deve ter sido nocauteada quase imediatamente, a máscara arrancada de seu rosto. Em seu estado inconsciente, ela não podia lutar enquanto sua mente era arrastada para este reino onde ela estava nua, desmascarada e indefesa.

— *Laranta?* — ela sussurrou, a palavra um sopro silencioso de ar diante de seu rosto. A corda de sua alma vibrou, mas nada mais. Laranta estava longe em outra mente, ainda ligada ao corpo hospedeiro de sua senhora. Ela não podia esperar ajuda de sua sombra.

Tudo bem então. Ela enfrentaria esse sonho sozinha.

Embora soubesse que não faria nenhuma diferença real, Ayleth levou um momento para conjurar roupas para si mesma, seu familiar uniforme de venatrix e botas de montaria. Mas ela não se incomodou com a máscara. Aqui não. Não faria diferença. Em algum lugar do mundo mortal, seu corpo estava inconsciente, arrastando mais gases venenosos para seus pulmões enquanto a Floresta da Bruxa fortalecia seu domínio sobre sua mente. Ela tinha que encontrar uma maneira de sair desse sonho se queria ter alguma esperança de se salvar da poluição e da morte final.

Com a fuga em mente, ela olhou para trás por cima do ombro, para longe da cidade. Mas era esse o caminho para... nada. Apenas nuvens densas de escuridão nas quais partículas de oblivis brilhavam ameaçadoramente. Não, a

única saída estava no sonho. Embora ela odiasse, ela desviou os pés naquela estrada e começou sua descida em Dulimurian. Enquanto caminhava, ela olhou para o céu agitado acima das torres da cidade. Ela não conseguia discernir nem mesmo o esboço mais tênue do grande ídolo de Odile através da espessura do oblivis; no entanto, ela sabia que devia estar ali, acima de tudo. Ela podia sentir isso... ou melhor, ela sentiu a Presença dentro dele.

Ela não deveria deixar que ele a controlasse, não podia deixar que ele a deixasse com medo. Ela enfrentaria seu destino, fosse sonho ou realidade. Ela iria rastreá-lo, jogá-lo no chão e, se isso a matasse, pelo menos ela morreria como caçadora e não como caça.

Ayleth apressou o passo, os saltos das botas batendo no pavimento de oblidite, o som ecoando nas paredes ao seu redor. À medida que ela ia mais fundo, aqueles ecos pareciam se transformar estranhamente, tornando-se novos sons, distantes, mas vivos. Passando por uma estrutura de pilares, ela acreditou ter ouvido cânticos vindos de dentro, em uma linguagem não muito humana. Quando ela se virou, ela meio que pensou ter vislumbrado figuras em mantos longos de pé entre aqueles pilares, como um coro de irmãs sagradas reunidas em oração. Mas a música que cantavam não se parecia em nada com as orações à Deusa, e a própria música era profana em sua estranheza, em sua discórdia cuidadosamente elaborada.

No instante em que ela olhou, as figuras sumiram, e com elas o eco de suas vozes. Apenas a estrutura permaneceu. As facetas escuras da pedra de oblidite brilhavam fracamente com sua própria luz estranha. Ayleth apressou-se.

Quanto mais fundo na cidade ela avançava, mais dessas vozes e imagens de eco agrediam seus sentidos. Ela passou por um centro de mercado e ouviu comerciantes e vendedores chamando uns aos outros. Ela cruzou apressada

um cruzamento e avistou cavalos, carroças e carruagens se aproximando, dançarinos de rua girando descalços nas esquinas. Ela ouviu gemidos e quase teve um vislumbre de liteiras ornamentadas carregadas nos ombros de escravos. Ela ouviu martelos retinindo e avistou andaimes e homens fortes carregando grandes blocos de oblidite. E em todos os lugares, em todos os cantos, ela sentia traços fantasmas de sombras como respirações geladas na nuca, aparecendo e desaparecendo em um lampejo.

De repente, um rugido de som explodiu à sua esquerda, uma grande multidão explodindo em vivas. Ela se virou e o rugido desapareceu imediatamente, deixando apenas a memória ainda ecoando em seu ouvido. O grande anfiteatro estava diante de sua visão, suas colunas anelantes altas e graciosas, camadas de oblidite descendo para um poço profundo abaixo. Estava totalmente vazio, exceto pela névoa do oblivis, mas uma onda de medo, medo que não era dela, medo pertencente a centenas e milhares de outras pessoas, pareceu rolar e atingi-la de modo que ela quase perdeu o equilíbrio.

Abaixando a cabeça, ela se apressou em um esforço para evitar as visões fantasmas esvoaçando nas bordas de sua visão. Ela não queria ver os mortais acorrentados sendo apressados por poderosas sombras. Ela não queria ver os homens, mulheres e crianças reunidos como alimento para os jogos de teatro. Ela não queria ver essas memórias sonhadoras de como Dulimurian havia sido em seus dias de glória, quando as bruxas corriam desenfreadas sobre as ruínas da Cidade Santa, quando o templo da Deusa foi derrubado em favor de um novo, para a deusa do oblivis.

Fantasmas apareceram de repente diante dela, bloqueando seu caminho, mas quando ela disparou para o lado para evitá-los, eles desapareceram. Vozes distantes ecoaram pelo ar, gritando: — *Odile, Odile! Nossa Rainha! Odile!*

Então, assustadoramente, aquelas vozes pareceram mudar. A multidão continuou a entoar: — *Odile!*

Mas quando o nome atingiu seu ouvido, de alguma forma se distorceu e soou como: — *Olena! Olena!*

Ela não conhecia esse nome, mas ouvi-lo... ouvi-lo foi como levar um tiro no coração de uma flecha tão afiada que ela não sentiu a dor de sua entrada. E os rostos fantasmas que ela vislumbrou não olhavam mais através dela, mas para ela.

Ayleth voltou-se para olhar a estrada, pelo caminho por onde viera, desesperada para ver outra pessoa, qualquer pessoa que pudesse ser o objeto da adoração daquela multidão fantasmagórica. Mas a estrada estava totalmente abandonada e silenciosa. Sem vozes ou rostos fantasmas. Nada de dançarinos, estandartes, música ou carruagens. Apenas estruturas altas de oblidite e o pesado miasma de oblivis.

Um arrepio percorreu sua espinha. Ayleth começou a correr, seus pés batendo forte no centro da estrada. Ela não tentou mais se esquivar das figuras fantasmas que surgiram repentinamente em seu caminho, mas simplesmente passou por elas. Ela derramou toda a sua vontade para fazer seus membros, embora fossem membros do sonho, se moverem mais rápido. Ela tinha que sair desse sonho, e de alguma forma ela sabia que sua maneira de escapar estava naquele lugar onde as cinco estradas da Rainha se cruzavam no coração de Dulimurian.

Mas quando ela ousou erguer os olhos para o céu, ela ainda não conseguiu ver o ídolo através das nuvens.

Mas estava lá. Ela sabia disso. Ela o sentiu assomar acima dela, vasto e horrível. E a Presença dentro era inconfundível em sua potência. Então ela correu, determinada a chegar ao coração da cidade, determinada a...

A luz do sol repentina explodiu em sua visão. Ayleth gritou e caiu de joelhos, as mãos batendo nas pedras do pavimento com tanta força que a pele das palmas se rasgou. No início, ela não podia fazer nada além de ajoelhar-se onde havia caído, seu corpo tremendo com o choque daquela luz. Então, lentamente, ela recuperou seu juízo e se endireitou. Estremecendo contra o brilho, ela olhou através dos cílios para o mundo ao seu redor.

Uma cidade de pedra branca facetada se erguia ao seu redor. A pavimentação a seus pés era branca com uma qualidade translúcida contendo todas as cores do arco-íris, e cores do espectro de tonalidade, que sua visão mortal não deveria ser capaz de ver. Ela estava parada no centro da cidade, naquele lugar onde as estradas se cruzavam, e diretamente diante dela estavam os pés da estátua. Apenas, estes também eram esculpidos em pedra branca.

Ela ergueu os olhos. O ídolo que pairava sobre ela era tão alto quanto o original e era esculpido em oblidite... mas o próprio oblidite fora formado de maneira a refletir e clarificar a luz, não a absorvê-la. Os braços do ídolo estendidos sobre a cidade, estendidos em um gesto de benevolência. A cabeça estava suavemente inclinada para um lado, ligeiramente inclinada, e exibia uma expressão não de poder e orgulho, mas de gentileza, de adoração. Esse rosto não pertencia a Terrível Odile, embora as características fossem terrivelmente semelhantes, quase indistinguíveis.

Era o rosto dela, não o de Odile, percebeu Ayleth.

Uma gargalhada quebrou a quietude. A alma de Ayleth balançou e um arrepio percorreu sua espinha. Uma emoção de surpresa, não de medo. Espere, não... surpresa não era a palavra certa. Uma emoção de... ela não conseguia definir. Ela nunca havia sentido essa sensação antes.

Ela girou nos calcanhares e viu uma pequena figura correndo em sua direção através das pedras iluminadas pelo sol. Nenhuma nuvem de oblivis

atrapalhou essa visão, e pura luz brilhou no rosto de uma criança pequena. Ou melhor... não. Ayleth piscou. A luz brilhava do rosto da criança, de seu núcleo. Uma sombra Arcana totalmente ascendente brilhava no centro de sua alma, entrelaçada com o próprio espírito mortal do pequeno, e os dois cantaram em perfeita harmonia, uma música exclusivamente sua.

A criança correu na direção de Ayleth com um andar estranho e cambaleante, os braços balançando. Seu nariz se enrugou com a imensidão de seu sorriso, e seu cabelo, muito curto para ser amarrado corretamente, voou descontroladamente sobre seu rostinho. — *Mamãe-mamãe-mamãe!* — gritou ela e, antes que Ayleth pudesse se recuperar do choque, atirou-se nos braços de Ayleth.

Ayleth agarrou aquele pequeno corpo. E parecia real. Mais real do que qualquer coisa que ela já sentiu em sua vida. Ela ergueu a garota, balançando-a sobre o quadril, e foi tudo tão natural, como se ela tivesse feito o mesmo ato mil vezes. Ela olhou por cima da cabeça da garota, algum instinto dizendo a seus olhos para onde ir.

Lá estavam eles. Exatamente como ela sabia que estariam. Um homem de pele escura, olhos claros, com uma cicatriz feia na bochecha. Sua sombra também estava ascendente, transbordando em cada veia de seu corpo, mas perfeitamente harmonizada com sua alma. Ele o iluminava, mas não queimava.

— *Terryn.* — Ela murmurou. Então, mais alto: — *Terryn!*

Ao som de sua voz, ele olhou para ela. Era uma aparência diferente de tudo que ela já tinha visto ou mesmo imaginado em seu rosto. Um olhar de pura confiança misturado com puro contentamento. Seu sorriso apareceu em seu caminho e não continha nenhum traço de mordida ou sarcasmo, apenas calor. Em seus braços ele carregava outra criança, menor que a

primeira. Agarrava-se à sua camisa e cerrava os dedos gordinhos em seu cabelo, puxando com força o suficiente para que seu sorriso se torcesse com uma dor divertida. Uma sombra Feral se entrelaçava na alma daquela criança. Um espírito inato.

Ayleth olhou para aquela visão, para aquela criança, mesmo enquanto seus braços se apertavam ao redor da pequena que ela segurava. Uma onda de emoção brotou dentro dela, um sentimento para o qual ela não tinha nome. Pertencimento, talvez. Uma sensação de acerto, de alegria. Uma sensação de...

...de uma faixa de ferro quente rodeando sua testa.

— *É tudo mentira, sabe. Nada mais do que uma bela mentira.*

Ayleth engasgou e seus braços automaticamente se apertaram em proteção. Mas ela agarrou com muita força, e a criança que segurava nos braços derreteu, tornando-se uma nuvem de oblivis à deriva.

— *Não!* — Ayleth gritou, tentando segurar os vapores e a poeira. Ela se virou novamente, desesperada, bem a tempo de ver Terryn e a outra criança desaparecerem também. As nuvens do que eles haviam sido ergueram-se, engrossaram e obscureceram o céu azul acima, transformando a interseção de estradas em sombras. As pedras sob seus pés enegreceram.

— *Não pense que você é a única que teve esse sonho, a única que sentiu essa saudade. Nada disso é real. Não nesta vida. Não mais.*

Com os braços vazios e o coração doendo, Ayleth ergueu a cabeça em direção ao som daquela voz.

Uma forma espectral moveu-se em sua direção no centro da estrada de oblidite. Não era nada mais do que uma sombra sem forma ou definição clara além do mais leve contorno de uma mulher. Uma rajada de vento atingiu Ayleth por trás, chicoteando seu cabelo diante do rosto. Oblivis picou sua pele

enquanto passava por ela, reunindo-se em um raio de escuridão sólida enquanto disparava direto para aquela sombra.

A sombra ergueu a mão. O raio do oblivis se quebrou e se espatifou ao redor dela, ondulando como ondas. O espectro continuou ao longo da estrada sem obstáculos, solidificando-se conforme veio.

— *Eu já fui como você. Muito tempo atrás. Ansiosa por devorar todas as mentiras com que eles pudessem me alimentar. Ansiosa para ingeri-las e torná-las minhas. Mas você aprenderá, como eu. Você vai aprender ou vai quebrar.*

O espaço entre elas se reduziu a nada. Ayleth, odiando correr, odiando mostrar fraqueza, manteve-se firme. Quando não mais do que trinta centímetros de distância as separavam, o espectro parou. Sua falta de forma parecia ficar tensa como se estivesse concentrada. A escuridão se fundiu, as características apareceram, desbotaram, reapareceram e endureceram.

Ela estava diante de Ayleth, não a coisa queimada, semelhante a um cadáver, que ela tinha estado nos cofres de Dunloch. Esta era uma mulher jovem, poderosa e bela, com olhos como lascas de oblidite e cabelos como a asa de um corvo. Sua boca macia fixada em uma linha dura e sombria.

— *Olena.* — Terrível Odile disse. — *Meu amor. Minha linda filha. Chegou a hora de nos conhecermos. Chegou a hora de você saber quem eu sou.*